

LUIZ MURAT

(DA ACADEMIA DE LETRAS)

---



3 1761 06185614 2

# POESIAS ESCOLHIDAS



RIO DE JANEIRO  
Jacintho Ribeiro dos Santos

EDITOR

82 — RUA S. JOSÉ — 82

—  
1917







POESIAS ESCOLHIDAS



LUIZ MURAT  
(DA ACADEMIA DE LETRAS)

---

# POESIAS ESCOLHIDAS



RIO DE JANEIRO  
Jacintho Ribeiro dos Santos  
EDITOR  
82 — RUA S. JOSÉ — 82  
—  
1917



LIBRARY

OCT 0 2 2000

UNIVERSITY OF TORONTO

## PREFACIO

---

Era mister ser amavel com alguns moços que me escreveram de diversos pontos do paiz pedindo-me a reedição das minhas obras poeticas. Entre elles devo mencionar, com especial agrado, Jackson de Figueiredo, que me dizia, em uma attentiosa carta, remetendo-me os seus trabalhos: com profundo desgosto sou forçado a lhe não citar o nome entre os maiores poetas do Brasil, por não ter conseguido nunca um só dos seus volumes. Conheço-o muito através a critica, mas não através a sua poesia. E, rogava-me, então, o já notavel escriptor, tirasse uma nova edição das *Ondas*.

Esse rogo, tão expontaneo, quanto gentil, partido de um homem a quem não tinha o prazer de conhecer, pessoalmente, ainda, mas cuja attitude, em face dos problemas mais abstractos de critica, de philosophia e de religião, eu sinceramente admirava, devia por força, calar no meu espirito, obrigando-me a cogitar no assumpto.

Foi, por isso, que resolvi dar á publicidade este volume, composto de poesias do primeiro, do segundo, do terceiro volumes das *Ondas*, de quatro trechos do poema *Sarah* e de mais duas poesias ineditas.

Antes, porém, de outras considerações, vejamos se é, de facto, um livro inedito o que se vai ler.

E', e não é.

A mór parte das poesias colleccionadas, agora, são conhecidas da minha geração e faz parte dos quatro volumes de versos, já exgoitados.

Mas, como foram cuidadosamente corrigidas; como muitas dellas houvessem sido submettidas e um demorado trabalho de esmeril, julgo-as quasi ineditas.

Era preciso que assim fosse.

Depois, tendo sido subtrahidos os meus originaes da mesa de Alcides Maya, que m'os pedira, para emittir um juizo critico sobre mim, e não sabendo todas as poesias de cór, fui forçado a reconstruirl-as como pude, isto é, fazendo cousa nova, em grande parte.

No volume que se vai ler, composições ha escriptas aos desennove annos.

Não havendo muito que retocar, comtudo, algo havia a que era mister imprimir um relevo mais notavel, emprestando ao artefacto traços mais incisivos, mais fortes, e, por isso mesmo, mais simples.

A imaginação, na juventude, prejudica, ás vezes, a expressão. Nem sempre esta é escorreita e adequada. Ora, a estrophe deve ser a manifestação de um pensamento, á cuja luz refuljam todos os refulhos e recortes da roupagem.

A plenitude do ideal suppõe um campo vastissimo de operações etymologicas. A vida que reside na idéa quer expandir se até á palavra, de modo que uma seja rigorosamente o campo de perspectiva da outra. Aos desenove e vinte annos não se podem obter esses resultados deslumbrantes. A forma vem com o tempo. Ora, aos cincoenta, querendo, de novo, publicar impressões que se foram, era necessario escolher a palavra, modificar mesmo o rythmo e atenuar os effeitos de um lamentavel e perigoso scepticismo.

Sem prejudicar o contexto, inspirado n'aquelles verdores, em que tudo era exhuberancia e louçania, figurou-se-me imprescindivel retocar a fôrma em alguns lances mais descurados.

Oh! a plastica! Em que consiste ella? Como entendela e conduzil-a na obra d'arte?

As imagens surtem de planos invisiveis aos olhos materiaes. Surtem e consolidam-se no vocabulario. E este que é como representativo da fôrma ideal? Um plano inferior, tão sómente. E' mister, porém, tornal-o apto a revelar o conteúdo, ou a essencia.

D'est'arte, o orgão que vai servir á natureza immaterial da idéa, deve comportar um plano a que ella se adapte, sem grandes perdas da sua energia essencial. D'ahi, a necessidade do conhecimento da lingua para que se possa achar o molde áquella projecção.

Feita a descoberta, tudo o mais irá bem.

Portanto, a arte não se depara só na força da imaginação ou no colorido com que esta reveste as nuanças indecisas, mas no modo como descobre o elemento que deve attrahir a substancia que lhe vai dar vida.

Se o substantivo é a alma do estylo, a fôrma é o adjectivo, a que aquelle se apoia, para o fim de desenvolver todas as energias avigoradas pelo contacto ou reforçadas pela acção do elemento material que se intensificara no acto da conjuncção.

Da acção e da reacção do centro jorra um outro elemento que vai constituir o espirito de cooperação assignalado pela interferencia de um terceiro, destinado a prestar ao caso o valioso auxilio da sua admiração.

Esse elemento, porém, só se obtem pela formação de um ambiente especial, no qual encontre as condições necessarias á combinação definitiva.

Temos, pois, a idéa, a palavra, o auditor. A essas tres fôrmas da actividade intellectual deve o poeta attender. Attender e submeter-se, sem descontinuar. sejam quaes forem as circumstancias que o rodearem, as vicissitudes que procurem absorver a sua personalidade.

Na juventude, não é possível observar uma disciplina que conduza áquella solução. Falta-nos o bom senso, falta-mos o gosto

mesmo da expressão lapidar, o critério para a escolha das tintas, necessarias á perfeita visão do quadro, o qual, estando na nossa imaginação, admiravelmente feito, precisa, entretanto, de reflectir-se no elemento graphico e palpitar nelle, como na esphera em que as fórmãs do pensamento só têm colorido e attitudes para os olhos do espirito.

Assim parava diante dessa minha phase litteraria, como Lamartine diante da poesia de Byron. Sentia-a mui viva, é certo, nos seus arroubos e conceitos, mas pouco expressiva, ou cuidada, aqui e ali; defeito este de que se resentem, mais ou menos, todos os poetas da minha geração, aliás, no meu juízo, os maiores do Brasil.

O bom senso que crescera em mim, não lhe podia perdoar certos louvores e hediosyncrasias. Por uma rigorosa selecção da leitura não se me corrompera.

Não recuei, pois, diante da idéa de retocar algumas poesias, de as tornar capazes de satisfazerem as minhas exigencias litterarias, de hoje.

Como Lamartine, via, através desse requinte da fórma, e desse amor á substancia, de que são formados os modelos visiveis, uma poesia que eu compréhendo ser a da verdade, da razão, da adoração e da coragem e que o leitor hade encontrar, estou certo, no *Novo Templo*.

A da razão, porque sem se perturbar com as contradicções que Pascal parecia encontrar na fé, redul-a a um instrumento desta, não fazendo distincção entre ella e o calculo, entre ella e o raciocinio, entre ella e a sciencia.

A fé, como a entendo hoje, é a demonstração, é a reivindicacão de um systema logico de acquisições, proprias a informar os estudiosos e a aplainar as irregularidades ou accidentes do caminho a percorrer pela consciencia humana. O ponto de vista exegetico da doutrina que Pascal tentára introduzir, ao demonstrar a superioridade da fé sobre a razão, modifco-o á luz de uma nova interpretação da Biblia, fixando, dest'arte, os dados de um novo systema, sem contradicções e percalços.

*Cette cloaque d'incertitude et d'erreur*, como á duvida chamava aquelle grande espirito, posta, entretanto, á luz da verdadeira interpretação dogmatica do methodo swedenborgeano desaparece, deixando a certeza em seu logar. Os pontos principaes, em torno dos quaes se accumulavam os protestos, as duvidas, e as invectivas aclaram-se e deixam o argumento penetrar, sem offensa á philosophia e ao bom senso.

Fui como toda a gente um escravo da duvida. D'ahi, certas poesias que se vão ler neste livro. Naturalmente, o pensamento que lhes deu vida não serve hoje ás conclusões philosophicas do autor, tão pouco á sua consciencia, profundamente religiosa.

Mas que phenomeno extranho fôra esse que assim transformara uma tão solida convicção, amassada no que o negativismo possui de mais intransigente, de mais irreductivel, de mais impenetravel?

Preso ás falsas noções religiosas e scientificas; imbuido da primasia destas sobre aquellas; mal esclarecido no tocante aos textos bíblicos, que o genio inexcedivel de Moysés creara para tornar mais grandiosos os cyclos em que se accentuam as crises a que esteve sujeito sempre o principio religioso, não podia fugir á lei geral da submissão da consciencia á duvida e á negação.

Pascal previra o triumpho da fé christan; comprehendera bem que era pelo conhecimento da quéda que o homem procuraria o remedio na redempção. Mas, com franqueza, não esclarecera o ponto em que precisamente devemos assentar a nossa moral para o fim de reivindicarmos a prerogativa que perdemos.

Fallei-lhes de uma poesia da verdade, da razão, da adoração e da coragem.

Que vae ser o *Novo Templo*? O espirito esclarecido do Genesis; a lucta travada entre o bem e o mal, mas consoante uma collisão de elementos religiosos, insuflados na alma humana por um erro que se tem transmittido de pais a filhos. A concepção desse livro assenta: 1º, na humanidade gloriosa e perfeita do Eden; a raça adamica; 2º, accieitando o primeiro schisma, como uma consequencia do primeiro desvio da consciencia religiosa, esclarece o episodio de Caim e Abel.

Não cessa o trabalho de reconstrucção da Verdade pelo Bello. A poesia encontrou ahi novos horizontes; e, de mãos dadas com a sciencia, demonstra que a fé é a sabedoria, a qual, unida á graça e á belleza, que são o amor, prepara o advento do verdadeiro christianismo que os padres, ha tantos seculos, vêm deturpando e vilipendiando.

A poesia, da coragem, é, pois essa que, congraçando o verdadeiro a todos os episodios, traçados com mão de mestre por Moysés, estabelece uma profunda relação entre elles e os factos historicos e religiosos, occorridos na successão das edades.

Nenhuma seita tem sido mais nociva á humanidade que o catholicismo, embora sobre elle chovam as benções do positivismo.

Não pôde nunca merecer a apologia dos homens sinceros, justos e sabios, quem, como o catholicismo, se occupou em defender tão mal a verdade e correr com explicações falsas para justificar um erro que elle proprio havia engendrado, cego pela ambição, desviado pelo fanatismo, surdo aos reclamos da sciencia.

Se houvessem interpretado convenientemente os ensinamentos do Christo não teriam os homens chegado ao ponto a que chegaram: as leis mais santas foram violadas; os templos da virtude arrasados; a palavra da justiça deshonrada; os principios scientificos abolidos; heresias collocadas no logar da fé, cuja base não podia ser outra senão a que nos é fornecida pela razão.

Essa poesia pois, que Lamartine chamou da coragem, nelle inabalavel, pela justiça que encerrava, pelo influxo que recebia de uma força superior que não pôde deixar de agir, uma vez que a nossa esphera moral se approxime da sua, essa é a do *Novo Templo*. E, sendo a da coragem, é a da verdade, da razão e da adoração.

Da adoração, porque os nossos sentidos se retraem para dar aso á que uma nova concepção do destino venha desobstruir o campo das relatividades tacanhas. Da adoração, ainda, porque, firme no principio superior do bem, revoca a Edade de ouro da fé, em que a Igreja, revendo um mundo, hoje inacessivel, em geral, ás nossas forças intellectuaes, prescindia das leis dos homens para se inspirar nos preceitos da moral divina.

Essa foi a Igreja adamica, a Igreja de onde se originára o primeiro schisma, e de onde o grande Moysés, extrahira o admiravel episodio de Caim e Abel.

Exaltar o homem como Epicteto ou rebaixal-o como Montaigne, não cabe á musa do *Novo Templo*, ao qual ha de dar o melhor do seu esforço, da sua experiencia, do seu amor.

Adoração da verdade é a maior prova que podemos dar a Deus da nossa reverencia.

O commodismo de Montaigne, fazendo da duvida um reclinatorio de privilegios não assenta no conceito do *Novo Templo*, nem exalta um estro inspirado nas arrojadas investigações de Swedenborg.

Apalpar, por assim dizer, esse lado da esphera, na qual se desnudam as forças que têm de elaborar o pensamento nas camadas inferiores da vida, é um dos pontos visados por aquella tentativa poetica.

Quer-se a noção alevantada da lei, agindo de uma maneira conforme em todos os planos da Creação; e pelo amor de Deus não me venham dizer que ella começa e termina na estreita zona de um planeta, que é, sem duvida, um dos mais insignificantes que existem.

Não; a plenitude da existencia abrange successivas regiões, e ninguém sabe, nem pôde saber onde ella começa e onde acaba.

Sabe-se, sim, que a evolução tem a sua origem em um ponto qualquer, destinado a ser o eixo invisivel de todos os actos cosmologicos, quer se resolvam em esferas de grande transcendencia, quer se fixem em centros secundarios de reacções.

Que é, porém, real a sua existencia, não ha duvida alguma.

O prestigio dessa noção emana da propria redistribuição das esferas.

A fórma evolutiva é espiroide. E é em virtude dessa correlação de elementos, a agirem por esse modo que a idéa da divindade parece adquirir mais força. De facto, a conclusão a tirar-se do conceito acima é que as emanações, nascendo do fluxo luminoso precisam assentar sobre proporções mais vigorosas, e estas só a espiroide possui. Ao demais, — levemos mais longe a generalização — que é a espiral se não a vorticalidade menos precipitada, a vorticalidade que constitue o character, ou a condição insita do poder absoluto?

No vortice acham-se as energias em constante ebulição; é a cratera de onde se precipitam os vapores: — vapores-pensamentos, vapores-emoções — vapores, em uma palavra — vida, e vida como vontade e como idéa.

Eis, pois, em rapido escorço, a Palavra, tal como a comprehendera Moysés, tal como a interpretara Jesus.

Nada mais lamentavel do que assistir a esse espectáculo de incerteza; e de erros a que chamais o espirito de Montaigne.

O scepticismo é a sua diversão, o disco que lhe apraz arrojar a distancias immensas com uma força verdadeiramente extraordinária.

Mas que adiantam essas acrobacias que levam o delirio aos espectadores?

Outras deveriam ter sido as razões por elle apresentadas da duvida do homem. O estudo que faz da sua natureza, approximando-o dos animaes, mostra que elles não lhe são inferiores, mas eguaes: o exame das suas faculdades tão ambiciosas, entretanto, tão limitadas; a historia das sociedades e das religiões em toda a parte cheia de contradicções e de loucuras; a opposição por elle levantada, da philosophia contra si mesma; o desmentido da sciencia,

e levando ao extremo o orgulho humano, a collocação dos contraditores da religião na impotencia de melhor provar suas objecções que seus apologistas seus argumentos, é uma obra de destruição universal.

Vê-se que lhe faltara a orientação precisa para reconstruir esse monumento, cujas ruínas ahí estão, e que necessitamos reerguer, para que o principio fundamental do bem e do verdadeiro assuma a mesma importancia e o mesmo prestigio que em outras épocas. Não foi essa a obra de Montaigne. Seu scepticismo não teria existido se elle estivesse convenientemente esclarecido em relação á queda e ás suas consequencias.

Mas até então as cousas estavam tão embrulhadas que não era possível exigir mais do que elle fez.

A sua obra, até certo ponto, demolindo, reconstruía, como acontece, em geral, a todos aquelles que se rebelaram contra os sophismas, as incongruencias, os disparates da Igreja de Roma.

A duvida não é um tormento para Montaigne, mas um praser. E' o bom travesseiro sobre que se adormece ou se sonha despertado, sem cuidados do presente, nem inquietações do futuro. Pende assim para uma como que philosophia epicurista. Nada o assombra e é por isso que se embala nessa ataraxia, a que os gregos alludiam.

E' interessante a luta de Pascal em face desse demolidor amavel.

Montaigne começava apenas a sua popularidade quando o espiritualismo christão, reconquistando com a philosophia caresiana a autoridade dogmatica, tomou-se de uma activa indignação contra o scepticismo personificado no autor dos *Ensaíos*. Descartes crê tel-o destruido. Pascal, que o sente renascer em si, máo grado seu, exorcisa-o como ao seu máo genio; quer maldizel-o e invoca-o. Sorprehen. de-se pensando o pensamento de Montaigne. Todo o Port-Royal o anathematiza. E' um inimigo contra o qual é preciso constantemente voltar á carga. Não supportam essa ostentação do *eu*, contraria á piedade christan. Irritam-se com a libertinagem de espirito de um homem que depois de ter exposto seus vicios e suas desordens, declara não se arrepender de nada, estando prompto a tornar a viver como viveu e *a mergulhar, cabeça baixa, estupidamente na morte* e outros tantos descrimes a assinalar a extincção completa do sentimento religioso.

A alma, a serenidade desse espirito, não é o que convem á humanidade, interessada em descobrir as phases em que melhor se fez sentir a acção de uma religião incomprehendida e muito menos praticada. O povo necessita vêr a imagem da redempção exposta na fragancia das suas attitudes sublimes, emergindo desse magestoso martyrio em que todas a dores estão condensadas. A força viva da paixão, cumulando no inverosimil, extrae dos órgãos mais rudimentares da sensibilidade gritos de admiração e protestos de solidariedade. A pureza de uma vida, sem exemplo, illumina-se, de modo a irradiar até os mais intimos recessos da nossa natureza moral.

Foi a vehemencia apogetica desse sacrificio que creou em torno da figura serena de Montaigne uma athmosphera de rancor e de protestos.

Os synopticos, embora obscuros e alheios á verdade, tal como deve desprender-se da acção incontrastavel do mais puro e melhor dos homens, não bastavam á propaganda, nem serviam ao espirito crítico de certas épocas, caracterizadas singularmente pelo veso de

uma irreductibilidade a exceder-se muitas vezes no modo como atacava o que, convenientemente escoimado, podia perfeitamente contrabalançar os desvios da nossa natureza moral, sempre combalida. sempre disposta a acolher com sympathia homens como o autor dos *Ensaio*s.

Atravéz dessa ironia serena e desse *laissez faire* contradictorio e radiante, andou, tambem, o meu espirito, e não foi difficil sahir delle para lançar-se no materialismo mais grosseiro.

Faltava-me a consciencia de uma doutrina que sobrelevasse a todos esses elementos de critica e que, reunindo a fé á razão, mostrasse que o que se quer em religião é a verdade, e que aquella, ao envez de contrariar o nosso surto, era até um auxiliar prestimoso e indispensavel, uma força de expansão relativa, cujo dominio augmentava á medida que se desenvolviam as faculdades superiores.

Dahi, as vacillações, as apostrophes, o scepticismo, senão a mais ferrenha e abstrusa negação, toda a vez que o coração se sentia violado no seu desejo, angustiado por um desses incidentes tão communs na vida.

A môr parte das poesias, contidas neste volume, ressum a profundo descrer, uma innenarravel inquietação, uma vehemencia esteril, que hoje, realmente, me contrista, se cotejo as razões da negação de hontem com as da affirmativa de hoje.

Passaram-se os annos... Os trabalhos, as vicissitudes, os soffrimentos não me envelheceram. Posso dizer á geração que vem substituir á minha: "remocei". A alma abriu-se a um novo influxo; carreou luz para os seus angulos obscuros; rasgou horizontes ás suas aspirações; medio sem assombro os espaços que nos acabrunham com a sua immensidão. Tudo reviveu e fulgurou ao mesmo instante que uma indisivel harmonia penetrava os caminhos desertos do incognoscivel para tornal-o mais accessivel ao meu anseio, mais adequado ao meu ideal.

Felizes os que não envelhecem e sentem transudar-lhes dos labios, não a ironia sceptica de Montaigne mas a convicção inabalavel de um crente.

A esse fervor licito é addicionar um elemento novo — a philosophia irrefutavel daquelle a quem meu espirito deve a sua transfiguração, o seu rejuvenescimento — Emmanuel Swedenborg.

Recapitulando paginas esquecidas, quasi, de uma mocidade irrequieta e turbulenta, como poderia, agora, que o meu estro se animara aos raios de uma nova fé esquecer o mestre a cujos conselhos se me vão delindo as manchas que um derisorio conceito philosophico assentara como uma chaga no meu organismo espiritual?

Sim; derisorios foram todos esses annos escoados ao peso de enormes difficuldades; foram todos esses caprichos que me resequeiraram os labios e me esterilizaram o coração, foram essas visões que, por serem primaveris, nem por isso deixavam de trazer já os sulcos das vigílias e das preoccupações mortaes.

Tudo passou, felizmente, e um novo sopro de vida agita estas paysagens que pareciam sepulchraes; esta natureza que parecia insensivel á minha evocação, esses horizontes que pareciam fechados aos meus pensamentos.

Bem haja a arvore que produziu taes fructos; o refuste que engrandrará taes primicias; o elemento superveniente no qual se enraizaram taes emoções.

Lendo-se os seus trabalhos sobre mathematicas, sobre o reino mineral e animal, sobre o crystal (Swedenborg foi o fundador da crystallographia) sobre o cerebro e, mais tarde, sobre a Fé e a Caridade, verdadeiros ensaios de Sociologia e de moral, tem-se a impressão de que estamos diante do maior pensador que já veio á terra.

A harmonia das suas faculdades destaca-se admiravelmente em meio á desordem mental da sua época e de outras que a succederam, e visa, principalmente, pontos doutrinarios, ainda desconhecidos, os quaes, trazidos pelo illuminado ao exame dos competentes, não deram grande impulso ás sciencias, como reflectiram essa sabedoria que os seculos inhumaram e que Swedenborg interpretou, arrancando-a do esquecimento para a tornar o elucidario, o guia, a força reconstroctora dessas épocas milenarias que o genio de Moysés maravilhosamente esboçára.

De facto, quanto não lucrariam os nossos physiologistas, os nossos philosophos, os nossos medicos, se lessem as suas obras. as quaes, evidentemente, descortinam novos horizontes á Biologia, á Moral, á Sociologia.

Transfigurado, dest'arte, o campo das minhas preocupações systematicas e refeito o impulso que descontinuari no plano dos meus ensaios poeticos, sentia-me mais forte para sorprehender o mysterio nas suas jazidas luminosas e a vida nas suas esferas mais altas.

Não abdiquei a razão como parecia querer Pascal, mas, ao contrario, fiz, com Swedenborg, da Fé o baluarte da minha consciencia e assentei nella a segurança do meu destino.

Com ella veio a certeza, não pela revelação, mas pela comprehensão do grande livro que todos lêem, mas poucos comprehendem — a Biblia.

Swedenborg deduziu o criterio philosophico da Fé demonstrada e adduziu do postulado aprioristico de um mundo, succedaneo deste, o imperativo cathgorico ao qual as existencias terrestres estão subordinadas.

Destruindo todas as objecções que, por assim dizer, me pulverisavam a intelligencia, levantou um novo templo á minha fé e descerrou uma nova idade aos meus olhos attonitos.

Que spectaculo magnifico não é esse que decorre de uma convicção, segura de que a vida não soffre solução de continuidade e que o progresso humano é uma adaptação continua do pensamento a novas camadas heterogeneas, a novos obstaculos sempre vadiaveis, a novos elementos cada vez mais apropriados á nossa compleição e á nossa conducta.

O instante material evolve para uma phase menos rude, e esta para outras formas menos accessiveis ainda, á penetração do fluido crasso que servira um momento ás exigencias da evolução.

Como é bella uma synthese que, assim vae poupando ao homem o sacrificio da imaginativa, mas, ao mesmo passo, concentrando em todos os pontos sobre os quaes apoiarnos a indução, a prova dos sentidos, não já materiaes, mas espirituaes. Que lindo que não é, tambem, entrever nos lances formidaveis da Palavra, descrevendo o Paraiso terrestre, a expansão da vida na gloria suprema de uma reencarnação, apenas para servir a um gráo da intelligencia, occasionado por um desvio do orgão projector da vida.

á cuja efficiencia se furtara, condensando-se em uma massa me-nos ígnea.

Em todo o caso, é o período por excellencia, no qual as pri-micias do amor terreno não necessitavam combater, porque eram galernos os ventos, e puros os mananciaes em que a fé ia haurir a inspiração e o conselho.

O espirito que aviventou a geração a que pertenco, foi ener-gico e decisivo. O seu heroismo, a sua comprehensão das cousas, deram como resultado esse relativo progresso em que estão assen-tes as bases politicas da nossa Federação.

Alumiada por tantos focos, a que podemos dar o nome de — santelmos invisiveis do bem — arregimentara-se para a lucta, pondo em contribuição todos os elementos, não coordenados, ainda, dessas influencias hereditarias, que, muita vez, deixam no or-ganismo de cada um de nós uma sentelha, sufficiente a desviar-nos da rotina para conduzir-nos a um escopo mais alevantado.

Não são forças despreziveis essas que fizeram o seu estagio em um momento de luctas, nos fastos de uma nacionalidade.

Não julgamos se hajam imposto á nossa constituição moral. O que é verdade é que ellas assumem, em um momento dado, uma tal preeminencia, que, negar-lhes a efficiencia no preparo do futuro, fôra redobrada estultice. Não, ellas agem tão superiormente no nosso destino que, em verdade, se pôde dizer que os vivos são cada vez mais governados pelos mortos.

A accepção, porém, do vocabulo, é que não nos parece certa-da, tal como os positivistas a tomam.

A irradiação da vida exerce-se por esferas de corresponden-cia. Essa solidariedade universal das intelligencias e das vontades é que deve constituir o lemma.

Restringil-o á uma area tão restricta, é diminuir o raio de acção do poder supremo.

A vida opera por emanções. São estas que apertam ou am-pliam o esforço da conducta. A area do bem possui contrastes nos quaes é licito entrever o trabalho de dissolução do mal. Toda a esphera, por mais elevada que seja — possui uma base em que se infiltrara o elemento antagonico e de onde efflue a desordem, como um desvio da vontade omnipotente.

As creaturas são centros de reacções vitaes, verdadeiras mas-sas luminosas que podem ser affectadas, como as athmosferas, pelas explosões de correntes contrarias que se chocam. Taes appa-relhos precisam fixar-se em equilibrios estaveis, e não permane-cerem constantemente em condições, cujas origens possam acarretar perigos á ordem, emanada do supremo arbitro dos nossos desti-nos.

A permanencia, pois, de um certo pensamento, como coeffi-ciente da conducta no emaranhado das nossas acções, determina a nossa direcção. Saber como elle age é que é. Saber, para aceitar ou não, o rumo que elle nos quer impor. Toda vez que repugnar á nossa consciencia, devemos oppôr-nos á sua vontade; toda a vez, ao contrario, que sentirmos ser a direcção favoravel a um certo numero de razões que predominaram sempre no nosso pro-ceder, devemos obedecer-lhe.

Ora, no período em que a minha geração foi chamada a intervir, forças contrarias e indisciplinadas procuravam reagir e impôr-se á natural expansão das energias civicas que vinham pôr um paradeiro á dissolução completa do caracter nacional.

Eram, porém, taes, o prestigio e ascendente de alguns elementos exteriores e pessoas que haviam amalgamado as correntes do bem que impossivel fôra desvial-as do seu objectivo por mais que o conservantismo teímasse em manter intacta a situação.

Bem sei que posso ser acoimado de espirita, affirmando certos principios de que essa escola philosophica se tem servido para esclarecer textos duvidosos ou obscuros.

Sabe já o leitor que sou um discipulo de Swedenborg e que este sabio viveu cem annos antes do fundador daquella philosophia.

O pensamento é uma força geral a que estão sujeitas todas as correntes subsidiarias dos mundos. quer visiveis, quer invisiveis. O modo como opera, tão obscuro até aquelle philosopho, esclarece-se admiravelmente ao seu influxo de reconstrução dogmatica.

Estudando-se profundamente as obras do grande sueco, desde o ensaio da fibra, como expressão real da força nos dominios da unidade organica, até ás explosões subterraneas, aparentemente indefiniveis no plano das fórmas, immobilizadas pela falta de aparelhamento dos factores visiveis do movimento, tudo enaltece a idéa e transforma-a maravilhosamente para subordinar todas as experiencias, todos os tentamens, todas as classificações á sua attitude occasional.

Eis ahí, o motivo que me leva a classificar as crises sociaes como consequencia de um conflicto entre a ordem e a desordem, conflicto effectuado em um lanço da criação que não nos é dado attingir com os recursos de que dispomos, enquanto sob o jugo da materia.

Se nos fôra licito, ao contrario, observar a zona conflagrada pelas correntes que collidem com o fim unico de restabelecer a vida no seu espirito de verdade e de amor, pondo termo ás ficções mentirosas de que o symbolo se reveste, então é que nos espanariamos da fórma como a natureza espiritual opera para o fim de transmittir aos seus aparelhos physicos uma noção mais exacta da liberdade.

E foi por esta que pleiteiou a minha geração. Dir-se-ia que ella tinha a paixão da idéa, livre das péas do symbolo; que queria sorprendel-a na perenidade do seu antagonismo contra tudo que não exprimissem a livre manifestação da nossa vontade. Era admiravel, sim, nos seus impetos cavalleirescos, nos seus lances heroicos nos seus excessos mesmo. Que abnegação, que coragem, que temeridade! Fallo della com os olhos em agua; com o coração cheio ainda do seu estoicismo, do seu desinteresse, do seu maravilhoso espirito demolidor, certa, como estava, de que obras ha cuja construção consiste apenas em arrasal-as.

Meus olhos seguem com indissivel prazer a marcha desses vultos a que o Brasil tanto deve. Não se nos apagaram da memoria. Eil-os aqui, vivos, erectos, luminosos, transmittindo a estas paginas um calor de immortalidade, um sopro revelador da presença delles em todos os actos da nossa vida moral, intellectual e civica.

Com que dor d'alma não a vêm esphacelar-se, seu sonho reduzir-se a cinzas, seu trabalho miseravelmente destruído por mãos, que, além de improprias ao manejo dos negocios publicos, se des-honoraram no modo como cuidaram dos thesouros que a Republica, — obra delles — lhes havia confiado.

Cultores da liberdade, apaixonados pelo que a natureza humana encerra de mais santo, promptos a obviarem a todas as difficuldades que, acaso, se interpuzessem á sua missão, elles não podem coadunar-se com a degradação a que chegamos, tão pouco complanarem os obices que se nos antolham pela fatalidade da interferencia, em massa, de agentes puramente negativos que a falta de educação civica attrahira ao nosso meio politico.

Reagir como, se elles se sentem peados nos movimentos pela immensa molle de circumstancias eventuaes que, abatendo sobre o nosso paiz interceptara a penetração do que Myers chamou — o sublimar — nos negociaes da Republica.

Eu não vejo a causa entre os homens, mas em uma esphera mais elevada. Não vejo as circumstancias que se desenvolvem a contento do nosso egoismo, mas attribuo todas essas anomalias á intervenção directa de forças intelligentes que abusam do nosso estado para imporem a sua vontade aos encarregados de administrarem as nossas riquezas, de dirigirem a nossa actividade, de proverem as nossas necessidades.

No computo dos valores relativos com que entramos para o progresso do nosso paiz, que encontramos? Quem governa? quem manda? quem designa os nossos representantes? O povo? Oh! o povo! esse vive sequestrado de tudo, e a nossa Republica é uma mentira que offende a moral, um achincalhe á face da justiça e do direito. Ninguém podia adivinhar o que sahiria do nosso esforço, do nosso sacrificio, do nosso desinteresse. Ao brilhantismo da propaganda abolicionista e republicana succedeu essa hecatombe das forças vivas da nação, de onde só pôde sahir a revolução ou o protectorado.

E' incrivel como supporta este povo os erros dos seus dirigentes. Ainda até ha bem pouco, a voz de protesto se fazia ouvir nas praças publicas.

Agora, nem isto.

Dizia-se ao tempo do imperio, que o Imperador havia corrompido o character nacional. Não. Quem o corrompeu foi a Republica — a Republica, não digo bem, porque seria confundir uma fórmula de governo, que tem por base a justiça e a verdade, com essa mentira que é a nossa vergonha e a nossa desgraça.

Quando Deodoro a proclamou, surgiram homens cheios de coragem, de abnegação, de ardor civico. O primeiro Congresso foi um alfobre de intemeratos paladinos que trasião o ardor das pugnas liberaes para a tribuna parlamentar, e não foram poucos os brasileiros que se salientaram naquillo que chamaram a defesa dos principios republicanos.

Foram grandes na paz e grandes na guerra. A opposição ao Marechal Floriano foi tenaz, energica, heroica. E era elle, a quem a natureza dotara de uma fortaleza e inquebrantabilidade de animo admiraveis, elle que não dava quartel aos seus inimigos, elle que via na opposição uma arma capaz de derrubá-lo.

E hoje, onde estão essa coragem, essa intrepidez, esse baluarte, prompto sempre a resistir, se a ordem não obedece a um princípio superior.

Não; tudo se desfibrou, se annullou, se desfez, ao guante de um poder que tende a augmentar ao compasso que sentimos diminuir a acção democratica nos negocios publicos e deixamos que a violencia, a felonía, o mercantilismo invadam as fontes de conservação da nossa antiga fé nos destinos do Brasil.

E para essa decadencia moral, para esse estado de apathia e marasmo do nosso povo muito contribuíram os diversos estados de sítios com que nos affrontaram.

Essa medida excepcional, de que os governos raramente se devem servir, dá aso á uma depressão geral do organismo, preparando-o á uma abordagem, em regra, desses agentes invisíveis, mas inexhoráveis, á cata sempre de uma oportunidade para intervirem.

Como, agora, fugir ao captivo; como desapressar-nos do elemento maligno que multiplicou as fórmulas de intervenção, fazendo que cada um tirasse da sua propria miseria moral o recurso á resistencia. Sim, resistencia, digo bem, pois a resignação é um dos modos de resistir. Mas não é esta, certamente, a resistencia que o ideal christão quer que cada um manifeste nas occasiões opportunas.

---

Quando se nos quer encampar o christianismo como uma pregação destituída do conceito superior que manda oppôr á violencia ou á força a reacção compatível com a dignidade humana, vejo que se faz uma idéa erronea do pensamento daquella que foi a inteireza moral na sua maior perfeição.

Responder á insolencia ou ao ultrage com a humildade indecorosa e aviltante não podia ser o criterio mais consentaneo com o grão de moralidade do homem em cuja natureza espirital se encontravam já bem postas todas as forças vivas da razão, ligadas as da consciencia, que, em si mesma, revia o apogêo da cultura e da moralidade, resultantes de um longo passado de sacrificio e competições.

A ordem em que o christianismo assenta se revoltaria contra essa degradação do character; e opporia systematicamente á oppressão ou ao desmando a represalia correspondente.

Portanto, quando o Christo nos dá o exemplo da maior humildade elle quer com isto mostrar que na paciencia e na resignação reside o poder absoluto do homem, capaz de todas as energias e que a reacção tanto pôde estar no revide ou no desforço, como em uma extrema submissão a um acto, cujo objectivo seja provar ao offensor que a superioridade da virtude não se encontra somente na revolta contra o predominio ou a força, mas no poder de refrear os nossos proprios impulsos.

A serenidade com que Jesus soffreu os maiores ultrages serviu apenas a affirmar a grandeza da sua hierarchia espirital e para desfechar um golpe terrível no orgulho e na pretencia. Mas esse proceder não nos veda de repelirmos a affronta quando esta tiver por fim desmoralisar-nos perante os nossos semelhantes.

“Eu não vim trazer a paz”, que quer dizer? Acaso resurtem actos de conciliação apenas dessa affirmativa tão justa em face

dos acontecimentos que se iam desenrolar? Não. Se era a guerra o que elle trazia, a feição principal da doutrina por elle encarnada resultava, só e só da lucta, e quem lucta, reage ou se revolta contra um elemento que se quer impôr pela força.

Assim, pois, o christianismo deve ser interpretado consoante o que fôr conforme á nossa dignidade, de accôrdo, portanto, com a austeridade moral e os principios racionaes, que, naturalmente, decorrem de um profundo conhecimento da nossa propria capacidade de agir segundo o momento. A resistencia, pois, pela passividade, é uma estagnação da conducta, uma deturpação de todos os factores aptos a accelerarem a marcha do progresso, ou a sobrestarem nas razões de ordem moral que, muitas vezes, por si só, enfream ou alarmam os caprichos do poder.

Essa attitude não tem sido a nossa; não é a do homem virtuoso, não é a do republicano. A paciencia tem um limite, e o Governo do Marechal Hermes da Fonseca foi um agravo á nossa dignidade de homens livres, um desrespeito, um escarro ás nossas faces.

Essa situação precaria se não determinou, manifestações explosivas e revolucionarias da minha parte, pelo menos suscitou um relanço que a imaginação procurou effectivar, traduzindo em verso um estado d'alma que não pôde deixar de retratar a mais absoluta, a mais completa, a mais dolorosa miseria moral de um povo.

De maneira que uma situação de fraqueza geral, suggeriu em um livro, como é o *Novo Templo*, um episodio que se consubstancia perfeitamente na ordem evolutiva e historica a que obedece. Pudemos, dest'arte, derivar para a imaginativa, o que quer dizer, para a arte, um ponto obscuro do problema que não lográmos nem lograremos resolver, attendendo-se á nossa incapacidade para enfrentar as difficuldades que a impericia e a deshonestidade dos nossos *republicos* crearam em quasi seis lustros de regimen democratico.

As obras dos máos estadistas sempre servem para alguma cousa. Senão fossem os erros do segundo Imperio não teriamos os *Chatiments* e *L'année terrible*.

Eis, pois um lance a que não poderiamos deixar de alludir, visto como esse livro, na sua mór parte, incide na moral republicana, no dogmatismo politico que o seu autor pregava nos primeiros annos da sua carreira, aliás, tão contradictoria, tão accidentada, tão difficilmente permeada, attendendo-se á sua indole, aos seus principios e á sua educação philosophica.

Muito bem; agora um ponto essencial que releva notar, ainda, para que se comprehenda quão proficua e predominante foi a minha geração na marcha dos acontecimentos para a solução politica do 15 de Novembro de 1889.

O entusiasmo, a coragem, o desinteresse pessoal, a solidariedade de idéas e sentimentos entre os que com maior destaque pleiteavam a liberdade do homem, em o nosso paiz, eram o traço principal de um pugillo de heroes para cujo ideal não havia obices insuperaveis.

Nenhum de nós viveu para si mesmo; antes dividiamos igualmente a nossa affeição pelos que soffriam e, em meio ás luctas

vigentes em que nos empenhávamos, era sempre a piedade o movei principal do nosso heroísmo. Essa esphera superior do character conduzia-nos, naturalmente, a considerar as letras como o apanaggio supremo do esforço que a unidade de vistas em todos os assumptos, apontava á nossa galhardia. Todos os poetas, todos os romancistas todos os oradores, todos quantos, em summa, manejavam a palavra com eloquencia e talento, se associavam á mesma idéa, viviam do mesmo sonho, fatiavam o mesmo pão. Uma grande parte da campanha abolicionista foi travada pelos poetas, cujos nomes não appareciam nos artigos de fundo, mas que as necessidades do momento, e a perfeita consubstanciação das nossas vontades e do nosso escopo, tornaram aptos a manejar a mesma penna.

O episodio de Tirtheo tem se reproduzido muitas vezes na historia dos povos.

O que Olavo Bilac está fazendo, agora, não é mais do que a consequencia de uns restos de enthusiasmo que lhe ficaram do passado esforço na conquista da liberdade. Podem discordar da sua maneira de pensar; podem mesmo ataca-lo por não comprehenderem que as virtudes civicas não se formam nos exercicios de campanha, mas na submissão á uma lei que todos nós banimos do coração, e que se soubessemos pratical-a, certo lograríamos preparar mais convenientemente a mocidade que julgamos destinada á defesa do nosso territorio.

Portanto, licito é, discordar das suas idéas. Mas affrontal-o com doestos e julgar mal das suas intenções, só poderá fazel-o quem o não conhecer.

Nunca nos inflamámos por dinheiro, nem elle serviu nunca aos nossos esforços, quando nos empenhávamos em batalhas cam-paes.

Não nos vendiamos; o alvo do nosso empenho reduzia-se, tão sómente, em ver realizado o nosso sonho, sonho que nos transportava e nos alheava do mundo, constituindo, por assim dizer, a parte principal da nossa existencia.

Estou certo de que outro movei não levou o illustre poeta a tentar a remodelação do character nacional pela disciplina militar senão a observação do estado de depressão moral a que chegára o nosso povo.

E' effectivamente alarmante. Todos, sem excepção, deviam applaudir-lhe o gesto, animal-o na propaganda, admiral-o na tentativa. Feril-o tão injustamente, é desconhecer os serviços que a sua geração prestou ao Brasil, serviços indiscutíveis, quer sob o ponto de vista politico, quer sob o das nossas letras, que, ao tempo em que surgiram, tão descaroeveis e alheadas de si mesmas se mostravam, e isto pela razão muito simples de que não n'a haviam ainda transformado em uma arma de reconstrucção social. Não; façamos justiça a quem está, antes se sacrificando do que tirando proventos, numa hora de constrangimento para todos os brasileiros que olham com inquietação para o futuro que se nos annuncia pejado de ameaças.

---

Não me filiei, nem podia filiar-me ao Parnasianismo por achal-o frio, indeciso, materialista, e estreito. Valeria á pena aterme, exclusivamente, ao sentimento da expressão plastica? E o parnasia-nismo, acaso, o obtinha sempre?

Por certo que não. O que elle fazia era pintar, e nem sempre com talento, retratos, paysagens em livros. A obsessão do pittoresco ultranhiava-lhe constantemente a attenção.

Nos poetas do seculo XV e XVI, em França, havia o gosto dos rythmos harmoniosos, das rimas ricas — *os tours* de pensamentos rebuscados e preciosos, o amor do archaismo que constituiu o seu principal enlevo, senão a sua constituição basica.

Dizia alguém, com referencia a Theophilo Gauthier: “Suas tendencias materialistas levando-o a preoccupar-se, sobretudo, da fórma e do contorno, puzeram-no a procurar as palavras que lhe pareciam feitas, precisamente, para pintar os objectos exteriores.

Estudou profundamente o dictionario, mobilizou a memoria de uma multidão de expressões novas, de *tours* archaicos, fez a caça aos adjectivos de toda a especie, fabricou para seu uso um glossario opulento por cujo intermedio poude dar ao seu estylo a originalidade que elle ambicionava.”

A preocupação da palavra, esta é que é a verdade, estraga o proprio contorno, ao em vez de o tornar limpo e perfeito, pois toda a preocupação é já por si, uma deformação da intelligencia. O verdadeiro gosto literario é sempre o producto de uma fórma ideal, que o artista vislumbra nas obscuridades do scenario interior.

A sua resistencia á luz, ensaiando o assedio do espirito ou annunciando-se, sob matizes diversos, á sua natural esthesia, acaba por debuxar planos incompletos e por desfazer o contorno a irisar-se-lhe á retina que persiste em conservar fechada.

Disse-o bem o escriptor: *tendencias materialistas*. E outro não é o ensaio tão pobremente arcabouçado no pittoresco que se quer alumiár com uma falsa perspectiva ideal.

Não se sae da plastica que a preocupação deturpara, sem se conseguir mesmo todos os effeitos do desenho, a transluzir no vocabulario, cuja opulencia trae a pobreza, e cujo rythmo artificial, cujo colorido incompleto acabam por destruir o que, acaso, lograsse ainda prevalecer no quadro.

O conhecimento do dictionario util é, sem duvida, ao poeta. Mas é mister, possuir o gosto da escolha do vocabulo, isto é, não rebuscal-o, mas sentil-o immediatamente, como uma prerogativa da nuança ou um quilate do rythmo. A sentelha que se annuncia, deve revelar logo a sua origem e consubstanciar todos os predicados, aglutinados á cada propriedade essencial, predicados que tendem a avivar-se cada vez mais, uma vez posto sob a egide da imaginação. Portanto, pôr de parte o prisma, evidente á visão interna, é fugir á ordem sobre que se deve ampliar a maravilhosa gamma das impressões, suscitadas por um mundo desconhecido.

Sobrestar no perigo das rimas ricas, no vocabulario mal amanhado é de bom aviso. Geralmente, não se comprehende o mal que ha na rebusca do termo. O vocabulo só por si nada vale. O que é mister é que elle seja, effectivamente, o representativo de um certo estado do espirito que deseja manifestar-se ou fazer sentir alguma das harmonias occultas no vasto theatro de uma natureza, muito mais viva e original que a nossa. Não deve permanecer o poeta unicamente no facto, tal qual nol-o apresenta o diagramma, aliás, tão deturpado, do mundo natural. As palavras são, sem duvida, verdadeiras pedras preciosas que o escriptor escolhe como o ourives, habituado a lidar-as e a accomodal-as aos braceletes, aos collares, aos

anneis. Ha palavras diamantes, saphiras, rubis, esmeraldas e outras que luzem como phosphoros, se as attritarmos. O conceito do eximio burilador da phrase, que foi Theophile Gautier, é real.

Não conseguira, porém, ver mais fundo no caso. Uma pedra não é um phenomeno á parte, no mundo dos effeitos physicos, como o não é a côr, o som, a folha, o caule, o raio de luz perdido no ambiente embalsamado da campina.

Tudo isto é a resultante de combinações anteriores; adaptações coloridas; gammas perfeitamente accentuadas que ao tombarem sobre uma esphera mais obscura e grosseira, tomaram essas fórmas rijas ou trocaram a harmonia scintillante do recacho por essa apparente immobibilidade, em que tudo, de facto, não sendo outra cousa que a luz, na sua origem, de tal modo se modifica que ninguem suppõe estar vendo um objecto transformado de uma esphera superior.

E' preciso, pois, que o artista não veja tão sómente a pedra, mas alguma cousa além della. No eterno círculo da vida os movimentos tomam formas e formas que se degradam até constituirem objectos physicos.

A pedra preciosa, a que alludiu Gautier, que fóra antes de estar no bracelete ou no colar? Um simples movimento. Penetrar nesse mundo, e extrahir dello o que melhor se coaduna com o nosso intuito é o que deve fazer o artista. Pedra só é pedra para os olhos materiaes: quando comprehendermos que ha uma correspondencia entre o objecto material o o que agiu na esphera anterior para o produzir, outra será a arte, outra a inspiração, outro o fundamento da creação litteraria.

As poesias que compõe o presente volume, em muitos pontos, aliam as duas proporções de equilibrio que julgo indispensavel ao rythmo da idéa, na sua dupla manifestação — como causa e como effeito.

Não era eu ainda versado nesses estudos que tanto realce podem dar á imaginativa; tão pouco havia comprehendido a relação existente entre os dous polos extremos da vida, intimamente associados ao equilibrio e perpetuidade dos elementos que formam a base sobre que repousa a creação.

Todavia, em diversos logares se pôde notar essa propensão que julgo indispensavel ao fim, a que se propõe toda a obra d'arte. O pensamento, eis tudo: pensamento — flor, pensamento — Sol, pensamento — Motanha, pensamento — Planuras, de onde se descortinam outros pensamentos que o movimento creara no seu attrito constante com as energias, já derrancadas, da sabedoria infinita.

Eis-nos, pois, chegado ao fim desse preambulo, sem fallar quasi do que espera encontrar o leitor no livro, que veio a lume para attender, principalmente, ao pedido de alguns moços, a cujo interesse pelos meus trabalhos litterarios sou profundamente reconhecido.

Não é este o meu livro definitivo, é bem de ver. Encontram-se aqui como já disse, poesias escriptas aos desenove annos. A disposição das peças não obedece a uma ordem chronologica rigorosa; pois assim não foram publicados nos tres volumes successivos das "Ondas", que incidentes diversos me forçaram a adiar, quando logicamente deviam fazer parte do primeiro volume.

Mas, como o fundo nebuloso de todos elles é o mesmo; como é a duvida que constitue o seu character philosophico; como é, ainda, muito fluctuante e incerto o pensamento que devia exaltar-se mais

tarde cødherir ao conjunto das forças que põe em destaque a alma de tudo, não me parece erronea a ordem escolhida.

Pòde-se vêr bem nitidamente a marcha de um pensamento que vai pouco a pouco, desabrochando, ao calor de uma philosophia, a enaltecere-se, á medida que os annos passam, as ambições cessam e a luta pela verdade parece tomar novo aspecto.

Sendo outro o homem, outro tambem, deve ser o poeta. A cryzalida fez-se borboleta; a alga desenvolveu os seus orgãos para respirar mais amplamente o ar que vem dos espaços infinitos... Bemdicto o influxo que assim transforma os seres.

A crença, em verdade, é uma força constructora.

As obras da falsidade, do egoismo, da negação não podem durar muito. E as que ainda duram é porque os homens não atinaram bem com a estrada que vai ter a esse Paraiso terrestre, no qual a cegueira das seitas semi-barbaras, como o catholicismo e outras, não menos irrisorias, têm visto na genese do mundo physico, uma concepção philosophica a colidir com as descobertas da sciencia e o bom senso moderno.

Se quizermos ver no Genesis uma synthese cosmogonica, realmente é um disparate. Mas não foi isto o que Moysés tentou fazer, para mostrar, num bello symbolo como se dera a regeneração espirital do homem.

Nesse episodio, é que se entronca todo o espirito philosophico de *Novo Templo*. Sem ser um debate em torno da Biblia, é, contudo, a resultante do seu espirito, esclarecido por uma exegese so-branceira aos ataques dos materialistas. É uma obra poetica banhada no esplendor do que a natureza espirital contem de mais elevado pela harmonia das linhas, pela belleza do symbolo, pela força insita do pensamento, colorindo-se, misturando-se a todas as maravilhas da luz.

Eis o que me competia dizer, satisfazendo a um pedido que tanto me penhorou. Que este livro, pois, em tudo, corresponda á generosa iniciativa dos moços, aos quaes, em ultima anayse, deve a sua publicação.

O autor.



## Atravez do passado

Les années viennent et passent, les  
generations descendent dans la fosse, mais  
jamais ne passe l'amour que je porte au  
cœur.

(HENRI HEINE.)

Pedes-me versos? Mas que versos póde  
Fazer-te quem nas trevas vive e móra?  
Se queres versos sobre mim sacóde  
As tuas asas, fulvas como a aurora.  
De sombras faço-os, e, para fazel-os,  
Para lhes dar um pouco de calor,  
Eu precisava desses teus cabellos,  
E de um bocado desse teu fulgor.  
Porque, para que versos sejam lidos  
E apreciados por tão nobre dama,  
Bem comprehendes, devem ser sentidos,  
Já que a poesia o coração reclama.

Vês esta flor? Guardei-a em vaso de ouro...  
Vinha beijal-a ao despontar do dia...  
E enchia-se de aroma esse thesouro,  
Como a minh'alma de illusões se enchia.  
Era, como eu, alegre e, como eu, tinha  
Uma existencia placida e modesta...  
Eu era o rei da casa e ella a rainha:  
Dava-se alli melhor que na floresta.  
No seu pequeno leito ella passava  
Pensando em mim como eu pensava nella...  
E o sol por uma frincha penetrava  
E ia furtar um beijo á minha estrella.

Como adorava aquella creatura,  
Tranquilla, como um cysne, á flôr das aguas!  
Não precisava de outra formosura  
Para na terra consolar-me as maguas.

Possuía o seu amor, e essa atmosphera,  
 Em que vivia, estava d'ella cheia...  
 Notei, porém, que após a primavera  
 Foi ficando mais pallida e mais feia.  
 — Que tens, querida? estás tão branca e triste!  
 Quem te afogou nesse receio vago?  
 Acaso em alguma aza te feriste  
 Ha dias, quando te levei ao lago?

Acaso, algum brutal insecto, vindo  
 Beijar-te o calix, te manchou n'um beijo?  
 Acaso, o sol, os raios desferindo,  
 Para abraçar-te, te cobriu de pejo?  
 Conta-me o teu romance, ó magoada,  
 O' casta imagem dos passados dias,  
 Rosa, mais do que as outras, desgraçada,  
 Flôr, que em aroma, ás outras excedias.  
 Conta-me, conta-me essa triste historia  
 Que as desbotadas petalas te ensombra,  
 Já que te vejo afflicta e merencoria,  
 Como da noite a merencoria sombra.

.....

A flôr morreu por fim... Aquelle raio  
 De sol, aquelle raio, que a beijava  
 Soffregamente nas manhãs de Maio,  
 Sem que o soubesse, aos poucos, a matava.  
 Linda, como nenhuma flôr na terra,  
 Parecia soffrer, como eu soffria.  
 A sepultura que seu corpo encerra  
 Com sentidas endeixas affligia.  
 Ella m'a havia dado. A' toda a parte  
 Levava-a, fosse, embora, o rumo incerto.  
 Minha acerba paixão, como provar-te?  
 Como nas trevas te sentir mais perto?...

Era uma docil e gentil menina,  
 Que nos meus braços muita vez trouxera...  
 Parecia uma aurora pequenina,  
 Ou uma pequenina primavera.  
 Parti... Quando voltei, o sol morria  
 No occaso. O atrio luzente e purpurino  
 De seu aureo castello resplendia...

Eutremos, disse: — Cumpra-se o destino.  
Com pasmo vi, porém, que extranho lume  
Em derredor de mim se reanimava:  
Em toda casa havia esse perfume  
Que a sua alcova exhala e ella exhalava...

Quando eu a vi apparecer na sala,  
Pisando o solo, como pisaria  
O rutilante throno de ouro e opala,  
Minerva — a deusa da sabedoria,  
Minh'alma aos pés lhe foi cahir de joelhos,  
Tremula, como um raio do sol posto...  
E, enquanto ella beijava-lhe os artelhos,  
Eu não tirava os olhos de seu rosto.  
Dava-me vida aquelle rosto amado:  
Su'alma, em flôr, abria-se em minh'alma...  
Gozava-a... e era um prazer tel-a ao meu lado  
Risinha, altiva e immensamente calma!

Meu sonho, á noite, meu olhar, de dia,  
Fallavam só de tudo o que era d'ella!...  
Se o sonho era uma nuvem que se abria  
Para que os olhos meus pudessem vel-a!  
Rindo, com uma das mãos mostrando a sua,  
Disse-lhe um dia: "Crês? o mar profundo,  
A terra, o céu, a noite, o sol, a lua,  
Os passaros, os leões, todo esse mundo,  
Que ora, fulge, e ora, tímido, rebrilha  
No oceano, ou por detraz de uma colina.  
Pódes conter, sem muito custo, filha,  
De tua mão na palma pequenina.

Tal a força do amor, tal a violéncia  
Da chamma, em que arde a tua virgindade.  
Que poder é maior do que a innocéncia?  
Que estrella brilha como a mocidade?  
Seu vô as auras matinaes dirigem,  
Pelo alto e descampado firmamento...  
Ah! quem pudera descobrir a origem,  
O nucleo, a essencia desse irradiamento?  
A luz que em tua mão brota e scintilla  
Teu rosto aclara, teu cabelo innunda,  
E é differente dessa da pupilla  
Que é mais mysteriosa e mais profunda..."

Ella sorria... e, enquanto ella sorria,  
 Mais versos me brotavam, de improviso,  
 E perfumava toda essa poesia  
 Seu seio aberto como um paraizo.  
 E assim continuava... continuava  
 Baladas e sonetos produzindo.  
 E, vendo-os juntos, eu os comparava  
 A diversas estrellas reluzindo.  
 Quando na curva eburnea de seu collo  
 Foram morrer meus versos, distrahida,  
 Com a alma no céu e o olhar no solo,  
 A' margem de uma lagrima pendida,

“Amas-me mesmo?”, disse-me de chofre.  
 “Se te amo?!... Mais do que o pastor a estrella,  
 Mais do que a joia o pequenino cofre,  
 Mais do que a fronte a virginal capella.”  
 Recolhe, pois, ás sombras da tu'alma,  
 Como beduinos, os meus vãos desejos,  
 E, após, do nosso amor a florea palma  
 Acautela do sol, rega de beijos.  
 Como os primeiros raios que despontam  
 Da madrugada e vêm dourar as flôres,  
 Nella os meus sonhos por milhões se contam  
 De varios cantos e de varias côres.

Como os sahís n'uma arvore se aninham,  
 Aos pares, juntos, mas em varios ninhos,  
 Assim, as minhas illusões se apinham  
 No coração, como esses passarinhos...  
 Guarda-m'as todas, e que a aurora as veja  
 E as ouça, quando vier pintar as rosas,  
 E que na leira de ouro, em que viceja  
 O amor, sempre ache as flôres perfumosas.  
 Porém um dia, antes que a aurora viesse  
 Da Igreja em trevas accordar as naves,  
 Como a estrella que, aos poucos, esmaece,  
 Como ao nascer do sol, partem as aves,

Assim ella partiu, tendo nos labios  
 Um beijo de minh'alma. quasi louca.  
 Ah! ainda guardo os ultimos resabios  
 D'aquelle beijo que lhe dei na bocca!...

Mas antes de partir, ella me disse:  
"Toma esta flôr, que tem o meu perfume,  
Toma-a", e chorava.-. Ah! quem chorando a visse,  
Nimbada já de um resplendor de nune,  
Como um iris de paz prendendo a terra  
Ao céu, um astro ao outro, a luz da vida  
A' luz da morte, que o mysterio encerra,  
E a alma revoca tremula e abatida.

.....

Bem vês, Senhora, que me falta aquelle  
Enthusiasmo proprio dos poetas:  
A poesia o coração reclama.  
E' como o sol e como as borboletas...  
O seu clarão ainda este azul percorre,  
E a sua imagem — baço luar funereo,  
Corre-me dentro d'alma, como corre  
O fogo fatuo pelo cemiterio...

## A' minha mãe

Pourquoi devant mes yeux revenez-vous sans cesse,  
O jours de mon enfance et de mon allégresse?  
Qui donc toujours vous rouvre en nos cœurs, presque eteints  
O' lumineuse fleur des souvenirs lointains,

VICTOR HUGO — *Les Rayons et les Ombres.*

Para cantar-te, mãe idolatrada,  
Foge-me a fantasia e o verso foge...  
Que mãe tem, como tu, a fronte orlada,  
Como hontem tinhas e como tens hoje?  
Que maior goso ou que maior ventura  
Do que sentir que a tua luz me baste;  
A tua luz, mais do que as outras — pura!  
A tua luz, mais do que as outras — casta!  
Nada é maior que o teu desinteresse,  
O' santa, ó minha mãe, meu sol primeiro!  
A mão que me abençôa, resplandece  
Como o luar nas franças do salgueiro.  
O' minha mãe, ó santa, neste mundo,  
Só ha um dia para mim, é o dia  
Em que, como uma estrella em céu profundo,  
A tua mão me afaga e acaricia.  
Só o teu coração recebe e acalma  
O soffrimento do meu coração...  
E o teu amor cresce-me dentro d'alma,  
Como uma flôr cresce na solidão!...

De noite, ás vezes, em meu sonho errante,  
Vejo-te a imagem — pallido arrebol, —  
E, tal como contempla o viajante,  
Entre as nevoas da tarde o pôr do sol,  
As longinquas montanhas colorindo,  
Ella, tambem, vai desapparecendo  
Por entre as nevoas, como o sol, sorrindo.  
Por entre as nevoas, como o sol, morrendo!...

Teus cabellos, já brancos, eu contemplo,  
E beijo a tua mão — lyrio sagrado! —  
Beijo-a, porque recorda como um templo,  
A minha religião e o meu passado.  
Beijo-a, porque a tu'alma beijo e aspiro,  
E está occulta nesse santuario,  
Como um anacoreta em seu retiro,  
E uma oração dentro de um relicario.  
Beijo-te a mão, beijo-a, como ao ciborio,  
Que é o vaso da fé — sagrado vaso, —  
Porque foi ella o meu genuflexorio,  
Antes de a illuminar o sol do occaso.  
Beijo-a porque recorda a minha infancia  
E as tardes longas e primaveris...  
Ah! com que amor aspiro ainda a fragrancia  
D'aquelles tempos, quando era feliz!  
Beijo-a por que me traz a luz, a bengam  
E o lenitivo se me vê chorar.  
Os beijos, mãe, que a tua mão incensam,  
São como o fumo em torno de um altar...

Nunca me esquegas, nem me desampares,  
Porque ficando sem os teus carinhos,  
Eu ficarei como o albatroz nos mares,  
Ou o arvoredó sem os passarinhos...  
Quando caminho pelo meu passado,  
Tão cheio agora de recordações.  
E vou por esse mundo constellado,  
Alvorotando as minhas affeições.  
Apenas uma contra o seio aperto,  
E essa affeição, ó minha Mãe, é a tua,  
Que, na minh'alma, como n'um deserto,  
Cada vez mais augmenta e se accentua!...

## Canção das perolas

### I

Desperta, céu profundo, acorda, céu maldito!  
São horas de levar o gado para o aprisco.  
Então, para dormir, vestes o sambenito,  
E amarras á cintura o cordão de um coriseo?

A Humanidade viu-te, outr'ora, formidavel,  
Investir contra a luz, desembainhar alfanges.  
Dourava-te o cabelo a myrrha inalteravel  
Que subia do Hebron ou das margens do Ganges.

Hymnos do Syloam, vasos da Ionia, cheios  
De incenso; voz solemne e mystica do Eleuses;  
Boccas como o heliocriso, entumecidos seios,  
Attestados do vinho espumante dos deuses;

Volupias os balsões nas tendas desfraldando;  
Venablos, onde o amor sorria, adormecido.  
Ora o cactus abrindo, ora a naide embalando  
Dos zéphiros brunaes no rapto enternecido,

Escutae-me. Este céu, golpeado de epigrammas,  
A oblata de Gebal, ou do Libano, em festa,  
Viu crescer e subir numa columna, em chammas,  
Quando o estio incendiava os pampanos e a giesta.

Altivo torreão de principes nefarios,  
Adorado dos reis, dos padres e das féras.  
Róem-te o cranec glabro os mundos planetarios,  
Como a videira, em flôr, chusmas de phyloxéras.

Fuzila-te na dextra um gladio incandescente;  
Cobre-te a face esquerda uma larga ecchymose,  
Mas, apesar da idade, assistes diariamente  
Das janellas do Occaso á tua apothese.

Fóra da Egreja, a fé mede o espaço, abre as azas,  
E arremette e transpõe esse infinito oceano,  
Que se estende entre nós e o teu próstylo, em brasas,  
Perturbando e opprimindo o pensamento humano.

Debalde semearás as estrellas no estío  
Sobre o immenso paúl de teu seio infecundo,  
E hão de te ver errar, como um cadaver frio,  
De sol em sol, de mar em mar, de mundo em mundo,

Mudos phantasmas, hoje, os antros te povôam,  
E de constellações o infinito accumulias.  
Debalde! Pelo abysmo intérmino, revôam  
Sombras, como avejões, astros, como faúlas.

Dos crentes já não és o aureo genuflexorio,  
O braço que brandia o relampago e o raio:  
Não te queimam a face os fumos do ciborio,  
Nem as louras manhans esplendidas de Maio.

Indifferentemente, o horrivel porte elevas  
Sobre a Terra esmarrida e a alma poeirenta e exangue.  
Que puzeste em logar da revelação? — Trevas!  
Que fizeste jorrar dos teus altares? — Sangue!

Que te importa que o Hebreu erga os olhos tristonhos  
Do negro Apocalypse, onde a alma nos sepultam?  
Cada chaga de Job vale mais do que os sonhos  
Que as tuas mãos senis em cada estrella occultam.

Não passas de uma velha e esplendida chimera,  
Que, ao mesmo passo em que produz o sol, a lua,  
O opulento docel azul da primavera,  
A endecha que adormenta, a vaga que fluctua,

De leve, balouçando um berço de creança,  
 Forja, também, o raio, a noite e a tempestade!  
 Para uns — és o planalto ignoto da esperança,  
 Para outros — a planície immensa da saudade...

Taes cousas meditava e taes cousas dizia,  
 Seguindo a ondulação mansa das ondas céculas...  
 Eis que, a fôlla amainando, estranha melodia  
 Os ouvidos prendeu-me — era a CANÇÃO DAS PEROLAS.

## II

## CÓRO DAS PEROLAS

Nós, em choréa, vamos sobre as vagas,  
 Levadas pelas virações marinhas:  
 Percorremos do mar todas as plagas,  
 Como as gaivotas, como as andorinhas.

Se alguma espuma nos envolve e passa,  
 A' flôr das aguas, tremula, cantando;  
 Se alguma garça, sobre nós esvoaça,  
 Das suas azas rimo-nos, passando.

Se, acaso, um seio, como um niveo pomo,  
 Vae fluctuando, descuidosamente,  
 Agarramo-nos todas a elle, como  
 A parasita a um roble viridente.

Assim, juntas, vogando á flor das aguas,  
 Longe dos homens, longe dos abrolhos,  
 Os nossos sonhos não conhecem maguas,  
 Nem lagrimas de amor os nossos olhos.

A estrella mora na azulada esphera,  
 Mas só póde brilhar, quando anoitece;  
 E o olôr que accende e espalha a primavera  
 Foge, logo que o inverno reaparece.

No entanto, andamos pelo mar á fóra,  
 Como ligeiras nymphas erradias,  
 Quer anoiteça, quer desponte a aurora,  
 No seu coche de ricas pedrarias.

Se de uma praia nos approximamos,  
 Na aza errante de prófuga andorinha,  
 Colhem-nos logo, e todas fulguramos,  
 Num diadema de rei ou de rainha.

UMA PEROLA, cantando

Uma na trança de Hero rutilava,  
 Ouvindo-lhe os queixumes e os temores;  
 Se ella sorria, a moça perguntava:  
 “Por que te causam riso as minhas dores?”

“Porque, disse-lhe a perola, nem sei  
 Porque me rio, quando choras tanto!  
 Nunca meus olhos humedecerei  
 Com essas maguas e com esse pranto.”

O CÓRO, continuando

Outra adornou o collo de uma dama  
 Das mais faceiras e das mais formosas,  
 Que tinha o coração como uma chamma,  
 E as pomas quentes e voluptuosas...

Uma outra...

O POETA, interrompendo

Qual de vós alvoroçava  
 Seu casto seio de esplendente alvura?  
 Perolas, qual de vós a acompanhava  
 Por esta estrada tortuosa e escura?

Perolas, qual de vós conhece aquella  
 Que me levava em sonhos pelo espaço,  
 E, caminhando no ar, como uma estrella,  
 Como uma estrella, não deixava traço?

Perolas, qual de vós, ornando esteve  
 Sua mimosa e pequenina mão,  
 E viu-lhe os pés mais alvos do que a neve.  
 E ouviu os hymnos de seu coração?

Perolas, qual de vós ao firmamento  
Subiu com ella, ao clarear do dia?  
Tenho-a nos olhos e no pensamento,  
Mas como a estatua da melancolia.

Trazem-me as virações, ainda, a fragrançia  
Daquelles castos e infantis enclios...  
Primavera gasil da minha infancia,  
Por que não voltas aos meus devaneios?

Meu pensamento, os vôos distendendo,  
Vae abruptos rochedos escalando,  
E, enquanto as velas no oratorio accendo,  
Passam por mim os urutáos gritando.

Uma por uma, as illusões morreram,  
Como de um galho as folhas arrancadas,  
E pelo azul as nevoas se estenderam,  
Melancolicas, tremulas, magoadas...

Deus sorria-me em toda a natureza,  
Que se evolava em festivaes novellos,  
Emoldurando a historica nobreza  
Dos meus palacios e dos meus castellos.

Visto, através das luzes, que o cercavam,  
Meu coração era um solar em festa,  
Onde bandos de passaros pousavam,  
Fartos do campo, fartos da floresta.

Como um religioso me abrigava  
Nesse cenóbio feito com capricho,  
E a sua imagem se me afigurava  
Uma madona dentro de seu nicho.

Das persianas pelas frinças vinha  
Dourar-lhe o sol o rosto merencoreo;  
E o templo em que habitava, o aspecto tinha  
De um majestoso e esplendido zimborio.

Hoje, se entrarem nessa velha ruína,  
 Alluida pelo inverno e pela idade,  
 Verão nella uma sombra peregrina,  
 Rompendo as trevas com difficuldade...

.....

Perolas, qual de vós ao firmamento  
 Subiu com ella ao despontar do dia?  
 Tenho-a nos olhos e no pensamento,  
 Mas como a estatua da melancolia.

## III

## PRIMEIRA PEROLA

Numa concha embarcada, percorremos  
 Todo esse espaço, sem estardalhaços.  
 Não precisamos nunca de teus remos,  
 Nem de teus braços.

## SEGUNDA PEROLA

Para outras praias, rapidas, vogamos,  
 Por deleitosos ventos conduzidas;  
 E, assim, sem medo, ás ondas atiramos  
 As nossas vidas.

Se um esqualido monstro sobe á tona  
 Do Oceano, só para nos ver passar,  
 Diz á alguma de nós: "Bom dia, dona,  
 Vae passear?"

## TERCEIRA PEROLA

Como um phantasma, vens pedir ás aguas  
 Paz e repouso para as tuas dores.  
 Perolas, poeta, não conhecem maguas,  
 Nem dissabores.

## QUARTA PEROLA

Lgrimas brotam de teus olhos tristes  
 E amargurados como os de uma estatua.  
 Da sorte aos golpes mil, em vão, resistes...  
 A vida é fatua...

## QUINTA PEROLA

Por que resistes e por que te deixas  
 Levar por estas ondas mentirosas?  
 Debalde! A noite não te entende as queixas  
 Mysteriosas.

A tua historia, monge solitario,  
 Contas ao vento e ás nuvens peregrinas;  
 E ficas debruçado como Mario,  
 Sobre essas ruinas.

Ao céu subia, em louro fumo ondeado,  
 Teu coração, numa espiral de incenso...  
 E embebía-se nelle o teu passado,  
 Como o perfume embebe-se num lenço.

## SEXTA PEROLA

Vamos, irmãs, o nosso barco é leve,  
 Depressa! remos n'agua; o mar se anila.  
 O poeta é a chamma que, apesar da neve,  
 Ao pé de cada lápide scintilla.

## IV

E, como um grupo de gentis crianças,  
 Foram fugindo, foram se afastando...  
 E' assim que fogem d'alma as esperanças:  
 — Rindo e cantando...

## Palavras á morte

Em teu olhar, que eu sigo, a esperança fluctua  
 Como nos mares da India a placida champaña;  
 E no céu, onde fulge uma extensa balsana,  
 Um sacerdote a Deus levanta esta hostia — a lua.  
 E' noite. O valle sonha. A viração sussurra.  
 Crio extranhos paineis, estatuarias extranhas.  
 E, rasgando, de chofre, a nevoa das montanhas,  
 Vejo ao clarão do luar a ossada de Suburra,  
 O esqueleto de Tyro, a carcassa do Elenes,  
 Reconduzindo ao templo os seus idolos torvos,  
 Em cujo altar pythons revoam como corvos,  
 Em cujo atrio hieropheos flammejam como deuses!

Morte, vejo-te, então, de pé, sobre as muralhas  
 De treva das prisões, de cinza das cidades,  
 Hasteando o gonfalon pristino das edades,  
 Ainda sujo do pó de tresentas batalhas.  
 Morte, vejo-te bella, horrivelmente bella,  
 No marmore que encobre a cinza aos Capuletos,  
 Ankilosando á bocca o esgar dos esqueletos  
 Na ruga de um desvão, no fundo de uma viella.  
 Morte, vejo-te a lingua immunda e apodrecida,  
 Lamber esse impoluto e sublime monturo,  
 — Job — que no seu algar e no seu catre escuro,  
 Tinha sangue de sol a escorrer da ferida.

Morte, lanças ao vento, atropellado e ardente  
 O verbo — juba, o verbo helépole. Do fundo  
 Da Biblia, ourando, irrompe, e inexoravelmente  
 Desaba em maldições tremendas sobre o mundo!...  
 Esaias! E o valle e o monte e a terra inteira,  
 E os filhos de Gebim e a matança do Oreb,  
 Reduzem-lhe o clamor a um desgarrão de poeira  
 Que a agua do mar salgada e a agua dos rios bebe.  
 Nos geleiros do inverno ergueste o teu palacio,  
 No marmore esculpiste os lençoes de teu leito;

E pávidas deixaste as virações do Lacio.  
Ao tocarem-te a fronte, ao roçarem-te o peito.  
Do Eden a que subira a linda Thisbe, espuria  
Pendes a fronte ao poste infausto, a que agrilhôas,  
Com o mesmo ar zombador, a innocencia e a luxuria,  
Com a mesma ancia infernal, as doninhas e as leôas.  
Esgrouvinhado e abjecto, o teu vulto apparece  
Na onda, que, á noite, o remo ataca e o barco impelle!...  
Augmenta a rigidez da tua espadua, e cresce  
A chamma em teu olhar, o inverno em tua pelle.  
Morte, por que levar-m'a, assim, tão bella, agora?  
Como as portas forçar á habitação cimeria?  
Não se lança um sudario aos hombros de uma aurora,  
Nem ao aspide o corpo olympico de Hesperia!...  
Cós accenda-lhe á fronte a sempiterna chamma;  
A alma embeba na prece, o vôo, após, desfira,  
Sempre na meia luz que o pôr do sol derrama,  
Nunca na labareda em que Marozia expira.

## Paysagem africana

Tardo, pisando o grosso areal dormente,  
O dromedario vae beber ao Nilo;  
E, aos rubros raios do cariz do Oriente,  
Resomna o bronco e molle crocodilo.

A agua morna do oasis não refresca  
A ardente bocca ao nómade sequioso,  
E, enquanto a voz do vento cavernoso  
O rio empola na estação da pesca,

A sphinge, a eterna sphinge do deserto,  
Num deliquio monotono de pedra,  
Estende o olhar, idiotamente aberto,  
Pelo areal onde o tojo ruivo medra.

De sangue o sol, á noite, o saibro embebe,  
Porém, ao meio-dia, quando passa  
Pelo Equador, faz da Africa uma taça  
E o proprio sangue, em longos golos, bebe.

## Laís

Laís — o vinho das ergias gregas —  
De sumptuosa e fulva cabelleira,  
Tinha nos dedos para as almas cegas,  
Espinhos, como os galhos da roseira.

Reis da Sicilia, moços de Corintho,  
Um logar em seu leito disputavam,  
E ao entrarem o esplendido recinto  
Vacillantes e pallidos, entravam.

Dous eunuchos, em bronze einzelados,  
Montavam guarda á porta do palácio,  
E, entre faunos, de pampanos coroados,  
A lyra de ouro que empunhara o thraeio.

De Apollo o carro, aqui, no mar se lança,  
Nas Metópes, ali, pugnas sangrentas,  
E em tudo o fansto, a insania, a intemperança,  
— Ménades núas, deusas temulentas.

O igneo carro veloz de Proserpina,  
O odio de Juno, a força de Promacho,  
De Meleágro a cithara argentina,  
Calmando os tigres e os leões de Baccho;

Toda a orchestra infernal das côres fortes  
Que nas grutas do Ménalo explodiam,  
Féras do circo, em rábidas cohortes,  
Pelo seu corpo olympico bramiam.

Caro estava ao moço namorado  
Uma noite de orgia e de loucura:  
Laís — o amor, Laís — o sonho alado, —  
Era a escada da sua sepultura.

A hydria, cheia de um vinho capitoso,  
Vinha-lhe á bocca e embriagava o amante...  
Ah! desejado e appetecido goso!  
Ah! do prazer o appetecido instante!

Na voragem da febre em que revôa  
O verso, a musa errante do infortunio,  
Como Laís, os poetas agridhõa  
A's rodas de ouro de seu plenilunio.

Espuma ao freio dos corseis a lava  
Tempestuosa das paixões supremas:  
Em côro, as settas rugem-lhe na aljava  
E espirram-lhe do olhar lascas de poemas.

Laís, que importa que o veneno estille  
O teu soberbo e luminoso engaste,  
Se ao relampago ordenas que fusile,  
Se ao turbilhão ordenas que devaste?

Os refolhos da clámyde que vestes  
Levam pintadas todas as luxurias;  
E nós estremecemos como Orestes,  
Ouvindo em Táurico o tropel das furias.

Teus seios nús, freneticos, estrugem  
Como clarins num campo de batalha;  
As carnes gemem, os cabellos rugem,  
Do sangue á rubra e rábida metralha.

Confundidos na bocca os beijos rolam.  
Confundidas no goso as almas passam,  
E, num sorriso, tremulos, se collam  
Dois labios, dois oceanos que se abraçam!

Que importa o ninho ao passaro erradio?  
Que importa a morte, se o guerreiro a pede?  
A poesia é como a agua de um rio,  
Que desaltera, sem matar a sêde.

Laís, Laís, sobre meu seio pousa  
A tua loura e esplendida cabeça...  
Que tem que ao lado dessa pobre lousa,  
Um triste pé de lagrima floresça?...

## Penas perdidas

Perguntas porque meus versos  
Choram, em vez de sorrir...  
E' que elles são universos  
Que estão quasi a se extinguir.

Tristes d'elles, minha filha,  
Tristes d'elles, minha irmã,  
Raro é aquelle que brilha,  
Quando desponta a manhã.

São pequeninos fragmentos,  
Pedacos da minha cruz,  
Errando ao sabor dos ventos,  
Como planetas sem luz.

As lagrimas que vieram  
Humedecer este chão,  
Num coração estiveram  
Que já foi meu coração.

Pobre estrella desgarrada  
Foi essa estrella de amor,  
Hoje de todo apagada  
No seu fumeiro de dôr.

Irrompa, embora, no Oriente,  
Qualquer aurora, qualquer,  
Quem tem o Occaso, sómente,  
Não vê a aurora nascer.

Houve uma dama formosa  
Que meu coração colheu,  
Como se colhe uma rosa  
Mal o dia amanheceu.

Que quadra feliz foi essa!  
Que meninice ideal!  
O sonho que assim começa,  
Quasi sempre acaba mal!...

Um dia, a dama querida  
Para outro paiz partiu...  
Não cicatriza a ferida  
Que uma ingratidão abriu.

Ella sumiu-se entre os astros,  
Sem que a pudesse alcançar...  
Quem é que, andando de rastros,  
Póde um passaro apanhar?

.....

O que hoje faço, portanto,  
E' fazer o que não fiz:  
Enxugar, a furto, o pranto,  
E fingir que sou feliz.

## Concertante nocturno

O LUNAR, sonhando

Nuvem, que ruino é o teu? Por onde andavas  
 Hontem, quando desci da excelsa triga?  
 Em que sonora lympha perfumavas  
 De teus cabellos a fluctuante estriga?

A que fagueiras illusões, sorrindo,  
 Ias, entregue entre amorosa e esquiva,  
 O undoso manto de teu collo abrindo  
 Ao vento leve, á catadupa altiva?

Em que leito de perolas dormiste?  
 Que travesseiro te amparou a fronte?  
 Que melopéa á estrella d'alva ouviste  
 Na silenciosa curva do horizonte?

Qual foi o sol que te envolveu nos braços?  
 Quaes as estrellas que te acompanharam?  
 Quantos foram os beijos e os abraços  
 Que a flava trança te desenrolaram?...

Quem sentiu o perfume inebriante  
 Dos pés que moram nesses sapatinhos,  
 A esparzirem na esphera rutilante  
 O murmurio das folhas e dos ninhos?...

Que estro andou em teu seio gorgendo  
 Uma ligeira e alegre cançoneta,  
 E com um venablo de ouro atravessando  
 Teu nublinoso olhar como uma setta?

Quem te a poma osculou úmida e quente,  
 E a espadua núa te cobriu de beijos?  
 Quem te levou, allucinadamente,  
 Oh! nuvem! de desejos em desejos?

Que phantasia, ao perpassar do vento,  
 Te enleiou os braços, te opprimiu o seio?  
 Que Deus te arrebatou ao firmamento,  
 Formosa Eloá, quando ias a passeio?...

## A GOTTA D'AGUA

A violeta já não tem perfume.

## A VIRAÇÃO

A rôla foge para aquellas grotas...

## O ROUXINOL

E nenhuma de vós ouve o queixume  
 Que ha nos meus sonhos e nas minhas notas...

Sou o orgulho do bosque; a urna encantada,  
 A febre, o anhele, a alacridade, o aroma...  
 — Rêde de sons, a um ramo pendurada,  
 Onde sonha uma Oreade embalada  
 De niveos seios, de luxuosa coma.  
 Sou o orgulho do bosque, a alma que canta,  
 A alma que o ouvido prende e a amar convida..

## A FLÔR

E eu, rouxinol, sou simplesmente a planta  
 Numa hastesinha tremula pendida...  
 Ah! quando caio, fria e emmurehecida,  
 Cascateiam-te as notas na garganta...

## O ROUXINOL

Ama-me a aurora de olhos rutilantes,  
 Que o ouro do dia trincolega e espalha;  
 De cujos flancos, largos e ondulantes  
 Jorra a luz que o horizonte e os mares coalha.  
 Por entre as folhas luridas, farfalha,  
 E amaina o vento e as ondas sussurrantes...

O LUAR, despertando

Este demonio de palrar não cessa...  
Oh! rouxinol, não viste, acaso, a minha...

O ROUXINOL, interrompendo-o

Vi-a passar no céu a toda a pressa,  
No bico de uma prófuga andorinha...

O LUAR, encolerisando-se

De quem fallas, maroto? Espera e escuta.  
Ella...

O ROUXINOL

Já sei, ha poucas horas vi-a  
Deitada com um satyro na gruta...  
E um ruido de ais e beijos no ar se ouvia...

A FLÓR

Cala-te, rouxinol, volta ao teu ninho...

A GOTTA D'AGUA

Que bello luar!

A VIRAÇÃO

Quem é que está cantando?!

O ROUXINOL

Beija-me as plumas de cheiroso arminho.

O LUAR

Dos sonhos guardo o luminoso bando...

O ROUXINOL

Então, sê tu, a amphora prateada  
De meus sonhos... arruma-os a teu gosto:  
Que elles se deitem com a tua amada  
E adormeçam ás horas do sol posto...

## DOIS NOIVOS, passeando

O NOIVO, dirigindo-se á noiva

As flôres dormem... De teus cylios rolam  
Olhares longos e phosphorescentes,  
Que pela solidão se desenrolam  
    Como estrellas cadentes...

A tua imagem canta-me ao ouvido  
Um lyrismo aromatico e mavioso;  
E é feita a tua mão desse tecido  
Indefinivel e mysterioso,

Que veste a sombra, o azul, o iris, a espuma...  
Teu leito nupcial é um céu risonho;  
E, como a luz passa por uma bruma,  
Assim, tambem, passas pelo meu sonho...

Por entre as sombras dos rosaes penetram  
Do plenilunio os pallidos fulgores,  
E de teu nome as syllabas soletram  
    Os rouxinoes e as flôres...

## O ROUXINOL

E' uma noite de amores esta, crecio  
Que o sol das minhas lagrimas rutila:  
Traze-me a taça de ambar de teu seio,  
    Minha estrella de argila!

Quero embrenhar-me em teu cabelo louro,  
Perder-me nessa esplendida floresta,  
E ver-te d'alma o fulgido thesouro,  
Como se vê o céu por uma fresta.

## O LUAR, absorto

Quando seus pés pisam o azul sereno  
No passo de uma dryade ligeira,  
Insinnua-me um lubrico veneno  
Pelos anneis da sua cabelleira.

O ROUXINOL, imitando a voz do luar

Os deuses offerecem-lhe banquetes,  
E os leitos de topasio do Levante;  
Automedonte punge-lhe os ginetes.  
E Eolo faz de cavalleiro andante.

O LUAR, sem lhe dar attenção

Quando ella passa os ares embalsama  
E amaina o choro ás aias de Amphitrite;  
Sobe-lhe á fronte uma celeste chamma,  
Como a aurora ao Zenith.

O ROUXINOL, chasqueando

Tremulo, ás vezes, beijo-lhe o alvo flanco,  
Que imita o cheiro e a ruiva côr do alhambre;  
Quando passeiamos, ella vai de branco,  
E eu de *roble de chambre*.

A FLOR

Quem falla?

A VIRAÇÃO

E' a noite.

A GOTTA D'AGUA

E' a noiva.

A NOIVA

E' o mar.

O NOIVO

E' o sol

Que agora esconde a sua face loura...

O ROUXINOL

Sou eu, o rouxinol,  
Emquanto o mar entre os parceis estoura...  
Sou eu que com meus cantos, de elo em elo,  
Prendo á minh'alma, á noite, a alma das flores,  
E envio a Deus, n'um lucido novelo,  
Todas as maguas e todas as dôres.

O NOIVO, dirigindo-se ao rouxinol e apontando para umas flôres  
que adornam os cabellos á sua noiva

Vê, rouxinol, como lhe ficam bem  
Estas rosas que traz como um enfeite;  
Ainda é mais branca do que uma cecem,  
E tem na pelle a maciez do leite.

O LUAR

Mas não é como a nuvem tão formosa,  
Nem tem os pés tão brancos, nem tão leves...

A VIRAÇÃO

O seu sorriso tem o olor da rosa,  
E os seus passos são rapidos e breves...

UM SATYRO, espiando de um tojal

Ai! que collo macio! Uma pennugem  
Envolve-o todo n'um cheiroso véu...

O ROUXINOL, ao ver o satyro

Não alcança do pantano a salsugem  
A face azul do céu.

O SATYRO

Os cabellos espumam-lhe nos braços  
Em douda, alegre, lucida cascata...  
Pedem meus beijos, pedem meus abraços...

O ROUXINOL, com ar de nojo

Que figura caricata!

A VIRAÇÃO

Tanto tem de immoral como de tolo.

A FLÓR

Que capro sórdido e horrendo!

O SATYRO

Chega mais perto o apetitoso collo,  
Emquanto a rêde na ramagem prendo...

## UMA VOZ

Separa-te della, bruto,  
 Uma invencivel muralha;  
 Se tocares nesse fruto,  
 Quebro-te os cornos, canalha.

O SATYRO, lambendo-se todo de lascivia

Eu sou deus e rei dos campos,  
 Neto de Dæmorgogon;  
 Colho á noite pyrilampos  
 Com as dryades e com...

A MESMA VOZ, interrompendo-o

Este monstro capripede e cornudo  
 Cuida estar vendo a caça fugitiva,  
 De pelle branca e de olhos de velludo,  
 Que do Fauno infeliz foge e se esquivava.

A lingua espicha e os grossos beiços lambe  
 E unta-os de uma babugem peganhenta.  
 Que lhe importa que o casco esbrugue e cambie,  
 Que tenha a bocca esqualida e nojenta?

No seu olhar a cupidez fagulha  
 N'uma phosphorecencia de nateiro;  
 Ouçam-n'o: a sua lingua cascabulha  
 Como uma cobra dentro de um boeiro.

Latem-lhe á bocca os cães de Acteon, ferozes;  
 Uivam-lhe á sanha os monstros de Teutates;  
 E em meio desse côro de mil vozes  
 Rufa o tambor frenetico de Orates!...

O SATYRO, mostrando uma flôr á moça

Olha esta flor, Minerva deu-m'a um dia...  
 E' a mais formosa irman de Philomela;  
 No rochedo de Tenedos vivia  
 Entre os salsos tritões, lasciva e bella.

Hero cheirava-a, á tarde e á noite, quando,  
 Célere, o amante as ondas vinha abrindo.  
 Toma-a! Pelos teus dedos perpassando,  
 De uma tinta mais quente os colorindo,

Hade levar-te ao coração a flamma  
 — Irman de Venus e do amor irman —  
 Que sobe ao rosto como sobe a chamma  
 Aos salgueiros, em flôr, pela manhan.  
 Toda essa via-lactea que se enrama  
 Na tua fronte limpida e louçan,  
 Que o cabelo de perolas recama,  
 Dando-te o porte de uma castelan,  
 Fará de teu sorriso outros sorrisos,  
 De um paraíso muitos paraísos.

## O NOIVO

Vamos, ha muito o sol desceu do occaso  
 As espelhantes, rutilas escadas:  
 Enche teu seio — cristalino vaso —  
 Do aroma destas flores orvalhadas.

## O ROUXINOL

E das minhas canções...

## O SATYRO

E dos meus beijos...

## O NOIVO

Vamos, é tarde! As serras se ennevoam;  
 Abrem as azas de ouro os meus desejos  
 Por entre o luar que esses teus olhos coam.

## A NOIVA, caminhando

Que frio! Tenho as mãos tão frias e a alma  
 Tão quente! Como póde isto se dar?  
 Que deliciosa paz! Que eterna calma!  
 Vive-se aqui para sorrir e amar...  
 Como um passaro as azas no ar espalma,  
 Caçado de batel-as a cantar,  
 Eu vou pela existencia fóra, ouvindo  
 Arias, que o azul murmura refulgindo.

O NOIVO

Que linda que és!

O SATYRO

Não cheira tanto a rosa,  
 Nem mesmo Venus, tem a voz tão bella,  
 Nem a cabeça mais esplendorosa,  
 Quando chega á janella...

O ROUXINOL, ao longe

Meu ninho é quente, minhas pennas quentes...

O NOIVO

Vamos.

A NOIVA

Que frio!

O ROUXINOL

Que calor!

O SATYRO

Gozemos...

O NOIVO

Despregam-se do azul as estrellas cadentes...

O LUAR

Nuvem!...

O SATYRO

E a sua voz...

O NOIVO

Sonhemos, pois...

O ECO

Sonhemos...

## Barcarola do olhar

Senhora! o vosso olhar languido e terno,  
Mal o percebe, o espirito de um doente,  
Exgota-o, como um copo de falerno,  
Aos goles, abundantemente.

O caçador que, ao romper d'alva, passa  
Para ir os cervos perseguir, na matta,  
De vossos olhos na floresta, caça  
Aves de bicos de ouro e azas de prata.

Contam as lendas poeticas, de outr'ora,  
Que pelos raios do luar andavam,  
Tagarelando, Willis da côr da aurora,  
Que os circumfusos bosques habitavam.

Pois, como essas volateis creaturas,  
Pisando as sedas de um luar de Maio,  
Um grupo de curiosas miniaturas  
Percorre os vossos olhos, raio a raio.

O pegureiro escuta, deslumbrado.  
A symphonia d'esse olhar, que imita  
A cadencia de um mundo illuminado,  
Rolando pela abobada infinita.

Mas, num ponto em que a luz se lubrifica,  
E, subtilmente, o luar se desenrola,  
Um vulto de mulher, cantando fica  
Uma queixosa barcarola...

## Nupcias de Amphitrite

Foge Amphitrite pelas vagas cerulas  
Numa barquinha de coral e neve.  
As oceanides, humidas de perolas,  
Seu alvo collo vão beijar, de leve.

Neptuno ordena que os delphins a tragam,  
(Porque Amphitrite é noiva de Neptuno).  
Tres longos mezes pelo oceano vagam,  
Entre os templos de Sabba e de Fortumno.

Manda forrar de preto o seu palacio  
O desgraçado noivo de Amphitrite,  
E na escamosa casca de um cetaceo  
Do oceano foi ao ultimo limite.

De outro rosto mais poetico e mais bello  
A bella deusa estava enamorada;  
Acompanhava-a como um pesadello  
Do vagalhão na crespa espumarada.

Na equorea e longa barba salitrosa  
Do filho de Saturno o mar bramia;  
E, quando uma nerine lacrimosa  
As vozes do éco, ao longe, repetia,

De Egêo na harpa os tritões chorando vinham.  
O plenilunio se afogava n'agua,  
E, em côro, as ondas múrmuras continham  
Do deus dos mares a profunda magua.

Das neptunalias festas o esplendente  
Symbolo em torvo pélago se apaga,  
E o mar, de continente em continente,  
Do salso amante a colera propaga.

Dos monstros foi tamanha a dôr, que, um dia,  
Tornou a deusa ao leito abandonado...  
Tinha as faces pisadas, a alma fria,  
Incerto o olhar e o coração maguado.

Delphins de asperas crostas reluzentes  
Escoltavam a deusa fugitiva,  
E as ondas, ternas, molles e dormentes,  
Vinham, chorando, atraz da noiva esquiva.

Neptuno espera-a, tremulo e queixoso.  
Traz no cabelo ricas pedrarias,  
E o longo torso, mobil e esgarrosado,  
Recamado se mostra de ardentias.

Beija-lhe a polpa túmida do seio...  
Beija-lhe a testa, o collo, a perna, o flanco...  
E, entre um sorriso lubrico e um meneio,  
Na espadua entorna-lhe o cabelo branco.

E a gaze abrindo á tunica fluctuante  
Da noiva, as tenras fórmãs examina.  
E palpando-lhe a carne exuberante,  
Exclama: "Como é perfumada e fina!"

Emtanto, a moça o vôo de uma garça  
Acompanha, a sorrir, de espaço a espaço;  
E a viração na cabelleira esparsa  
Traz-lhe do amante o derradeiro abraço.

Assim, tambem, emquanto, indifferente,  
Matas de um outro os lubricos desejos,  
Para o meu leito, voluptuosamente,  
Vôa a tu'alma e cobre-me de beijos.

## Em meio do caminho

Quando á varanda de ouro e nácar da poesia  
Chega o phantasma negro e triste de meu verso,  
Que nos olhos, outr'ora, a duvida trazia,  
Como as ruinas de ignoto e lugubre universo,  
Paira, branca, no azul, a sua imagem fria.

Minha estrophe soluça, a lagrima murmura,  
Timidamente ao meu ouvido um ai queixoso,  
Deixando atraz de si aberta a sepultura,  
Onde — coveiro máo — vou enterrar o gozo  
Da primeira saudade e da ultima ventura.

A demencia, enroscada aos meus cabellos, ruge,  
Desatrellando os seus mastins e as suas furias.  
Arreminado o vento, entre os parceis estruge:  
E eu venço a preamar de todas as injurias,  
Apesar de seu lodo e da sua babuge.

Porão escuro e vil, de mortos carregado,  
Vai minh'alma sulcando oceano fóra. Rudo,  
Rebenta o temporal ás nuvens agarrado.  
Debalde ao mar o horror dos meus nervos sacudo,  
Debalde ao céu num ai subo aterrorizado!

Onde estaes, onde estaes, chimeras fugitivas?  
Onde estaes, onde estaes, fugitivos amores?  
Vejo-vos, sem clamor, nas sombras redivivas  
Que vêm em procissão regar as minhas dôres  
— Desbotadas cecens, pallidas sempre-vivas!

A antiphona queixosa onde até hoje mora,  
Como em carcere de ouro, um astro prisioneiro,  
Minha pobre e infeliz alma de poeta, agora,  
Ao ouvir da saudade o verso derradeiro,  
Com o verso delira e com o verso chora.

Olgas e torrentões trajaram-se de lucto;  
Seccou-se o rio, a voz das arvores calou-se.  
Um rumor tumular erriga o monte abrupto...  
E o fruto, a sazonar no coração, mais doce  
Que o mel, por que ficou tão amargo esse fruto?...

O que se vê na terra, e se entrevê no espaço  
E' uma projecção do que se passa n'alma.  
Ah! tivesse-a ao meu seio, ah! tivesse-a ao meu braço,  
Que voltaria a luz resplandecente e calma  
A' estrophe, onde ainda escuto o ruido de seu passo.

Seu nome tem a côr de um céu triste e remoto:  
Tem nas lettras azues um arco-iris aberto;  
Quando o ouço pronunciar, em cada lettra noto  
Um rio que parece entrar por um deserto,  
Buscando a esphera ideal de algum paiz ignoto.

Seu nome, sua voz, tudo me encanta o ouvido.  
E, em idolos, consagra a ancia desse transporte,  
A luz dessa visão, o éco desse gemido...  
E quando julgo entrar os penetraes da morte,  
Eis-me á roda fatal, de novo, restituído!

E a isso chamam viver! Que suprema ironia!  
Dorme a estrella no céu, como qualquer careça  
No fundo de uma valla ou de uma galeria  
De mortos, onde o mocho um epitaphio traça,  
Quando num craneo pousa ou sobre um sonho pia!...

A luz de que nos serve? O sol que nos aquece,  
De que nos serve o sol, se andamos solitarios,  
Sem teu bordão, ó fé, sem teu Calvario, ó prece?  
A religião da infancia, o incenso dos santuarios,  
Bem depressa se esvae, bem depressa se esquece!...

## Ironia do coração

Como estavas formosa entre o mar e a minh'alma!  
Ias partir... no céu vinha rompendo a aurora.  
Eu te pedia — luz, tu me pedias — calma;  
Eu te dizia: — “Crê”; tu me dizias: — “Chora”!

Beijei-te as mãos, beijei-te os pequeninos pés,  
Como os labios de um padre um assoalho sagrado.  
Longe, ouvia-se ainda, entre os caramancheis,  
A melodiosa voz do luar apaixonado.

“E’ a voz do nosso amor, nos esponsaes das flôres.  
Não chores mais, acalma a tua anciedade.  
Assim, como hei de eu dar treguas ás minhas dôres,  
E recalcar no peito esta amarga saudade?”

Partiste... Sobre mim cerrou-se a escuridão.  
E eu não ousou subir aos meus sonhos agora.  
Porque, ironico e máo, me grita o coração,  
Quando não creio: “crê!”, quando não choro: “chora”!

## O chaletzinho

### I

Longe, á beira de um corrego, descia  
Por um outeiro, pendurado á gramma,  
Um chaletzinho, que me parecia  
Um ninho feito de algodão em rama.  
Das janellas que abriam para o Oriente,  
O firmamento se descortinava,  
Impressionando deliciosamente  
O viajor que por alli passava...

A agua de ao pé, tinha um arrulho brando,  
Que é o preludio da orchestra dos canarios,  
E, descendo a colina e serpenteando,  
Se bifurcava por caminhos varios...  
Approximei-me e perguntei quem era  
Do chaletzinho a dona mysteriosa,  
E se sahia delle a primavera  
Que orvalha o campo e faz abrir a rosa.

Mora alli, responderam-me, a mais linda  
De quantas deusas já o céu sonhara.  
Seu ninho agreste é um canto que não finda...  
Sua existencia uma corrente clara...  
E que, quando apontava a madrugada  
Na janellinha fulva do Levante,  
Ella, d'outra janella debruçada,  
Punha perplexo e pasmo o viajante.

Eu esperei que o dia amanhecesse,  
N'um sitio, perto, mas um pouco ao lado.  
Bem podia chover, e se chovesse,  
Ella decerto não veria ao prado.  
Nunca o aspecto risonho da paisagem  
Do alvorecer me pareceu mais bello.  
Via-a já a sorrir pela folhagem  
Avelludada como o seu cabello.

Como o bambual, que a viração sacode,  
 Sacudia-me a febre o corpo todo:  
 Feliz d'aquelle que, esperando, póde  
 Conter-se para não passar por doudo.  
 Rompeu o dia... Uma revoada de ouro  
 Zuniu chilrando pelo espaço fóra...  
 A terra ouviu um religioso côro...  
 Vinha passando o séquito da aurora...

Eil-a, emfim! Que formosa creatura!  
 Simples, modesta e ingenuamente calma!  
 E' tão rara a pureza e ella tão pura  
 Na sua meiga virgindade d'alma!

.....

Nada te vem marear o brilho, estrella,  
 Porque teus raios são para a floresta:  
 Na aldeia, quando uma mulher é bella,  
 Raro deixa também de ser honesta.

## II

Sete annos se passaram de uma doce  
 Felicidade sem igual na terra;  
 Todo o meu ser, sorpreso, illuminou-se,  
 Como, ao romper do dia, o alto da serra.  
 Vivemos nesse mysticismo vago  
 Dos que não têm nem dôres, nem peccados;  
 Seu coração me parecia um lago  
 Onde boiavam cysnes encantados...

Disse-lhe, então, quem era e de onde vinha;  
 Fallei-lhe do retiro em que morava,  
 E do seu ar modesto que não tinha  
 O que nas outras moças encontrava.  
 Que era, de certo, alguma divindade,  
 Que os austros ouvem nos pragaes maninhos,  
 E que era eterna a sua mocidade  
 Como a dos anjos ou como a dos ninhos...

Ella comprehendeu que eu não mentia,  
Pois não se mente aos olhos de uma santa,  
Que o esplendor da belleza reunia  
A' virgindade agreste de uma planta.  
Então contou-me a historia perfumada  
De seu gracioso e brauco chaletzinho.  
A sua voz subia immaculada  
Por este claro e sideral caminho...

Com que fervor o espirito, colhido  
Nos seus mais puros e intimos amores,  
Absorto, ouvia aquelle ser querido,  
Que tinha a voz, e a hesitação das flôres.  
Feliz tempo de amor e de esquivanças!...  
Sete annos, de uma alegre convivencia,  
Correram como um grupo de crianças  
Pelo jardim da nossa adolescencia.

Sete annos, desfolhando, dia a dia,  
Na ebriedade de um sonhar, sem termo,  
As flôres dessa ephemera alegria  
Do amor, nascido e cultivado no ermo.  
Sete annos em que ouviamos no prado  
Um ruflar d'azas timido e medroso,  
E dentro d'alma o rythmo prolongado  
De um sentimento vago e mysterioso...

Sete annos de um romance interminavel  
Ao pé dos rios e dos castanheiros,  
Que nos lembrava a musica ineffavel  
Dos camponezes e dos pegureiros...  
Sete annos de uma adolescencia, toda  
Repassada da sua virgindade.  
Passaros mil vinham cantar em roda  
Dessa encantada e pequenina herdade.

No céu, nos astros, no cahir da folha,  
A' hora em que o sol descamba no Occidente,  
No colibri que a ponta da aza molha  
Da undosa lymphá na brumal corrente,  
Na alva bonina entrecerrada e fresca,  
Attenta do Euro á musical fragrança.  
Em tudo eu lia a historia romanesca  
Que as auras trazem de remota estancia.

De esconsa gruta a carinhosa sombra  
 Cahindo sobre tonças de amarantos,  
 E humedecendo a avelludada alfombra  
 Nos mais ermos e placidos recantos,  
 D'aquella embalsamada natureza,  
 A alma de aroma e sonhos nos enchia,  
 E o chaletzinho pela correnteza  
 Vagarosa do corrego descia...

## III

Tudo partiu... Como um solar em ruínas  
 Só me ficou esta saudade infinda,  
 E o vago olor das suas mãos divinas  
 Que em toda parte julgo achar ainda.  
 Que noite horrível foi aquella noite!  
 Eu acerquei-me de seu casto leito;  
 E, como a ave que encontra onde se acoite,  
 Ella acoitou-se, tremula, em meu peito.

“Tenho medo da morte! disse. Extranha  
 Aza de crepe no horizonte vejo!  
 Como é íngreme e abrupta esta montanha  
 Por cujos antros horridos rastejo!”  
 Pobresinha! no olhar que me não via  
 O paraíso se delineava...  
 Tomei-lhe a mão, de lágrimas cobri-a;  
 Beije-lhe as faces que um luar banhava.

Nunca se soffreu tanto, nem mais forte  
 A dôr n'um coração cravou as garras!  
 E, assim mesmo, velada pela morte,  
 Tinha na voz citharas e guitarras.  
 Jasmim cheiroso que cahiu do galho,  
 Quem no meio das flôres te pudera  
 Dar á corolla secca o fresco orvalho,  
 Fresco dos beijos d'outra primavera?

Quem conservar pudera o teu perfume  
 Dentro do coração, como n'um lenço?  
 E as illusões soltar como um cardume  
 De pyrilampos nesse bosque immenso?

E sonhar como sonha o peregrino  
 Que leva a cruz aconchegada ao seio;  
 Como o murmúrio de uma folha, o trino  
 De um pintasilgo e o deslisar de um veio?...

E contemplar o teu retrato santo,  
 E a memoria sómente abrir áquelle  
 Sorriso, áquella graça, áquelle encanto,  
 A'quelle olor que te acendrava a pelle.  
 Respirar só a tua ondeante coma  
 E vêr-te, extraordinariamente bella,  
 Através do crystal de uma redoma  
 Ou do regaço branco de uma estrella?

Ah! quem pudera ter na mente occulta,  
 Como n'um tabernaculo silente,  
 A tua imagem candida, sepulta,  
 E adornada de um nimbo refulgente!

.....

Não accordemos essa creatura  
 Do meu passado o mystico amuleto;  
 Ella pertence agora á sepultura  
 Purificada pelo nosso affecto.

Para o teu tumulto estas flôres trago...  
 Gemem lá fóra as auras nas escarpas!  
 As aves hão de vir ao pé do lago,  
 E as nossas almas vibrarão como harpas...  
 Pelas portas abertas da lembrança  
 A tua imagem rútila penetra,  
 E o amor, sorrindo, como uma criança,  
 De teu nome ainda as syllabas soletra.

Vela-te o somno a derradeira nota  
 De teu garrulo e terno gaturamo,  
 Que anda agora a cantar uma aria ignota  
 De pomar em pomar, de ramo em ramo.  
 O coração se me constrange todo  
 Quando elle passa no ar, trépido e brando,  
 Fazendo tudo o que fizera um doudo  
 Se pelos ares perpassasse voando.

Julga, talvez, o pobre que te deram  
Por sepultura a flôr do jasmineiro,  
E que das tuas lagrimas fizeram  
A orvalhada de Março e de Janeiro.  
Tristes de nós o gaturamo e o poeta!  
Ambos ligados pela mesma sorte,  
Vamos gemendo a nossa dôr secreta,  
— Fecho da vida, prologo da morte!...

.....

Longe, á beira de um corrego, ainda desce  
Por um outeiro, pendurado á gramma,  
O chaletzinho, mas já não parece  
Um ninho feito de algodão em rama.

## A arte

L'ESPRIT que comprend l'art, comprend le reste at.554

(VICTOR HUGO — *Les voix intérieures.*)

Num acroterio de ouro, em cima, a lyra ao hombro,  
Olha em torno. Um clarão do céu lhe bate á fronte.  
Sorve o Oceano n'um hausto e apparella o horizonte  
Para a viagem sem fim da lagrima e do assombro.

O mar lhe ruge aos pés, raussissono e lascivo,  
Faz-lhe um ninho á cabeça um par de rouxinões,  
E, de côro com elle, em rythmo fugitivo,  
Passam cantando, ao pôr do sol, os arrebóes.

Entorna-se-lhe a coma em cachos pela testa;  
Um resplendor de santa envolve-lhe a cabeça;  
E, antes que a folha caia, e antes que a noite desça,  
Para sonhar melhor, vai sonhar na floresta.

Como os selentas vão, de lyra a tiracolo,  
No leito de marfim a lua adormecer,  
Ella faz rebentar, d'um pantano, o Pactolo,  
E d'um seio de rola, um seio de mulher.

A arte é o fruto do loto, acalma n'um minuto  
A dôr, a grande dôr dos annos que perdemos,  
E o vinho que ella põe na taça em que bebemos,  
Tem mais cheiro e sabor que o viuho desse fruto.

Atorçalando de ostro e topasio o remate  
Da abobada, onde canta a pedra, o stello, a côr,  
Atravessa um pomar de coifa e de açafate  
Sem que o perceba o olhar malicioso da flôr.

Palestrina, que faz do rumor de uma queda  
 D'agua e da folha um hymno ou do lyrio uma prece;  
 Que na colina azul da musica adormece,  
 Depois de dar á estrophe um luar e uma alameda;

Beethoven, que ao bramir das trompas, o Austro amarra,  
 E ao rufo do tambor acorrenta o trovão,  
 Que fez sorrir a flauta e gemer a guitarra,  
 Como se ella tambem tivesse um coração,

Essa força latente, esse desejo eterno  
 De amar tudo o que póde e deve ser amado;  
 Desde a rosa, em botão, ao berço immaculado,  
 Desde os olhos de um filho ao cabello materno,

Tudo isso a Arte possui, tudo isso a Arte acairella  
 Nas tintas do pincel, na ponta do buril,  
 Deixando em cada verso o iris de uma aquarella  
 E em cada barcarola um busto feminil.

Voz de Marina, olhar de Anticléa, em que as fadas  
 Andam rindo e brincando em bandos innocentes,  
 Para desabotoar-lhe as palpebras dormentes,  
 Para desamarrar-lhe as azas fatigadas.

Desde o sol — esse enorme e fulvo escapulario;  
 Ao beijo — esse canoro e alado bogari;  
 — Um, que o marmore incende ao mudo estatuario,  
 Outro, que imita a côr e a fórma de um rubi;

A Arte lança-as em bloco á mesma caçoleta:  
 A massa estrinca, explode e um novo rythmo a invade;  
 E do sol faz o amor, e do beijo a saudade  
 — Aves que vão cantar ao balcão de Julieta.

Ciris que, ao despontar do dia, accorda os valles,  
 Que vóa e anda a gemer de pomar em pomar,  
 Com que estrella diluida amassaste o teu calix?  
 Com que myrrha odorante ergueste o teu altar?

No pincel de Rembrandt ha rufos de baquetas;  
As suas tintas são a carne da pintura,  
E estalam no painel, como n'uma armadura,  
Os musculos dos seus corpulentos atletas.

Giotto é o hymno da tela, a alegria italiana,  
Vibrante em cada traço, audaz em cada tom;  
E' a bondade, a esperança, a força sobrehumana,  
A filtrar-se na luz, a diluir-se no som.

Na poesia, a arte, então, concentra-se. O percurso  
Ora, é turvo e reverso, ora, placido e breve...  
Crêa Pantagrue, e dá-lhe um ventre de urso,  
Sagra a velhice, e dá-lhe um resplendor de neve.

A's suas mãos, o mundo outra estrutura toma.  
A creança é para ella um alveolo de mel:  
Desfaz o ambar e a opala e verte-os n'um poma,  
E vê n'um simples beijo um oceano e um batel.

Que marinheiro teve a intrepidez e a calma  
De ajoujal-o ao tufão, sem remos e sem velas,  
E ir pelo oceano fóra, assustando as estrellas,  
E a alcatéa feroz das salsas ondas? A alma.

A Arte examina a côr e a plumagem do sonho;  
Pesa a luz e gradua a força aos turbilhões,  
E agita o coração — esse lago tristonho —  
Onde vai desaguar o rio das paixões.

Por isso que ella tudo analysa e interpreta,  
Por isso que ella dá vida ao que não tem vida,  
E' que deixa a sangrar no verso uma ferida,  
E uma fagulha arder na alma de cada poeta.

## O idéal e o mundo

Poeta! Tudo é silencio ao longo destes muros...  
 Que nos podem dar, falla, estes ecos tristonhos,  
 Estas vozes que vêm dos páramos escuros,  
 Gemer com os nossos ais, chorar com os nossos sonhos?...

Profanaram-te a fé em que pousaste a fronte;  
 Deixaram-te sem Deus, riram da tua magna,  
 E o encapellado oceano e o sitibundo monte,  
 De mãos postas, á terra imploraram mais agua.

Agua é crença, agua é fé, agua és tu, mocidade,  
 Desabotoando ao sol a tremula corolla.  
 Como aplacar esta anciedade?  
 Como encher de ouro a mão que nos pede uma esmola?

Calae-vos, rouxinóes; calae-vos, gaturamos!  
 Ninguém ouve, ninguém, vosso piedoso accento.  
 A primavera, a rir, anda a tocar os ramos...  
 Qu'importa, si no fundo é tudo soffrimento?...

• E tu que julgas ter encontrado em meu peito  
 Ancoradouro ás tuas maguas,  
 Com surpresa, o verás, em vagalhões desfeito,  
 Irromper, como um mar, por escarpas e fraguas.

Pobre santa! Esse amor vale mais que o universo.  
 Vale mais do que eu mesmo, a quem teu beijo anima.  
 Colma com o teu carinho a choupana do verso,  
 Em cuja porta, á noite, ouço cantar a rima.

Desce por esta escada ao abysmo em que móro;  
Desce ao meu coração, onde o teu vulto abraço!

    A velha magua, que devoro,  
Por escuros desvãos, segue-me passo a passo.

Gesticulam na treva hediondos esqueletos,  
Vejo a sombra de Atreo esgrouvinhada e glabra:  
Alighieri escreveu aqui os seus tercetos,  
E Plowmann poz em scena a comedia macabra.

Não poder eu sonhar, não poder eu aos astros  
Gritar: "Volvei de novo ao limbo de onde viestes,  
    Porque tambem andaes de rastros,  
E conspurcaes no lodo as refulgentes vestes!"

Cada estrella, ao nascer, traz, como qualquer verme,  
O destino fatal de chafurdar na lama  
A luminosa fronte, a dourada epiderme,  
Offegando ao calor de um coração de chamma.

Mundos que o vacuo encheis com a vossa luz tristonha,  
Volvei ao nada, e vós, serras e mares tristes,  
    Onde a aguia plana e o albatroz sonha,  
De que óvulo bastardo e colossal sahistes?

O sol do estio, enleado ás arvores e aos montes,  
Mata-nos, como o olhar de um velho basilisco,  
E um corisco, através dos negros horizontes,  
Passa, a todo galope, atraz de outro corisco.

Espirra o sangue fulvo e astral das nuvens, quando  
Larga a tropa infernal desses corseis alados.  
    Quem é que os vai acaudilhando?  
Respondei-me, tufões e orbes amotinados!

Guerra de destruição contra tudo o que existe!  
Espantosa inversão dos destinos humanos!  
Natureza orgulhosa e má, porque pariste  
Tão esplendidos céus, tão soberbos oceanos?

E o amor? Sim, que ha de ser do amor piedoso e casto,  
— Cysne que adormeceu sobre um lago sereno?  
    — Senhor! o ideal humano é muito vasto,  
Para circumserever-se a um mundo tão pequeno!...

## Cordelia

Cordelia, anjo infeliz, Cordelia, hymno celeste,  
 Que a Grã-Bretanha ouviu, extatica e surpresa;  
 Cheirosa mangerona, entre ortigas nesceste,  
 Para veneração de toda a natureza.

Em que divino olor, em que amphora ou caçoula,  
 Foi feita a tua casta e immácula doçura,  
 E o teu collo a offegar, como uma pomba rôla  
 Que pousasse na cruz de alguma sepultura?

Levas n'aza a illusão, partida em mil bocados,  
 Um beijo á bocca, um ninbo á fronte, um lyrio á trança.  
 Ah! Cordelia! Cordelia! os ninhos espantados  
 Não cessam de fallar de ti á vizinhança:

— Ao rio, que ainda guarda a voz do octogenario,  
 Rôto, esqualido, a errar por montanhas e valles;  
 Ao mar, que ainda repete a voz do chantre vario,  
 N'uma antiphona, a entoar seus redobrados males.

Um hostiario não guarda a hostia com mais carinho,  
 Nem a vaga o rumor, nem a brisa o bafejo...  
 Esse velho é o seu templo, esse amor é o seu ninho,  
 Que á arvore da oração acorrentou com um beijo.

Com que meiguice affaga o pobre rei! O espanto  
 Gela-lhe o olhar, a dôr apunhala-lhe o peito,  
 E dos olhos lhe corre um copioso pranto  
 Sobre o rosto do velho, exanime e desfeito.

As campinas do Douvre, attonitas, deploram,  
 Com piedosa ternura, o desfecho do drama.  
 O mar geme, a luz sangra, os arvoredos choram,  
 E a viração da noite as selvas embalsama.

Vão os dois: — um occaso encostado á uma aurora.  
Ella, com o olhar no céu, elle, com os olhos n'ella:  
Elle falla, ella seisma, elle ri, ella chora,  
Quando lhes vem abrir o carcereiro a cella.

.....

Majestade infeliz! Cordelia já não sente.  
A' morte o frio véu pelos seus olhos corre...  
Aperta-a contra o seio, abraça-a loucamente,  
Atrôa os ares, morde o solo, beija-a e... morre.

## Dies Iræ

Que saudade, formosa! A chuva cáe lá fóra...  
 Cáe lá fóra minh'alma espedaçada e morta.  
 Soluça o Parahyba, e o vento, em torno, chora  
 E, uivando, como um cão, me vem bater á porta.

"Quem és?" pergunto. "Acaso, uma palavra trazes,  
 Uma palavra só? Acaso, alguém procura  
 Conhecer-me de perto, ouvir as minhas phrases,  
 Rindo do meu vestuario e da minha figura?"

Inquieto, o coração bacoreja-me: "Poeta,  
 Vai partir o teu sol, vai partir o teu sonho,  
 O teu unico amor, a tua Julieta,  
 Para um outro paiz, para um céu mais risonho!"

Cedo o peito ao clamor. O ar da noite suffoca...  
 Vejo-o como um oceano, erriçado de abrolhos!...  
 Monologos de Hamleto, estorcem-se-me á bocca,  
 Lagrimas, em tropel, atropellam-me os olhos!

Que tormento infernal! Desvaira-me o desejo  
 De ajoelhar-me aos seus pés, de repetir-lhe que a amo.  
 E vel-a esvoaçar em torno de meu beijo,  
 Como se fóra uma ave e o beijo um fragil ramo.

A loucura em que embarco e por onde navego,  
 Faz-me perder a fé, faz-me perder o rumo.  
 Por isso, vou, taecteando, alquebrantado e cego,  
 Sem ver o sol de Mantua amortalhado em fumo.

Minha acerba ambição, ninho das minhas penas,  
 Eco da minha voz, berço dos meus pesares,  
 Vem regar em minh'alma as brancas açucenas,  
 Os meus parques em flôr, os meus ricos pomares!

Vem com a tua cabeça, engrinaldada e casta,  
Por este valle azul, por esta varzea extensa...  
A planície do amor é mais triste e mais vasta  
Do que esta noite triste e esta planície immensa.

Como soffre quem ama! A sombra de Lysandro  
Junto do cyprestal pranteia, e Hérnia não volta.  
E no meu coração, — caudaloso Scamandro, —  
Teu rápido batel passa de vela solta...

Werther! Quantos degráus tem a escada da morte?  
Werther! A ingratição com que paiz confina?  
Por que havemos de estar presos á mesma sorte,  
A' taça em que bebeste a ambrosia divina?

Quantos gritos de dôr não gritam num só grito,  
Nesse infinito azul, solto pelas espheras?  
Porque, ó numes, lançaes á frente do proscripto  
Outonos sepulchraes, em vez de primaveras?

Sorvo o candente areal, mordo a propria caveira,  
Que a um tragico negror meu destino acorrenta,  
E grasna-me na voz — ave treda e agoureira, —  
A paixão de Thebaldo atra e sanguinolenta.

## Os olhos

Que olhos, meu Deus! O céu entre por elles dentro  
 E, de joelhos, contempla os seus salões brilhantes!  
 A um lado, um cysne canta, e o meu amor, no centro,  
 Abre o olhar espantado e as azas flammejantes.  
 Os cantos de Leilá colman as grutas, cheias  
 De escassilhos de sol, de louras cytharistas;  
 E, enquanto tudo dorme, ó meu sonho, passeias  
 Sobre um rico tapiz de prásios e amethistas.

Ha em Veneza um quadro, em que se vê São Marcos  
 Das nuvens irromper, para salvar das chammas  
 Um pobre escravo, nú. que entre abobadas e arcos  
 Candentes, treme e alonga as mãos ao juiz e ás damas,  
 Piedade aos corações e aos olhos implorando.  
 Nisto o riço segur, erguido sobre o escravo,  
 Biparte-se. No azul, passa o sol, derramando  
 Na toga de ouro fluido o amplo cabelo flavo.  
 A alma de Tintureto, alma quente e sonora,  
 Na tela reproduz, em tintas multicores,  
 O milagre que assombra e a todos apavora,  
 Entre gemidos, heus, lagrimas e estertores...  
 As couraças de ferro, as dalmaticas brancas,  
 As cimitarras de aço, á luz secca e polida;  
 Os fogosos coreeis, encolhidos nas ancas,  
 Com plumas de avestruz sobre a cabeça erguida.  
 Tudo ondula e flammeja... Após, o escravo estende  
 As mãos ao céu, e chora... E S. Marcos, ferindo  
 O espaço, como um anjo, ao firmamento ascende,  
 A parelha de sóes do coche astral pungindo.

Teus olhos são assim. Quando as chammas cruentas  
 De meus ais minha carne e minh'alma torturam;  
 Quando as chispas do incendio, ávidas e sangrentas,  
 Como presas de lobo, assanhadas, procuram  
 Morder-me o coração, cheio da tua imagem,

Teu olhar me apparece, e da fogueira brota  
Um brando arroio, a escoar-se em limpida paysagem,  
— Recordação, talvez, de uma patria remota.

Nunca de uma palheta ou de um verso sombrio  
Caio sobre um painel, que o mar calçou de abrolhos,  
Uma esphera mais alta, um inverno mais frio  
Do que o inverno que cáe da esphera de teus olhos.  
Por isso, elles, o Averno execrando em que habito,  
Gelam — anfracto a anfracto — os pendores da serra,  
E não podem ouvir o estertor de meu grito,  
Porque elles, como o céu, estão longe da terra.

## Resposta do violino

Sua voz parecia uma arvore frondosa,  
Subindo para o céu carregada de ninhos,  
Enamorados, como a alma de Cimarosa.

Em noites de verão, cheias de borborinhos,  
Arrulavam no azul espiritual dos sonhos  
Pela relva macia e glauca dos caminhos...

Macerados fakirs, corybautes risonhos,  
Gemiam-lhe na voz, vibravam-lhe na arcada,  
Entre rulos gazis e canticos tristonhos.

Como a agua de Damasco, alegre e perfumada,  
A cascata dos sons jorrava em chilos de ouro,  
Com as virações do Sul, na noite embalsamada.

O Libano, banhado em lágrimas, ao chôro  
Do divino instrumento, o ouvido, attentamente,  
Aguçava, e, de longe, acompanhava o côro.

Os cedros, embuçando o torso viridente  
No copado burel das folhas, suspirosos,  
Quedavam, a esental-o, á margem da corrente...

Uma vegetação de templos fulgurosos  
Repontava-lhe em ais das comprimidas cordas,  
Como a vegetação dos rios caudalosos.

Approximei-me, então, das soluçantes bordas  
Desse oceano e clamei: "Não vês que com teus gritos,  
Revolto mar, tritões e nayades acordas?"

Não vês dentro dos seus compridos sambenitos  
Sinistros jacobeus, allucinando tudo,  
Entre velhos muphtis e tulapões malditos?

Não vês vultos de emirs, de turbante e de escudo,  
Empunhando yatagans, galopando ginetes  
Do rythmo grave ao rythmo estrepitante e agudo?

Não vês, banzo, um kalifa ao pé dos galhardetes  
De myrrha e cinamomo, o narghilé fumando,  
E arvores sacudindo os verdes capacetes?

Não vês o Oriente em peso e as palmeiras calando  
A viseira, e o Sahil com as tranças desgrenhadas,  
Quando passa o tufão de teu arco, ullulando?

Não vês que o Ganges vem com as ondas encrespadas  
Sandar o novo deus, explodindo do lotus  
Ou de um lyrio do Hedjaz, gorgeado de baladas?

Por que has de, genio errante, os sonhos mais remotos  
Em minh'alma acordar — sombrio cemiterio  
De atras recordações, de epitaphios ignotos?

Por que vens animar as ruinas de um imperio  
Decrepito e amontoar montanhas e montanhas  
De lagrimas no humbral do meu solar funereo?"

Contraveio o instrumento: "Arde em minhas entranhas  
O fogo das paixões, o estridor dos embates,  
Que, em vão, por verde atalho, insensato, acompanhas.

E, após, o impeto, o fumo e o sangue dos combates,  
Eil-o, o Hermon a exalçar a alma de Cesaréa  
E Babylonia aos pés dos magicos do Euphrates!...

A's vezes, no silencio absoluto, a epopéa  
Grega, jocosamente inflamma o firmamento,  
E esporeia o corsel, como Penthesaléa.

A alma genial de Gluck — sarça em chammas, que o vento  
Impetuosamente accommette e fustiga,  
Sorri no meu clamor, brilha no meu lamento.

Bellini, a soluçar — harpa que o incendio abriga, —  
Arborizou, tambem, de supplicas o solo  
Do arco que a escura terra á Via lactea liga.

No meu carro triumphal percorro, como Apollo,  
Do zodiaco, em fogo, a estrada rutilante,  
As grutas do Darfour, as margens do Pactolo.

E quando ouço gemer algum pastor errante,  
Prendo a minh'alma á sua e acompanho-a na treva,  
Como o clarão do luar a sombra do viajante.

Se passo, á noite, o monte as mãos de pedra eleva,  
Na attitude de um monge, ao amplo céu profundo  
E exclama: "A' propria pedra o teu soluço enleva!"

Como sei encordoar as lagrimas do mundo  
Para dellas fazer um solo ou uma volata,  
— Hóstia que a Arte confere ao genio moribundo! —

Em ridentes festões meu arco se desata,  
Mal me accende no seio as notas em repouso,  
Mal as faço jorrar em rôlos de cascata.

Do amor, ainda no berço — o rio harmonioso —  
Levo-o a cantar, por entre arbustos e collinas,  
Ao valle azul que fica entre a esperanza e o gozo...

De agua fresca e sonora as fontes argentinas  
Destas cordas estão profusamente cheias  
Para desalterar as noivas e as campinas.

Risonhas, á flor d'agua, agrupam-se as sereias,  
Quando, ó lua, os sertões e os monolithos douras,  
Placida, chuchurreando o favo das colmeias...

Nuvens de aragarys, rebanhos de pastoras,  
Vêm beber nesta lympha e vogar neste oceano,  
As velas enfunando ás finas tranças louras.

E, se, acaso, vão ter juntos ao mesmo engano,  
Que ineffavel prazer, que amorosa loucura,  
Lhes não dou a provar, á hora do desengano!

Sou, finalmente, peeta, o allivio na amargura,  
O queixume no riso, o riso no queixume,  
Se á grande dor da estrophe outra dor se mistura.

Sou Romeu — a paixã; sou Othelo — o ciume,  
O grande astro que sobe ao céu tragico, e volta  
Para no caule haurir a essencia do perfume.

Se meu arco flammeja, a colera e a revolta  
Flammejam no painel, e bimbalham no verso,  
— Canzoada de Hacteon pela floresta solta!...”

.....

E calou-se o instrumento. Havia no ar disperso,  
Um olor de canção sob um luar de piedade.  
Por que partes, clamei, deixando no Universo  
Essa Niobe afflicta, a quem chamam saudade?...

## Volta ao Eremiterio

Aves do bosque, ouvi-me. Ouvi-me, claras fontes,  
 Beirando a relva fresca, as balsaminas calmas,  
     Embuçadas no seu gabão de espumas.  
 Arvores virginaes, pendei as vossas frentes,  
 Soltae o vosso canto, abri as vossas almas,  
     Sob estas frias e alvacentas brumas.

Ella não veio ainda ao jardim de meus beijos.  
 Casta e meiga, com o olhar e as mãos cheias de estrellas,  
     Ouvir do arroio a voz tímida e mésta...  
 Não veio, Eros, ainda entre aromas e harpejos,  
 Constellar o caminho e espantar as gazellas,  
     Tontas de somno, em meio da floresta.

Chusmas de aves que o vento arremessa, cantando,  
 Ao céu sereno e escampo, o seu nome psalmeiam  
     Numa linguagem perfumosa e quente.  
 E, ferindo a amplidão num surto, largo e brando,  
 As sete letras de ouro ao espaço encadeiam,  
     Como um feixe de raios do nascente.

Arreminado e crespo, o oceano escuta-os, e olha  
 A amplidão que se arqueia, o vento que lhe assanha  
     Os vagalhões de feia catadura...  
 Mas, ao ouvir-lhe o nome, em mimos se desfolha  
 E agrilhôa-o, a cantar, á alheta da montanha  
     E aos rudos hombros de apartada lura.

Por estes valles, onde a luz se desenrola  
 Em fulvos e triumphaes gonfalões desfraldados,  
     A éloga virgiliana chilra e esvoaça...  
 Perto, solemnemente, um rio as ondas rola,  
 Reflectindo na areia os membros abrazados,  
     Pelos rombos da liquida couraça.

E, gottejando suor, a toda á brida, vejo  
 Um ginete veloz atravessar o espaço,  
 A' garupa levando um cavalleiro.  
 E exclamo: "Esse corse! de fogo é como o beijo  
 Que percorre, nitrindo, a curva de seu braço,  
 Abandonado sobre o travesseiro.

Ah! pudesse amarral-a ás roseas de meu verso,  
 E o comoro de gelo aquecer com meus cantos,  
 E com meu sangue — caudaloso rio!...  
 Pudesse abrir-lhe o peito e mostrar-lhe o universo,  
 Para onde vão meus ais, para onde vão meus prantos.  
 — Nevoeiros do inverno em pleno estio! —

O sangrento pincel de Ticiano, ferindo  
 A ampla tela, onde, nús e ensanguentados, gritam  
 Os valles e as montanhas de Lepanto;  
 As violetas gemendo, as magnolias sorrindo,  
 Todos os corações que, em silencio, palpitam  
 No velho alcaçar lugubre do pranto;

Os remoques de Falstaff, as duvidas de Hamleto,  
 As ternuras de Ovidio, as caricias de Horacio,  
 Tudo nesta paysagem se reflecte.  
 E o meu beijo atravessa o seu cabello preto,  
 Cemo o heroe de Balbec o parque de um palacio,  
 Ao galope do tartaro ginete.

A agua estremece, o azul palpita, os remos gemem,  
 Quando soletro, á noite, o teu nome querido  
 E lhes fallo da tua indiferença.  
 Se me queixo de ti, todas as folhas tremem,  
 E sae de cada mouta um profundo gemido,  
 E do arvoredado uma tristeza immensa!

Ah! meu unico amor, balsamo que ambiciono  
 A tanta dor, a tanta illusão desfolhada,  
 Antes do outono, em plena primavera,  
 Como pedir um sonho á alma que não tem somno?  
 Como pedir asylo á cupola gelada,  
 E luz, quando só tem ossos a esphera?

Sim, voltarei, de novo, estatua, ao meu retiro,  
Ao silencio feral do antigo eremiterio,

    Onde tu, velho sol, trillando, pousas.

Não sei que odor de morte ha neste ar que respiro!  
Engulhos de sepulchro, ascuas de cemiterio,

    Escorrem dos cyprestes e das lousas!

Vamos, esquece a dor, espera-nos a ermida  
Branca, no alto de um monte arborisado e fresco,

    Cheio de aves, de flores e de ninhos.

E ouvirás, de manhã, no meio da avenida,  
Um canticó de amor, terno e cavalheiresco,

    Rouxinolado pelos passarinhos.

## Ao pessimista Apemanto

Astro, vive em teu céu; alma, vive em teu fosso.  
Anda, busca outro rumo; anda, busca outro norte,  
Razão, atrás de um deus; mastim, atrás de um osso,  
Que vos lançou, passando, a bacchanal da Morte.

In-sensatos, que o sol julgaes reter nos braços,  
Miseros, que correis em torno dos cyprestes,  
Porque cegaes, fitando, a luz destes espaços,  
E entre as covas rasgaes as funerarias vestes?

Apemanto, que côr tem a tua ironia?  
Que rictus tem o cahos, que rosto tem a sêde?  
Com que brocha de lama hei de sujar o dia?  
Com que mão hei de dar a esmola a quem m'a pede?

Para onde vão a terra e os seculos poeirentos,  
Este vozeiro, esta ancia, estes espectros torvos,  
As covas, em repouso, os mares somnolentos  
Pela praia a grasnar — negros bandos de corvos?

Gelarão os vulcões, dormirão as crateras;  
Os sepulchros, por fim, sorrirão como bocceas,  
E do amago do solo e do alto das espheras,  
Virão gemer e rir as Julietas loucas.

Solennes, tua mão e tua catadura,  
Velho e triste Apemanto, hão de sahir da lousa,  
E assim que apparecer a colossal figura  
Do limbo, onde a miseria universal repousa,

Velho e triste Apemanto, ao céu dirás: Que importa  
Ao verme — o pó, á dor — o grito, á entranha — o lodo,  
Se a fé, com o perpassar dos tempos, está morta  
E a religião do amor, esquecida de todo?

E o pranto escorrerá pelas gretas da lagem,  
Porque não morre o amor e a mulher não se esquece.  
Ah! não se apaga n'alma a derradeira imagem  
Do derradeiro olhar, da derradeira prece.

Ouve, dir-te-hei, então, velho e podre Apemanto:  
"O esqueleto que amei, hei de amar em segredo;  
Pertence-lhe esta flor, pertence-lhe este pranto,  
E o meu crime, maior que o crime de Manfredo..."

Esquecel-a, jamais. Nas sombras de minh'alma  
Nunca se ha de extinguir a dolorosa chaga,  
Que me faz caminhar, sem repouso e sem calma,  
Como na selva o luar, como no oceano a vaga.

Pulverise-se a luz, que é a esperança da terra...  
Viva sempre será a estrella tresmalhada,  
Que, comnosco subindo ao planalto da serra,  
Nos disse: "Eil-o, afinal, o termo da jornada."

Esperança — illusão — com que ardor te abenço!  
Dorme sobre este chão, sonha sobre esta alfombra.  
Sabes tão bem voar... dirige, pois, teu vôo  
Para o meu coração de phantasma e de sombra.

## Pallas

Devastar! Devastar! E' a senha, é o moto. Arrastas  
As almas, ainda em flor, ao luto e ao desespero.  
Um vozeiro infernal enche as planicies vastas...  
E' o banquete de Turno, o festim do entrevero.

Intermino escaleiro as sombras vão descendo,  
Tragicas, aos maineis soturnos agarradas.  
Não ha castigo, não, para o teu crime horrendo,  
Nem dique a contrapor ás tuas enxurradas.

Quanta allucinação nesses ossarios frios!  
Com Attila e Genserico os povos ajoelhados  
Lança-os de escantilhão pelos covões sombrios,  
Como bando de cães ou leva de forçados.

Tua consciencia, cega ao seu proprio contacto,  
Allucina-te e faz de cada anjo um tyranno!  
Que morticinio, aqui, neste pequeno trato,  
Que hecatombe, acolá, na imprecação do oceano!

A onda que se approxima, espantada recua:  
A treva faz-se branca, a aurora faz-se preta,  
E a mão que as flores planta e ergue no espaço a luz,  
E as esferas sustêm, e arrebatá o cometa,  
Pela amplidão sem fim, esconde-se entre as brumas,  
Mergulha como o sol na escuridão immensa,  
Se a alma te vem á bocca em gorgolões de espumas  
E num candente obuz teu riso se condensa.

Andromacha pranteia o esposo que roubaste:  
Vejo em torno de Troya Heitor nú e em pedaços.  
Da framea o ferro, em riste, em seu flanco enterraste,  
E as rodas de teu carro esmagaram-lhe os braços.

Deusa! Quem te amassou em fumo e em sangue o peito?  
 Quem te orchestrou a voz de clarins e tambores  
 E a frente e as mãos e o olhar, de relampagos feito,  
 Armou de batalhões torvos e ameaçadores?  
 O odio que em teu punhal cyclopico flammeja,  
 Não attinge em seu surto olympico a alma humana.  
 Como um globo inflammado o seu olhar lampeja  
 No azul de onde ella sae, no azul onde ella plana...  
 Em chispas infernaes saltam-lhe da pupilla  
 Sobre o mar, a rugir, na crista dos escolhos,  
 Essa hallucinação — Mario, esse raio — Seylla.

Ha serpes em teus pés, ha gryphos em teus olhos.

A manhã que desponta, a orvalhada que desce;  
 As rosas que abrem, rindo, as boccas purpurinas;  
 O valle que palpita, o gnomo que estremece,  
 Como um rei voluptuoso, á noite, entre as boninas;  
 A noiva que o seu noivo entre os braços aperta,  
 E beija-lhe o cabello e as mãos e a frente e a bocca;  
 A abobada estrellada, a campina deserta;  
 A alma de Hecuba, a errar em torno de Illion, louca,  
 A ouvir o ritintim dos capacetes de ouro,  
 Dos piques, dos corceis, ajaezados de ferro;  
 Brados de imprecação, longo e sentido choro,  
 Que a voz triste do mar levou de cerro em cerro;  
 Tudo isto e o vento e a poeira e os seculos e o grito  
 Que vem de geração em geração ecoando,  
 Repete, com terror, o teu nome maldito,  
 Repete, com terror, o teu nome execrando.

Teu ginete veloz vai de um mundo a outro mundo:  
 Os cedros collossaes manejas como elavas,  
 E accommettes, de golpe, o inimigo iracundo,  
 Em cujo coração os ferreos dentes cravas.  
 Ao teu grito, o tufão mette-se pelas ondas  
 E o oceano aos teus pés ronea e os teus pés beija e affaga.  
 Sondas a morte e a treva, a dor e o crime sondas .  
 No proprio chão que empapa o cruor da veniaga.  
 Onde deixas um rastro uma geração surge  
 De esqueletos senis que olham e gesticulam.  
 Um, contra ti pragueja, outro, grita e se insurge,  
 Uns, arrauham o solo, outros, tombando, ululam!...

Se entre um lance e outro, acaso, a tua voz se cala  
 E' que sinistramente outro Clotario incubas.  
 De subito, teu nome ecôa e se propala  
 Pronunciado por mais de tres milhões de tubas!...  
 Agora mesmo escuto, aterrado, o galope  
 De teu negro corcel pelo horizonte escuro!...  
 Rasga como um punhal teu olho de cyclope  
 O azul, e vens dar leis outra vez ao futuro.  
 Tomam um outro aspecto o Somme, o Mosa, o Loira,  
 Ruge o Rhodano, ao longe, e do Occidente a estrella  
 Se obumbra. Um clarão fulvo os altos cumes doira:  
 Treme o solo, o Ebro fuma, o Weser se encapella!...  
 Estendes sobre a Europa — antiga hecatonshira —  
 Teus braços collossaes que vão do sul ao norte,  
 E com a pata revel o teu cavallo atira  
 Tragicos esquadrões, hordas de homens á morte.

Sim, é mister tolher-te o impeto. Acaso tentas  
 Vencer a lei, arpoar o sol, domar o vento?  
 Em que Moral, responde, o teu Direito assentas?  
 E' moral conquistar á forga o pensamento?  
 Não te basta Tolbiac, Beaugé que o fogo assanha?  
 O tumulo a grasnar como um corvo; a espingarda  
 A dar ordens a Deus na sua lingua estranha;  
 A luz ensanguentada, o urso dentro da farda?  
 Não te basta o massacre e o seu festim diabolico.  
 A Gallia sob os pés de um titan esmagada?  
 Pedro, Carlos, Felipe — esse mocho catholico —  
 E a aguiá da França, altiva, em Sedan deshonrada?

Queres que a noite, então, venha cahir, de novo  
 Sobre Paris, que a lei mude outra vez de rumo?  
 Queres erguer um povo em frente de outro povo,  
 E soprar sobre a Europa ondas negras de fumo?

Queres, deusa do Herebo, insaciavel, rompendo  
 Homens, a monte, ao longe, erguer teu solio immundo,  
 E desencadeando o teu cortejo horrendo  
 De coleras cobrir de exercitos o mundo?

Queres uma floresta, em que as arvores sejam  
 Feitas de dez milhões de mortos e feridos,  
 E que os ventos do sul, que as suas franças beijam,  
 Vendo-a, á noite, a sangrar, fujam espavoridos?

Queres representar a tragica epopéa,  
 Dando causa a que o sol de broqueis cubra a terra,  
 E que a America seja uma immensa platéa,  
 A Europa — o paleo, e o drama — o morticinio, a guerra?

Queres tu mesma ser autor, drama e scenario?  
 — Resurgir o Rosbac, vestir Blenheim de luto?  
 Que a arrogancia de Krupp falle alto no plenario,  
 E o fuzil Chassepot, de minuto em minuto,  
 Diga á França o que pensa e á Allemanha o que sente?

Raiva, cheia de sombra, odio, cheio de sangue,  
 Teu officio é matar, fria e estupidamente.  
 A Prussia tombará desaustinada e exangue!...  
 Ainda é cedo demais para que a Moral suba,  
 E para que o Direito á força substitua:  
 O que sae da razão, vem a guerra e derruba...  
 Pois se na propria paz a guerra tumultua!

Vê se aclimas na Europa os campos da Pharsalia.  
 De Sancho e Childebrando a façanha renova.  
 Vê se o Sarah quer vir dar um passeio á Italia...  
 Abre uma cova e a Hespanha enterra nessa cova.

Roma, Vienna ou Berlin... Que te custa rehavel-as?  
 Não te faltam razões e tens de sobra astucia:  
 Um só dos teus dragões basta para abatel-as!  
 Se está cheio o celeiro, é devastar a Russia.  
 Em torrentes de fogo a terra muda, cava  
 Um Danubio infernal dos Pyrinicus ao Ganges;  
 Põe em sitio Aragão, e em ferros Calatrava.  
 Faz do Senna e do Rheno uma selva de alfanges.  
 Guerra no Guadarrama, ao longo do Arno — guerra!  
 Que o velho canibal de Roma reapareça!  
 E' preciso mudar a orbita da terra,  
 E da França cortar novamente a cabeça!...

Loucura! Ha de ser sempre a França a mesma França,  
 Como o oceano ha de ser eternamente o oceano,  
 Tendo o mundo suspenso ou da penna ou da lança,  
 Penna para o poleá, lança para o tyranno.

## Vingança de Sileno

Era Sileno um bebedo de chapa...  
Todos os dias uma carraspana...  
Os demais deuses vinham, de socapa,  
Espial-o. As caçadoras de Diana,  
Pé ante pé. risonhas, de arco e flecha,  
Pintavam-n'ò de verde ou de encarnado.  
No nariz enfiavam-lhe uma mecha,  
E ferravam-lhe a sola do calçado,  
Os egyptans, marotos e roliços.  
Davam-lhe piparotes na barriga;  
E armados de corymbos e canhões,  
Punham-lhe aos chifres pampanos e ortiga.  
E o pobre velho. — aio de Baccho, — posto  
Que embriagado, não perdia o tento;  
Fechava os olhos e tapava o rosto,  
Sem se escamar com tanto atrevimento.

Era um pagode! Toda a selva ouvia,  
Rindo, o que, a rir, os egyptans faziam.  
Egle, de verdes parras o envolvia.  
E, beliscando-o, os satyros feriam  
Do semi-deus a pelle cabelluda.  
Rorejada de perolas de orvalho,  
Uma ondina de face rechonchuda,  
Escondida entre os ramos de um carvalho,  
A longa trança sobre o collo esparsa,  
Atirava-lhe seixos á cabeça.  
Jupiter vinha em fórma de uma garça  
Beijar dessa amadryade travessa.  
— Egle — os dous seios rijos e macios...  
Depois, de novo, sacudindo a pluma,  
Subia ás nuvens ou deseia aos rios,  
Brilhando ao sol, como uma grande espuma...

Porém o velho satyro que, ás tontas,  
 Os archadicos bosques perlustrava,  
 Jurou que havia de ajustar as contas  
 Com a deusa que aos demais avantajava  
 No remoque, no chiste e na pilheria.  
 Disse Sileno: "Hei de vingár-me d'ella;  
 Finge-se bôa, finge-se de séria,  
 Para, depois, com geito e com cautela.  
 Armar-me heroe de rabo e de chavelhos.  
 Hei de vingár-me dessa creatura  
 Que tem nos olhos, — como dois espelhos, —  
 Muita maldade e muita formosura."  
 Tinha um nome entre os deuses respeitavel  
 Esse de Baccho astuto companheiro.  
 Para as mulheres era desfructavel,  
 Mas, nas cousas de amor, bom conselheiro.

E o que é verdade é que Sileno esteve,  
 Sem beber oito dias, — fio a fio! —  
 Passava horas e horas sob a neve,  
 Ou sob o sol, á margem de algum rio,  
 A imaginar como vingár aquillo  
 Que elle chamava uma immoralidade.  
 Acontecia que era um seu pupilo.  
 Lindo, inconstante, e ainda no albor da idade,  
 Namorado da moça, que o prendera  
 Em cadeias de lyrios e de parras.  
 Por isso o velho satyro entendera  
 Que o melhor meio de lhe pôr as garras,  
 Era, escondido, entre os sarcaes, espial-a,  
 Seguil-a mesmo, até que, emfim, pudesse  
 Com o namorado librico encontral-a  
 Sob as videiras ou por entre a messe.

Noite e dia, espreitou-os. — "Por acaso  
 Será mentira o que me disse Baccho,  
 Que aquella flôr tem Philamon por vaso?  
 Ou esconde-se dentro de um buraco  
 De modo que ninguém encontrar possa,  
 Sob um toldo odorifero de rosas,  
 Um lindo moço de uma linda moça.  
 Beijando as tenras carnes voluptuosas?"  
 Assim pensava o deus, quando, uma tarde,  
 Os vio, juntos, á beira de um regato.

— “Porque relutas? Em teus olhos arde  
 Extranho lume... Ali, naquelle matto,  
 Cheio de aves, de insectos e de ninhos,  
 Ainda ha lugar, lyrio formoso e puro,  
 Para mais um casal de passarinhos...  
 Vê como a agua deslisa... o matto é escuro...  
 O sandalo percorre aquellas grotas,  
 Como uma nuvem de ouro um céu de estio,  
 Ou o eysne as aguas múrmuras do Eurotas...  
 Escutarás o vago murmurio  
 De aragens frescas, como ventarolas,  
 Pelos crespos anneis do teu cabelo.  
 Hão de entreabrir as lubricas corollas,  
 Vendo-te o corpo sumptuoso e bello,  
 Os cravos, rubros como a tua bocca...  
 Deixa cahir a trança sobre o peito,  
 E, amorosa e divina e ardente e louca,  
 Rola em meus braços como sobre um leito.”  
 Foi pouco a pouco a dryade cedendo...  
 No seu olhar boiava um fluido de ouro...

.....

Sileno, aos dois o plano percebendo,  
 Tomou, rapido, a fórma de um besouro,  
 E segredou não sei o que ás flores  
 E aos satyros deitados pela relva.  
 — “Olha, dizia a deusa: são traidores  
 Os mais ermos recantos desta selva...”  
 — “Não tenhas medo, meu amor, descansa!  
 Por mais espertos que os silenos sejam,  
 Nem de leve terão a desconfiança,  
 De que meus labios os teus labios beijam...  
 Quanto mais que possuo este innocente  
 Corpo, que é o frasco do mais fino extracto!  
 O que fizemos hão de ver sómente  
 Este bosque, esta sombra e este regato.”

— Psiu! — fez o astuto satyro, encolhido  
 Entre umas sebes, aos seus companheiros.  
 Não se escutava nem um só ruido  
 Pelos retorsos verdes castanheiros...  
 E, enquanto os dois, entrelaçados, viam  
 Sómente a agua correr, o bosque e a sombra,

E as folhas os seus beijos recolhiam  
Na amolecida e murmurosa alfombra,  
Sileno foi se collocar defronte  
Dos dois amantes, mudos e enlaçados...  
A noite já descia do horizonte,  
E os rouxinões, nos ninhos debruçados,  
As divinas gargantas afinavam.  
Rosas tremiam como seios de aves.  
E os seus perfumes se desenrolavam  
Pelas copadas, rumorosas naves.

— “Quem vos permittiu essas confianças?”  
Disse o deus malicioso aos dois fedelhos...  
“Nós, velhos, tambem rimos das crianças,  
Quando as crianças riem-se dos velhos.”

Foge o moço... ella quer fugir, não póde...  
Corando, exclama: “Que loucura aquella!”  
E chora, ao ver que estão, por traz do bode,  
Satyros, flores, tudo a rir-se della!

## Pergunta da sombra

Eis-me só. Palpo em torno... Escuridão, mais nada!...

Nem um éco responde

A's perguntas que faço aos combros desta estrada,  
Sobre a qual abre o céu a constellada fronde.

Agua não ha que baste á minha sêde ardente,  
Fogo não ha que aqueça os astros entanguidos.  
Ai! pobre sombra! os teus labios, unicamente,  
Têm por agua e por fogo os proprios ais doridos!

Ponho as mãos numa flor, e no calice aberto,  
Fica das minhas mãos crucificada a imagem.

E no espaço deserto

O sangue que deixou um astro na passagem!

Esse sangue gotteja em minha espadua núa,  
E pragueja depois pela bocca das chagas;  
E, aos magotes, a rir, bailam no hallo da lua,  
Carnavalescos djins, pesadellos zanagas.

Monstros vis, que acompanho e estrangulo em meus dedos,

Mostrando-vos o peito,

Deixai dormir em paz estes velhos rochedos  
E este ascoroso verme encolhido em meu leito.

Verme, verme, como eu! Sou-lhe igual no destino,

O seu nada me iguala.

Ai! quando beijo a terra, algido e resupino,  
Um halito corrupto e podre a terra exhala.

Nem sei quem fui. Talvez, um poeta, em cuja rima  
Veio sonhar Shakspeare, veio gemer Catulo.  
Mas vi que a minha dor era uma pantomima,  
Como os hymnos de Orpheu e os versos de Tibulo.

Galrejavam-me á estrophe os soes adolescentes:  
Depois, pul-a a meu geito e enchia-a de soluços.  
E, com a minha vergonha e com as minhas correntes,  
Arrastei-me de bruços.

Pobre de mim! Viajei pela terra deserta,  
Sem ninguem ao meu lado.  
O mar disse-me: “Vem!” A alma disse-me: “Alerta!”  
E fiquei entre o mar e a minh'alma parado.

Quiz ter fé e rezei, mas na minha consciencia,  
Alguem veio chasquear e rir dessa fraqueza,  
Sem que eu visse, apesar de uma longa indigencia,  
Que uma oração é sempre uma arma de defesa.

Ccm que odio, com que horror encarei este mundo!  
Enojei-me de tudo,  
Por ver andar ao léo o pudor moribundo,  
— Soubrette de comedia e hoplómacho de entrudo!

No porta-voz do verso aos homens disse: “Ouvi-me.  
Homens ha, como vós, que estão morrendo á fome.  
Evitae mais um crime,  
Que a penitenciaria archive mais um nome.”

Ninguem me respondeu, ninguem me abriu a porta!  
A piedade encerrou-se  
Na mudez tumular desta cidade morta,  
Como se a exhortação a peste negra fosse!

Homens sem coração, fechai os vossos lares.  
Vosso opimo jantar é um farto cevadouro.  
Ponde embargos ao sol, ponde em sequestro os mares:  
Não achaes que o sel vale algumas moedas de ouro?...

## Roda de Ixion

Estava a contemplar ás margens do Chebar,  
Quando uma voz ouvi, sob o céu abrazado:  
“Vamos gemer, vamos chorar,  
Filho da terra amaldiçoado.”

Essa voz era como um turbilhão de lodo,  
Esse grito era como um rio nauseabundo.  
Ah! meu estro, a carpir, foi de Exodo em Exodo,  
E o coração de mundo em mundo...

Ezechiel! Ezechiel! Anjo ou demonio, aos pés  
Desta cruz me prosterno, eu seismador tristonho.  
Dôres, minhas irmãs; remorsos, meus galés,  
Deixai-me em paz, eu soffro... eu sonho...

Deixai-me em paz com os meus tormentos,  
Tal como sou, sombrio, horrivel, miserando;  
Que valem os meus soffrimentos,  
Se as larvas estão rindo e os tumulos cantando?!

Job, — faço tudo rir, mesmo o que nunca ri:  
O cypreste, o epitaphio, o verme, a sepultura;  
Tasso, em cuja alma triste a minh'alma entrevi  
Nos estos da paixão, nos gritos da loucura.

E tu, Cassandra, e tu, Electra desgrenhada,  
— Anthros escuros e insondaveis,  
Vossas lamentações são uma gargalhada  
Aos meus ouvidos implacaveis.

Debalde! Enquanto Dante ou Shakspeare a amplidão  
Do poema e da tragedia, immensos, perlustravam,  
O verme rastejava, e, em plena podridão,  
Funambulescamente os corvos crocitavam.

Aguia de Patmos, — S. João — pedreiro de assombros, —  
Aguia de Harbourg — Luthero — algoz buffo e sublime —  
Que, em vez da cruz, levas a picareta aos hombros,  
— Com que argilla amassaes vosso divino crime?

Biblia — bocca onde estão cem vozes a rugir,  
Cem rictus a fazer o mesmo esgar de mofa;  
Deixa-me rir, deixa-me rir,  
Como Aretino, enquanto Hamleto philosopha.

Deixa-me rir, Edipo, ensanguentado e roto,  
Deixa-me rir, que tenho fome;  
Meu pequeno batel navega sem piloto,  
Sem que ninguem saiba o seu nome.

Oh! divino Petrarcha — ilha casta do amor —  
Adormecida em seu caramanchel de rimas,  
Que os valles e os vergeis, em flor,  
Com suavissimo threno, alentas e reanimas,

Poetas ha, cuja sorte é errar a vida toda  
Por caminhos sem luz, por terras inclementes,  
Movendo como Ixion a roda  
Do proprio coração, atado com serpentes.

## Morte da flôr

Nasceu junto á uma fonte e, ao fio d'agua,  
Deitou dous verdes braços perfumados...  
Naquelle tempo não subia a magua  
Do coração aos olhos desolados.

Era o tempo feliz da mocidade,  
Quando o céu de aureas brumas se apainela,  
Quando a mão de ardilosa divindade,  
Num mesmo engaste, prende a sombra e a estrella.

Era o tempo em que a avó recita ao neto  
A poesia balsâmica da prece,  
E ralha, se elle corre atraz do insecto,  
Que, aos pomares, em flor, zumbindo, desce.

Era o tempo em que os ternos gaturamos,  
Andam nas selvas a tecer os ninhos,  
E as patativas cantam pelos ramos,  
E as juritys debicam nos caminhos.

Era o tempo da fé e da esperança,  
Dos arreboes dourados e risonhos,  
Em que começa n'alma da criança  
A florescencia dos primeiros sonhos...

Creceu a flor... A jardineira vinha  
Regal-a, á tarde, e quando amanhecia;  
E acariciava-a como a uma irmãinha,  
Que a gatinhar apenas principia.

Com receio do sol, trouxe-a num vaso  
De porcellana para a sua alcova,  
E, contemplando, á tarde, a sombra e o Occaso,  
A' flor dizia: "Não faz mal que chova!"

Que tem que o inverno as madresilvas creste,  
 Que a neve embrulhe num sudario as rochas,  
 Se o meu halito as petalas te veste,  
 E, grata aos meus desvelos, desabrochas?

Scismas, e o vago olor de tua seisma  
 Paira no azul sereno e constellado,  
 E vês a lua e o sol por outro prisma  
 Mais transparente e mais illuminado."

E a flor ouvia, entreacordada, a incauta  
 E ingenua voz da pallida senhora,  
 Que tinha o som mavioso de uma flauta  
 E o fulgor indeciso de uma aurora.

Com que prazer dormia-lhe na palma  
 Da mão a debil flor de niveo calix!  
 E com que graça e amor bebia-lhe a alma,  
 Como se fôra o mel dos frescos valles!

Toda a alcova da moça estava cheia  
 Do olor que um leito de mulher exhala;  
 Que é cotovia, e entre os lençoes papeia,  
 Que é dulia, e o culto da paixão trescala.

Parecia que a flor e a moça tinham  
 Um mesmo pensamento e um mesmo anhelos,  
 E um mesmo aroma que ellas só continham:  
 Uma no calix, outra no cabelo.

As illusões, porém, bem pouco duram...  
 As manhãs de ouro, as tardes côr de rosa,  
 E as visões, que á volupia se misturam,  
 Deixam depressa a idade venturosa.

Por isso a quadra da felicidade  
 Da flor passou, tambem, rapida e leve,  
 E grasnou numa lagrima a saudade,  
 Como um corvo nun tumulo de neve.

Já não sorria a flor como sorria,  
 E nem tão perfumosa se mostrava;  
 Em que deserto, em que monotonia,  
 Seu coração de flor agora andava ?

“Ingrata!” Murmurava, a sós, num canto  
 Da alcova. “Ingrata!” E a luz do luar entrando,  
 Ao vel-a, assim, toda banhada em pranto,  
 Enxugava-lhe as lagrimas, chorando.

Foi longa essa agonia... A todo o instante  
 O azul do lago vinha-lhe á lembrança.  
 Ella subia em seismas ao Levante  
 E remontava aos tempos de criança.

“A infancia, a viração dobrando as flores  
 Nas tardes longas e crepusculares,  
 E as ondas, segredando os seus amores  
 Na interminavel amplidão dos mares!”

E a veiga, e a encosta, e a cithara argentina,  
 Do luar, no bosque, das estrellas, n’agua;  
 E hoje a terra do exilio, que confina  
 Com o paiz do tumulo e da magua!”

Alma sem pouso, prematuramente  
 Colhida no punhal de acerbo espinho,  
 Porque não te ajoelhas como um crente,  
 Na cathedral de penas de teu ninho?

O sol, havia já transposto o Occaso...  
 E, quando o luar abriu da alcova a porta,  
 Em vez de achar a flor e achar o vaso,  
 Viu, num caixão, uma criança morta!...

A alma é o vaso da creença, convertida  
 Em funereo caixão, como o da planta:  
 Cada esperança morta é uma ferida,  
 Onde a saudade geme e o verso canta.

## Passaio ao bambual

E' uma alameda extensa, onde a sombra gorgeia  
Pelo bico dos seus sabiás e gaturamos...  
Saltam constellações dos cômoros de areia,  
E escassilhos de sol das flores e dos ramos...

Um regato coleia a um canto e ri de tudo!  
— De uma penna que cae, de um colibri que passa,  
E no humido tapiz de seda e de veludo  
Dythirambos de fogo o astro do dia traça.

Da araponga estridente o grito agudo e aceiro  
Rompe do bambual a cupula dourada,  
E eu euído ver passar um principe guerreiro  
Num ginete da Uckrania, á toda a disparada.

Ao clarear do dia, á beira dos caminhos,  
Pelo glauco rumor das folhagens do estio,  
Quando o sol tem ainda a frescura dos linhos,  
A innocencia de um anjo, o marulho de um rio,

Levo-a pela cintura ao logar mais remoto  
Da nossa habitação para beijal-a a gosto,  
E o beijo que lhe dou, mais puro do que o loto,  
Fica por muito tempo a lhe cantar no rosto.

No arrequife de uma haste a imagem lhe penduro;  
Solto-lhe a trança á espadua, aperto-a contra o seio,  
E mostro-lhe no céu o arco-iris do futuro,  
Onde seu casto nome em sete côres leio.

Com que amor, com que febre, allucinada e louca,  
Eu lhe não traço em sonho a imagem vaporosa,  
E o mysterioso olhar, e a pequenina bocca,  
Entre raios de sol e petalas de rosa.

Que ineffavel angustia, orvalha-me a existencia  
Se a conchego, de manso, á curva de meu braço,  
— Ella — o extracto mais puro, ella — a mais pura essencia,  
De quantas, de manhã, vêm perfumar o espaço.

O coração lhe bate acceleradamente,  
Quando lhe ponho á carne um mundo de desejos,  
E faço deslizar-lhe, ao lume da corrente,  
Meu garboso batel de rimas e de beijos...

Passam-lhe pela voz patativas cantando,  
Como por uma longa e sombria alameda,  
E o vinho que ella tem na pelle circulando  
E' vinho que não mata, apenas embebeda...

Quando o sol se recolhe, ensanguentando a terra,  
Como uma adarga antiga ás mãos de um ginetario.  
Quando — polvo de fogo — o Poente envolve a serra,  
E sobe uma oração no fumo do santuario,

Abotoando a minh'alma a um só dos seus desvellos,  
Subo dos sonhos a alta e fulva escadaria,  
E beijando a nudez aos seus negros cabellos,  
Vejo o dia nascer á hora em que morre o dia.

Que delicia cruel, que magua apeteçida  
Ha na morte de amor, morte que nos conforta!  
De que nos serve a luz, de que nos serve a vida,  
Quando o corpo é o caixão de uma alma que está morta?

## Veneza

Eil-a sobre o canal de São Marcos sonhando...  
O mar lhe beija os pés, o céu lhe beija a fronte,  
Não sei que inquieto e vago arrulho balbuciando.

Brunindo de ouro e prata as cryptas do horizonte  
No seu igneo pavez o sol se abroquelando,  
Rasga com a lança em riste o pincaro do monte.

No velho coração de pedra da esculptura  
O plinto ainda soluça, o cinzel ainda grava  
Uma nova paixão, uma nova tortura.

A gondola fluctua... a onda chorosa e flava  
Uma canção de amor pelos canaes murmura,  
Ora, como uma deusa, ora, como uma escrava.

Forçam a pedra, á luz dos candelabros de ouro,  
A janella ogival, os balcões bysantinos,  
E suspenso ao trifolio, um mysterioso côro

Imita a ondulação dos quebros femininos.  
Quem me dera, Veneza, o teu cabelo louro  
Guirlandar com meus ais, incender com meus beijos!

Quem me dera lançar, á estrophe que palpita,  
O carinhoso arfar das tuas brandas aguas,  
Onde minh'alma paira, onde meu sonho habita.

Quem me dera, ao queimor astral de accesas fraguas,  
Numa gondola, ver a amplidão infinita,  
Pesada de astros, como um coração de maguas!...

E contemplar de perto a flor de Sansovino,  
As estatuas calcando os pedestaes polidos,  
E fazendo gemer o bronze florentino.

Bergo de Tintureto e Ticiano, attrahidos  
Pela mesma visào, pelo mesmo destino,  
Seus dois rudes pinceis gemem com os teus gemidos...

Cresces a cada passo, a cada passo estrellas  
De batalhas navaes, de estandartes fluctuantes  
O feroz boqueirão dos arcos e das telas.

A tinta cose á nuca a espadua dos gigantes,  
E nos fustes de pedra e no alto das janellas  
Agitam-se, febris, madonas palpitantes...

Numa furia pagã a nudez alardeia  
A alma de Pordenona, o genio de Ticiano,  
Sobre cujo planalto a abobada se arqueia,

Sobre cujo sopé vem desabar o oceano,  
Ajoujado ao tufão, que estoura e curveteia,  
Ferrando os mares como as garras de um milhano.

Dobradas pelo vento, agitam-se as paysagens,  
A' luz do sol que bate em chapa sobre as naves  
E sobre os mausoléos gothicos das imagens...

Reina uma eterna paz naquelles doges graves,  
Fechados no seu somno e nas suas roupagens,  
Sem ouvir o rumor dos homens e das aves.

O doge Morosini alli sonha, alli dorme,  
Entre arcos ogivae e capiteis de acantho,  
Numa attitude rija, em seu esquite enorme...

Na morte não ha dor, na morte não ha pranto,  
E nem vem visitar o doge a mumia informe  
Da duvida, que gera o nosso proprio espanto.

Anjos nús no balcão das telas se debruçam.  
Na arcaria, que estúa, as mulheres formosas,  
Com os olhos no céu, ajoelham-se e soluçam...

E os louros cherubins e as flores caprichosas,  
Levam a mão ao rosto e os ouvidos aguçam,  
Quando passam, rezando, as santas vaporosas...

Sonha a pedra alli dentro; o festão lagrimeja;  
Palpita a arcada, pulsa o coração da ogiva,  
Onde uma dor antiga ainda soluça e arqueja.

A arte o mysterio augmenta, a arte a paixão aviva,  
E o torso que ella toca, e o rosto que ella beija,  
Toma um geito melhor, toma uma côr mais viva.

Veneza, em cujo seio o amor esvoaça e pouosa,  
Veneza, em cujo olhar a fé psalmeia e reza,  
De teu somno profundo acordar-te quem ousa?

Ah! loucura suprema! Ah! suprema tristeza!  
Eu que trago, tambem mortos sob esta lousa,  
— O coração, — não durmo e nem sonho, Veneza!

E nem hei de dormir ao pé das ondas mansas,  
E nem hei de sonhar ao pé dos velhos doges,  
No esquite onde fechei as minhas esperanças.

Que tem, alma infeliz, que á duvida te arrojes  
Com as tuas paixões, com as tuas lembranças,  
Quando, fria e cobarde, ante os meus gritos foges?

Que tem descer á cova e apalpar-lhe o mysterio?  
Que tem sentir na lingua a passada do verme.  
— Solitario que vai para o seu presbyterio?

Que tem que a morte gele e descore a epiderme,  
Se a vida tambem é um grande cemiterio,  
Onde o homem vai cahir desamparado e inerme?...

Ah! pudesse eu dormir, esquecido de tudo  
E acompanhar da morte o cortejo sombrio  
Das janellas de seus dois olhos de velludo!...

Qu'importa que o paiz da morte seja frio,  
Que a marujada vá por esse Oceano mudo  
Dentro do seu terror e do seu calefrio?

Aquella que guardei nas sombras de minh'alma,  
Como guardas, Veneza, os monumentos d'arte,  
As estatuas de Rizzo entre os frescos de Palma,

Mal desfraldara o dia o ignivomo estandarte,  
Desprendeu-se do caule e foi, por noite calma,  
Perfumar outro valle, esplender n'outra parte.

Tudo azul... Que alvoroço anda pelo arvoredó,  
Que em novos laços cai, e em nōvas chammas arde!...  
Resistir, como Eudoro, á tentação, é cedo!...  
O pégo, como Leandro, arremetter, é tarde!...



SEGUNDA PARTE



## Tristeza do Chãos

### 1

Tudo estava deserto! O mar não era o mar.  
Via-se o tenebroso estúpido a espreitar  
Uma materia informe, amontoada a um canto  
Do infinito. O Euphrom sonhava, o atro Erymantho  
Onde o lendario heróe o javali matou,  
E de onde a luz, mais tarde, impetuosa, brotou  
Como brota um corymbo astral no firmamento,  
Era um negro titan deitado e somnolento.  
Não rolava no azul o carro de Nemrod,  
Nem ninguem tinha visto a escada de Jacob.  
Treva massiça, larga, hediondamente extranha,  
Erguendo uma montanha ao pé de outra montanha.  
O Chãos só pronunciava esta palavra — Luz!  
Ah! não podia mais! Tres milhões de annos sobre  
Os seus olhos de mocho e os seus hombros de cobre!  
Era muito. No espaço, ás vezes, um clarão  
Multiplicava o horror á sua situação.

Ser o prisioneiro e ser o calabouço,  
O lodo a patinhar o seu tedio-colosso!  
Que esteril existencia a existencia do Chãos,  
Sem Sépher e sem Job. — sem os bons, sem os máos!

“Quando me transformar n’um sol ou n’uma estrella;  
Quando passar correndo em fórma de gazella;  
Quando a tarde descer, quando a noite subir  
Ao céu, abrindo o olhar como um cofre de Ophir;  
Quando o homem segredar á mulher: — Dá-me um beijo!  
E, excitando-a a beijal-o, acordar-lhe o desejo;  
Quando voejar, sereno, o passaro no azul,  
E abrir-se o calix como um leito de Stambul,  
E a todos elles vier o colibri inquieto  
— Lindo principe da India ao serralho secreto;

Quando se transformar a perola em mulher  
 E a estrella da manhã em lyrio ou rosicler;  
 Quando o sol lhe enflorar á cabeça a grinalda  
 De noiva, e entre um sorriso e um beijo, fôr á espalda  
 Do monte os bogarys e as rosas perfumar,  
 E entre os plátanos rir, e entre os colmos cantar,  
 Doudo, como a paixão, sonoro, como um rio;  
 Quando nos corações houver o murmurio,  
 Indistincto do aroma, em languida espiral,  
 A subir para um céu, em tudo ao céu igual;  
 Quando gorgear no bosque a calhandra amorosa,  
 E a vaga responder, monotona e queixosa,  
 E ficar junto a um leito, extatico e febril,  
 Como o terno pastor á sombra do redil,  
 O noivo, ao contemplar o fino cortinado,  
 Dentro do qual está o seu amor deitado;  
 Ah! quando a luz disser á treva muda: — Vem!  
 Tu vaes ser minha irmã, tu vaes ser luz tambem;  
 Quando surgir o sol no infinito profundo,  
 Como um besante antigo, a rutilar n'um fundo  
 Azul; e a creancinha e o insecto e a planta e a voz,  
 Que, ao sahir dos salões, possa entrar no cadoz,  
 Olharem-se a sorrir, cheio o labio de beijos,  
 De caricias subtis de incognitos desejos.  
 Como os que a chamma empresta á nayade, a cantar,  
 Loura rival da estrella, alva emula do luar;  
 Quando nascer tudo isto, e a sementeira de ouro  
 Dos thesouros, sem fim, fôr o maior thesouro;  
 Quando a maré subir, quando a maré deseer,  
 E a aguia planar no Poente e o bolido correr,  
 O Cháos abjecto, o Cháos dannoso, o Cháos enorme,  
 Alma desordenada, alma bastarda e informe,  
 Perguntará, mudado em aves e em lacráos:  
 “Porventura, Senhor, deixei eu de ser Cháos?”

E calou-se. No vacuo a sua voz perdeu-se,  
 E a deserta prisão, novamente moveu-se,  
 Como se n'esse mar de lama um furacão  
 Estertorasse. O que hoje é bloco e irradiação  
 Teve no ar silencioso um estremeimento...  
 Pela primeira vez, dentro do firmamento,  
 O Cháos vio com terror uma sombra passar,  
 E as montanhas do céu sem esforço galgar...

“Então não sou eu só que este tumulo habito,  
 Absoluto como eu e como eu infinito?!...  
 Haverá outro ser, igualmente immortal,  
 No desorganizado e no descommunal?”

Era para elle — Nada — um pesadello horrivel  
 Haver passos na treva e um ruido no intangivel.  
 Quiz erguer a cabeça e o archanjo surprehender,  
 Rutilar a pupila em face desse ser.  
 Debalde! Seu olhar ficou como o de um morto,  
 Seus membros, sem acção, seu pensamento, aborto!...  
 Que tortura infernal, que anciedade cruel  
 Ouvir e não saber quem pisava o cairel  
 Do abysmo, de onde elle era o unico prisioneiro!  
 “Quem será este deus impavido e guerreiro  
 Que uma tal noite enfrenta, e, calmo, sem ninguem,  
 Vae pelo espaço fóra a procurar alguem  
 Com quem troque um sorriso ou um golpe de espada?  
 De que ferro será feita essa arma sagraua,  
 E o broquel e a armadura e o terrivel morrião?  
 De que antro sahiria esse centurião,  
 Esse outro cháos, essa outra espadua moveção  
 Que de rochedos e de dedalos se erriga?!”

## II

Das trevas, de repente, um espectro sahiu.  
 — Flamivolo avejão, a abobada invadiu,  
 E um rumor semelhante a um estrangulamento  
 De trovões, todo o nada, abalou, n’um momento!  
 E o seu verbo cahiu na entranha universal,  
 Como uma pedra cae dentro de um lodaçal.  
 Tremulo, o Cháos torceu-se em direcções oppostas;  
 Vergaram, como um vime, os morros e as encostas;  
 E o demonio, depois, rasgando o negro véu,  
 Fechou na envergadura a abobada do céu...

Dilacerando o dorso asperrimo da noite,  
 Como se ás mãos de ferro atros dragões zurzisse,  
 Com os rodicios cruéis de sibilante açoite,  
 Atropeladamente estas palavras disse:

“Cháoz — tuberculo onde arde um fogo occulto, cresce,  
Desaggrega, confunde, alastra-te, subjuga.  
Sobe, como o perfume, ou, como o raio, desce;  
Desenfrêa o tufão e do sopé á juga

O amavio letal da loucura semêa  
Com a duvida, a inclemencia, a inconstancia, o desejo  
De ser lemure e sol, montanha e grão de areia,  
— Beijo que apodreceu ao calor de outro beijo.

Crêa o mal, crêa o bem — esses dois gladiadores —  
Disputando na arena a palma da victoria,  
Ambos com a sua fé, ambos com os seus amores,  
Suas noites de insomniã e seus sonhos de gloria.

Crucifica o que é puro e o que é probo apunhala!  
Resolve pelo alfange os mais altos problemas;  
Faze d’alma uma campa e da campa uma vala,  
Onde a chamma se apague e brotem os systemas.

A intelligencia aguça e o fraco ou o nescio explora.  
Põe de pé o que é falso e a verdade suffoca,  
E tapa com a treva o resplendor da aurora,  
Como a cegueira o olhar, como a mordação a bocca.

Quando desabrochar a flôr na haste inclinada,  
Quando der a mulher á luz, profana-as logo,  
E faze que ella fuja, afflicta e desvairada,  
Como se a devorasse um coração de fogo.

Crêa a lagrima e a crença, a calhandra e a panthera,  
O homem para ter outro homem acorrentado,  
O homem, que, pertencendo a uma tão alta esphera,  
Ha de ser, como eu fui, por um monstro gerado.

A idéa! apupa-a ou insulta-a, e não te esqueças nunca  
De crear o falcão, a serpe, o Tartaro, o Orco.  
Que Henrique Oitavo afie a sua garra adunca  
E Pantagruel entulhe o seu ventre de porco.

Carregarás o amor, como pesado fardo,  
 Por elle subirás a um madeiro funesto,  
 E rolarás, por fim, n'um chão de saibro e cardo,  
 A's garras de Vanozza ou de Alexandre Sexto.

A innocencia, a brincar, entrega á sanha e ao saque;  
 Assombra com teu vão alarido os penhascos.  
 E ao ouvir o estridor da abalada e do ataque,  
 Ri como um fauno, atrôa o Olympo com teus chascos.

Perplexo ouviu-o o cháos com redobrado anceio;  
 De que estertor sahira essa Sybilla insana,  
 Que um sol tragico e negro illuminava em cheio,  
 Na aterradora noite antidiluviana?

Depois, descommunal, das narinas lançando  
 Um furacão de fogo e enxofre, o archanjo riu-se,  
 E de um ponto a outro ponto estrepitante, voando,  
 N'uma caliginosa esplanada sumiu-se...

### III

Seculos mil volven o Cháos sobre si mesmo,  
 Como um cetáceo fosmeo e excêntrico. De longe  
 Em longe, vinha um ruido a esse terreno sermo,  
 Escuro como a treva ou a loba de um monge.

Porém do seio frio e secular do limbo  
 Lentamente surgiu — translucido velillo —  
 Envolvendo uma esphera, agarrada a um corymbo,  
 Tenue restea de luz de frouxo e escasso brilho.

Tinha lançado o Cháos o seu primeiro feto.  
 A vida ia crescer, augmentar, ser mais bella...  
 Quem diria que era isto a irradiação do preto,  
 E que um pingo de lama ia tornar-se estrella?

Quem poderia, emfim, calcular que essa massa,  
 A entulhar o infinito, ia ser mundo um dia?  
 E que é mais linda a flôr que um ventre de carcassa  
 Esverdeado serviu de vaso e de enxertia?!

Não havia fugir. A Biblia estava escripta;  
 O mal, que era uma parte, ia tornar-se o todo,  
 E mil braços lançar nessa rota infinita,  
 Que era feita de luz misturada com lodo.

Tudo se fez então, — o Outomno e a Primavera,  
 A flôr e o rato, a neve e o sol, o limpo e o immundo,  
 A entanha que sáe d'agua, o astro que sáe da esphera,  
 E o Oceano — a velha arteria illaqueada do Mundo.

Da fauce hiante do Cháos voaram enxames de aves,  
 E, enlaçada em painéis festivos, a materia,  
 Embaixo, abriu-se em váos, alou-se, em cima, em naves,  
 Em perfumes, em sons, em luz floral e etherea.

A serpente silvou, vendo a mulher no berço,  
 E o Cháos, feito ave e ninho e estrella e flôr mimosa,  
 Disse: “Tu causarás a ruina do Universo,  
 Tu que és, a um tempo, aroma, ave, ninho, astro e rosa!”

Fez-se moça a creança. Em lumaréos, em torno,  
 Entre roscas de incenso, inflou-se-lhe a vaidade:  
 Um divino furor abraçou-lhe o contorno,  
 Um íncubo maldito hauriu-lhe a virgindade.

Puzeram-lhe depois oleo na trança de ouro,  
 E o punhal de Marozia ao pé do escapulario:  
 Neptuno a quiz fazer dona do seu thesouro  
 E do seu coração desordenado e vario.

Sonora, derivava a musica dos beijos.  
 Sob verdes docéis, n'um arraial em festa.  
 Que graça no pisar, que enlevo nos harpejos,  
 De sonhos constellando a campina e a floresta!

Cada ser que a encontrava, olhava-a com surpresa,  
 Quer fosse a larva immunda ou a vaga queixosa;  
 E, absorta, murmurava, ao vel-a. a Natureza:  
 — Tu, só tu, és gentil, tu. só tu, és formosa!

## IV

Alargaram-se mais os círculos da vida.  
A harpa vibrou, a voz cantou. A luz erguida,  
Como um pavilhão d' aço ao tópe das ameias,  
Ia desde a alma humana ás densas nuvens cheias  
Ou de sol ou de chuva. A lagrima revia  
Do mysterio que sae da aza de uma elegia.  
Começou-se a crear. O homem tudo tentava  
Sem reservas. Seu largo espirito espalhava  
Idéas sobre o livro e trigo sobre os campos...  
Fluctuavam no azul tendas de pyrilampos;  
Sereias sobre a vaga e pennas sobre os ninhos.  
Ao clarear do dia, iam os passarinhos  
Pelos valles afóra... Amanhecia tudo.  
Começou a fallar aquillo que era mudo.  
Era o Hekla um cochim de flores, o Arno um fio  
De ouro; junto á montanha havia sempre um rio  
Para matar-lhe a sêde ou recolher-lhe a chamma.  
A panthera feroz parecia uma dama.  
Vinham brincar com ella o homem e as borboletas,  
Poetas, a recitar estrophes de outros poetas  
No azul, no bosque, embaixo, em cima, longe ou perto,  
Na relva do sopé, no oasis do deserto,  
N'uma nesga de luar ou nas ramagens do olmo,  
Numa torre de Mecca ou debaixo de um colmo.  
Resplandecia o sol como um medalhão de ouro.  
Ouvia-se no Epiro um mysterioso côro  
Contando á natureza a sua propria historia.  
Lia-se em cada folha esta dedicatória:  
"A' mulher, á innocencia, á candura. á belleza."  
E a mulher repetia, extatica e surpresa,  
O que escrevia o loxio ou soletrava a rosa.  
A concha vinha á praia alva, incauta, harmoniosa,  
Como a alga vem á tona e o riso vem á bocca.  
Que loucura feliz, que monodia louca,  
Sussurrava na selva e ia boiando na onda!  
Um beijo só valia o dobro de Golconda.  
Cada orchidea construía uma Alhambra no calix...  
Que barulho no céu, que alegria nos valles!  
Fez-se um templo onde o rio e o lago e o freixo e a messe  
Ia deixar cada um o obulo de uma prece.

## V

Porém, um dia, ao som de mil clarins e tubas,  
 Os leões do deserto erigiram as jubas.  
 Pela primeira vez rugiu a fera, enquanto  
 A noite apparecia orvalhada de pranto.  
 Precipitou-se do alto a avalanche. Dir-se-hia  
 Que a flecha de Ahriman a abobada fendia,  
 E que um fulvo esquadrão de relampagos dava  
 Assalto ao céu. Medonha e inopinada, uivava  
 A tempestade, e, os cães desatrelando, abriu  
 Caminho pelo monte e pelo alveo do rio.  
 No seu carro Nemrod deu o signal de ataque.  
 E depois de vencer, disse: "Trovões, ao saque!"  
 Como ovelhas, fugia o rebanho dos astros,  
 Deixando pelo azul ensanguentados rastros.  
 Nemrod era o demonio em forma de guerreiro.  
 E ao pé da sua clava era o carvalho um vime;  
 Montava o hyppocentauro e dizia: "De crime  
 E chammias foi que se fez o meu corpo immenso."  
 A ursa dava-lhe o leite, a aguia dava-lhe o incenso.  
 Tinha os braços do polvo e o olhar da hecatonshira.  
 Com tres annos um leão d'África dividira  
 Em dois pedaços! — Rei — dilatara os dominios  
 Pelo fragoso Egypto em fóra... Seus triclinios  
 Mediam talvez mais que todo o Oceano Atlantico!  
 Uma noite, sorrindo, imaginára um cantico  
 Que abafasse o Sirôco e o Pampeiro reunidos,  
 Da Gorgona o tropel, do Cyclope os rugidos!  
 E só por isso andou correndo o mundo todo  
 Sem nunca achar no mundo um cantico a seu modo.

Da flecha e da armadura herculea desse bruto  
 Foi que se fez a guerra, o saque, o incendio, o luto.  
 Desde então começou a tragedia sombria,  
 — Este nevoeiro eterno, esta monotonia;  
 Esta dôr torturada, ignobil, vil, tremenda.  
 Que é toda a nossa historia e toda a nossa lenda.  
 Casuistica irrisoria! O homem foi de uma em uma,  
 — No arneiro, grão a grão, no Oceano, espuma a espuma,  
 Julgando encontrar Deus! O' loucura sem nome  
 Que quasi sempre acaba ou na doença ou na fome!  
 Cavou, febril, o ideal, em direcções diversas,  
 Pensando achar no céu Babylonias submersas.

Fez-se rei, fez-se mocho, aguia, leão, verme, besta.  
 Muitas vezes correu com dois cornos na testa  
 Atraz de uma esperança ou de uma femea ao cio...  
 Passou do arabe ao grasno e do sanscrito ao mio;  
 Ornejou como o burro e fugiu como a corça;  
 E essa estrellá de argilla — a mulher — quiz á força  
 Pôr na esphera onde coaxa a rã e a treva pare.  
 E disse: “A vida é um trem e a consciencia uma gare.”  
 Pôz em cima a Babel, pôz em baixo o serrallo.  
 Depois de trabalhar muito, fez o cascalho,  
 E proclamou do dogma hieratico a excellencia.  
 Violentou a floresta e enforcou a innocencia,  
 Como uma coisa má. ou como um Judas réles.  
 Forrou de seda o leito e o assoalho de pelles;  
 Fez cantatas á lua e estribilhos á Venus.  
 “Nada como o calor de dous olhos serenos!”  
 Disse o biltre: e creou o enxurro e a prostituta.  
 Inventou para bem da humanidade a luta,  
 — Janus bifronte, negro Esaú, Thor maldito!  
 E, depois de escrever que o sol era um mosquito,  
 Gritou: o kraken deu hoje á luz o concilio!  
 Mercadejou a fé, o leito e o domicilio.  
 Para mostrar que o tigre era bom, fez Tiberio,  
 Pôz-lhe garras nas mãos e offereceu-lhe o imperio.  
 Quiz pintar de vermelho o firmamento todo;  
 Fez imprimir que Deus tinha ficado doudo;  
 Que a baleia no ventre um propheta hospedara,  
 E que um soldado um dia ao sol dissera: “PÁRA!”  
 Inventou o demonio, e, emfim, o que é verdade  
 E' que o mal foi crescendo e encheu a immensidade!...

## VI

Chãos! surda convulsão, desde a brisa irrequieta  
 Até Caiphaz — o abutre, até Shakspeare — o genio!  
 A materia do globo está por dentro preta,  
 E a massa espirital contém Shylock e Menenio!  
 Cyro — o sabre que tem por bainha — Cambyses,  
 Serve, ás vezes, de penna a Homero e a Hesiodo;  
 E, acaso, não terão identicas raizes  
 O Gandjur e o Coran, o Zend'Avesta e o Exodo?  
 Essa agglomeração de cinzas e de raças

Que produz? a verdade? o justo? o bello? — Nada.  
 Porque esse turbilhão de lanças e couraças,  
 E sobre um hypogôo a Morte debruçada?  
 Um caminho vae ter, d'este lado, ao Eleuses;  
 Do outro, ao Calvario. Qual dos dois é preferivel?  
 Onde a materia humana acaba? onde a dos deuses  
 Começa? De que limo espurio do intangivel  
 Deriva a fonte ideal do amôr, do amôr que occulta  
 Um veneno subtil, a matar lentamente?...  
 Em dogmas a consciencia esteve e está sepulta...  
 A onda sussurra, a noite escuta o dia ausente...  
 Aqui, a lei feroz jorra das mãos de bronze  
 De Dracon; o erro parte, a sombra cresce e augmenta...  
 Ali, Saúl e Omar. além, Cosmo e Luiz XI,  
 Que mais sangue e mais fel ao Oceano accrescenta.  
 O que a razão absolve, o Synodo condemna.  
 Luthero e Galilêo, Huss e Savonarola  
 Passam, calmos no azul, jungidos a uma pena,  
 Enquanto um Czar qualquer a terra infesta e assola.  
 Triste pagina é essa onde um luar de sangue  
 Dos braços de uma cruz desce como um sorriso,  
 E onde a irradiação de um corpo inerme e exangue  
 Cae sobre os lyrios, como um rúbido graniso...  
 Porque sempre o animal sobre o homem palimpsesto?  
 Porque um berço no Nilo e um astro nesse berço?  
 E essa visão fallaz de rosto albente e mesto,  
 A emigrar de manhã de um para outro universo?  
 Onde começa o amor, onde a paixão começa?  
 Que incessante loucura é essa que nos invade  
 A alma e que de carpir e de chorar não cessa  
 Sobre as desillusões da nossa mocidade?  
 Accumular a bruma, — eis o que o homem tem feito.  
 Quantas vezes, na Terra, o dogma — esse intestino —  
 Tem servido de esterco á Moral e ao Direito.  
 E viajado o condor, sem rumo e sem destino?  
 Quantas vezes, tambem, as linguas não têm sido  
 Confundidas, e o olhar, e a voz, e a prece, e o incenso,  
 E o que parece vir de um peito dolorido  
 Amortalhado a fé, como um sudario immenso?  
 E a mulher que nos vende o halito, a bocca e o seio,  
 Porque a pelle de jaspe ha de cobrir de espinhos?  
 E' um copo o seu beijo e esse copo está cheio  
 De um vinho que nos faz esquecer outros vinhos!

E porque ha de depois recordar-se, saudosa,  
 N'uma alcova sem luz, dentro d'agua odorante,  
 Como os suspiros de uma aria de Cimarosa,  
 As palavras que ouviu do seu primeiro amante?

## VII

Tudo é pó, tudo é pó! A alma é um ossario preto  
 Que o sabio attento observa. E esse aposento escuro  
 Onde se vê luzir um phantastico objecto,  
 E onde está a razão como pregada a um muro,  
 Sem coisa alguma ver do que se passa fóra,  
 Esse aposento escuro és tu, ó consciencia!  
 O occaso sáe do occaso, a aurora sáe da aurora;  
 Cada um delles conhece a sua procedencia.  
 Mas tu, aguia, que tens por preceptor um mocho,  
 Dize-me, de onde veio a abobada profunda?  
 Apparelha a razão, que é o teu asno côxo  
 E em pratos limpos põe toda essa barafunda.  
 A mesma confusão em tudo! O mesmo grito  
 Na floresta e na voz humana exhausta e triste.  
 O infinito a recuar sempre para o infinito  
 A esta interrogação: "Alguma coisa existe?"  
 Homem! Vaes como Hamleto errar pelos caminhos  
 Da vida, interrogando o que ella propria exprime.  
 E ficas contemplando, absorto, os passarinhos  
 Em cujo canto a dôr fatal se embebe e imprime.  
 E perguntas, depois, cheio de um vago espanto:  
 "Será real o que ouço ou uma illusão do ouvido?"  
 E mudo e solitario, escutas esse canto  
 Na floresta sem fim das duvidas perdido.

Corolla que se expande, haste que o vento embala,  
 Que tortura infernal vos punge e dilacera?  
 Porque sobre o teu seio a lagrima resvala  
 E teu aroma, flôr, sangrando, se exulcera?  
 Porque trazemos nós, n'alma sombria e absorta,  
 A dôr como uma chaga e a fé como um cauterio,  
 E sentimos que a vida é essa lagôa morta,  
 Onde se não encontra agua, nem refrigerio?  
 Meus olhos, com terror, vêm desfilar a immensa  
 Cáfila de hístriões, de hórridos malfeitores.  
 A cerração tornou-se ainda mais fria e densa:  
 Laceram-na a metralha e os rufos dos tambores!...

## VIII

Foi então que clamei: O' sol na sombra immerso,  
 Ventos que n'um abraço os oceanos fechaes,  
 Blasphemias que rugis, mares que blasphemaes,  
 Sae o berço da campa ou a campa do berço?

Hypogêos de granito e tumulos marmoreos,  
 Tragicos, praguejando, em meio á escuridão,  
 Sereis, acaso, como um bareo sem timão,  
 Ou o refugio final dos mundos transitorios?

Ossadas que gemeis por um milhão de boccas,  
 Céu que as portas abris, como as de um lupanar,  
 Que havemos de fazer? Sorrir ou soluçar?  
 Que havemos de fazer das nossas almas loucas?

O pó que cobre o globo é o mesmo que nos cobre?  
 Porque o mar lucha e o vento arroja aos vagalhões  
 Quilhas e mastaréos, neves e alluviões.  
 Cujo rude envoltorio um fragil nucleo encobre?

Infinito sombrio! Além desta espelunca,  
 Que premio tem o bem, que punição o mal?"  
 "Qu'importa?" respondeu uma voz sepulchral.  
 E accrescentou: "Dormir, talvez... Reviver... nunca!..."

## Zenobia

Tu, Zenobia infeliz, tu, phantasma da Armenia,  
 Que o inferno uniu no mesmo espanto,  
 Mais tragicos na dôr, talvez, do que Ephigenia,  
 Que um augur transformou em caudaloso pranto,  
 E sobre o altar de um deus, inclemente e refece.  
 Dando-se em holocausto, o braço arrou de Egisto;  
 Oh! sombra de anjo, em cuja aureola resplandece  
 Um luar de amor ainda não visto;  
 A tua contorsão não vale aquelle trismo,  
 Aquelle grito de loucura.  
 Que essa nobre mulher solta á borda do abysmo.  
 Quando um gesto do rei lhe aponta a sepultura,

O' relampagos do Eta, ó forjas de Teutates,  
 Busarenhos do sul e turbilhões do norte,  
 Dizei-me, se houve, acaso, ao fragor dos combates,  
 Morte alguma de heróe grande como esta morte?  
 Misera flôr, exposta ao golpe insano e rude,  
 Misera flôr, que o vento leva!  
 Pede um pouco de céu, dão-lhe um frio ataúde...  
 Pede um pouco de luz, dão-lhe um pouco de treva...  
 Misera flôr, que o vento arranca,  
 Misera flôr, que o vento açouta.  
 Entre os goivos, tão triste, entre as ecens, tão branca,  
 Se a aragem roga e affaga a constellada mouta.  
 Pavorosa visão, que espectaculo torvo,  
 Ver sobre o respaldar do leito.  
 Do seu leito real, empoleirado um corvo.  
 Inexoravelmente a lacerar-lhe o peito!

"Zenobia!" diz o mar, "Zenobia!" diz o vento.  
 — Fragil barco a fugir sobre a onda encapelada,  
 Levando o coração cruento  
 A' esteira do batel, como uma alga enroscada...  
 "Zenobia!" diz o rei, "Zenobia!" diz o alfange,  
 Ao rasgar-lhe do seio as carnes sumptuosas.  
 Vibra o regio instrumento, a augusta lyra tange,  
 Accorda o bosque, accorda a gruta, accorda as rosas.

Ao crebo arfar dos rôfos mares  
Longas nenias cantae, turbilhonantes mundos,  
Sobre esses lumarêus, sobre essas preamares  
De Apocalypses infecundos.  
Contorcei-vos, vulcões, cavae, cavae, coveiro  
De Babylonias debochadas,  
De Balbecks, de Tibours, pelo despenhadeiro  
Das bacchanaes precipitadas.  
Torres, templos, krenlins, pelo sol abrasados,  
Colyseus que o cháos lança á pedra estarecida,  
Espiritoz reveis, em montes transformados,  
Em nossos corações sangra a mesma ferida!...

Porque hade essa mulher, em cujo olhar perpassa  
Toda a tragedia do suicidio,  
Arrastar noite e dia a esqualida carcassa  
Pelo ascoroso chão do funebre presidio?...

Prophetas, vosso arauto um deus justo proclama,  
Mas, quando, no alto-mar, a não pomos a rumo,  
O céu azul desfaz-se em lama,  
E o vosso deus desfaz-se em fumo!

## Flôr de Neve

Nem uma só palavra! A tua voz se cala  
Triste como uma monja. O éco da tua falla  
Como a corça ferida ao pé de uma clareira?  
Vem morrer em minh'alma errante e forasteira...  
Porque te calas? Dize. A onda lançada á praia,  
— Onda de um outro mar, — minha estrophe desmaia  
No continente frio e morto de teu seio,  
Onde os meus pobres ais vão commigo a passeio.  
Não vês que est'alma espalha em torno de teu berço  
Canticos e orações que as mil boccas do verso  
Levam ao teu altar altissimo e odorante?  
— Não vês que vae cahir, tremula e agonizante  
Minha vida aos teus pés, quando passas por ella,  
Fragil como uma flôr, casta como uma estrella?  
Desventurado poeta! Em que região sombria  
Nasceu aquella rosa, indifferente e fria,  
Quasi sempre a rezar em seu claustro de neve,  
Ao pé de um velho altar que a luz transpõe, de leve?  
Ah! pudesse levar á raiz dessa planta,  
A' pedra dessa lousa, á imagem dessa santa,  
No oratorio do seu mysterio recolhida,  
Com sacrificio até da minha propria vida,  
O sangue que me inflamma, a febre que me exalta!...  
A montanha que subo é tão longa, é tão alta,  
Que não creio alcançar-lhe o pincaro altaneiro.  
Onde, ajoelhada, vejo, á sombra de um salgueiro,  
Não sei que dolorosa e pungitiva mágua!  
Com soluços na voz e os olhos rasos d'agua,  
Fito, de longe, a tua imagem solitaria.  
Levando ás mãos, suspensa, a tocha funeraria,  
Com que entras pelo meu coração vasto e escuro,  
— Rio em cuja corrente o teu batel procuro.  
Virgem formosa e pura! abre as palpebras frias,  
Como um rico palacio as suas gelosias.  
E deixa-me ficar numa dessas janellas,  
Entre os mortos da terra e o céu cheio de estrellas...

## O Distico de Dante

Basta! esquecida estás, — viva, — morta te vejo!  
 Teu leito é virginal, teu tumulo, impolluto!  
 Mas, ainda, em cada objecto, a tua sombra escuto,  
 E mordo, avidamente, a polpa de teu beijo,  
 Como a um raro, exquisito e saboroso fruto.

Tudo passou... Meus ais, — burgalhões de outro oceano,  
 Não me erriçam a voz, não me espumam á bocca,  
 Explodindo e queimando em um remoinho insano,  
 Como uma tempestade espavorida e rouca,  
 Que espirrasse, a bramir, das forjas de Vulcano.

Tudo passou... No céu os ultimos novellos  
 Da myrra, em que vivi amortalhado, passam...  
 E os meus sonhos de amor, ainda em minh'alma esvoaçam,  
 Num desalinho igual ao dos negros cabellos,  
 Que voluptuosamente os teus hombros abraçam...

O huka real que eu fumava em teus labios ardentes,  
 Como um velho Babou, do alto de uma varanda,  
 Partiu-se, e eil-os por terra os fragmentos candentes...  
 Trescala o olor da tarde; a onda múrmura e branda,  
 Lá retalha na areia as vestes refulgentes.

Quizeste acorrentar-me a um rudo tronco adusto,  
 E o coração, depois, traspassar-m'ò de settas;  
 E, em supplicio mudando a ternura, que affectas,  
 A cinzas reduzir o mysterioso arbusto,  
 Que se estrella em botões nas lagrimas dos poetas.

Com as furias de Macbeth a bocca me coseste,  
 Applicaste-me ao verso um caustico de brazas;  
 E o solo de minh'alma abortou um cypreste,  
 Onde do infesto archanjo as formidandas azas  
 Vão espalhando a morte, a confusão e a peste.

Agitando o penn-baz, acicalando as hachas,  
Os demonios de Avank ouço rugir, na sombra,  
E enquanto o horror me invade e o exercito me assombra,  
Perfida e indifferente, ás tranças entresachas  
Cavatinas de flôr e barulhos de alfombra.

Tu, mais feroz, talvez, que Uheldeda — a sanguinaria, —  
Lanças-me ao coração philtros que o incendio ateiam,  
Hymnos, como o ciunor, que as arvores enleiam,  
No outeiro, em que branqueja a torre solitaria,  
E os arcanos do céu os passaros psalmeiam...

Treguas, deusa cruel! O tragico arrepio  
Que deixou em minh'alma esta febre e este anceo  
E amariçou na selva o barbatão bravio,  
Pareceu-me entrever no aroma e no gorgoeio,  
Que arrufaram, passando, a corrente do rio...

Vês aquella gaivota, ao longe, equilibrada,  
No oceano, que é tão vasto, ella, que é tão pequena?  
Aquella rosa, sobre o caule reclinada,  
E aquelle cravo, e aquella inodora açucena  
Do seu primeiro amôr tão cedo desterrada?

Tudo o que sobe ao céu, tudo o que desce á terra,  
Balbucia-te o nome, e, medroso, o soletra.  
Uma canção ideal repassa-o, letra a letra,  
E a dulia que o repete, e o fremito que o encerra,  
Pouco a pouco, meu corpo e minh'alma penetra.

Ainda julgo que o Styx é a chuva de Janeiro;  
Que é possível, Senhor, dar estio ao inverno,  
Que em seus olhos accende os circulos do inferno,  
E a mão fria do Dan'e, encimando o letreiro  
De um Paraíso vão, de um Purgatorio eterno.

## O Poeta e a Larva

O POETA

Canta, luar da esplanada, antro do coração,  
Enche de lodo e treva esta ultima esperança!...  
Ha preces pelo templo e monstros pelo chão...  
Morto! desce, de novo, ao tumulo e descança.

A LARVA

Descançar! Descançar! Sabes, acaso, poeta,  
Que é o corpo sob a lousa, o deseango do morto?  
A morte é uma prisão, a cova uma calceta.  
Ai! tristes dos que vão ancorar nesse porto.

O POETA

Nem dormir, nem sonhar!... Sobre tanta miseria,  
Essa eterna agonia, esse louco desejo  
De ter chamma no olhar, de ter sangue na arteria,  
E cem vidas, Senhor, para as dar por um beijo.

A LARVA

Vão-se pelo horisonte os olhos rasos d'agua.  
Os pés vacillam... o ar das catacumbas gela.  
O que julgaveis frio, arde como uma fragua  
No effluvio de uma flôr, no raio de uma estrella.

O céu ri do teu rosto, o mar lança a teus pés  
A ironia mais triste, o escorralho mais sujo!  
E tu, mudo phantasma, estarecido. vês  
Na orla do oceano, ao longe, um barco sem marujo.

E' o teu coração que pelas ondas vac,  
 Arrastado ao sabor da procella inclemente...  
 Quantos mundos, aqui, rolando n'um só ai?  
 Quantas almas, ali, gemendo na corrente...

Nem um só tripulante encostado á amurada,...  
 Em torno d'elle o vacuo, em torno d'elle o mar,  
 E enchendo a solidão a lugubre ballada  
 Dos ventos a carpir, das ondas a chorar...

## O POETA

Propheta sepulchral, noctambulo coveiro,  
 Porque ris deste pó, — ventre, talvez, de um astro?  
 Porque hei de ser, depois de morto, um prisioneiro,  
 A fugir de si proprio e de seu proprio rastro?

Porque hei de ir, ó propheta, aturdir com meus males  
 A agua que vai cantando abeberar as plantas?  
 Olha, como tranquilla, anda, através dos valles,  
 Com as virações e o sol, tornando as cousas santas?

Porque hei de, em vão, pedir á multidão festiva  
 O gesto indifferente, o orgulho satisfeito,  
 E ver aos pés do vicio a alma rolar captiva,  
 E no pó do sepulchro o coração desfeito?

Ah! larva immunda e vil, quem te disse que a morte  
 E' o caravançarai ou a succursal da vida,  
 Onde, exhausta, vai ter a funebre cohorte  
 Que blasphemou e riu pouco antes da partida?

Quem te disse que Deus é uma velha placenta  
 Que deu todo o seu sangue á arteria do universo.  
 Que não embala o sol como o pai que acalenta  
 O seu primeiro filho em seu primeiro berço?

## A LARVA

Se assim é, crente, volve ao teu leito e descança.  
 Lodo, — faze-te sol, poeira, — faze-te chamma.  
 Que demencia feliz, conservar a esperanza,  
 Mesmo depois de pó, mesmo depois de lama!...

## Depois do Calvario

Vamos, ainda é pouco! Alarmae-vos, ó serras  
Tristes, ó serras, quasi afogadas na treva!  
Que chamma vos faz ir para essas longes terras,  
Dôr, onde a entryge pia e onde a velhice neva?

Que crucifixo agora o Horto envolve em seus braços?  
Que Horeb ou Nepta de ouro o céu triste reflecte?  
Quem com tanto clamor suja esses velhos paços,  
E o mesmo corpo inerte outra vez acommette?!

Quem, de novo, elabora esse libello horrivel  
E ousa recommençar a tragedia maldita,  
E o sangue derramar de um deus inacessivel  
Ao vagabundo olhar de uma raça proscripta?

Judas? Não. Caifaz? Não. Mesa ou Simão? Tão pouco.  
Porque se veste então de crepe a natureza?  
Parece que anda a rir... a rir... a rir um louco  
Pôr toda a Galiléa attonita e surpresa!...

Ruge a colméa e a fauce hiante dos jaguares  
Tem gritos infantis e mel como a colméa,  
E ouve-se ribombar na solidão dos mares  
A voz que o homem ouviu de joelhos na Judéa.

Oh! colera impudente! oh! insulto sem nome!  
Despedaças aos pés a religião de um povo!  
Então porque tens sêde, então porque tens fome,  
Ousas o mez de Março ensangentar, de novo?!

Homens, a arte é um sacramento, e o Christo, antes de tudo,  
 Como um objecto d'arte aos nossos olhos brilha,  
 Quem se atreve a tocar no que o marmore mudo  
 Guarda, como o pai guarda a honra ou o nome da filha?

Quem, insano, lançára ao chão a estatua pura  
 Que soluça ou sorri na Capella Sixtina?  
 O homem fez a estatuaria, a musica, a pintura,  
 Como Deus fez o rio, a montanha, a campina.

A arte é tudo: — E' um bosque, é um lago, é um campo;  
 — Um sonho virginal, um raiu matutino.  
 Como a estrophe transforma um simples pyrilampo  
 N'um heroe de ballada, ou n'um monstro caprino!

E' a veneziana aberta a espiar para o Oriente,  
 A' espera que elle venha — o sol — dourar os valles;  
 E' a dança em que se estorce a bacchante impudente,  
 Quando Bacco lhe entrega o capitoso calix!

Que iconoclasia ousára arremessar por terra  
 A estatua de Shakspeare? Que ónagro ousára a pata  
 Roçar sequer nesse antro estrellado, que encerra  
 O coração do Vedda, a alma do Maabbarata ?!

Como entrar n'um santuario em que mora o conforto,  
 Com o passo vacillante e o coração exangue,  
 Para ver se ainda sáe da ferida do morto  
 Mais uma gotta só do seu divino sangue?

O homem que assim copia o código das feras,  
 Que babuja, conspueca e apodrece o que toca,  
 Oh! não deve, Senhor, fitar mais as espheras,  
 Nem ter a vossa luz, — a palavra — na bocca.

Sim, alma de Samech, irás de sul a norte,  
 Porque és do fogo eterno a eterna tributaria.  
 Viver? Nunca! Morrer? Nunca, posto que a morte  
 Seja para o culpado outra penitenciaria.

Duendes, em contorsões horriveis despertados,  
 Virão grasnar-te aos pés como aves agoureiras,  
 E as covas abrirão — com os uberes inchados,  
 — Para te amaldiçoar — as boccas das caveiras!...

## Fé... ou treva

Disse o espectro, ao sahir da funebre enxovia:  
 “Ide-vos, gulotões, deixae-me o ventre em paz.  
 Esta adega de pús ficou, por fim, vasia,  
 E em terra, em lama, em pó, em nada se desfaz.

A matilha cruel dos goulos deshumanos  
 Invernou neste albergue esburacado e immundo,  
 E atirava-me á face epithetos profanos,  
 Vorazmente a morder-me o seio nauseabundo.

Estresilhado espectro, hoje vago sem rumo,  
 Por esta en cruzilhada, onde aprendi a amar...  
 Como é pesada e fria esta roupa de fumo,  
 Que me faz de sepulchro em sepulchro ajoelhar!

Quem sou ? poeira. Quem sou ? verme que o verme enfrenta,  
 Chamma celestial, que se fez esqueleto,  
 E que andava a carpir n'uma carne opulenta,  
 Como Heloisa ao pôr do sol no Paraclete.

Onde estaes, illusões, merencorias noviças  
 Do coração humano — o mosteiro do amor?  
 E vós, sonhos da infancia, e vós, dôres submissas,  
 Por impiedosos pés machucados, em flôr?

Para onde foste, sombra errante de outras éras,  
 — Patativa gazil das madrugadas de ouro?  
 Tu, bemfazeja luz, nuncia das primaveras,  
 — Esperança... esperança, enlaçada ao meu chôro?

Minhas irmãs do céu — as estrellas medrosas —  
 Nem uma vez sequer perguntaram por mim.  
 Minhas irmãs da terra — as odorantes rosas —  
 Com receio da irmã, fugiram do jardim.

Ingratas, se uma só dellas morresse, iria  
Noite a noite, rezar, dormir junto ao seu leito,  
E, transida de dôr, sem medo, apertaria  
Ao meu peito febril o seu gelado peito.

Cobre os paços da morte a treva e o esquecimento.  
Quem volve o rosto mais para o sepulchro, quem?  
Se continúa sempre azul o firmamento,  
Se sempre o mesmo aroma o calice contém?

Irrisão, dôr, tormento, ancia desesperada,  
Saber que nos arroja ao mesmo porto a sorte.  
Seja qual fôr o barco — é custosa a jornada...  
Illude-se quem crê que é um descanso a Morte.

## Vamos

Então, dizes que gostas da tranquilla.  
 E perfumosa paz dos bosques... Vamos  
 Portanto, ver o espaço que se anila  
 E ouvir cantar as sylphides nos ramos.  
 Vamos! nada é mais casto que o suspenso  
 E deleitoso thalamo em que habita  
 A densa irial que envolve o flavo incenso  
 Derramado da abobada infinita...

Verás como se enbalam nas ramagens  
 Bellas moças de coifas rutilantes,  
 Senhoras castellãs que os bellos pagens  
 Levam por entre tufos sussurrantes.  
 Verás, furando a lurida espessura  
 Das arvores, o glauco olhar da aurora,  
 E uma loura Diana em miniatura  
 Seguir um cervo pelo bosque afóra...

Tonta do olor em que o vergel se inflamma  
 Sentirás pelo corpo um louco anecio,  
 Um desejo de amar, como uma chamma,  
 A consumir-te, a deleitar-te o seio...  
 Ris?! Mas não sei porque te ris... De certo  
 Julgas que estou brincando?! Experimenta!  
 Vem, apparece no meu lar deserto,  
 Quando desponta alva e sanguinolenta

A aurora, como corsa perseguida  
 Que corre... vôa, fere o espaço e o solo,  
 E vae morrer, tremula e espavorida.  
 Com um dardo, em fogo, traspassado ao collo.  
 Acaso ignoras que esta e phera toda  
 Pódes partir nas duas mãos pequenas?  
 Acaso ignoras que anda a estrella douda  
 Por te ver entre as rosas e as verbenas?

Olha! deixa essa velha que te espreita  
Como um Cerbero, e anda conmigo á balsa,  
Que, para te abraçar, mil braços deita!...  
Anda! a luva de perola descalça.  
Lança ao teu rosto um véu, com geito arruma  
O teu cabelo levemente louro;  
Prende a liga á essa perna que perfuma  
Um sangue ardente como um rio de ouro!...

Verás, deitadas sobre a relva, ouvindo  
As ociosas e estridulas cigarras,  
Raparigas de olhar unctuoso e infindo,  
Coroadas de pampanos e parras.  
Que algazarra de luz nos ramos, quando  
Entrares rindo pela mont' espessa,  
Em grossas vagas no hombro derramando,  
O ouro da tua esplendida cabeça!...

## À uma Créscida

Não me falles de assénonas, nem de urnas.  
 Urnas são estas. Leva-as de caminho,  
 Ou mette-te, em cabello, nestas furnas,  
 Com este alegre e branco desalinho.

Julgas que é só sorrir ou que esta lyra  
 E' só cantares e auroral folguedo,  
 E devo pôr em tudo o que suspira  
 O allegro matinal do passado?...

Não sou o ecco das tuas phantasias,  
 Nem o carmim faceto de teu rosto:  
 Eu me rio das tuas alegrias,  
 Qual te riste jámais do meu desgosto.

E's leviana e fragil, como fôra  
 Créscida — a linda, mas perjura amante.  
 Ella prendera, é certo, á trança loura  
 O coração de Troylus, — palpitante.

Mas, depois, arrastou-o, sem piedade,  
 Aos farilhões de lobrega voragem.  
 Onde, tambem, a nossa mocidade,  
 N'um grito, arremessamos, de passagem.

Tu, como a loura e perfida trojana,  
 Julgaste submetter-me ao teu imperio,  
 E toda a dôr da natureza humana  
 Coar-me nesse amavio deletério.

Eu em cousas de amor sou velho e astuto;  
 Leio-as, emquanto, a custo, deletreias,  
 E, além de tudo, estou affeito ao luto.  
 Aos soluços e ás lagrimas alheias.

Depois que os teus encantos sobalçaram  
E deram-te este esplendido diadem...  
Teus olhos formosíssimos cuidaram  
Que um plectro ativo, como o meu, se algema.  
Não são de charra estirpe esses vassallos.  
Que apregoaram ao sol os teus primores.  
Se julgas novamente atormentar-os  
Com mimos e sorrisos seductores,

Enganas-te, voraz serpente, ao fogo  
De mil amores, lubricos, caldeada.  
Se, ebrio ou martyr, lancei minh'alma ao jogo  
Do tufão e da vaga encapellada,

Hoje, saudoso, volto ao lar querido,  
E beijo o minho que meu estro inflamma,  
E o coração, em nevoas envolvido,  
Pelo da minha filha se derrama...

Não sou incauta mariposa afflicta  
Que o teu clarão seduz e attráe, de longe.  
Nem o espirito gasto que se agita  
Na funeraria cógula de um monge.

Dos residuos do crime praticado  
Nasce agora a palmeira da esperanza;  
E vou subindo ao páramo estrellado  
Pelos olhos e a voz de uma creança...

## A minha irman

Alma de luz no calice de um lírio,  
 Fragil, mimosa, transparente e pura,  
 Velando sempre ao pé do meu martyrio,  
 A vêr se abranda a minha desventura!  
 Como te quero! como est'alma aneia  
 Por te guiar os passos indecisos!  
 Quando sorris, meu coração receia  
 Que se desfolhe algum dos teus sorrisos.

Tão debil és, que a propria luz que trazes  
 Parece as tuas azas molestar.  
 E, com tocar a flôr, de leve, fazes,  
 Antes de tempo, a flôr desabrochar...  
 A tua vida é um santuario cheio  
 De santos, de missaes e de oblações,  
 Em cujo altar um dia um poeta veio  
 Offerecer as suas orações:

— Doces reminiscencias do passado,  
 Na caçoula da fé que incende o Occaso,  
 Dourando um arrebol, quasi apagado,  
 E umas ruinas de flôr, quasi sem vaso!  
 Ouves trilar, em côro, as aves calmas,  
 E eu ouço, ao longe, o prácebo dos mortos.  
 Que contraste entre as nossas duas almas:  
 N'uma — confortos, n'outra — desconfortos!

Aplacas o clamor das ventanias  
 E perfumas as sombras dos paineis,  
 Transformando em divinas harmonias  
 O que derramo em lagrimas cruéis.  
 Echas ao sol a lucida corolla,  
 — Lírio, cuja raiz é a propria luz —  
 E vaes, de barcarola em barcarola,  
 Desabrochar aos pés da minha cruz.

Uma revolta de anjos os teus pas-  
 Ouve, surpresa, e a musica accelera;  
 E prende duas azas aos teus braços,  
 Como as que usa em Outubro a primavera.  
 Alvorotam-se as pombas, se traspassa  
 A tua dulia um mysterioso canto,  
 Que, reflectindo toda a tua graça,  
 Guarda, comtudo, o saíbo de meu pranto.

É's minha irmã. A dôr que sinto e avivo,  
 Acorrenta-me aos tredos escarcéus.  
 Se, por um lado, me retém captivo  
 A lembrança ineffavel de outros céus,  
 Por outro lado, a alma se me despenha.  
 Por precipícios, por de illusões!...  
 Não ha no mundo, minha irmã, quem tenha  
 Mais saudades e menos illusões!

Para que esse orbe tumular accorde,  
 Basta ouvir o rumor de um simples verso;  
 Basta que a taça do ideal transborde,  
 Para que frema em requiem o universo.  
 Em Maio, o alveareo astral constantemente  
 Rutila, e a luz espalha pela terra.  
 O coração tambem do adolescente  
 Esse ledo esplendor divino encerra.

Tu dormes, e eu te velo o somno e aspiro  
 Do casto somno o aroma celestial.  
 Receioso que a duvida que inspiro  
 A' alma dos bons, te possa fazer mal.  
 Eu sou na terra o bonzo da descrença,  
 Tu — a suprema encarnação da fé.  
 Teu vô excede os páramos da creença,  
 O meu sangra na cruz ou na polé!...

A hostia te cerea do clarão das santas  
 E te enche a voz de antiphonas e preces,  
 Por isso, o espirito hybernal das plantas  
 Com pena acolhes com piedade aqueces.  
 Esse recolhimento, em que te engolphas,  
 Essa suprema ingenuidade d'alma,  
 Repastados de estancias e de solfas,  
 Meu plectro inspira, minha angustia aalma.

Guarda estes versos que não dizem nada,  
Guarda estas rimas que não têm fulgor;  
São flôres que apanhei na minha estrada  
Para a prônuba noite de outra flôr.  
Guarda-as entre as imagens mais queridas,  
Guarda-as entre os retratos de teus pais,  
Pois estas urnas, uma vez partidas,  
Oh! minha irmã, não se concertam mais.

**Demencia feliz**

Chuchurreando, bebida de gozo,  
A ingenua symphonia dos canários,  
Davas á perna e ao braço voluptuoso,  
Uma attitude olympica... Os aquarios  
De resedás e de caricias cheios,  
Não eram mais sonoros, nem mais finos  
Do que teus duros e redondos seios  
Atravessados de hilariantes hymnos...

Toda a especie de passaro canoro  
Vôa para esses alcantis de opala,  
Onde o som da harpa, occulta em cada póro,  
Pelo jardim do corpo se propala...  
De tal maneira ouvem os passarinhos  
Desse paiz o intermino concerto,  
Que em seu remanso vão fazer os ninhos  
Para estarem da musica mais perto.

Vê-se-te o sangue tropical, rolando  
Da eburnea pelle ao languido clepsidro,  
Como uma nuvem de ouro acompanhando  
Um astro, em chammas, através de um vidro.

.....

Essa alegre loucura que me arrasta  
Por verdes grutas, por sombrias giestas,  
E faz-me ver na tua poma casta  
Passaros, bosques, ninhos e florestas,  
Tambem o fogo abranda, pouco a pouco,  
N'esse espumante pélago iracundo...  
Sim, é feliz, muito feliz o louco,  
Porque elle vê por outra face o mundo.

## Tocando e dansando

Quando ella dansa a bamboar-se toda  
E a violeta nos seus dedos fere  
Não ha cabeça que não fique douda,  
Nem coração que não se dilacere.

Tudo na sala, extático, respira  
Um delicioso ambiente musical;  
E é tão forte o perfume que ella expira  
Que por força lhe deve fazer mal.

Um cysne que ha no seu jardim levanta,  
Para ouvil-a, o pescoço, branco e esguio,  
E adormece ao sabor d'essa garganta,  
Fresca e sonora como o alvéo de um rio.

As almas vão cahir-lhe aos pés mimosos,  
Mettidos dentro de dois borzeguins,  
Como dos jasmineiros perfumosos  
Uma chuva odorante de jasmíns...

Subito, pára... Um lacteo suor se estende  
Pelo seu corpo que rescende tanto,  
Como um frasco de sandalo rescende  
De uma alcova no tépido recanto.

A aragem matinal, surpresa, fica  
Horas e horas volteando-lhe em redor.  
E as suas rijas pomas lubrifica  
Ao mesmo tempo que lhe enxuga o suor...

Porém, depois, fazendo um ruido brando,  
Sob o luar das rendas e dos linhos,  
Os seus dois seios ficam palpitando,  
Como a plumagem de dois passarinhos...

## Duplo aspecto

*A tres jovens poetas.*

A vida não é só uma lampada que arde,  
Poetas, junto da cruz e distante do sol.  
Mergulhae vossa dôr nos effluvios da tarde,  
Aquecei vossa lyra aos raios do arrebol.

Deixae ir ao sabor dos velhos cyareados  
Vossa nenia impolluta e vosso amor sublime.  
Interrogae de perto os bastos arvoredos,  
E o despertar do sol, que tudo e nada exprime.

Como uma aguia real, rompei vossas cadeias.  
Se a estrophe é como Agar no deserto, a gener,  
Risonha e alegre traz as suas pomas cheias  
Para ter o que dar a Ismael de beber.

A ambula tambem cáe das mãos do celebrante;  
A chuva tambem desce ao lodaçal impuro:  
No entanto, se cahir no prisma scintillante,  
Não ha raio mais claro e nem floco mais puro.

Venerae essa casta e meiga creatura,  
Que é sempre para nós mais anjo que mulher;  
Que hoje nos delicia e amanhã nos tortura.  
Sem nos deixar no peito uma illusão sequer.

E' balsamo essa chaga, é oleo essa ferida,  
Como o de Heleodora e o da Samaritana.  
O poeta deve ver por dois prismas a vida.  
Pois, se assim a não vir, a poesia profana.

Será Thersito, acaso, a suprema verdade?  
É a Moral, por ventura, a Moral de Timão?  
Se de um lado se vê a vingança e a maldade,  
Não se vê do outro lado a doçura e o perdão?

Uma lagrima á Ophelia e um beijo á Sulamita,  
Eis tudo quanto encerra o universo sombrio,  
Pois todo o coração que por outro palpita,  
Tem como a natureza, um inverno e um estio.

## Ironias...

Uma loucura o que me dizes, filha!  
Uma loucura! Eu te esquecer?... não creias.  
São teus a luz que em minha estrophe brilha,  
E o sangue que percorre as minhas veias.

Deixar de amar-te ou de seguir-te, fôra  
O peor dos castigos infligidos  
A uma alma terna, que em teus olhos doura  
Os seus immensos céus amortecidos!

E n'essa extranha irradiação elevas  
Meu coração, como um ciborio aberto;  
E, entre sorrisos e gorgeios, levas  
Um raio de esperança ao meu deserto.

Medo não deve ter quem traz á frente  
O mais rico de todos os diademas.  
Se encho de flôres o sopé do monte,  
E o teu caminho de immortaes poemas,

Porque, formosa nayade, te afogas  
No mar revoltado de pueril chimera,  
E ao vendaval das incertezas jogas  
Os vinte annos de tua primavera?

Matas-me sempre que aos meus ais resistes,  
Venço-te sempre que te julgas forte!  
Olhá, em vez de matar, dá vida aos tristes,  
Essa continua e venturosa morte.

Por mais que queiras esquecer-me, um laço.  
Como o que prende a cruz ao Compo Santo,  
Amarra-te, entre beijos, ao meu braço,  
E lança-me á corrente de teu pranto.

Tua lembrança não se apaga nunca  
 Dos merencorios écos de meu ninho,  
 E os meus trinta annos de volupias junca  
 Entre os fanados goivos do caminho.

Tu não me esqueces, como eu não te esqueço!  
 Nossas neves não são como as de Julho.  
 Se, indifferente e jovial pareço,  
 E' que acima do amor está o orgulho.

Não são voluveis, não, as brancas garças,  
 Nem as phalenas que, contigo, adejam:  
 E essas nuvens que vês, no céu esparsas,  
 E a verde rama da palmeira beijam,

Amam gozar do mesmo clima quente,  
 Onde arde um sol, ciumento e apaixonado.  
 E rever-se no espelho da corrente,  
 E adormecer entre os jasmims do prado.

Perguntas-me se sinto ou se não sinto  
 O que escrevo e escrevi na mocidade?  
 Julgas-me um poeta ou não? Se o sou, não minto,  
 Pois a poesia é filha da verdade.

Foste impolluta, sim. Mas hoje, apenas  
 Tens da pureza o pallido reflexo,  
 E nas recordações, as açucenas  
 Proprias da tua idade e do teu sexo.

Perdeste muito do fulgor antigo,  
 Desse encanto que é sempre passageiro,  
 E em meu plectro cavaste o teu jazigo.  
 E em teus olhos ergueste o meu madeiro.

Não me perguntes o que soffro e deixo  
 Rolar por estas *Ondas* doloridas.  
 Se muita vez aos bláspemos me queixo,  
 E accórdo as musas no horto adormecidas;

Não é que julgue socegar as dôres,  
Que, n'alma, aos gritos da paixão, refervem;  
Pois essas musas, como certas flôres,  
Só de perfumes sepulchraes se servem!

Tu és o nume inspirador das covas,  
Um luar de ebano em torno de uma stala.  
A' noite, minhas lagrimas renovas,  
Se um hymno á morte teu olôr exhala!

Sobre uma cruz pregas-me o corpo inerme,  
E os membros sem vigor, me vaes partindo.  
E' um vergel de chagas a epiderme  
Que dilaceras, rindo... rindo... rindo!...

## O Dódona

Junto do Epiro um bosque havia, outr'ora,  
Onde a voz da Sibilla se escutava.  
O liz que a rosa purpura namora,  
Para entendel-a, o Dódona habitava.

Ninguém sabia, ao certo, a natureza  
Desses mysterios, dessas prophcias...  
Lá se entralhava nos rhytões a presa,  
Entre hieroglyphos, entre allegorias.

Tudo quanto na Grecia acontecia,  
A Sibilla do Dódona entrevira...  
Nesse bosque de espessa ramaria  
De Orpheu gemera a apaixonada lyra.

Alli, o coração que á frecha aguda  
Do filho de Aphrodite atravessava,  
Sobre o tapiz de uma arvore folhuda  
Consolações e balsamo encontrava.

Alli, Eudora — a incauta — adormecera  
Do mar Ionio ao placido repouso;  
Alli, do Epiro o sol tambem bebera  
O vinho grego e lubrico do goso.

Alli do thracio nune o gladio insano  
Desnudara, de chofre, a um gesto rudo,  
Do augusto asylo o tenebroso arcano,  
Do altivo roble o venerando escudo!...

Sois, meus versos, o Dódona encantado,  
Onde a lyra de Orpheu geme e soluça.  
De vossas aguas no crystal magoado  
A ramada dos sonhos se debruça...

Outr'ora, hauristes o venario encanto  
Nos serões dos segreiros e dos pastores.  
A poesia do campo é um vinho santo,  
Sem peccados, sem coleras, sem dôres.

Como do Dódona a sacerdotisa,  
Pronunciaes as vossas prophecias,  
E decifraes, pelo rumor da brisa,  
Os hieroglyphos e as allegorias.

## Lyra sem cordas

*A tres amigos.*

Amigos! Como eu vos invejo! Abril não canta  
Nas manhãs d'este azul, no seio d'estes valles.  
Quando trina o arvoredado e a aurora se levanta,  
A transbordar de fel, sempre encontram meu calix.

Chimeras pelo chão do exilio espedaçadas,  
Manchas de sangue em meus broqueis de sonhos mortos,  
E lagrimas de amor fugindo atropelladas,  
Ao ver tanto abandono e tantos desconfortos.

Risos ceifados ao livor dos frios gelos,  
Para as bodas ferases vêm vestidos de luto,  
E apavoram-me o olhar e erriçam-me os cabellos,  
Quando de voz querida o som longinquo escuto.

De Gower a trombeta estruge entre meus cantos,  
E susta-lhes o rythmo! Uma immensa loucura  
Galopa-me no olhar, petrifica-me os prantos  
E espedaça-me a fé n'uma nova tortura.

Como sou fragil e covarde! O mais pequeno  
Rumor me assusta. O sol resplandecente lança  
A luz que traz do céu á taça de veneno,  
A luz que traz do inferno á taça da esperanza.

Contraste singular! Quando vós, meus amigos,  
Das vossas illusões ides colher as flôres,  
Eu, mysterioso e só, pereorro os meus jazigos,  
E aqueço com os meus ais todas as minhas dôres.

Fragilidade humana! eis-me teu prisioneiro!  
Loucura, sem remedio, eis-me a teus pés prostrado!  
Sou o espectro do amor, correndo o mundo inteiro  
Atraz de um vago sonho, ha muito desfolhado,

D'esta jornada o termo ha de chegar em breve,  
D'este infortunio o porto hei de ver dentro em pouco.  
Não quero trazer mais a frente exposta á neve,  
Para que a turba alvar me não supponha um louco.

Doces sonhos de amor n'um barathro cahistes;  
De vil calunnia andei amarrado ás ilhargas.  
Ah! para os homens bons os céus são sempre tristes,  
Para os poetas, como eu, as horas sempre amargas!

Que me resta da infancia e do primeiro beijo,  
Da oração que aprendi a soletrar no berço?  
Apenas a lembrança, apenas o desejo  
De ouvil-a ainda uma vez para rezal-a em verso.

Mas a poesia tem tambem d'estes contrastes:  
Pedis ao plectro um canto, e o plectro fica mudo.  
Poetas! quando pensaes nas mulheres que amastes,  
Difficilmente a penna alcança exprimir tudo.

O funerario sol que vos desvaira a frente,  
Quando comvosco abrange o azul da immensidade,  
Vê com assombro, ao descer, que esse immenso horizonte  
Era muito maior na vossa mocidade.

Essa angustia me mata, esse ideal me atormenta,  
Attrae-me o seu fulgor, afogam-me os seus braços!  
Ah! pudesse rasgar esta veste poeirenta,  
E, n'uma ancia febril, transpor estes espaços!...

Meus idolos o vento arremessou por terra,  
De meus labios um beijo infeccionou as bordas.  
E eis o que agora tenho, eis o que uma alma encerra:  
— Um leito sem mulher, uma lyra sem cordas.

## Tarantula

Dizem que é um veneno extranho aquelle  
Que o aguilhão da tarantula inoecula:  
Entra nas veias, rápido circula,  
Conspureca o sangue, deteriora a pelle.

Dizem tambem que o espirito allucina  
E faz a gente ter visões e assombros.  
E uma vontade de trazer nos hombros  
A algazarra do bosque e da collina.

Dança-se em torno de arvores folhudas,  
Colhem-se rosas, como Ophelia, e, rindo,  
Rindo, voluptuosamente, ao Pindo  
Sobe-se atrás das musas rechonchudas.

Sonha-se côr de rosa e branco... A lua  
E' como um nenuphar que desabrocha,  
Entre cirrus, no cimo de uma rocha  
Enamorada, castamente núa.

O coração flammeja de tal modo,  
Como se fôra o sol que flammejasse,  
E as madeixas de fogo desmanchasse,  
Serpenteando pelo corpo todo...

Tinha vontade de sentir, um dia,  
Essa demencia lubrica e exquisita,  
Para beijar muita mulher bonita,  
Que a volupia dos labios desafia.

E de seguir, depois, pela existencia,  
Rouxinolando, sem ter ninho certo,  
Tomando a cova por um céu aberto,  
Ou a velhice pela adolescencia.

E ver em cada rosa a mesma rosa,  
Tagarelando o idioma do perfume,  
E sentir da mulher a mysteriosa  
Chama, que arde no amor e no ciúme!...

E entrefechar o olhar, lascivo e absorto  
Na delicia de um goso que nos prende,  
E cahir n'um regaço, quasi morto,  
Que é como um céu que um anjo nos estende...

Ai! do prazer o insolito desejo,  
Que nos levanta, que nos anniquila!  
Que ha que se possa comparar a um beijo  
D'essa divina e deliciosa argilla?!...

Como é bom revolver a nuvem negra  
Que encobre o templo da felicidade,  
E ouvir o coração — a toutinegra  
Do amor — cantar como na mocidade!

Feliz quem pôde substituir os prantos  
Por uma nova musica de risos,  
E accumular encantos sobre encantos  
E paraísos sobre paraísos.

Tu, só tu, poderias, sêr corrupto,  
Dar outro aspecto a esta paysagem triste:  
O teu veneno é o cobigado fruto,  
Se é que o prazer só na loucura existe.

## Por que ?

Que mal te fiz para que assim me trates?  
 Qual foi meu crime, dize-me, qual foi?  
 Não ha razão para que me maltrates...  
 Essa injustiça mais que as outras dóe.

Bem sabes que em meu peito o antigo affecto  
 Ainda perdura vivido e animado,  
 Que o coração está de ti repleto  
 E das lembranças todas do passado!...  
 Está tambem dos teus sorrisos cheia  
 Toda a casinha branca da collina,  
 E a lympha, que entre as algas serpenteia,  
 Conserva o olor da tua mão divina...

E isto, porque, uma vez, rindo e brincando,  
 Roçaste uma das mãos n'agua assustada...  
 Hoje as crianças, por alli passando,  
 Chamam-n'a "a lympha da agua perfumada".

Tudo que tocas, deixas impregnado  
 De um perfume excitante e harmonioso;  
 Mas, se o cabello trazes desnastrado,  
 Basto, comprido, tépido, cheiroso,  
 Ebria de sol e amor vóa a narceja,  
 Desesperada por bebel-o todo,  
 Enquanto chilra, pula, vóa e adeja  
 Meu coração que quasi fica doudo.

Finges que não odeias o que odiavas,  
 E a quanto amavas finges que não amas.  
 Ouve: o pranto que d'antes derramavas,  
 Quando eu partia, é o mesmo que derramas.

Volta e vem de alegria encher os ares,  
Que o inverno já os bosques abandona;  
As nossas crenças, como nenuphares,  
D'estas aguas estão boiando á tona...

Em breve voltarão ao prado as rosas  
Puras e brancas, como a tua mão,  
E, ao romper d'alva, frescas e cheirosas,  
Vendo teus olhos — desabrocharão...

## Selemno

Selemno é um rio da Mythologia,  
 Que uma fonte nos braços toma e aperta...  
 Vem lhes cantar ao pé a cotovia...  
     Se a fonte está coberta  
     De flôres e de ninhos!...

Argyra — a fonte — ama-o de tal maneira,  
 Que chegam a morrer os passarinhos  
 De inveja... Nunca a sombra passageira  
 De um desgosto turbou as aguas mansas  
 Do venturoso rio! Em fulvos nimbos,  
 Envolto o sol, anda como as crianças,  
 Pondo-lhe á testa rutilos corymbos...

E' ahí que as rosas vêm buscar o aroma,  
 E os rouxinoes a fresca melodia.  
 Selemno as mãos da bella Argyra toma,  
 Toma-lhe o braço, o collo, e, então, sombria  
 Nuvem os cobre voluptuosamente...  
 Nos ramos ouve toda a passarada,  
 D'esse amor arranjado á luz do poente,  
 A deliciosa e intermina ballada!...  
 Dentro da bruma, que se fecha toda,  
 Ha suspiros e gritos amorosos...  
 E a viração, a rir, como uma douda,  
 Tenta debalde entrar os mysteriosos  
 Arcanos d'essa alcova mysteriosa...  
 E para ser mais ideal a tela,  
     A estrella faz de rosa  
     E a rosa faz de estrella...

As saltitantes sylphides roliças  
Vão correndo por entre os ramos, a esmo;  
E, ao longe, vêm-se ellas sobre as palhiças  
Com os faunos de ao pé fazendo o mesmo.  
Fere a guitarra um gnomo dextro, em torno  
Das lianas pelos troncos se enroscando...  
Dizem que um dia de Amalthéa o corno  
Toda essa flora esteve abeberando...

Pinga das verdes, tremulas videiras  
O sangue da uva, fulvo e saboroso,  
E sobe pelas torças tamareiras  
Da tarde o aroma, acre e delicioso...  
Feliz Selemno, logo que desperta,  
Vê, surpreso, ao seu lado, a amante, rindo,  
O olhar cerrado, a bocca semi-aberta,  
Quasi a deixar fugir, n'um goso infindo,  
A alma pela ramagem da latada,  
Que o azylo das Oreades circumda.

E a agua da fonte, como alva rocada  
De linho, o glauco solo rega e inunda...  
Como esse rio, toda a natureza  
Sente a vida jorrar de cada planta!  
Para a alvorada é sempre uma surpresa  
O epithalamio que ella propria canta!...

Entanto, nós, formosa, todo o enxame  
Das crengas vimos pelo céu afóra!...  
Que nos importa que coraes enrame  
E venha fiando perolas a aurora?  
Antes do outono a minha voz calou-se,  
E o teu aroma só durou um dia!...  
Ah! quem nos dera a nossa vida fosse  
Como esse rio da Mythologia!...

## Emma

Ouço e fito com um certo assombro o azul, envolto  
N'uma bruma subtil. Corta a atmosphaera solto  
Um passaro nocturno. O luar, o luar não vem  
A's giestas em flôr... e ella tarda tambem!...  
De novo escuto e fito o azul... sómente a treva  
No páramo, sem fim, solitaria, se eleva!  
Silencio! Junto a um tronco, em tremulos festões,  
Flôres de aureo matiz, em varias direcções,  
Espontam, impregnando o ar de um effluvio quente!...  
Ao longe, ouve-se a voz flebil de uma corrente  
D'agua, que vem, de grota em grota, ao penhascal.  
O lago, á dubia luz fosca da noite, o val  
Percorre; e, como um luar, liquido, em torno coalha.  
Com o passo desabrido o vento n'agua espalha  
As petalas gentis e alvas de um bogari.  
Entre as folhas, erguendo a fronte loura, ri  
E esconde-se, de novo, uma dryade... Assomo  
De pudor e de graça! Um pequenino pomo  
Traz na boquinha, rubra e sorridente. Vá  
Alguem roubar-lh'o!... Atraz della, escondido está  
Um Cerbero com pés de bode e grandes cornos.  
Estremece o maroto e os longos olhos mornos  
Descerra; e, ebrio de amor, lambe os tenros quadris  
Da moça, em cuja trança enramam-se os rubis.  
E o luar não vem... e a noite os cilios de ouro fecha  
No céu!... Não ha no bosque absorto uma só queixa!  
Anjos passam beirando as arvores, que estão  
Como harpas, dedilhando uma extranha canção...  
A onda os braços estende e, voluptuosamente,  
Rola como uma huri no toro rescendente.  
Do avental de esmeralda, a flôr mais bella, Abril  
Tira e offerece á deusa esquiva e cauta: o ardil  
Surtiu effeito. — A mão nas duas mãos segura,  
Incendeia-lhe a pelle, enlaça-lhe a cintura...

Nada viu o Egypan... Em toda a solidão  
Nem um grito se ouviu... Nem mesmo a vibração  
De um ai ou o estertor dulcisono de um beijo!  
A quanto tempo amava! O seu maior desejo  
Era dormir com outro e viver e sonhar,  
Como sobre uma vaga um branco nenuphar,  
E ir, sózinha, occultando o braço, a perna, o collo,  
Procurar o mais denso e perfumoso solo,  
E ahi, ao lado d'elle, abraçada, a tremer,  
Ver a noite no espaço augmentar e crescer...

Ah! taes cousas pensando e taes cousas sentindo,  
Dentro e fóra de mim musica ignota ouvindo,  
Não notara da lua o pallido crescente  
Que se erguia no azul, calma e serenamente...  
A voz de Emma, porem, não longe ouvi... Rumores  
Confusos e subtis pairavam sobre as flôres...  
Meu coração batia apressado e minh'alma,  
Como as asas um anjo, em largo vôo, espalma,  
Para fugir da terra, as asas desferio  
E para ella voou... Um leve murmurio  
Espalhou-se em redor e agitou a folhagem...  
E Emma, sorrindo em meio á tremula ramagem,  
Dir-se-hia Eva escutando as vozes mysteriosas,  
Que desciam do céu, que subiam das rosas...

## Moeda por moeda

Vês? Um vulto atravessa o espaço mudo e triste...  
E' a noite em seu capuz de estrellas envolvida.

Louca, porque partiste ?

Que soffrimento atroz! Como queima a ferida  
Pelos meus proprios ais em fogo convertida!

De lagedo em lagedo, anda o som de teus passos,  
O hymno de teu anseio, o rumor de teu pranto.

E na cruz de teus braços

Agonisa o clarão do meu ultimo canto.

A inveja — Caliban que a ventura do amante  
Apunhala na voz de Miranda innocente —  
A inveja maculou-te o thalamo odorante,  
A inveja lacerou-te as carnes atrozmente,  
Mal despontava a luz em teu olhar dormente.

Deus não te deu a infancia a que tinhas direito,  
E, quando te encontrei, n'uma quebrada escura,  
E te apertei a mão e te encostei ao peito,  
“Desgraça!” disse o mundo, e eu respondi: “Ventura!”

Ventura, sim, porque perto de teu sorriso  
Eu não via outro altar, nem pisava outro assoalho,  
Nem, tão pouco, ao clarão do crepuse'lo indeciso,  
O sol offerecer a Sejano agasalho  
Ou caracterizar-se em sultão de serralho!

Timão de Athenas, rói a raiz que encontraste  
Aos pés, sob um carvalho hospitaleiro e franco;  
Amoeda o lamaçal, injuria o que amaste:  
Quer ouro o cortezão, quer ouro o saltimbanco.

O mundo que detesta o que é puro, o que é nobre,  
Exalta e lisongeia o valor e a pureza,  
Mas, se se lhe depara o amor proprio do pobre,  
O pobre, que não tem nem arma de defesa,  
De doestos e baldões, de instante a instante, o cobre.

Pois que o mundo é assim, pois que Próculo odeia  
A nossa crença, o nosso orgulho, o nosso pranto.  
Mordei, mordei, mordei, Pámphagos de alcateia:  
As mulheres, D. Juan. — os homens, Apemanto.

## O amor é cego

### I

O amor tem azas e não vê. De certo,  
 E' por isso que o amor  
 Busca, ás vezes, n'um cómorro deserto  
 O calix de uma flôr.

### II

Mal se aproxima, cautelosamente,  
 Os dois labios descerra...  
 Que barulho de faunos, de repente,  
 Lá no pendor da serra!...

E, no momento em que a loucura abrange  
 O olhar e o coração,  
 Sorrindo, as cordas seductoras tange  
 De uma nova illusão.

Illusão! — Tecto que a miseria cobre;  
 Manto que a mão febril de Ariel soergue;  
 Sonho de escravo, lampada de pobre  
 A bruxolear no albergue!...

Sim, illusão, — a taboa a que me agarro  
 Das vagas ao furor,  
 Soma bebido em cyatho de barro,  
 Aza do verme, avena do pastor...

Tudo, indiscreto e barulhento, assalta;  
 Tudo enleia e fascina,  
 O menino beliz que Elmano exalta  
 Na lyra peregrina.

Aveludando as mãos, cobrindo a trança  
 Com um manto imperial,  
 Faz do velho uma trefega creança  
 E da tristeza um vinho cordial.

Esvoaçando pelos arvoredos,  
 Aos ouvidos das damas  
 Attentas, conta incognito segredos  
 E desvenda-lhes ricos panoramas.

Cada mulher é para o deus formoso  
 Outras tantas Psychés...  
 Ai! do collo innocente e perfumoso  
 Em que pousarem seus mimosos pés!...

Quando apparece, ouve-se um murmúrio  
 Semelhante ao da aragem,  
 Impellindo, de manso, a onda de um rio  
 Por uma verde e tremula folhagem...

D'aljava e flechas vae caçar as rôlas  
 Nas húridas rechans,  
 E entre as creanças, dando cabriolas,  
 De Analia accorda as tímidas irmãs.

### III

Um mavioso sabiá não canta  
 Na laranjeira umbrosa,  
 Como essa fresca e matinal garganta,  
 Solitaria e queixosa.

De perto as bellas inexperientes  
 Lhe vão seguindo a voz.  
 E leva todas essas innocentes  
 Na sua aza veloz.

Pousa n'um ramo, ou sobre as velas pouza  
 De ligeira trireme.  
 E, depois, vae gemer sobre uma lousa,  
 Onde a saudade geme.

Pelo cahir da tarde, quando a fresca  
 Viração passa e ri,  
 Como a sua ballada romanesca  
 Repete o bogary!

E, á noite, quando o valle silencioso  
 Prostrado como um monge,  
 Um astro melancolico e saudoso  
 Responde-lhe de longe.

E o céu se enfeita para ouvil-o, e o vento,  
 Ao passar junto á flôr,  
 Presa á haste, como a freira n'um convento,  
 Diz-lhe baixinho: "Amôr!"

E a flôr córa... Depois, o labio estende...  
 "Amôr!" soluça, baixo,  
 E ingenuamente a cabeçinha pende,  
 Sem perceber o que lhe pede o riacho...

E vae assim o amôr, de rosa em rosa,  
 N'um coração pousar,  
 Promettendo á mulher, linda e vaidosa,  
 Azas para voar.

Fere-lhe o coração, belisca-o todo,  
 Como uma abelha, o fruto...  
 O que elle vos promette, é sangue, é lodo...  
 Moças, fugi desse pimpolho astuto!

Que celexma levanta, se perpassa  
 Junto dos coraçãoes!...  
 O amor é o mensageiro da desgraça,  
 Dos soffrimentos, das desillusões.

## Assalto imprevisto

A agua arrufou-se toda... Emma, desabotoando  
     O corpete de linho.  
 Orgulhosa, fitou o alvo collo, e, encontrando.  
     Entre as folhas, um ninho,  
 Disse: "Este é mais cheiroso e mais quente. Repara  
     Como o embalsama um fumo  
 Cérulo e tenue... Uma onda agora o agita, e clara,  
     Sobre elle ergue-se a prumo."  
 Fulgia, em cima, o céu; a agua, em baixo, cantava...  
     E a moça, descobrindo,  
 Inteiramente o seio, e mirando-o, exclamava:  
     "Como meu seio é lindo!"  
 Olhou em torno. O sol forrava de ouro o prado,  
     O rio estremeçia.  
 Como o lençol que envolve um leito de noivado...  
     Ella, ingenua, sorria...  
 Havia um bosque ao pé. Devoravam-lhe os passos  
     Meus soffregos desejos...  
 Ah! quantas vezes quiz apertal-a em meus braços,  
     Vestil-a com meus beijos.  
 Tinha-a tão perto, núa, inteiramente núa.  
     A mirar-se no espelho  
 Do lago, como a aurora, ou como, á noite, a lua.  
     Seu pequenino artelho  
 A agua lambia, e o dorso, ondeando entre os junquillos,  
     Ia rindo e passando...  
 As flôres, entre si, faziam trocadilhos,  
     E, as vozes concertando.  
 Começavam, em côro, a aclamal-a a mais pura  
     De todas as mulheres.  
 Como gostam do verso e gostam da pintura  
     Esses pequenos sêres!  
 Voluptuosamente o corpo distendia,  
     Como, ao sol, a serpente,  
 E, enroscando-se á relva, em torno d'ella, ria  
     Voluptuosamente...

Cauteloso, abafando os passos, embebido  
     O olhar n'aquella imagem.  
 Astuto caçador, deslizei escondido  
     Entre a basta folhagem...  
 E, seguindo de perto, a onda que a arrebatava  
     Toda núa, aromando  
 O sendal que a envolvia, a brisa que passava,  
     Os rosaes desfolhando...  
 Approximei-me até beijal-a, sem ser visto  
     Nem d'ella, nem das flôres.  
 A agua escandalisada exclamava: "Que é isto,  
     Por aqui caçadores!?"  
 Como o grito de Nyssia ao ver-se sorprendida  
     Pelo olhar de Gigés;  
 Ou como a ave que accorda, e, junto d'ella erguida  
     Uma espingarda vê.  
 Tal se me affigurou o grito de Emma, quando  
     Enlacei-a ao meu braço...  
 Tanto não tremeria a estrella, ao ver brilhando,  
     A' noite, o sol no espaço!...  
 Riam de nós o bosque, a esphera e a luz que orlava  
     As montanhas do Poente,  
 Vendo que eu lhe beijava o collo e que ella estava  
     Núa completamente...

## A castellan e o rouxinol

### I

Uma avesinha! Ah! quanto uma ave encerra  
De doce e meigo, de innocente e casto!...  
Percorre o céu, de dia, e, á noite, a terra  
Enche de um psalmo mysterioso e vasto...  
Seu coração na matta frondejante  
Vibra, como uma cythara saudosa,  
E responde-lhe o trilo vacillante  
— Prisioneiro do calice da rosa!  
Quem, ao romper do dia, não tem ido  
Ao campo ver erguer-se a passarada.  
Ouvindo, ao longe, o tremulo gemido.  
Que sae da mouta, a um rio debruçada?

Quem ao cahir da chuva nas ramagens  
Ou da tarde, que aos passaros segreda,  
Não se lembra das lubricas paysagens,  
Do cysne branco seduzindo Leda?

Quem, ao ver n'alva um raio atravessado,  
— Setta lançada ao páramo dormente,  
Não rememora as curvas do passado  
E não se curva religiosamente...  
Quantos não têm na lagrima composto  
Um castello de sonhos vaporoso?  
E da linda Senhora o lindo rosto  
Visto n'um quadro ausente e nebuloso?  
Quantos não foram, como eu fui, outr'ora,  
Chorar na alfombra em que ella riu commigo?  
Ver despontar aquella mesma aurora,  
Que hoje — pallida luz — de longe sigo?

Quantos não têm na alcova uma gaiola,  
 Onde a cantar um sabiá começa,  
 E acompanhado alguma pomba rôla  
 Por difficil estrada, abrupta e espessa?...  
 Quantos não ouvem, quando a rôla canta,  
 E rouxinola o sabiá, a terna,  
 Enamorada, esplendida garganta  
 De uma saudade, sem remedio e eterna?  
 A ave nos delicia, a ave nos leva  
 A luxuriantes, a maravilhosos  
 Paizes, onde não se vê da treva  
 Os braços longos, hirtos, silenciosos...

Lá é a florea mansão que Apollo doura,  
 O remanso dos zephyros risonhos,  
 Que entre lirios e rosas enthesoura  
 Os elfos, as canéphoras, os sonhos...

## II

Solitaria, na torre do castello.  
 De arrogante prosapia e altaneria.  
 De olhos azues, porte soberbo e bello,  
 Com o velho pai, a castellan vivia.  
 De madrugada ia correr os prados,  
 Seguir um cervo, examinar a matta;  
 Colhia os cravos na haste pendurados,  
 E gostava de ouvir, junto á cascata.  
 Sobre a relva, entre as flôres, o segredo  
 Que murmura o arrebol á gruta, á alfombra,  
 Molle, inclinada sob um arvoreda  
 De bastas ramas, de cheiroza sombra...

O velho pai, para entretel-a, dava  
 Bellas festas, em casa, onde ao toureiro  
 A linda moça os moços convidava.  
 Sem que por isso lhe batesse o seio.  
 Nunca se viu audacia tanta e tanta  
 Agilidade! A nata da nobreza  
 Orgulhosa, chamava-na a Atalanta.  
 E não havia em toda a redondeza  
 Quem, como essa fidalga, mais certo  
 Lançasse o dardo perigoso e fino.  
 Certo, em Maio, o venabulo primeiro  
 Do sol não era mais adamantino.

O Marquez — o Senhor Marquez — diziam  
Os servos do castello, — em alvorogo  
Pôz esta aldeia, e as castellãs corriam  
Para vel-o passar, — fidalgo e moço! —  
Contam-se delle extranhas aventuras,  
Casos de arripiar couro e cabelo.  
Perigosas caçadas e diabruras  
Que terminavam sempre n'um duello.  
Por isso tem a quem sahir a filha:  
Os perigos, indomita, contrasta.  
E, de roldão, a rábida matilha  
De perdigueiros, a latir, arrasta.

Porém, um dia, um joven de cabelo  
De ebano, olhar sereno, porte altivo,  
Sobre um ginete, de alvejante pello,  
Immovel, quedo, como a estatua viva  
De epicos tempos e cavalheirescos  
Episódios dramaticos de pagens  
Louros — beijando os seios romanescos  
Das damas, sob as múrmuras ramagens  
Dos bosques, veio, e, da Amazona em frente,  
Tres voltas deu ao rapido ginete...  
Coruscava a estribeira reluzente  
E era-lhe á frente um sol o capacete.

Todos olharam com deslumbramento  
Para o cavallo e para o cavalleiro.  
Fez-se em roda o silencio, n'um momento...  
Ninguém interrogal-o ousou primeiro.  
“Quem sois? Por fim, lhe perguntou a dama  
De nobre estirpe. Certo os altos cerros  
Deste castello atravessou a fama  
De que não teme nem villões nem perros.”

Sorriu-se o cavalleiro... “Em vós, Senhora,  
Vejo a dama mais linda e poderosa,  
Disse. Ao vossas madeixas enamora  
O couro mais fino, a flôr mais perfumosa.  
Sois a Diana que governa toda  
Esta campina que se perde ao longe...”

Senhora! permitti que est'alma, douda  
 Dos vossos olhos, negra como o monge  
 E solitaria como a torre erguida  
 N'uma encosta, distante, hoje vos diga  
 Que serão vossas honra, espada e vida  
 Se não lançar por terra a arma inimiga."

"Basta!" Tornou a dama, e, em raiva, ardendo,  
 A espada tira, tal como o espadeiro  
 D. Ruy — o avô, — e, após, célere, a erguendo  
 Carrega a fundo sobre o cavalleiro...  
 Trava-se a lucta. Duas vezes roça  
 Do moço a espada, firme e valerosa,  
 Os cabellos finissimos da moça  
 Que rolam n'uma quéda esplendorosa...  
 Pela terceira vez fere-a de frente  
 No braço, de onde a espada cae vencida  
 Junto ao Marquez, que segue attentamente  
 Tão perigosa e singular partida.

E, cortejando toda a fidalguia  
 Perplexa, o mysterioso personagem  
 Beija, tremendo, a mão que lhe estendia  
 A dama, e parte com a sua imagem...

### III

Quanta saudade! Quanta dôr contida  
 N'alma, e nos olhos quanta escuridão!  
 Sua existencia — desse amor nascida —  
 Era outra — pobre flôr da solidão! —  
 A' noite, abria a verde persiana  
 Por onde a sombra entrava, e percorria,  
 Com o olhar incerto, a tremula savana  
 Larga, tristonha, placida... sombria.  
 Como a existencia muda! O sol que nasce  
 E o sol que morre, a merencoria luz,  
 Pallida, e triste, candida e fugace  
 A inebriar-se pelos céus azues, —  
 Já não trilava em sua mocidade.  
 Já não vinha á caupina ampla e deserta!

Cada minuto era uma eternidade, .  
 E cada estrella uma ferida aberta!  
 Ninguém viu mais a indomita Amazona  
 Galgar penhascos e descer collinas,  
 E que olhar lhe deitava a mangerona  
 Quando passava pelas balsaminas!...

Perdera a côr a nuvem do Levante,  
 Perdera a luz o limpido arrebol,  
 Porque não vens á grotta sussurrante  
 -- Rôxa saudade — ver nascer o sol?...

De toda aquella garrula existencia,  
 Do epithalamio ephemero, que ouvira,  
 Para abrandar-lhe um pouco a violencia  
 A' grande dôr que o peito lhe ferira,  
 Só lhe restava — gozo amargo e brando! —  
 Só lhe restava como companheiro,  
 Um rouxinol que, á tarde, gorgeando,  
 Fallava-lhe do extranho cavalleiro,  
 Da armadura de prata que vestia,  
 Da caprichosa, negra cabelleira...  
 E ella, machinalmente o olhar volvia  
 E o céu fitava de uma tal maneira,  
 Que o passarinho, o proprio passarinho,  
 As azas recolhia, e, emudecendo  
 Parecia esentar o murmurinho  
 Do cavalleiro desaparecendo...

Pondo-o, ás vezes, na rosea concha aberta  
 Da sua mão, da sua mão divina,  
 Depois de olhar a luz da tarde incerta,  
 Que para o Occaso, languida, se inclina,  
 Quantas lagrimas não humedeceram  
 Do matinal cantor as pennas? Quantas  
 Amargas queixas não emudeceram  
 No vaso as flôres e no altar as santas?...

Então, o rouxinol, de quando em quando,  
 As mãos com terno ardor lhe acariciava.  
 E, enquanto as nuvens, no ar, iam passando,  
 Esta ballada módula cantava:

## IV

Dona! Enxuga os teus cilijs orvalhados,  
 Rasga, sem medo, a pagina da vida,  
 Onde estão os teus sonhos sepultados  
 Como n'uma jazida.

Volve, de novo, ao campo e aos valles cheios  
 De teus olhos, da côr azul de Maio:  
 Deixa os teus prantos, deixa os teus receios...  
 Sobe ao céu, raio a raio!...

Para que tanta anciedade e tanto  
 Tormento? Vive á luz quem della veio.  
 Rutila a estrella, bale a ovelha enquanto  
 Cresce a sombra em teu seio!...

Deixa que errem além, como uma prece,  
 Teus suspiros, que as auras adormentam...  
 Com fios de ouro tuas dôres tece.  
 Pois dellas se alimentam

As almas ternas, as essencias puras...  
 Volta á vida, ao torneio, á natureza,  
 Que o somno acalme essas visões esenras,  
 Que o sol espanque essa mortal tristeza.

O mar, convulso, vem rolar na arêa...  
 Que diz elle? Que quer? Que dôr é a sua?  
 Em vão, se estorce na fatal cadêa,  
 Misero, aos pés da lua!

Por toda a parte a anhora te acompanha.  
 Para que a dôr te não descobre o rosto,  
 Ou murches como os lyrios da montanha,  
 A's horas do sol posto.

## V

Emquanto o rouxinol assim carpia  
 Na sua eburnea mão, n'um nevociro,  
 Ao longe, a dama, pallida, ainda via  
 O alvo corcel e o negro cavalleiro...

## Flôr da Jurema

Tu és a flôr da Jurema,  
Flôr que embebeda e allucina.  
Alma não ha que não trema,  
Quando a tua voz divina  
Enche o coração e o mar  
De uma infinita doçura,  
Que até na propria amargura  
Parece rir e cantar.

Tens na corolla um licôr  
Que os deuses nunca provaram,  
E' que dentro dessa flôr  
As tres fadas encerraram  
Todo o bem que desejamos.  
Mal nos humedece os labios,  
Com surpresa nos tornamos  
Mais creanças e mais sabios.

Quem olha para teu rosto,  
Por mais que soffra e padeça,  
Perde de todo o desgosto.  
Perde de todo a cabeça.  
E na propria escuridão  
O sol fulgura e scintilla:  
E' que o sol de uma pupilla  
E' sol que não tem irmão.

Quando a primavera vem,  
Matisando o prado e as flôres,  
Teus olhos humidos têm  
Raios de todas as côres;  
E desatada do laço,  
A tua casta alegria  
Canta de noite e de dia,  
Como a calhandra no espaço.

Tu és a flôr encantada,  
E's o thuribulo immenso,  
De onde sáe a fumarada  
De cinamomo e de incenso,  
Que vae subir ao altar,  
Como uma preece bemdita,  
Para as almas enlaçar  
Na omnipotencia infinita.

Assim, pois, piedosa flôr,  
Assim, pois, flôr da Jurema,  
Dá-me que eu beba o licôr  
Dessa ventura suprema  
Que fortalece o quebranto,  
E nos faz voltar á vida...  
Tu és o balsamo santo  
Que cura qualquer ferida.

Em cada petala tua  
Sente-se aquelle carinho  
Proprio das noites de lua,  
Quando o barulho de um ninho  
Basta para nos fazer  
Desenterrar o passado  
E o corpo de uma mulher  
Dentro delle sepultado.

Como as aves, de manhã,  
O ouvido attento despertas,  
E ao lado da tua irmã,  
— A aurora — de azas abertas,  
Ficas no céu e nos valles,  
Garrula, risonha, louca,  
Dando um raio a cada calix,  
Dando um beijo á cada bocca.

## Vendo-a passar

Todo este espaço freme quando voltas,  
Rosada e matinal, dos teus passeios;  
Perfumam o ar as tuas tranças voltas,  
E espiam-te, sorrindo, os ninhos cheios.

Tua pelle é tão branca, que parece  
Luz de luar derramada pelos valles...  
Andas como o murmurio de uma prece.  
E o aroma de uma flôr dentro de um calix.

A borboleta, tímida, recúa.  
E diz-te qualquer phrase, quando passa,  
E, entre invejosa e extactica, fluetua  
Deante de tanta luz e tanta graça!

Um melisano alveolo gotteja  
Da tua rubra e pequenina bocca.  
Quando minh'alma, de mansinho, a beija,  
Quasi desmaia, quasi fica louca!

Rosas, jasmims, camelias e nareisos,  
Curvam-se para te beijar as plantas,  
E confundem, de certo, os teus sorrisos  
Com os das deusas ou com os das santas.

Todos julgam que a sombra que projectas,  
Tem mais luz, do que a estrella vespertina,  
E que gorgeliam todos os poetas  
Quando gorgeia a tua voz divina.

Querem subordinar-te aos meus caprichos,  
Atirar-te o batel contra os escolhos,  
E que eu manche, sacrilego, em seus nichos,  
As madonas crueis dos teus dois olhos.

Harpas coleas vibram-te nas vestes,  
E seguem a corrente de meu pranto,  
São roseiras em flôr entre cyprestes,  
E jogos infantis n'um Campo Santo.

## Saudade Universal

Vem commigo... Repara que esta fonte  
Nos quer dizer alguma cousa... Observa  
Attentamente a magestosa fronte  
Desta montanha, e estes canteiros de herva;  
E este trigal maduro, tremulando  
Das virações ao matinal gorgueio...  
Ouve: quanto queixume traspassando  
Da vaga insomne o coração não veio?...  
“Mysterio!” dizes. Musica impregnada  
De dôres e de lagrimas, repito!...

Vês esta lympha aos troncos enlaçada?  
Vês esta flôr de calice exquisito,  
E dentro d'ella um verde insecto, abrindo  
As antenas, compridas como braços?  
Este tremulo raio colorindo,  
Com a luz da estrella, a estrella de teus passos?  
Este outro remechendo na folhagem,  
Como alguém que procura alguma joia  
Perdida, ou como te procuro a imagem  
Quando no meu teu braço não se apoia?  
A nuvem no ar, louca e descabellada,  
Do terno amante para sempre viuva?  
A terra, agora, pelo sol tostada.  
Mas ainda fresca e tumida da chuva?  
Ouves todo esse estranho borborinho  
Em cima, em baixo, — no vergel, na esphera?  
Uma aza branca suspendendo um ninho  
N'uma verde e aromatica atmospheria?  
Um biquinho de passaro entreaberto  
Ensaizando-se para a cavatina,  
Que hontem se 'ouviu n'este arrebol deserto,  
Mas que a cantar os passaros ensina?

Vês? Ouve, pois. Toda essa vozeria,  
Todos esses alegres trovadores,  
— O rouxinol, da tarde, a cotovia,  
Da manhã; os longínquos esplendores  
Que a alvorada por sobre a espalda estende  
Dos montes; o queimor do sol do estio;  
A baforada cálida que ascende  
Das moutas quentes, do abrazado rio,  
Que, o curso, agora, magestoso, alarga,  
Depois de andar fervendo na torrente,  
Ah! tudo, tudo, tudo, a doce e amarga  
Saudade punge, deliciosamente.

## A arvore do coração

Dentro do meu coração  
Cresce uma arvore frondente,  
Onde uma triste canção  
Gorgeia constantemente  
Um sabiá da floresta.  
Cada illusão que apparece  
Pergunta: "Que voz é esta,  
Que as illusões adormece?!..."

Cada folha e cada flôr  
Que cáe dessa arvore immensa,  
São restos do teu amor,  
São restos da minha crença.  
Envolta em turbidas sombras,  
De seus longos e hirtos braços  
Lança ao docel das alfombras  
O coração aos pedaços.

Tudo que era meu perdi...  
Nada me ficou de outr'ora!  
— Vivo — ha muito que morri,  
E se meu riso não chora,  
E' que a lagrima do riso  
N'outra lagrima se esconde...  
— Ruina de um paraíso  
Erro, sem saber por onde.

Quando vi apparecer  
A minha crença primeira,  
Fiquei como a lorangeira  
Ao ver o botão nascer.  
A minha vida era calma,  
Sem parceis e sem abrolhos:  
Se eu tinha o céu em minh'alma,  
E a sua imagem nos olhos!...

Dentro do meu coração  
Cresce uma arvore frondente,  
Onde uma triste canção  
Gorgeia constantemente  
Um sabiá da floresta...  
Cada illusão que apparece  
Pergunta: "Que voz é esta  
Que as illusões adormece?!..."

## Monofonia... recordação

Para cantar-te, filha, já não tenho  
A lyra e o plectro, em chammas, como tinha.  
Se uma canção, porém, fazer-te venho,  
Bem vês, não venho como dantes vinha.  
Canta quem tem de azul a alma repleta  
E não perdeu uma illusão sequer,  
Porque ella é como uma janella aberta  
De onde sómente o sol se vê nascer.  
Esta saudade, esta melancolia,  
E' o começo de uma enfermidade.  
Que em nossas almas cresce, dia a dia,  
E não se sente na primeira idade.  
A lagrima nos olhos apparece  
Logo que morre a ultima illusão;  
Brilha nos olhos e desaparece...  
— Filha das sombras e do coração.

Vinte e dois annos tens e, sem que o queiras,  
A pouco e pouco vaes envelhecendo,  
E revês em silencio, horas inteiras,  
Os mesmos quadros que eu estou revendo.  
Debalde em cada flôr a alma repousas,  
Debalde em cada estrella o olhar descansas;  
Se estão por toda a parte as mesmas cousas,  
Já não temos as mesmas esperanças.  
Falta-te aquelle mysterioso lume,  
Falta-te aquelle duplo resplendor,  
— A virgindade — que era o teu perfume,  
— O irradiamento — que era o teu amor.

Multiplas fórmas toma o mesmo objecto,  
E o véu que o envolve é sempre o mesmo véu;  
Mas se o olhar de illusões está repleto,  
Nuvem não ha que tolde o azul do céu.

Oh! se me lembro! o céu era mais bello;  
A terra inteira um vasto paraiso,  
Porque os via através do teu cabelo,  
Porque os via através do teu sorriso.  
Voltam ainda os velhos trovadores.  
E com seus cantos o ar e o bosque acordam;  
As suas pennas têm as mesmas côres.  
O mesmo aneio e o mesmo ardor transbordam...  
Falta-nos essa eterna cantilena,  
Que só a infancia sabe gorgear,  
Que é leve como a luz, ou como a penna,  
Que cae da aza de um passaro a cantar...

Nossa existencia era tranquilla e calma...  
Meu desejo era sempre o seu desejo.  
Quando n'um beijo enviava-lhe a minli'alma,  
Ella a su'alma enviava-me n'um beijo.  
Dos meus sonhos, na verde ramaria,  
Só ficaram a morte e a solidão...  
E fóra d'alma — esta monotonia,  
E dentro d'alma — esta recordação.

**A' meia-noite**

## I

Eis-me só... Alguem bate á porta de mansinho.  
Alguem que já não vive,  
Que commigo soffreu, que no ultimo declive  
Das paixões esgotou minha taça de vinho.

Ella... a formosa, a bôa, a immaculada santa,  
— Sol do inverno subindo ao Zenith do amor,  
Que deixou de ser planta  
Para entre os anjos ser o éco da minha dor.

Sombra, pôdes entrar. Meu corpo e minha casa  
Perguntam por teus pés á avenida deserta.  
Ao mar! Tens uma vela, ao azul! Tens uma aza  
Sobre a choça dos bons eternamente aberta.

Quero apalpar-te o collo, aspirar o perfume,  
Que era a minha loucura e a minha embriaguez,  
E morder este chão e estorcer-me de ciúme.  
Quando o céu rutilar sobre a tua nudez.

Anda, deixa-me ver se ainda tens nesse peito,  
Como, sob uma lousa, aquella mesma chamma.  
Deita-te no meu leito:  
O amor que mata o morto á vida outra vez chama.

## II

Envolve-te na branca espuma destas rendas;  
Refrêa o temporal, córta a nado os lengões...  
E' preciso que o rei destes mares sorprendas,  
Bella, com o teu olhar apinhado de sóes!...

Has de sentir, de novo, o que sentias d'antes:  
 A alma incender-te o rosto, o sangue inflar-te as veias,  
 E na sação do gozo, as carnes luxuriantes,  
     Saborosas e cheias.

Desenrola o cabelo... E's minha, ainda, és minha!  
 Arranca de teu corpo esse estrellado véu,  
     E em meus sonhos caminha,  
 Como n'um alcantil, um pedaço de céu.

Vês? meu leito te espera.  
 Põe-te núa como eu, accelera os teus passos.  
 Meu amor é o gigante Atlas, teu corpo a esphera  
     Que elle sustem nos braços!

E's minha, ainda, és minha! As ondas, em tumulto,  
 Repara, como, em vão, batem contra o rochedo...  
 E' o delirio, o furor de algum tritão occulto  
     Nas cavernas do pego!

E' assim o meu tormento, é assim o meu desejo;  
 Não pára de crescer, não cansa de chorar.  
 Volta e verás, então, que, ás vezes, basta um beijo,  
 Um só! para fazer da gotta d'agua um mar!...

### III

"Incuravel cegueira! Ella está morta, louco!  
 Foi um duende que veio a taes horas bater  
 A' tua porta. Attende! um som queixoso e rouco.  
 Comô um corpo que morre, acabou de morrer.

Entre os labios febris da tua amante morta!  
 Foi um duende, infeliz, foi um duende que veio  
     Bater á tua porta.  
 E a garôa da morte espalhar em teu seio.

Choras debalde! A noite a concava fruteira,  
 Para a festa nupcial de frutos de ouro encheu.  
 Que lhe importa encontrar em caminho a caveira  
 De uma amante que aos dezeseis annos morreu?!

Que lhe importa encontrar o espolio venerando  
De seus labios sem côr, de seus olhos afflictos?  
Os esqueletos como hordas de grous, passando,  
Motejam de teus ais, galhofam de teus gritos!

Quem me falla? Quem és, sombra impiedosa e triste?  
Enterra a tua pá,  
Gower feio e galirão, no humus de onde sahiste  
Com essa cara de corvo empelamada e má.

Por que vens lacerar com teu bico as entranhas  
De uma pobre e infeliz lagrima tresmalhada,  
Deixando a minha dôr, como a dôr das montanhas,  
No thorax de granito, hirta e petrificada?

“Sim, eu sou a ave negra, o corvo máu e rudo.  
Palpa-a, louco, e verás se é mulher ou visão.  
Debalde! Has de estar sempre, estatelado e mudo.  
Entre os dois polos d'alma — a loucura e a razão!”

## Sonho apocalypticico

O sol acorrentado, a terra enferma,  
 Como um leproso, como Job;  
 A agua petrificada, a estrella, invalida e erma,  
 E o cruzeiro do sul desfeito em pó!

Os sacrilegos incubos na egreja  
 Cantando antiphonas e psalmos;  
 E o oceano, em cuja voz a voz de um Deus pragueja,  
 Callado e reduzido a sete palmos!

O Endor — cidade antiga e tragica da Historia —  
 Onde Jehovah forjou o celypse de Saul,  
 Dormindo entre outras da mais baixa escoria,  
 Como um batrachio n'um patúl!...

O esqueleto infeliz de um grande rio.  
 Atôa, a errar pelas encostas,  
 E, enfim sobrepujando o vulcão ôco e frio,  
 Encelado a fugir com o Etna ás costas!

Em Tenedos e em Cyrre os oraculos torvos,  
 Descabellados a rugir. —  
 E o dialecto fatidico dos corvos  
 Ao globo podre a traduzir!

Os mausoléos e as covas razas,  
 Com os dentes sujos do banquete immundo,  
 A envergadura a abrir das formidandas azas  
 Como o anjo do exterminio sobre o mundo!

E pela cruz suspensa ao grande monte,  
 Quasi sem fé, quasi sem luz,  
 O olibano do amor que perfumava a fonte  
 A conspurcar o rosto de Jesus!

Os templos de Serapis arrazados,  
Delphos, em chamma, Cós, num lethargo de arcia,  
E no mesmo jazigo sepultados  
Os corpos de Herculano e de Pompeia!...

E o ogre Sir John Falstaff — esse abcesso do riso —  
Sempre a roubar, sempre a beber;  
E a arvore, outr'ora, em flôr, do Paraíso,  
Com a serpe immunda a apodrecer!...

Deuses, reis, nuvens, céus, poeira, cinzas, fumaça,  
Tudo num turbilhão passando...  
E na treva uma mão e na mão uma taça  
E na taça ainda os odios espumando!...

---

Oh! terra malferida ao pisar o tablado,  
Entre Roma e Byzancio, entre a egreja e a mesquita,  
Ouve: minh'alma é como um templo abandonado  
Que ninguem mais proenra e ninguem mais visita.

Da viçosa esperança a fronde encontro morta,  
E frio o coração que a alimentou...  
Deste castello ninguem bate á porta:  
Desillusões e pesadelos sou.

Philosophia van — fragil batel que o vento  
Das tempestades atropella!  
Rolae, rolae, rolae, ondas do pensamento.  
Aos embates do raio e da procella!

Fazer um carnaval da lagrima e da dor,  
Vestir de andrajos o mysterio,  
Oh! Deus supremo, oh! alma pura e etherea,  
Dizei-me se no mundo houve crime maior?

Esperança! Esperança! Ophelia que a loucura  
Veio arrastando pelas aguas...  
Teu esquife é meu peito e tua sepultura  
São estas deres e estas maguas...

Que me deixaste, tu, philosophia, filha  
Primogenita e ingrata da razão?  
Nada, a não ser a duvida que humilha,  
E que me faz rugir e estrebuchar no chão.

E's Gomeril e és Phedra — o parricidio e o incesto,  
Da côrte da razão o bôbo soberano;  
Quando o sol vem nascendo, envias-lhe um protesto,  
E se o oceano se oppõe, protestas contra o oceano!

.....  
Tubas do bosque, sons da lyra, azas da rima,  
Enchei os valles de canções;  
Que o poeta ha de cantar, enquanto houver em cima,  
Este azul, este sol e estas constellações.

## Hymno ao amor

Ao crebro e longo arfar das fragorosas vagas  
Vão sulcando o alto mar, exaustos, semi-nús,  
Velhos, cheios de cans e cobertos de chagas,  
Carregando cada um seu sonho e sua cruz.

A onda que a aragem move e encrespa á flôr das aguas  
No gemebundo pégo uiva sinistramente,  
E conta ao viajor as redobradas maguas  
Que ouviu e recolheu em cada continente.

E, ao longe, sobre a relva, uma mulher sentada  
Estreita loucamente uma creança ao peito,  
E, de balde, a gemer, pede á sombria estrada  
Que lhe dê pelo amor de Deus um Christo e um leito.

Miseros que não têm nem perdão, nem amparo.  
A que altar ides dar vossa oblação modesta,  
Quando deveis saber que Deus é injusto e avaro,  
Sempre que ouro da fé aos credulos empresta?

Em que hymno festival hauriste essa loucura,  
O' meu sonho de amor, ó minha phantasia,  
Se n'este mundo é tão ephemera a ventura,  
Se n'esta vida é tão voluvel a alegria?

Barco que singra o Oceano e que deixou na praia  
Tanta saudade, tanta esperança perdida,  
Leva-me o coração, antes que a noite caia,  
E antes que surja o sol, leva-me d'esta vida.

Balsamico delirio agita estas paysagens.  
E accende pelo bosque o olibano da prece,  
Emquanto, ebria e salaz, as rútilas roupagens,  
Entre os vinhos da orgia, a minha musa esquece.

Sobre ossadas, sem fim, o amor triunphante passa;  
 A' beira de um paúl, eil-o a sonhar agora:  
 Quando Heloisa chora, a sua cruz abraça,  
 Quando Ophelia enlouquece, em seu delirio chora.

Si um meigo arrulho espanta as madresilvas castas  
 Oscula-as e sustem na haste que o sol devora,  
 E segue-te o esplendor, quando o teu manto arrastas,  
 O' lua, pelo céu, como Nossa Senhora...

No olhar do doce e brando Orpheu que a lyra impunha,  
 Para cantar da selva o magico transporte,  
 Com caricias de amante em cada accorde punha  
 Um lampejo de vida e um espasmo de morte.

De Eschylo — a immensa sombra, arremessada aos ventos,  
 No desmaio febril das oceanides, veio ,  
 Gemer da eterna dor os intimos lamentos,  
 E a angustia que continha o semi-deus no seio.

Grande, seguindo o povo, o poento e rôto manto  
 De Homero estende á vista astral dos universos,  
 E faz correr no Templo as ondas de seu pranto,  
 E nos syphuns de prata o fragor de seus versos.

Na alegria irial e lasciva de Delphos  
 Rasga de igneos clarões a alma da pythonisa,  
 E vae depois abrir com os Favonios-e os Elphos  
 A corolla da flôr que o orvalho aromatisa.

Presto, ao sonho que o invoca, á voz da Consuelo.  
 Sobee em primavera harmonia á garganta;  
 E inflammando-lhe o olhar, desmancha-lhe o cabello,  
 E incensando-lhe o altar, dá-lhe uns ares de santa.

Si um pequeno rumor o acompanha de perto.  
 Que alegria sem par precede esse barulho!  
 Na curva do horizonte a ave de bico aberto  
 Queima o sol com o olhar, bebe o céu n'um arrulho...

O' lindo pagem louro, ó domador sublime,  
Em cuja frança de ouro o orbe inteiro flammeja,  
Amei — qu'importa a mim que esse amor seja um crime,  
E que esse crime tres vezes punido seja?

Qu'importa ao grão de areia o temporal que o leva?  
Qu'importa á solidão o viajor que passa,  
E ao tumulto que dorme o desprezo da treva,  
E a um desgraçado amante uma nova desgraça?

## Vendo-a a rezar

Meiga e celeste luz que me embalou na infancia,  
Irmã gemea do amor que a idade não desdoura,  
Quem te deu esse dom, essa ideal fragrancia  
Que, como a um calix, te enche a carne tentadora?

Que divino panal teu labio adoça e molha ?  
Que urna queima esse incenso em tuas lacteas pomas,  
E n'um banho febril os contornos te esfolha,  
Se, acaso, entre os rosaes como uma deusa assomas ?

Guardas, intacto, o olor que eu respirava outr'ora,  
Entre as ternas canções das aves e das brisas,  
E um fulgor matinal os campos te decora,  
Quando os campos, a sós, affoitamente, pisas!...

Soberba, em tua fé radiosa, a alma suspendes  
Aos effluvios, que, á noite, a myrrha e o nardo exhalam;  
E um raio de esperanza a um raio de sol prendes,  
Quando a lagrima accorda e os passaros se calam...

Uma antiphona paira em toda a tua prece;  
Cerca-te um resplendor, puro como o das santas,  
E do céu, lentamente, um grupo de anjos desce  
Para te vêr rezar, de joelhos, entre as plantas...

Mystica irradiação de suprema tristeza  
Compõe a tua voz de celestes harpejos,  
E é por teres reunido a innocencia á belleza  
Que eu trocaria o céu por um só dos teus beijos.

Ah! a innocencia é tudo! E' o aroma ainda encerrado  
Na carcerula de ouro, impervia ao sol nascente;  
E' o coração no proprio extase embalsamado,  
O fremito do rio, o susto da corrente...

E' a hostia onde repousa a alma olente e piedosa  
Das virgens, que um desejo immenso e vago enleia,  
E seguem no horizonte a nuvem caprichosa  
E o reflexo do luar nos c6moros de areia.

Oh! symbolo impolluto, onde freme captiva  
A virgindade, quasi a partir a carcerula,  
Para se espanejar ao sol, radiante e viva,  
Dando-lhe ouro por ouro e perola por perola.

Oh! segredos de Ophelia 6s rosas assustadas,  
Oh! mimos de Hero 6 vaga, indomita e bravia,  
Como quereis voar com as azas amarradas  
Por esse extenso mar e essa amplid6o sombria?!

N6o, sobre o proprio amor que te cruscia, pouosa  
A cabe6a, Virginia, 6s horas do sol posto.  
Porque v6is, sem raz6o, entreabrir uma lousa,  
Com solu6os na voz e lagrimas no rosto?

Pobresinhas que a f6 pela duvida trocam,  
J6mais n'este presidio o seu ideal alcan6am,  
E, pallidas e s6s os solu6os suffocam  
E nos bra6os da morte, exanimes, se lan6am.

Sem for6as para a lucta, os golpes do destino  
V6o-lhes crestando a branca e limpida corola!  
Fragil roseira, o sol. constantemente a pino.  
A tige lhes calcina, as fl6res lhes estiola!

Rumor de um canto, beijo esquecido n'um ramo,  
Como um ninho sem dono, exposto ao vento e ao frio,  
Vinde aprender a amar, vinde v6r como eu amo  
Sobre a relva do bosque e as areias do rio!...

O amor 6 um gorg6io intermino, perdido  
Nas sombras do redil, na voz dos pegureiros,  
E que deve tambem ser depois recolhido  
Logo que uivam na matta os lobos carniceiros...

## Sanie Universal

E cortará com o ferro a espessura e o  
Libano cahirá pelo grandioso.

IZAIAS — 34 — Cap. 10.

O horizonte apodrece!... Apodrecem as torres  
Que na amplidão do espaço um deus occulto inflamma...  
Debalde, urras, vulcão, lava, debalde escorres:  
Colla-te a sanie á crosta o seu beijo de lama!

Sanie — a myrrha que sobe ao céu, apodrecendo;  
Sanie — o musgo careando e roendo as catacumbas;  
Tempestades que andaes os mares revolvendo,  
Sol que a Africa e o Equador á mesma canga chumbas;

Tabas de sóes, no azul, ápparelhando as flexas;  
Flexas, fazendo a dor espirrar da ferida;  
Guerreiro, que, ao passar, em cada porta, deixas  
Uma poça de sangue e uma mulher cahida,

Hade vos decompôr a sanie do Universo;  
Hade, ó sol, suffocar-te a golilha de fogo!  
Desde o olhar do innocente ao olhar do perverso,  
Desde a ímunda enxurrada aos turbilhões, em jogo,

Em tudo a sanie como um cascavel se aninha,  
E tudo o ascoso bicho apodrece e auniqueila!  
Desce ao mar, e sepulta a perola marinha,  
Sobe ao céu, e amortalha a estrella que scintilla.

Sião — a impura — tombou, e a mão do filho de Amos,  
Como um facho de pêz, abrazou-lhe as entranhas:  
O carvalho abateu, sem folhas e sem ramos,  
E a montanha pariu récovas de montanhas!...

A choupana não teve agua para os pastores,  
A campina não teve agua para as ovelhas;  
Moças iam pascer na magua os seus amores,  
Sob o peso das cans como enrugadas velhas!

A vinha de Judá murchou ao sol ardente;  
Em Israel a sarna appareceu no batho;  
E o bello collo de Jerusalém dormente  
Humilhou Jehovah, cobrindo-se de matto.

Surda fermentação da sanie, em frente aos muros  
De Samaria, ao cahir do outomno, antes da sega,  
N'uma terra sem Deus, por caminhos escuros,  
Passou a religião dos Medianitas, cega,

Triste, rôta, de Assur carregando os destroços...  
Ouvia-se o furor do mar... Tudo offegava!  
A a velha religião ia arrastando os ossos  
E os residuos da fé, que ainda o Oreb encerrava.

A carne, em sanie aberta, a alma, cascavelando  
E nadando no pús que escorria das chagas,  
Faziam retrahir as florestas, passando,  
E aos chontos, de roldão, retroceder as vagas.

Engelhada ficou a abobada infinita  
E o carro de Naaman, com as rodás quebradas;  
E Gehasi chorou aos pés da Sulamita  
Entre áleas de oliveas e vinhas sazoadas.

Mas a sanie matou o olival e a videira,  
E em sangue coagulado exputava do fruto,  
E quem visse rachar a corcha da amoreira  
Diria uma gengiva a cahir de escorbuto.

A mulher que passou fremendo na lufada,  
Sem saber como dar mais sangue aos seus desejos,  
Foi entregar o corpo á sanie alcandorada  
Na ramagem de um labio, enflorado de beijos!...

E a cidade que João viu surgir no alto monte,  
Maior do que Sarão e do que Babylonia,  
Desopprimindo a terra, alargando o horizonte,  
Com janellas de sardio e atrios de chalcedonia,

Veio a sanie e derruiu os muros e as janellas,  
 E um furacão de pó tripudiou-lhe em torno:  
 A podridão é luz e destroe as estrellas,  
 A podridão é lama e destroe o contorno.

A bocca feminil que entontece outra bocca;  
 A caricia sensual que outra caricia pede;  
 O louco que persegue a sombra de uma louca,  
 E pede-lhe mais agua e pede-lhe mais sêde,

Werther, banhado em sangue, Hero, banhada em pranto,  
 A sanie os consorciou n'um mesmo abraço insano,  
 E, á tona desse rio, e ao sabor desse canto,  
 Dois funebres bateis voaram a todo panno.

Morte! Morte! Ouro ou sanie; Andromacha ou Timandra  
 — Vil batracchio que coacha, aguia altiva que vôa,  
 Se és Daura, em teu amor ha trillos de calhandra,  
 Se és Julia, o teu amor anda vagando á tôa.

Essa a quem tanto amaste, ó mestre do soneto,  
 Já nem mesmo palpita em tuas obras primas.  
 Morta está, e eu só vejo o teu primeiro affecto,  
 Na basta ulceração dos tropos e das rimas.

O sol ha de rolar um dia pelo espaço,  
 Como um feretro enorme, onde os planetas jazem.  
 Porque, depois de haver lutado, braço a braço,  
 Com a decomposição, como os brahmanes fazem,

O sol, que rói a pedra, o sol, que secca os mares,  
 O sol ha de volver ao novo sol, que o espera;  
 E o sol que o recolher na vastidão dos ares,  
 Como elle, ha de, tambem, tornar á uma outra esphera.

Tudo se decompõe! tudo que morre ascende,  
 De novo, á superficie, infiltrado de seiva:  
 — E' um velho candil, que se apaga e se accende  
 Sob um pouco de céu, sobre um pouco de leiva.

A sanie é o amor, a sanie é a fé, a sanie é o riso  
 De Falstaff, é a paixão de Hamleto, triste e exhausto,  
 A irrisão da loucura, a embriaguez do sorriso,  
 Que rejuvenesceu o coração de Fausto.

A sanie é o broto, a sanie é o fruto, a sanie é o galho,  
Onde o sabiá pendura o seu terno alaúde:  
E' o aroma da rosa, a frescura do orvalho,  
A illusão que morreu em plena juventude.

Sanie, que a voz do pai suffoca e abafa; rictus  
Inexoravel, fauce inexoravel de Ælo,  
A ceifar no deserto os idolos e os mythos  
Como espigas na sega, a golpes de cutelo.

Homens, a vida é como o banquete de Tyeste;  
A podridão — é o Atreo desse banquete immundo.  
Corpo, deixa essa argila; alma, deixa essa veste:  
E' sanie o sonho, é sanie a luz, é sanie o mundo.

## Agonia do pó

### I

Já de atros avejões minhas loucuras todas  
 Fogem espavoridas.  
 As estrellas são más, as aves estão doudas,  
 E murchas sobre o chão as flôres mais queridas.

Tudo é treva no céu, tudo é morte na terra,  
 Em que vou descansar.  
 Torpor na solidão, lamentações na serra,  
 Rebelliões no mar!...

Prazeres, onde estais? Onde vos occultastes  
 Com os meus ultimos beijos?  
 Almas puras do amor, em que campá quebrastes  
 Meus lubricos desejos?

Como mudou o antigo aspecto da payzagem!  
 Como tudo faz crer  
 Que o destino dos bons, nesta longa romagem,  
 E' chorar, é soffrer!

Attrahe ainda a calhandra os corações ditosos  
 Na quebrada dos valles.  
 Ainda encontra o luar os jardins perfumosos;  
 Mas o loto da fé, sem aroma e sem calix.

O incenso que dourava a alma da Sulamita,  
 Eil-o apagado já.  
 Illude-se quem diz ou suppõe que acredita:  
 — A verdadeira crença ha muito extincta está.

Não lanceis essa injúria a mais á fronte austera  
Do Creador sublime,  
Que poz a flôr no campo e poz a luz na esphera,  
A graça na mulher, a tentação no crime.

E' medo o que tu tens, pobre ser inconstante,  
Pobre ser infeliz!  
Se te faltou a luz, se te trahiú a amante,  
Fez tudo isto o Senhor para seres feliz!

Uma tal oração macúlá o solio augusto  
E o firmamento empesta.  
Corações, esperai, o Omnipotente é justo:  
Pôz o sol na montanha e o reptil na floresta!

Esperai, esperai. A aurora se levanta.  
A natureza é toda um hymno festival.  
A mandragora canta...  
Faz mal a sua voz? Deixai que faça mal.

Prosigamos. Adiante, uma serpe traiçoeira  
Vos picou uma arteria... Oh! não nos assustemos.  
Foi um raio de amor n'um pouco de poeira,  
Tudo quanto perdemos.

A morte vos arranca a filha mais querida,  
A açucena mais nova, a aragem mais subtil,  
Era o sonho melhor de toda a vossa vida,  
A mais bella manhã de todo o mez de Abril!...

Quereis dar a esse corpo, exanime, o bafejo  
Do paternal carinho.  
A graça, n'um olhar, o sorriso, n'um beijo,  
E fazel-o voltar, de novo, ao casto ninho?

Pobre pai, pobre mãe! vossa filha adorada  
Repousa para sempre inanimada e só...  
— A creança que sonha, é uma estrella abrazada,  
— A estrella que se apaga, uma nuvem de pó.

## II

Emquanto, fóra, os mais folgam, preso, contemplo  
O horizonte tristonho...  
Meu corpo é como o chão, minha alma é como o templo,  
Onde deixo á vontade espraiar-se o meu sonho...

Sou a sombra da tarde encostada á uma cruz,  
Ouvindo a voz do vento e a canção dos pastores...  
Para o meu pobre olhar o céu nunca tem luz,  
Para o meu pobre valle o sol nunca tem flôres!...

Nunca prazeres vis me ataram á vertigem  
Que os sentidos desvaira.  
Do mal que me consome aprofundei a origem,  
Mas sobre o eterno bem minha poesia paira.

Meu coração foi sempre um passaro a cantar  
A' borda de qualquer saudade fugitiva,  
Por ouvir, noite e dia, a vaga soluçar:  
Até quando, Senhor, me reterás captiva ?

Com Shakspeare aprendi a arte de amar a rima,  
De arrancar-a do pé, como o fruto do cacho.  
Com elle contemplei a irradiação de cima,  
Com elle atravessei o lodaçal de baixo.

Meu espirito leu paginas immortaes.  
Como uma aguia planou nas regiões mais nobres;  
E, atravessando, á noite, infrenes bacchanaes,  
Foi ser bom entre os bons, foi ser pobre entre os pobres.

No castello de Hautsbourg o trovão retumbou...  
Viu-se um monge sahir dessa cratera immensa,  
E com a sua palavra os écos despertou,  
E com a sua lição reconstruiu a crença!

Mas o espaço ficou vasio e inhabitado,  
E na consciencia humana a mesma dôr secreta,  
E, enchendo a vastidão do abysmo illimitado,  
O horto, sem a oração, a cruz sem o propheta.

Para que serves tu, orgulhosa razão,  
Sinão para crear a demencia dos sabios?  
Em que hostia hei de guardar a minha solidão?  
Em que divino altar hei de pousar meus labios?

Hallucinadamente ao pélago me lança  
A vida que me cerca, a morte que me invade:  
Se olho para o futuro, anima-me a esperança,  
Se olho para o passado, esmaga-me a saudade.

Saudade do que fui, do tempo que perdi  
A desfolhar canções pelo arvoredado fóra,  
Vendo a rosa entregar-se ao doudo colibri,  
E a calendula abrir-se aos osculos da aurora.

Saudade da estação que os velhos troncos doura,  
Sorrindo á estrella d'alva e ao matinal concerto;  
Saudade dessa quadra ardente e sonhadora  
Em que o maior desgosto é um paraíso aberto...

Saudade desse alegre e esplendido arrebol  
Que coroava o cabeça ás montanhas immensas,  
E me deixava a fronte aureolada de sol,  
E me deixava o peito orvalhado de crengas.

## Quadras simples

A lua vinha escutar-te,  
Queria esconder-te o sol;  
Apaixonado o arrebol  
Buscava-te em toda parte.

As crespas vagas do mar  
Ao pé de ti arrulhavam,  
E a tua sombra, ao passar,  
Avidamente aspiravam...

A estrella d'alva, distante,  
Pelos espaços azues,  
Prendia um raio de luz  
A' tua trança odorante.

E tu me trazias, flôr.  
N'um suspiro ou n'um queixume,  
Um pouco desse fulgor  
N'um pouco desse perfume.

E, fitando o astro tristonho  
Que a nuvem desfaz, além...  
Perguntaste-me se o sonho  
E' como a nuvem, também...

Ave, que o vento colheu,  
Onde fizeste teu ninho?  
Em que ramo, passarinho,  
O infortunio te acolheu?

A sorte que te desterra  
A mim, também, desterrou;  
O presidio que te encerra  
Não sabe o mal que causou!

Eras a rosa em botão,  
Eras a gotta de orvalho,  
Que procurava agazalho  
Dentro do meu coração.

“Vôa!” dizia-te a lua,  
Sahindo do seu docel,  
“Assim mesmo, quasi núa,  
Nas azas do meu corcel.”

Eras um nicho a brilhar  
N’um claustro dominicano;  
Hero o amante a procurar,  
Nas crespas aguas do Oceano...

Sóbe, não queiras que o vento  
Te esmague o calice, ahí:  
Sóbe mais, que o firmamento  
Quer estar perto de ti.

Não sabe o mundo, tambem,  
Como me pesa este lenho;  
Se te fallar ainda venho  
E’ só por te querer bem.

Deus te quiz a outro ligada,  
A mim ligado á outra quiz;  
A ti, te fez desgraçada,  
A mim, me fez infeliz...

A’ qualquer parte onde vá  
A alma febril de meu canto,  
Rios e rios de pranto  
O céu sómente lhe dá.

O silencio me acompanha,  
A desgraça me conduz,  
E caio aos pés da montanha  
Ao peso da minha cruz.

Perguntam todos quem és,  
Que sentença estou cumprindo,  
Para que viva carpindo  
E passe a vida a teus pés?

Não julgam peitos humanos  
Que se ame e se soffra assim,  
E que durante vinte annos  
Tenhas passado sem mim!...

Pensam que minto, talvez,  
Que estou faltando á verdade:  
Não ha no mundo saudade  
Que mate só de uma vez.

Sorte, como a minha sorte,  
Ainda se não viu igual:  
Receio que a propria morte  
Aggrave e não cure o mal.

D'estas chammas infernaes  
Nasceram as minhas dôres:  
Ai! ferem mais que os das flôres  
Os espinhos de meus ais!...

De um crime, que desconheço.  
A pena estou a soffrer.  
Ha muitos annos padeço.  
Não posso mais padecer.

## Exhortação da floresta

Oh! penetrar aqui neste recesso augusto,  
 Dilacerar-me o seio,  
 Deixar-me a alma a gemer, o líneo hombro combusto,  
 De ferimentos cheio!...  
 Ser despertada, assim, a tiros de espingarda,  
 Ao ladrido feroz dos cães de caça!... Andar  
 Aos gritos, como um ser vilão, que se acobarda,  
 Por ouvir lá na serra a anhapóca ulullar;

Oh! desnudar-me toda e atirar-me aos pedaços  
 Pelos marneis immundos;  
 Obrigar-me a descer pelos morros, sem braços,  
 Com os ventos iracundos!...  
 Tratar-me como serva, exposta á neve fria,  
 Ao pó, á cerração;  
 Profanar, poluir minha antiga magia,  
 Meu culto, minha fé, meu lar, minha oração!...

Para traz, para traz, monstros de fôrma humana!  
 Tenebroso instrumento  
 Da morte, a que geysér ou catacumba insana  
 Pediste este tormento?!  
 O grito atroador e agudo do milvago  
 Córta a montanha oval.  
 Segue-te com terror o duro porte o lago,  
 Que aclara a propria sombra e acolhe o proprio mal!

Tremem os tangarás nas pennas encolhidos,  
 Dormem as juritys...  
 Vão-me lançar aos pés os galhos reffloridos,  
 Vão-me harpas e arrabis,  
 Miseros, arrancar á velha fronde altiva,  
 Ao imponente domo, ao secular sacrario.  
 O' nemuroso genio, ó poderosa diva,  
 Sou tambem vossa myrra e vosso escapulario!

Protegei-me e amparai-me, e, sobrestando o passo  
 A' turba dos incréos,

Fazei que do igneo pégo ou do damnoso espaço,  
 Da fauce dos vulcões, d'alma dos escarcéos,  
 Alguma cousa desça em fórmula de castigo

Sobre tamanho crime!

Ficar o tiê sem tecto e a rôla sem abrigo;  
 Cahir, sem ter no solo uma haste a que me arrime,

Ou quem me oscule a fronte e me humedeça os labios  
 Com o nectar de seus hymnos,

Em verdade, é cruel! Caçadores ou sabios,  
 Não importa! são sempre os mesmos assassinos!  
 Risonho, o céu me traz, seus deleitosos mimos

Em róridas canções,

Garridos jacamins baixam dos altos cimos  
 Sobre estas solidões...

Tudo quer um logar, um recanto, um pedaço  
 Da marchetada sombra em que meus ninhos teço...

O doce luar brilhante em rezedás desfaço,  
 E em tudo, ora, appareço, e ora, desapareço...

Os sahís me vêm dar os bons dias, e tornam

Aos seus lares, depois.

Com que capricho e gosto os seus tugurios ornam:  
 — Tugurios para mil, palacios para dois!

E a açáira que, a arfar, poisa o biquinho n'agua,  
 E está ali, vae não vae pela corrente a baixo...  
 Sem sentir de Menalco, a dura e acerba magna,  
 Sem colher de Aphrodita os frutos, cacho a cacho...

Tudo isto vae morrer, Senhor, ou cegamente  
 Tomar um rumo obscuro, um fadario cruel,  
 Porque o sabio ahi vem com o perdigueiro á frente,  
 Apedrejar meu solio e rasgar meu docel?

Como? Pois será vã minha soberania?!

O sceptro que me déstes,

Vão tambem, meu Senhor? Pois toda esta poesia,  
 Estes hymnos sem par, estas vozes celestes,  
 Serão por esta turba ignára injuriados,

Mettidos em polés,

Como anjos sublevados,

Mais nefandos, talvez, que o lodo das marés.

Que as escórias de Biblo e o anthro de Calahorra ?  
 Oh! minhas aracuans, meus éonoros ruidosos,  
 Que tem que a ave gorgeie e a agua silvestre corra  
 Entre ninhos febris e frócos sonoros?  
 Que tem que o sol me encontre a reparar os ninhos  
     A's minhas arapongas  
 Barulhentas? Que tem? Elles — os passarinhos  
 Querem sestear a gosto em suas selvas longas...

Deixae-os, pelo amor de Deus, aqui pousados,  
     Deixae-os a sonhar...  
 Elles têm mais que vós os corações maguados,  
 E são, homens, tão bons que se deixam matar.  
 Deixae-os que os acolha e os leve á bôa estrada,  
 A que, entre anjos, vae ter ao eterno esplendor!...  
     Que a sombra illuminada  
 De tanta fé me envolva e me salve, Senhor!

Que este concerto, aqui, seja um éco distante  
     Da bondade infinita,  
 Da candura ideal, do idyllo balbuciante  
     Que em todo o céu palpita.  
 Que tudo falle e entenda o idioma claro e eterno  
     Dos primeiros christãos.  
 Caçadores, vós sois os ministros do Inferno:  
 Ha febre em vosso olhar, ha sangue em vossas mãos!

Caçadores, que mal vos fiz eu? Sou acaso  
 O mau guia, o mau genio, o Othus funebre e torvo?  
     O truculento Occaso,  
     O sanguinario corvo?  
 Ou o Dragão nefasto, abalando as montanhas,  
 Ou a Hydra de cem cabeças ourejadas?  
     Leçerae-me as entranhas,  
     E as frondes decepadas;

Tirae-me as virações, as ledas primaveras,  
 O orvalho sideral que eolea mão conduz;  
 As lyricas visões, as fúlgidas chimeras,  
 Que deslisam, subtis, sobre flocos de luz,  
 Mas concedei-me a graça, o dom piedoso e egregio  
 De commover a Terra e os duros horizontes.  
 Dando-lhes, em vez de ouro, em meu dominio regio,  
 O mel dos meus sabiás, a agua das minhas fontes,

## Passeio da terra

### I

Tudo é unidade, tudo é grandeza no espaço,  
 Um concerto admiravel!  
 Da obra infinita o ingente e facultoso paço,  
 — O rio arguto e roto, a aurora incomparavel,  
 O tronco duro e secco, o fio d'agua escasso,  
 São para a lente humana um bloco impenetravel.

A machina do mundo, a solidariedade  
 Dos antros constellados,  
 Não guarda o mesmo albor, não tem a mesma idade.  
 Mas as constellações de seios abrazados,  
 De que vivem senão dessa fraternidade,  
 Dos restos desses sóes no vacuo soterrados ?

Um diaphragma e um pulmão para todo o infinito!  
 Ouve-se em cima o cavo  
 Resomnar de milhões de orbes. Velho precito,  
 Sente o sol que se obumbra, o primitivo travo  
 Na babugem do mar, na crosta do granito,  
 No thalamo real, na pocilga do escravo!

A cadencia estellar conserva as mesmas notas,  
 A mesma urna inflammada.  
 E o divino rumor das orbitas remotas  
 Foi a Terra aprender no alto daquella achada,  
 Indo por andurriaes e paragens ignotas  
 Com o traje em desalinho e a coma desnastrada...

Como o alto cedro sae da semente bemdita  
 Um astro sae de outro astro,  
 E percorre a luzir a abobada infinita  
 Com os fulvos gorotis a estralejar no mastro.  
 Aqui, o vento impelle a não que periclita;  
 Alli, Venus desnuda o collo de alabastro.

A assombrosa attracção nega o repouso e o *somno*  
 Aos pélagos profundos.  
 Alguem que tudo vê do rutilante throno,  
 Dando alma ás solidões e aza aos vermes immundos,  
 Agazalha e protege o homem, como um colono,  
 Que vae depois de morto explorar novos mundos!

De apparatuso tyro e pedras caprichosas  
 Um dia ornou a Terra:  
 Perfumou-lhe a epiderme e as tranças luxuriosas.  
 A' fonte deu mais agua, ao valle deu mais serra,  
 E fez gemer o mar nas vagas salitrosas  
 A inexoravel dor que o peito humano encerra.

Não se apagam do genio as memorias augustas,  
 Não morre no ar a chamma.  
 Lobo feroz, de balde, o cordeirinho assustas!  
 Pois o teu rude — Não! a eterna fé proclama.  
 O seu poder é immenso, as suas leis são justas:  
 Aqui arruga, alli despréga, além recama.

Refulgem, de repente, os seus signos obscuros  
 No ar, no polen, no orvalho.  
 Destróe a traça a idéa, o lichen cobre os muros;  
 Deforma a phyloxera os parreirae maduros;  
 A ferrugem voraz a picareta e o malho;  
 A lingua o ferro em braza, a orgia os labios puros!

Deus dá a tudo um raio, a tudo uma alma prende,  
 Como ao aro o diamante.  
 Um vivo e claro lume em cada olhar accende...  
 Sorri, se vê passar a nayade inconstante,  
 Que aos desejos do sol amoroso se rende  
 Sobre o dorso da vaga esmaltada e arquejante...

As Ménades dansando, os faunos de alcatéa,  
 A bocca, o riso, o momo;  
 O marzuco ou o truão, que faz rir a platéa;  
 A membrana que envolve o doce cardamomo;  
 Tudo o que encanta e atrae a prófuga napéa  
 Tem na arte excelsa a lâ, o fogo, o zimbro, o domo.

Que barulho e que festa! O sol do Eleuzes orna  
 Tudo de ethereas côres!  
 E' o PIMANDER, o deus que o oleo sagrado entorna  
 Na aza dos Seraphins, nas plumas multicôres  
 Com que a Terra, ao partir, para outros céus se adorna  
 Com o esmeraldino manto a transbordar de flores...

Satisfeita, sorri. Tremula, embevecida,  
 Não pára nunca, segue...  
 Acha esplendida a altura, acha bôa a subida.  
 Se não pesam, que tem que as montanhas carregue;  
 Que perca o seu tear, que perca a propria vida?  
 Que tem o pó que o amor a envolva, a excite, a cegue?

A mão da Natureza, impaciente, cava  
 Grandes sulcos no espaço.  
 Sirio, acóde, radiosa, Hercules, toma a aljava;  
 Corre apressada, espreita e lança ao Touro o laço.  
 E, depois sobre o Cysne os igneos olhos crava...  
 Quem lhe arruinou a messe e, ora, lhe embarga o passo?

Alvoraçada a Terra, ao atrio egregio assoma!  
 Que tumulos sumptuosos!  
 "Isto aqui é melhor e maior do que Roma!"  
 A' agua, ridente, aborda os campos deleitosos!...  
 Com que amor cada sol cultiva o seu idioma,  
 E honra-o nas libações aos seus heróes famosos!

Como sou fraca e vil! murmurou tristemente  
 A aguia orgulhosa e altiva!  
 Tudo galhofa e ri da minha aza impotente,  
 Do meu vão esplendor, da irrisoria invectiva.  
 Com que, bláspHEMA, sujo o solio omnipotente,  
 Se o cariz da manhã do seu albor me priva.

Um olho do Dragão vale mais do que eu valho,

Eu, o misero argueiro.

Eu, que andava ao linhal, eu, que batia o malho,

Nunca fui senão isto: — um lavrador grosseiro,

Um ogre, um aleijão de cabello grisalho

Que ia as almas ségando e pondo-as num celeiro.

Hoje é que vejo e apalpo o átomo, a omnipotencia

Que o limbo astral tempera!...

Dobra a cerviz o sabio, em vão, perscruta a sciencia.

Se aqui o frio é muito, é subir á outra esphera,

E' passar a estação naquella outra eminencia,

Onde a vida é mais sã e mais pura a atmosphera!

## A filha de Cassiopéa

### II

“Albumazar!” Alguem de cima clama. “Temes,  
 Por ventura, o meu disco?!”  
 Faz-te mal meu olhar, meu nimbo? Porque tremes,  
 Albumazar! A mim chegou-se o cervo arisco:  
 Vieram beijar-me o manto as velas das triremes,  
 A pedra do altar-mór, a agulha do obelisco.

Sou de Cassiopéa a filha bem amada,  
 A diva mensageira.  
 Quantos astros não vão na rutilante estrada  
 Rojar-me aos pés o escudo e a lança aventureira?  
 Sou no espaço infinito e na órbita estrellada  
 Uma serva, também, mas sem picote ou ceira.

Arreiam-lhes o porte as vestes mais brilhantes;  
 Guirlandam-lhes a testa,  
 Rosas, ainda em botão, em laços roçagantes,  
 Como um epithalamio ou dádiva ceeste,  
 Feitos para enleiar dois corações amantes  
 Ao começar do sonho e ao terminar da festa.

Como vês, tudo aqui tem mais pompa e nobreza:  
 A aza do escaravelho  
 E' maior, bem maior do que tu que andas presa  
 Ao arbitrio de um deus folião e esfervelho!  
 Cuidas que o firmamento, achas que a natureza,  
 Que o verdadeiro Deus só estão no Evangelho?!

Cuidas vir, entre nós de Gomorrha — a impudica  
Glorificar o enxurro;  
Ou a ode alçar a Baccho, ou o véu erguer á rica  
Tibur? Torna ao teu fundo e rebalsado esturro  
Que o Apostolo condemna e o Satyro deifica,  
Anjo — com olhos de stryge, aguia — com pés de burro!

E's uma atra, tortuosa e humida albergaria  
Terra, esquecida e baixa!  
Desees como um galé á masmorra sombria,  
Que o tempo e o vendaval bramante esvurma e racha...  
Porque, tolhida e só, vás sem cajado ou guia,  
Sobreexaltando o algoz que te sachola e sachá?

Sóbe a enfiesta abrazada, embraça o escudo torvo,  
Manda accender o archote,  
Goulo gordo e lambaz, cujas azas de corvo  
Te envolvem como um longo e sórdido capote.  
Aborda o azul, é só amiudar o trote,  
E, em lá chegando, zás! é tragal-o de um sorvo!"

## Resposta da terra

### III

“Caminha!” — respondeu a Terra. “O braço de Horus  
 Sustem-me neste abysmo.  
 Deus deu á Creação ouvidos para os céros,  
 Bronze para os heróes, agua para o baptismo;  
 E quando o pincel trouxe os bulções e os meteoros,  
 A tela escabujou n’um longo paroxismo!

O que teus olhos vêm alapado em cafunas,  
 O que a marcha te apressa,  
 E vóa ás saturnaes, e, em coréas nocturnas,  
 Córta a amplidão serena e o arreo fóco atravessa,  
 Todo o páramo azul ronda em maltas soturnas!  
 Ah! tudo a sazonar e a florescer começa!

Buscam as virações, Eros, os teus affectos;  
 Partem, folgando e rindo.  
 Param, banham-se, além... já longe dos insectos,  
 Nos lagos sideraes e múrmuros do Pindo,  
 Em que os gnomos subteis, os genios irrequietos,  
 Dão mais rumor e brilho ao paraizo infindo.

No ouro fôscó da tarde a cortina cerulea  
 Abre-se, ondula, esplende!...  
 Quem quer que seja, observa, ergue-a com mão herculea!  
 Que perfume ideal dessas noites rescende!...  
 Sóbe melhor o incenso, arde melhor a dulia,  
 Que pelo obscuro templo espirital se estende...

Pela vasta amplidão, á noite, a rêde lança:  
 Irradiam os astros...  
 Em refulgente tóro a cabeça descansa...

Desmancham-se-lhe aos pés os fulgurosos nastos...  
 Suleam constellações a onda dormente e mansa,  
 — Faustosas náos furando o céu com a prôa e os mastos.

Calmas, haurindo o flavo effluvio, as manhãs ledas,  
 A graça campezina  
 E a coifa arremedando, entram as alamedas  
 Que vão ter a qhilar a uma extensa campina,  
 Onde a lympha está só, entre taliscas quedas,  
 E o esco e rugoso tronco o grosso talhe empina...

E's maior do que eu, sim! Tua planura é vasta.  
 São candentes teus cumes.  
 E's boa, és rica, és bella, és seductora, és casta...  
 Enquanto, que sei eu? Carrego estes negrumes,  
 Os arvicolas, e o ar — que a treva e a morte arrasta,  
 Com todos os seus djins e todos os seus numes!

Sou a filha bastarda, inhospita e refece;  
 Sou o turbilhão e a morte,  
 Que ao pé de uma arribana, em ruinas, adormece.  
 Sou do bravio oceano o muro e o contraforte.  
 Quem ouviu meu clamor e acolheu minha prece,  
 E assim me expôz, sem dó, aos temporaes da sorte?!

Sou Endor, sou Balbec — a tripodé e o sacrario,  
 O soldado e o proscripto.  
 Fui eu que com Jesus subi o Horto e o Calvario,  
 Que sangrei minhas mãos, que recalquei meu grito!  
 Fui eu — reptil immundo — o rei e o caudatario,  
 O peccado e o perdão, o propheta e o interdicto!

Fui eu — o Trimegisto — o Hermes omnipotente  
 Que viu do Attrida, á noite, o alfange reluzente,  
 Nú, relampadejar no peito agonizante  
 Do rei, impio e cruel, que a lenda incongruente  
 Enalteceu e alçou na pyra fumegante!

Meu incenso, porém, não queimou só nas choças,  
 Não ardeu só nas praças,  
 E as espheras que, agora, insolente, alvoroaças,  
 Não dão, como bem vês, ouvidos a chalaças,  
 Nem applaudem, tão pouco, as descabidas troças,  
 Que, insólita e folgaz, em epigrammas traças.

Bem sei que levantei e destruí cidades,  
 Que andei sulcando os mares.  
 Se não fui sempre a mesma em todas as idades,  
 Porque arrazei e ergui Pompeias aos milhares,  
 Acaudilhei vulcões, ventos e tempestades,  
 E, feroz, persegui os deuses e os altares;

Tambem do amor preguei o culto e, ao lado estive  
 Do proscripto e do pobre.  
 Da soberba ambição as incursões contive.  
 Preconiza, insensata, a tua estirpe nobre.  
 O sol, que no ar, na flôr, no álveo e no musgo vive  
 Sabe como tecu o manto que me cobre.

Entrelacei a luz ao redolente calix,  
 E amorosa tornei-a.  
 Fil-a sorrir no ramo e cachinar nos valles;  
 Fil-a dourar a bractea, a aresta, o fio, a teia,  
 O antro dos Geriões, o solar das Omphales,  
 Que a lua beija e affaga esplendorosa e cheia...

Da incauta e deleitosa união de Clio e Apollo  
 Nasci excelso vate.  
 Ajudo aos aldeãos a cultivar o solo.  
 Sou grande no perdão, sou brava no combate.  
 Se me ferem demais, tudo devasto e assolo,  
 Após vertiginoso e estrupidante embate.

O negro Eschmiadzin meu genio augusto ensombra,  
 Meu buril sangra e grita;  
 As cúspides assalta, o Cruack livido assombra.  
 Quem estes paços entra, orgulhoso, acredita  
 Que o que medra lá fóra é tojo, é bolha, é sombra,  
 Que a aragem matinal funebremente agita.

Filha de um camponez, mas valente e guerreira,  
 Fui dada em holocausto.  
 Quem, como eu valerosa, investiu a trincheira?  
 Quem, como eu, desprezou a pompa, o luxo, o fausto,  
 Sob um céu frio e máo, sobre um chão rude e infausto?

O heróe de Wittenberg não tem como João uma ilha.  
 Sim, Waltbourg é um protesto,  
 O rastilho, a fagulha, a propaganda, a pilha  
 Electrica. Um ranger de dentes contra o incesto;  
 Um soturno clamor contra o alfange e a golilha,  
 As coleras da bulla e as extorsões do aresto.

Na modesta Capreso entreteci de rosas  
 Um berço pequenino,  
 E oseulei-lhe, sorrindo, as rendas caprichosas.  
 "Toma." E dei a provar o alvéolo florentino  
 A' creança gazil, de feições vigorosas,  
 Toda a desabrochar n'uns olhos de rabino.

Um dia, eis-me a sulcar o Oceano, grosso e cavo,  
 Eis-me de velas soltas.  
 Fito a bruma inconstante, além... do leme travo...  
 Em neptunaleos véus ainda estão envoltas  
 As Nereidas, que dispo, as Nereidas, que lavo,  
 Ao romper da manhã, sobre as vagas revoltas...

Em Lepanto, em Madrid, vi Miguel de Cervantes:  
 Achei-o lindo e guapo.  
 Distinguira-se e muito em pelejas brilhantes.  
 Em vez de um manto real lançou-lhe a Hespanha um trapo;  
 Lustrou mares sem fim, correu terras distantes,  
 E deu luzes a um louco, e maximas a um sapo!

Mas, incende-se agora a ribalta. Quem passa?  
 Quem governa este imperio?  
 Quem com o dedo na sombra outros arcanos traça?  
 Quem a outros mundos leva o espirito sidereo,  
 O rutilante enxerto, a luminosa massa,  
 A vida, a eternidade, o sonho vago e ethereo?...

Shakspeare — a irradiação, o beijo, a sanie, a cova,  
O oceano, o amor, o crime,  
O astro que se refaz, a dôr que se renova,  
O humus exacerbado, a espuma, o germe, o vine;  
O que irrompe do solo, o que a pedra desova,  
Quando o esculptor a inflamma e pallido a comprime!

O azul desse horizonte immenso se constella.  
Visto de perto attrae, visto de longe aterra!  
Mas quem deu rova e chamma á peregrina estrella?  
Quem a fez ir cantar lá no tope da serra?  
Quem a elevou tão alto e t'a mostrou tão bella?  
Fui eu — irmã — a Terra!

TERCEIRA PARTE



## Arco do triumpho

Mas... se somos ainda um éco solitario,  
O transumpto infeliz da universal fraqueza,  
O phantasma, a expressão, o pensamento vario  
Da mesma luz fugaz que envolve a natureza;

Se perseguimos ainda o mesmo ideal obscuro,  
O fumo de algum sonho, a voz de alguém que passa;  
Se ainda ao verso me prendo e ao pégo me aventuro,  
E enlevo-me a brunir um pouco de argamassa;

E' que, como a esse Stello, a dôr me engelha o rosto  
N'uma atra convulsão de instinctiva revolta:  
O sorriso tem sempre o fel de algum desgosto  
No sonho mais pueril, n'alma mais desenvolta.

Quasi que o homem perdeu todos os santos numes  
Do seu altar d'outr'ora. Um longo olhar perdido  
Nas chapadas azues, nos arrelvados cumes,  
Deixa-lhe a alma sem fé e as cousas sem sentido.

O homem! Que tens de mais, fragil mónada errante,  
Fátuo e vaidoso pó, atirado aos espaços,  
Sempre injusto e cruel, sempre frio e inconstante,  
Com terror de uma cruz que te cahiu dos braços?

Mónada errante, sim! No afan a que te entregas,  
Perdes a côr, o andar, os dentes e o cabelo.  
Animal, com que custo o proprio ser carregas  
Por este chão de fogo e estas rechans de gelo!

Em torno ao mesmo sol a mesma noite fria,  
A mesma confusão, a mesma creatura.  
Pascal tenta amparar a fé, mas... que ironia!  
Salta-lhe a rir da penna uma caricatura...

O mystico esplendor do culto a que se eleva,  
Debalde o aquece. Ha nelle a sempiterna fonte,  
Producto da razão, do cháos, da luz, da treva,  
Que apaga um cirio n'alma e abre um sol no horizonte.

E o sabio, ante o céu calmo e frio, o ouvido attento,  
Sem lograr comprehender o tenebroso arcano,  
Pergunta: "de onde vens?" se ouve passar o vento,  
"E tu para onde vais?" se ouve bramir o oceano.

E' o seu ultimo grito, é o seu ultimo arranco...  
Mas a porta fechou-se, inexoravelmente!  
Enruga-se-lhe a face e o seu cabello branco  
Dá-lhe um tom monacal ao rosto indifferente.

Eis, ahi está, portanto, o passo a que chegamos.  
Nada entrevimos, nada. Onde fomos, em summa?  
Que vão ou ponte ou cerro ou selva atravessamos?  
Que memorias do *Além* trouxemos nós? — Nenhuma.

Nenhuma? E o viajor que andou medindo os astros?  
E o que sondou o oceano e o céu amplo e remoto  
E apagados deixou os vacillantes rastros  
Na impérvia solidão do firmamento ignoto?

Bellos dias de sol, fagueiros e risonhos,  
Coados em leve crivo, ao trom das vagas mansas,  
Como cégos correis atraz dos velhos sonhos,  
Das velhas illusões, das velhas esperanças!

Em mendaz coração as azas abrazastes;  
Sentistes rutilar uma pupilla estranha  
N'um ponto do infinito. Anjos, apregoastes  
Seu nome ao rio, ao vento, á floresta, á montanha.

Revestestes o cháos, desvendastes mysterios.  
Para aclamar o raio, accendestes o arco-iris,  
E a flamma que aqueceu os Triões e os Cimerios,  
E, pallido, prostrou o egyptico aos pés de Oziris.

Vão esforço, porém. Annos, lustros, edades,  
Como articulações de um mesmo corpo exaustado,  
Prendem ao rudo sócco as velhas divindades  
E o invicto heróe a um signo amaldiçoado e infausto.

E' o terror do fraco essa fatalidade!  
Do forte é o hymno, o sangue, o deus, a vida, a gloria.  
Abate-lhe o vigor toda a immobilitade,  
Toda a chimera van, toda a fé transitoria!

E á terra? que tocou á terra que definha  
Obscuramente sob os seus balcões de flôres?  
Um bareo ao lune d'agua, e a pobre alga marinha  
A sonhar, a pedir outros céus e outras dôres.

Luctar contra o tufão, oppôr-lhe um braço herculeo,  
Não foi por certo, dado á flôr meiga e impolluta...  
Quer no calix fechar o horizonte ceruleo,  
Quer florir no vergel, quer conhecer a gruta;

Quer ouvir cachinar o sol nas manhãs claras,  
Sentir no coração a febre das alturas,  
E consigo dizer: ,Oh! que lindas searas!  
Como os lagos são bons, como as aves são puras!"

E' assim a natureza, é assim o poeta. O rude  
Retinir dos broqueis deu-lhe contrastes novos.  
Foi por isso que amou o heroismo e a virtude,  
A justiça nas leis, a nobreza nos povos.

Dessa combinação espontanea de idéas,  
De odios, de collisões, de queixas, de lamentos,  
Vieram rompendo o cháos todas as epopéas,  
Todas as religiões, todos os monumentos.

E' o grande cyclo. A terra abre-se, o gosto medra  
A semente; a expressão embelleza a obra d'arte;  
E emquanto o cinzel vai amotinar a pedra,  
E procura-se o som e a côr por toda a parte,

O estylo se transforma. As escabrosidades  
Da rima o poeta aplaina. O desenho é traçado.  
Surge o homem. *Alleluia!* Em pouco, as divindades  
Vão deixar para sempre o altar abandonado

Mensageiro da musa e mólimen de tudo,  
O rythmo é o coração a sangrar do Universo.  
Porque, então, consentir que qualquer homem rudo,  
Indifferente, exclame: "Ora escrever em verso..."

Sábel-o, emtanto, Mevio: é preciso que o poeta  
Reuna a dignidade á graça, a fórmula ao fundo.  
Esmerila-a d'est'arte, — e a obra será completa:  
Brilhará como o sol, viverá como o mundo.

Passam as gerações, rúem os montes. corta  
O meteoóro fugaz a atmosphera sombria...  
Póde rolar, sem rumo, a lua semi-morta,  
Mudar-se em cinza, em pó, em lodo, em neve fria;

Póde o rio seccar, mumificar-se o Oceano;  
O fogo devorar campos, aldeias, casas;  
Póde o raio ferir o fragil ser humano;  
Póde o condor perder as suas grandes azas;

Póde a sanie assolar o homem e os monumentos,  
As grandezas de outr'ora, os templos sem destino,  
E arrancar á essa carne os ultimos alentos,  
E a esse velho metal o timbre crystallino;

Viverás, obra d'arte, emquanto o sol no espaço  
Ajudar a viver a terra fraca e inerme.  
Mas, quando, enfim, morrer teu derradeiro traço,  
Terá morrido, ha muito, o derradeiro verme,

## Ama

Relendo Ariosto, revocando Tasso,  
Outros mimos meus olhos visitaram.  
Toda a celeste altura, espaço a espaço,  
Minhas azas de archanjo perlustraram.

Quantas estrellas pelo azul esparsas,  
Quantos idolos, novos e risonhos!  
Em baixo, o mar, coalhando-se de garças,  
Em cima, o céu, colmando-se de sonhos.

Vieste, e a chamma tornou ao labio frio,  
A' choupana que fica ao pé do mar,  
E das aves ao terno desafio,  
Vi-te, a um tempo, sorrir e soluçar!

A fé, acaso, torna á prece extincta ?  
Acaso, irei, de novo, a cruz beijar ?  
Ah! que aroma, que luz darei á tinta  
Com que te quero as graças exaltar ?

Que estrophe te hei de pôr nos olhos doudos,  
E nessas tranças, onde o amor conspira,  
Se encontro, agora, desbotados todos  
Os namorados madrigaes da lyra?

Que te hei de dar, leve e amorosa endeixa  
Que inclemente estação privou do orvalho,  
Rosa em botão, que a primavera deixa,  
Em plena festa, emurcheecer no galho.

Que te hei de dar se, ingrato, o céu se obstina  
Em me occultar a sua face ideal?  
Que pôde a folha solta na campina,  
E a vela arremessada ao temporal?

A esperança, que um doce lume accende,  
Olha, brilha, de novo, no rosal.  
São outros já teus olhos, já se rende,  
Como ao calor de um fogo virginal,

Teu coração, que é todo amor e graça,  
Teu coração, que é todo idyllio e anseio...  
Ouve: entrega ao viajor, que, agora, passa  
Todo o thesouro que contens no seio.

Amar! E' só o amor que empresta ás aves  
Esse canóro e alado tresvario,  
Essas mysteriosas, essas suaves  
Notas que o vento vem lançar ao rio!

Ouve; quando a palmeira a alegre espatha,  
Airosa, entrega ás virações do sul;  
Quando a acauã na solidão da matta  
Contempla, absorta, o firmamento azul,

Um fremito as agita docemente...  
Canta baixinho o passaro taful...  
Que harmonia na vaga e na corrente,  
Que anciedade na estrella e no paúl!

Amar é a segurança no que é vario,  
E' a inconstancia de tudo o que é constante,  
A lua que prateia o campanario,  
A onda que geme no alcantil distante...

E's tu — a força reunida ao medo,  
A belleza ligada ao soffrimento,  
O gemido da rôla no arvoredo,  
A hesitação da luz no firmamento...

## Victor Hugo

Ce Titan se roua joyeux, dans la tempête.

(VICTOR HUGO — *Pleine mer.*)

### I

Como a arvore transmite ao fruto o seu mysterio,  
A aguia humana transmite ao verme humano a seiva.  
O genio é um consolo, a arvore um refrigerio;  
O humus deve ser bom e accomodado á leiva.  
Os dramas de Shekspeare, são o alto relevo  
Da natureza. O seu pincel ou a sua adarga,  
N'um largo traço ou golpe, apanha o éco longevo  
De uma quadra fatal que nos foi seiva e amarga.

Tudo aqui golpha e estila a ironia ou o assombro!!  
Cyclope e Caliban nascem do mesmo attrito,  
São da mesma familia.  
Que lhes importa Deus, quando elles têm um hombro,  
Um globo, um signo, um sonho, uma apostrophe, um grito,  
E companheiros como a loucura e a vigilia?

Qu'importa a Ixion a roda, e a Prometheu o abutre,  
A contorsão, a febre, o figado sangrando?  
Como os monstros, o genio é disso que se nutre:  
Tambem tem febre o sol, febre que c está matando!  
Mas não morre o sol nunca! Outro sol carinhoso,  
Numa esphera maior, ha de um dia acolhel-o;  
E, ha de, com a mesma febre, ignivomo e orgulhoso,  
Alçal-o á nova cruz, á nova cruz prendel-o!...

O genio a tudo impõe um plinthe, um molde, um resto.  
Amassa o barro e o ferro, escolhe a chamma e o espaço.

Em toda parte, ouvi-me!

Faz de um grosseiro bloco um Priamo a seu gosto.

Aqui, o mesmo brilho, ali, o mesmo traço:

Hyssope para o bem, alfange para o crime.

São excessivos, sim. Tambem o é o horizonte.

Manipular o cahos, é um bem e uma loucura.

Que vai ser desta larva? — Insecto, copa ou monte?

Anjo, Thiade ou astro, a re-plender na altura?

São excessivos, sim! Como é o oleo sagrado,

Como é o Horto, a hostia, a fé, a religião, a morte,

Morte, que é estrella d'alva a illuminar o prado,

Tão serena e tão só, tão fragil e tão forte!

Hugo era tudo, em tudo estava, em tudo um hymno

Punha. Era a concha, a vaga, a en-cada, a escarpa, o cume!

Que thuribulo que é a rima,

Incensando uma estrophe, indo commosco ao pino

Da fama, onde a demencia, o fausto, o orgulho, o ciuimé,

Relampadejam, como o atro elemento em cima!...

Sonhemos... Quanta luz! Quanta melancolia

Não lhe turvam o olhar, não se lhe esparzem n'alma!

Como o oceano, a estrugir aos pés da penedia,

Tem o fluxo e o refluxo, a agitação e a calma.

Toda a fecundidade e toda a seiva hereulea,

Que ao mundo real empresta a carne, a côr, o brilho.

Desfazia-se ,após, no fumo de uma dulia,

Na meiga voz do pai, no doce olhar do filho.

Superbe il pleine avec un hymne en ses agrès.  
Et l'on croit voir passer la strophe du progres.

(VICTOR HUGO — *Plein ciel.*)

## II

Sim, sonhemos, Senher. Eil-o marujo agora.

Em pleno mar... Que é isto! E' Leviathan que passa,

O horrendo, o hiapido, o bruto,

Que serviu de modelo á escuridão e á aurora.

Ao esplendor boreal, á lymphá algente ou crassa,

Á arvore, ao tronco, ao cerne, á folha, á flôr, ao fruto.

Em pleno céu? Pois bem. As seis azas espalma,  
 Azas de Seraphim pelo horizonte escampo.  
 Faz do lírio uma estrella e da perola uma alma,  
 Um rio, um bosque, um lago, uma clareira, um campo...  
 Desgalga o abysmo; o insomne astro desconhecido  
 Da noite — attento, inquire; o oceano, aspero, sonda,  
     Se o vê grosso e sanhudo.  
 Vergasta o dorso nú ao leão enfurecido,  
 E pergunta depois: “Porque flagellas a onda,  
     Aquilão rouco e rudo?!”

Do harmonioso instrumento as almas peregrinas,  
 Como alegres visões, rindo e cantando passam;  
 E o velho, absorto, aspira as auras matutinas,  
 Que o recém-nado Phebo, insolitas, abraçam.  
 O Othus pia no espaço augusto e silencioso;  
     Desbruma-se o horizonte...  
 Vem a aurora nascendo, o ar de effluvios se banha.  
 Deixamos longe o Alborg e o passo tormentoso...  
 Já nos não mette medo o barulho da fonte,  
 Nem o espreguiçamento obscuro da montanha!...

A noctua espreita a balsa. O flórido caminho,  
 Tufado, aqui e alli, de aspérolas e rosas,  
 Tem bençãos para o sol e risos para o ninho,  
 Quando os vê a folgar com as nymphas voluptuosas.  
 Vamos. O velho entôa um hymno agora á Terra.  
     Tudo, extasiado, o escuta...  
 Tudo se prostra, tudo o inspira, o exalta, o encanta!  
 Que assombroso condão possui! Fazer da serra  
 Um incensario idéal que o envolve e se transmuta  
 Em culto para amar e para dizer: Canta!”

Que alma vibra e soluça enlaçada a esse nume  
 De tão flebil arrullo e tão altos accentos?  
 Que corolla lhe deu o mystico perfume  
 Que anda agora no céu levado pelos ventos?...  
 Ninguém tamanha força e graça deu ao plectro:  
     Ninguem, como elle, deve  
 Tantos dons á natura! E' o orgulho de seus olhos.  
 Quíz ser grande — deu-lhe o ostro, o throno, o sceptro.  
 Quíz ser simples e bom. — fez-lhe a alma côr da neve,  
 E vasta como o oceano a reboar nos escolhos!...

Enchem-lhe a solidão borboletas e pionias,  
Templos, missaes, bureis, antiphonas e harpejos;  
E, a miude, encontro, envolta em finas lans ionias,  
Sua musa a oorôar ás Clodones de beijos...

Que perfeição, que geito,  
Põe nas flôres que engalha!

Se é chamma, de manhã, á tarde, é sombra olente...  
E' o mantem do altar-mór, é a hyperbole, é o conceito,  
Que a suggestão aviva e o termo escande e entalha  
Numa onomatopéa altiloqua e imponente!

Anediando o dorso á loba, a fauce acalma!  
Tem gemidos de sino e subtilezas de hera.  
E, ao acaso, sem mesmo o haver querido, uma alma  
Accende em cada caule e insufla em cada esphera.  
Diz, passando, ao Senhor: "Dá ao cedro mais sombra!"  
E, depois, a sorrir: "Dá ao alcantil mais cume!"  
Quanto maior é o véu, mais deleitosa a alfombra,  
Quanto mais puro o altar, mais cubigado o lume.

Se ouve da althene o grasno aceiro, a egregia lyra  
Muda em canoro carne,  
E o mel, dourado e novo, em orações e psalmos.  
Hoje, é assese ou festão; ámanhã, orno ou pyra,  
Transformando em radioso hallo o mesquinho adarme,  
E os uivantes tufões em cytharedos calmos!...

### III

Não esqueceu do Sudra o canto mesto e rude,  
Nem a espada do Katria. O glorioso arauto  
Vai proclamando a creença, a justiça, a virtude,  
Com a imponencia do Dante e o atticismo de Plauto.

Como o Gama ou o Colombo,

Imprime um novo rythmo ao cahos que um nucleo anima.  
Lustra a babuge ao mar, transpõe o teso alpino.  
Ouvi: do velho roble o pesado ribombo  
Estua nq hemistichio e retumba na rima!

Do rito scandinavo os gigantes ferozes  
Com as lanças e as adargas  
Combatem corpo a corpo. E' um campo de guerra  
A ode que o manto terça. Os rugidos atrozes,  
As blasphemias crueis, as previsões amargas,  
Amotinados vão pelos covis da serra!...  
E' a hecatombe, é a grita infrene da procella,  
Os corvos conduzindo ao mercado de Turno;  
E' a lua ao penetrar no fundo de uma cella  
Com o seu passo de freira abafado e soturno...

Sim, eil-o, o patriarcha austero e bom. A tudo  
Deu um sopro de vida, um claro pensamento.  
O que escreveu no exilio, os astros decoraram.  
Foi da fraqueza o escudo,  
O machado que corta, o acerado instrumento  
Contra os que, a ferro e fogo, os irmãos trucidaram!...  
Em qualquer parte, onde haja um velho ou uma criança,  
Sua musa reflecte a mesma claridade:  
Para os que pedem luz, Victor Hugo é a esperança,  
Para os que pedem pão, Victor Hugo é a piedade.

## Depois de vinte annos

Ah! quantos beijos te não dei na bocca!  
 Na bocca, sim, no melodioso escriptorio,  
 Onde tu'alma, caprichosa e louca,  
 Ergueu seu casto e virginal dominio.

Tomava-te nos braços, como um Deus,  
 E ia contigo morros, valles fóra...  
 "Vê, tu, que ledos ninhos... não são teus?  
 Não serão teus tambem o sol e a aurora?"

Tinhas nos pés, ó linda rezedense,  
 Azas, como Psyché -- da côr do dia;  
 Pois se eras nesse tempo a fluminense  
 Que, entre tantas, mais dotes reunia.

A voz, o gesto, o porte, o andar, a côr,  
 Punham psymas no cirado as camponezas;  
 Na pelle fresca escoava-se um rumor  
 De rosas, de caricias, de incertezas...

Os teus cabellos negros pareciam  
 Longos, vastos, immensos paraísos...  
 Que é que os meus labios, dize-me, faziam  
 Enroscados, assim, aos teus sorrisos?...

Ah! dize-me tambem que abelha ideal  
 Era essa que em teus labios fabricava  
 Um mel, que em vez de bem, só nos faz mal,  
 E, que em vez de curar, a febre agrava!

Mas, por Deus! Não tornemos a esse sonho  
 — Fumo que sóbe psalmodiando á serra...  
 Fumo bemquisto por um sol tristonho,  
 Fumo abençoado pelo bem que encerra.

O' fados! Que loucura, novamente,  
Tornar da adolescencia ao terno arrulo,  
Espalhando a aurea myrrha transparente  
Sobre o leito de Clodia e de Catullo!

Que loucura! teus labios ourejar  
Com os lascivos quebrantos de meus beijos;  
Com a insania que a mandrágora ulular  
No arco dos seus violinos malfazejos!...

Que loucura correr valles e serra  
E marchetados cómaros dispersos,  
No tenue raio que suspende a Terra,  
No doce nardo que contém meus versos!...

Porque havia este mar, damnoso e vão,  
De arrebatarme perola tão cara?  
De que serviram minha imprecação,  
Meus doces carmes, minha voz amára?

Debalde! O avaro bem, que te é vedado,  
Em vez de te acolher com ledas graças,  
Ha de o passo tolher-te, ha de amarrado  
Lançar-te ao riso e ao babaréo das praças!

Hade. E depois que a turba te esquecer,  
Erguendo hozannas e entoando psalmos,  
Te levará, como um truão qualquer,  
Para o teu Esequial de sete palmos.

## Insistencia

Rosa entendeu agora, Rosa — a ingrata —  
Que é pouco, ó céos! o que lhe digo em verso,  
E, por isso, de novo, me maltrata  
Com o seu olhar incredulo e perverso.

Os amavios mais subtile ordena  
Naquelle seio em que a volupia avulta,  
E apraz-se em prelibar a minha pena  
Que, embalde, est'alma com terror occulta.

A indifferença é a arma predilecta  
Dessa orgulhosa e pallida deidade,  
Que não se dóe de vêr ferido um poeta  
Com o seu rigor e a sua crueldade.

Faze de mim o que quizeres, faze,  
Bocca que encerra uma alma perfumosa,  
Porque entreabro, ouve bem, o véu de gaze  
Que carrega o teu corpo côr de rosa.

Lança-me ao fundo de cruel desterro,  
Põe-me longe das festas e das gentes;  
Que eu viva a acompanhar meu proprio enterro  
Por luras tristes e areas candentes:

Que as carnes traga em terebrantes dores;  
Que o veio d'agua se transforme em chamma;  
Que tudo, enfim, reserve os seus furores  
Para augmentar o anseio que me inflamma.

Bem sei que a dôr não te commove, embora  
Seja branda a estação. Teus olhos frios  
Fitam-me, e elles que brilham como a aurora,  
São para mim austeros e sombrios.

Quero-os, porém, assim, máos e impiedosos,  
De uma graça beluina engrinaldados,  
Levando os seus caprichos criminosos  
No mais bello dos surtos arrancados!...

## A ultima noite de um conjurado

O preso está recostado em uma cama grosseira. Depois de sublevar o panno, dirige-se para a bocca de scena.

### O CONJURADO

Seria sonho, acaso, ou meu cerebro, em fogo,  
 Quer que em cada palavra o meu martyrio imprima?  
 Discorre a noite... sangra a argila que interrogo...  
 E a brenha astral que me olha e me espreita, de cima,  
 Com medonho fragor desaba em mó de espectros!  
 Sonhos, que me quereis? Que me queres, mysterio?  
 Ideal! Ideal! Ideal! Amarrado a dois sceptros,  
 Comprimido, ao nascer, pela mole do Imperio,  
 Que me queres?

O' patria, augusta e lacrimosa,  
 Cuja ferrea oppressão ha de tornar mais santa,  
 Dilaceras os pés na rota procellosa.  
 Rebaixaram-te muito! Enquanto se levanta  
 A lua, enquanto a estrella o manto azul, ferindo  
 Com o clarão que irradia em seu divino flanco,  
 Vae pela noite fóra um canto desferindo;  
 Enquanto morre o dia, e, num supremo arranco,  
 Tremulo, quem quer que é, parou ao pé do solio  
 Em que está ruminando o rei, sinistramente,  
 Com os olhos empolhando o ensanguentado espolio  
 De uma raça execrada, inerme e imprevidente,  
 Cuido, ao longe, entrever, numa atmospherá espessa,  
 Glorioso, atravessar o sol da liberdade!...

Esta vaga de fogo a abraçar-me a cabeça;  
 Esta idéa constante, esta necessidade  
 De amar; este soffrer sem treguas; este sonho  
 Crebro e insano; este abysmo e dentro esta agonia  
 A exaurir, a mirrar o astro em que os olhos ponho;

Esta immunda, esta escura, esta estreita enxovia,  
 Ha de crescer com o tempo, ha de alçar-me a memoria,  
 Como um vexilo, após haver tocado ao cumulo:  
 Condor, que a casca parte ao tenebroso tumulto  
 Para ir, de vôo em voo, atravessando a Historia.

Mas, se fôr sonho o lodo ignivomo da estrella?  
 O humus desabrochado e que tão pouco dura  
 Na haste e na mente humana? E, se fôr sonho aquella  
 Existencia ideal, sem dôr e sem tortura,  
 Em que os raios do sol têm um fulgor mais doce,  
 Em que um beijo qualquer é uma estrella que fica?  
 E se a morte que assombra e amedronta não fosse  
 Outra vida melhor, outra zona mais rica,  
 — Florestas sem outono, infancia sem velhice,  
 Trecalando ainda ás lans purissimas do berço,  
 Unindo ao que ficasse a alma do que partisse,  
 E ao teu amor, Jesus, todo o amor do Universo?

Sobre a equorea amplidão a abobada se arqueia...  
 Sáe da sombra uma mão livida e ameaçadora,  
 Que, ligando-me os pés, meu rosto esbofeteia!  
 Ouvi: no areal deserto o oceano arqueja e chora...  
 Insomnias de gigante, urros de condemnados,  
 Que a récua dos tritões vão conduzindo á morte.  
 Allí, monstros incréos, timoneiros sem norte,  
 Pela colera ultriz dos ventos agoitados;  
 Golpes da ingratição que a pútrida gangrena,  
 Desde o throno imperial á esgrouviada miseria,  
 Com o bafo decompõe, com o sorriso envenena!  
 Oh! a bocca salaz da inveja deleteria!

Pausa

Não é justo lançar dentro de um calabouço  
 Um homem, por pedir mais luz e mais espaço,  
 E transformar-lhe o sonho em tábido arcabouço  
 E inhibir-lhe a palavra, e acorrentar-lhe o braço!...  
 Que hordas desbaratou o stéropes que apaga  
 Em cada coração o fogo que o aviventa,  
 E reprimir procura a embravecida vaga,  
 Subjugar o tufão, embridar a tormenta?  
 Quem acclinar pretende hoje esse Apocalypse  
 Na alma de cada ser, no ideal de cada povo?  
 Quem, assim, a razão submete a um longo eclipse,  
 Tolhendo ou mutilando o pensamento novo?

Que despota extorquiu á resplendente aurora  
 O sumptuoso palacio ogival do Levante?  
 E os tufões desatrêla e as naves desarvôra,  
 Testo, furioso, sobre o pélago ondulante?  
 Será a liberdade alguma Erinie hedionda  
 Que tudo quanto toca apodrece e asphyxia,  
 Que, se roçar, passando, o regaço de uma onda,  
 Em macabro furor transforma a calmaria;  
 E aos lábios suspendendo harpas apaixonadas,  
 Ao contacto da luz, ao conchego dos linhos,  
 Presto, ao vibrar-as, deixa em crepe amortalhadas,  
 Como uma haste sem flôr, e uma arvore sem ninhos;  
 Cujos olhos nos attráe, como a perfida chamma,  
 Numa noite hibernal, attráe a mariposa,  
 E o nosso esforço exalta e a nossa fé proclama  
 Com a innocencia do berço e a quietação da lousa?  
 Será a liberdade o Kremlin que dardeja  
 Todo o fausto imperial, todo o esplendor antigo?  
 O braço que apunhala, o raio que lampeja,  
 O ventre de Molock, a orgia do jazigo?  
 De onde vem? Quem lhe pôz á frente o nimbo augusto?  
 Quem lhe deu essa voz que os évos atravessa,  
 Esse soberbo entono, esse tronco robusto,  
 Esse gesto, essa altiva e fogosa cabeça?  
 Deusa, é como o vulcão do Etna. Esplendente e louca,  
 O que lhe nasce ao pé, fecunda como um rio.  
 Queima-lhe a braza o peito, enche-lhe o orvalho a bocca,  
 Se, acaso, a relva sécca o abrazador estio.  
 Os crespos macaréos rebolem-se na espuma;  
 Referve a praia, ao longe... Estranho vulto, em meio  
 A' espessa cerração, muda em meteóro a bruma,  
 E o arro do volutabro em claro e undoso veio!...

Quando se a vê passar, num lance d'olhos, perto,  
 Montando um valeroso e tragico ginete,  
 E galgar a montanha e engulir o deserto,  
 Tendo o incendio na frente em vez do capacete;  
 O ginetario audaz na corrida arriscada,  
 Que a força ao animal multiplica e accelera,  
 Leva na mão direita a temerosa espada  
 E, com a outra, sustenta a rutilante esphera!...  
 Quem será? Deus, talvez. Não importa quem seja.  
 E' alguém que contra o mal arremette, de novo.  
 E' bello vê-lo forte em meio da peleja,

Remittir o inimigo e enobrecer o povo!...  
 E' essa legião de phantasmas sombrios,  
 Que embrandece o clamor ao pelago iracundo,  
 E muda os corações em caudalesos rios,  
 Que vae regando a terra e fecundando o mundo.  
 Sou um co-réo, tambem, dessa legião sagrada  
 Que rasga a pedra e põe-lhe uma chamma no peito,  
 E colhe ao galho a flôr para depôr num leito,  
 Se a que o habitar, acaso, amanhecer fanada.

Com desanimo

Porque a mão que me ampara, agora, se retira,  
 E, feliz, noutra fronte orgulhosa descansa?  
 Tal como o fogo sáe de dentro de uma pyra,  
 Foge-me o coração, — todo amor e esperança! —  
 Homem, sombra que passa, em que peuso dormiste?  
 Em que altura, condor, as azas descansaste?  
 Na curva do horizonte intérmino, que ouviste,  
 Quando desabrochava o plenilunio na haste?  
 Quantos sóes accendeste em tão longa romagem  
 Desde o Pagode, na India, ao Vaticano, em Roma?  
 Glorioso galé, quem te esculpiu a imagem?  
 As lagrimas de Sparta, a chuva de Sodoma,  
 O beijo que acorrenta, o philtro que envenena,  
 O castigo do justo, a absolvição do crime,  
 O filho que ao punhal a propria mãe cõdemna,  
 A ostentação que avilta, a offerta que deprime?  
 Que te deixaram, louco, essas pugnans sem termo,  
 Essa ambição fatal que te arroja ao martyrio?  
 Que te ficon de tudo? Um coração enfermo,  
 E a fé a bruxolear como um funereo cyrio!  
 Porque, cego, creaste ao lado de uma aurora,  
 Cordelia, o atro furor das irmans? A loucura  
 De Goneril; o fogo horrviel que devora  
 Os labios de Regana, hallucinada e impura!...  
 Oh! deixa nos covis os monstros acõitados,  
 E a alma no coração adormecer tranquilla.  
 Reparae como estão os bosques desnudados!  
 Como a lua no céu nostalgica scintilla!  
 Porque desde o Hymalaia ao Mississipe um côro  
 De dores que a ninguem comprehender foi dado?  
 Que Amazonas excede esse rio que o chôro  
 Humano vae cavando através do Passado?  
 Quem nos baixa ao Nadir? Quem nos alça ao Zenith?

Porque o pulpito préga o cárcere e a fogueira,  
Fazendo com que Roma outra vez precipite  
Sobre Paris dormente o incendio e a gargalheira?

Atravessa o palco lentamente. — Com exaltação

Porque reter-me aqui dentro desta enxovia  
Se têm fome lá fóra as aves de rapina?

Com doloroso accento

Quando a aurora descer aos brancos domicilios,  
Cheios de amor e paz, cheios de aroma e sombra,  
Com um raio do sol nado a lhe dourar os cillios,  
Depois de andar abrindo as rosas pela alfombra,

Animando-se

Minh'alma irá, talvez, como o perfume agreste,  
Que se evola da flôr, numa manhã de estio,  
Ou, como d'aza errante o brando murmurio,  
Suja, ainda, do humus vil, ter a mansão celeste!...

Abre-se a porta da prisão. Entra um velho padre

O PADRE

Approxima-se, irmão, a hora fatal. O dia  
Aponta; sóbe ao céu o incenso das caçoulas  
Em tremula espiral. Na aba da serrania  
Vêm, contentes, pousar bandos de pombas rôlas...  
Venho erguer a vossa alma e recebel-a pura  
Na patena que encerra o corpo de Jesus.  
E arrancar-vos, por fim, desta immunda clausura,  
Onde não entra a fé, onde não entra a luz.

O conjurado fita-o

Ides morrer. Morrer! A chamma não se apaga,  
Continúa depois desta vida outra vida,  
Como a vaga no mar continúa outra vaga...

O CONJURADO

Approxima-se, então, a hora da partida...

O PADRE

Irmão, a hora solemne, a jornada infinita  
Na qual se tem por guia uma constellação;  
E' a hora em que a alma sóbe a essa estação bemdita,  
Tão simples no lavor, tão grande no perdão.  
Deus vos escuta. A fé é o laço que prende  
As lagrimas da terra á clemencia divina.  
Quando succunbe o corpo, a alma, tranquillã, ascende  
Ao céu, como o clarão da estrella vespertina...

## O CONJURADO

Em que Olympo se occulta o Jupiter sublime,  
 Esse Deus, que é do escravo a lobrega mordaga,  
 Esse Deus que me açoita, esse Deus que me opprime,  
 Com a sua negra cruz e a sua hedionda graça?...  
 Porque foi que rasgou um rio em cada peito,  
 E do Styge feroz na torrente infernal,  
 De um lado pôz Luiz XI, e disse: "Eis o direito!"  
 Do outro, Alexandre VI, e disse: "Eis a moral!"  
 Porque, porque teu Deus do alto do firmamento,  
 Créa Attila e Maebeth — o raio e a tempestade?!  
 E num pôtro de bronze enjaula o pensamento,  
 E aos braços de um madeiro amarra a liberdade?  
 Porque põe sobre o throno um papa, um doudo, um rei?  
 Porque para ser justo augmenta a sobrecarga  
 Com esta santa trindade: "o dogma, a espada e a lei?"  
 Porque em Paris conspira e em Roma delibera,  
 E lança ao mundo, como a um circo, — essa damnada  
 Messalina? Esse abutre, Alonso, e reverbera  
 Sobre a consciencia humana a rubra espumarada  
 Que lhe golpha das mãos como o sangue de um flanco  
 Apunhalado? Padre, eu não creio em teu Deus,  
 Vês? Minh'alma está fria e meu cabelo — branco!

Depois, ironicamente

Para onde vão, meu padre, as almas dos atheus?

## O PADRE

Blasphemas! Blasphemas!

## O CONJURADO

Sim, blasphemia, odio *insana*,  
 Contra o que é falso, iniquo, absurdo e deshumano.

## O PADRE

Acalmae-vos.

## O CONJURADO

Acaso, ó velho, comprehendes  
 O que é o homem na terra — a noite antes do sol?  
 Olha; essa mão que aperta essa outra que me estendes,  
 Da campá ha de sahir como um grande pharol  
 Para guiar no futuro a derrota a um navio  
 Tripulado por dez sec'los de soffrimento!

E a marinhagem negra e o piloto sombrio  
 Hão de vencer o Oceano, hão de domar o vento.  
 De que é feito esse estranho e phantastico rumo  
 E o nevoeiro que rasga o navio phantasma?  
 De brados, de clamor, de odio, de cinza e fumo,  
 Dessa miseria immunda e desse immundo miasma,  
 Que o espirito apodrece e a alma de sangue tinge;  
 Que a razão crucifica e a colera suffoca  
 E sepulta o ideal no ventre de uma sphinge,  
 Aferrando o betilho á cobiçosa bocca!  
 Miséria! Funda gehena, aza de corvo aberta,  
 A vêr se a luz lhe deixa a côr menos escura,  
 E que, ao transpor a lua a abobada deserta  
 Conspurea-a com o seu sopro e a sua baba impura!...  
 Miséria! O cháos do ventre os Césares bolsando,  
 — Job, no fumeiro, Omar, na bocca do excremento,  
 Ainda um craneo a roer, ainda um scepro empunhando,  
 Lívido, abjecto, nú, esqualido, sangrento!  
 Padre! Teu deus e o mocho estão na mesma bruma,  
 No mesmo fojo espiando o homem que se levanta  
 Para lhes atirar ao rosto a amarga espuma  
 D'alma e gritar-lhes: "Sim, a nossa causa é santa!"  
 Queres que a liberdade, o astro que agora esconde  
 Sua face por traz dos montes encobertos,  
 Ceda o logar ao rei que sahiu não sei de onde  
 E que a Asia envie á Europa os seus areaes desertos?

Mudando de tom

Tens, acaso, sonhado uma patria mais rica,  
 Uma França a brotar do solo americano,  
 Exalçando o que agora apupa e crucifica,  
 — Artes, Industria, Sciencia, atirando ao Oceano,  
 Em formidandas náus, — Babilonias marítimas,  
 Taes como Leviathans bufando por mil boccas,  
 Sem ouvir ulular tantos milhões de victimas,  
 A remexer na treva os arcabouços, roucas,  
 Núas, desconjuntando as cabeças e os braços  
 Numa dança macabra horrivel de esqueletos,  
 Nas ruas, arrastando os troncos e os barações,  
 Nos cárceres, rangendo os incisivos pretos?!...

O PADRE

Meu irmão, Deus é justo, eu vol-o trago. Tendes  
 O cerebro em delirio!... E' Satanaz quem falla.

## O CONJURADO

Não distingo entre Deus e Satanaz, entendes?  
Se um crêa o inferno, padre, o outro inventa a senzala.

## O PADRE

Ajoelhae e que eu possa a voss'alma abatida  
Leval--a a Deus mais sã...

## O CONJURADO

Treguas! Treguas, ao chasco!  
Não me colles a bocca á bocca da ferida!  
Acompanha-me á forcea, e pedel-a ao carrasco.  
Não tapes nunca o sol a quem não tem peccados.  
Sim, a fé é uma força. A esphera constellada  
Deixa do caminheiro os olhos offuscados...  
Qu'importa? Outros, tambem, foram como eu lançados  
Ao cadafalso e á cruz.

## O PADRE

## A scentelha ignorada

Rompe o envolvero e ri na bocca purpurina.  
Esse nobre alvorogo, esse impeto medievo,  
Quem vol-o insufla, meu irmão, quem vol-o ensina,  
Senão aquelle em cuja adoração me enlevo?  
Deus é a vaga e o tufão, Deus é a orvalhada e a froinde,  
Que outros mundos, sem fim, atraz do nosso esconde;  
Que o obscuro, esteril, vão e cego pensamento  
Parte, como o batel arremessado ao vento.  
Ouví: as mãos lavae no arroio solitário  
Que entre cascalhos flue no cimo do Calvario...  
Lavae. E as mãos, depois, erguei aos céus risonhos...  
Embaixo, no sopé, deixae os loucos sonhos  
Que a vossa phantasia anda a construir na areia.  
Vence quem menos falla e menos alardeia,  
Quem, através do tempo, a semente lançada,  
Sabe esperar, tranquillo, a eclosão desejada.  
Sim, possa a pobre ovelha, á hora do sacrificio,  
Resistir, sem temor, ao tremendo supplicio.

## O CONJURADO, distrahido

Para que serve a tiara, o caftan, a corôa,  
E uma frente de rei a apavorar espectros?  
Um braço que apunhala, uma mão que abençoa,  
Os diademas reaes e os carcomidos sceptros?  
Porque esse eclipse sobre a Hespanha? O Escurial.

E essa bacchante? — Alhambra. E o Røemer? — esse poço.  
 E sobranceando o orgulho o juizo final,  
 E o lichen sobre um muro e a larva sobre um osso?  
 Carlos II, aqui, fugindo á propria sombra:  
 Mais além, num casebre, a sordida indigencia,  
 Que o viajor afugenta e o brucolaco assombra?  
 E a peste na lareira e a nódoa na innocencia?  
 De que ovo são grasnando esse cruento Abril  
 Nos tumulos a roer ossadas verde-negras,  
 A embeber-nos no corpo um veneno subtil,  
 A desfolhar vergeis e a espantar toutinegras?  
 Que é que o rei chama um crime e o papa — um sacrilegio?  
 Desobstruir o solo, elucidar o pleito!  
 Não ha delicto, então, quando o punhal é régio,  
 Ou quando o tigre traz um crucifixo ao peito?  
 Não lhes basta Wolsey? Não lhes basta João Huss?  
 Quantos sulcos de pranto em teus degrãos, ó throno!  
 Quantas manchas de sangue em teu santuario, ó cruz!  
 Quanto sorphãos sem pão, quantos mastins sem dono!

## Pausa

E esse padre me vem fallar de um Deus clemente,  
 Do radioso diadema a illuminar-lhe a fronte,  
 Da justiça final, da vida transcendente,  
 Além desta prisão, além deste horizonte...

## Animando-se

Ah! pudesse a blasphemia o alto céu penetrar,  
 Como, aos poucos, um seio o punhal acerado!  
 Pudesse eu submeter, pudesse eu subjugar,  
 Que vingaria, e já, os crimes do passado.

Pelo postigo entra um raio de sol

## O 'CONJURADO

Vieste, chamma, enxugar-me o derradeiro pranto,  
 Com o teu fulgor ungir-me a longa barba branca...  
 Pódes entrar, ó sol, conversemos, enquanto  
 A cabeça de corpo o algoz me não arranca.  
 Como és feliz! Risonho e gárrulo, percorres  
 Tumultuosamente os valles e a floresta,  
 E escondes-te por traz de um bosque, em flôr, e corres  
 Através o esplendor da natureza em festa!  
 E's na rosa — perfume, és no perfume — rosa;  
 Pureza, na mulher, no homem, amor supremo!

Não fulguras na fronte insomne e criminosa  
 De um rei, quando é chegado o seu momento extremo.  
 Nunca ninguém te viu, ó bom Samaritano,  
 Curar as almas vis, a mão sanguinolenta,  
 Ou aturdir com o vento o taciturno Oceano,  
 Ou vergastar com o raio o furor da tormenta!  
 Nunca ninguém te viu baixar do firmamento,  
 Para vir aos festins do rei Sardanapalo.  
 No entanto, amado Sol, vens no ultimo momento  
 Estancar esta dor que em lagrimas exhalo!...  
 Ouve: quando meu corpo andar por estas ruas,  
 Como um trophéo maldito, espedaçado e frio;  
 Quando, sobre a calçada, entre as creanças nuas,  
 Meu sangue espadanar como as ondas de um rio,  
 Leva, ó Sol bemfazejo, a alma deste Calvario  
 Para o teu coração, como paça um jazigo;  
 Traze-lhe a extrema unção, traze-lhe o antiphonario,  
 Tu, que semeias, entre os bons, o psalmo e o trigo.

*Abre-se a porta do calabouço e entram os soldados que vêm  
 buscar o conjurado*

O CONJURADO, com voz firme

E' a hora de partir para o imperial festim.  
 As aves de rapina esperam-me lá fóra.

Com exaltação

Existencia cruel, vaes acabar, porfim,  
 Antes que desça o sol, antes que suba a aurora.  
 Adeus, patria, familia, amor — extincta chamma!  
 Morte, partamos; noite, estende os negros véus...

*Quasi a transpôr a porta, com voz dolorosa*

Patria, familia, amor — extincta chamma, — adeus!

## Hontem

Hontem o céu de galas se enfeitava,  
Hoje de escuras sombras se povôa!  
Que luz a que teu rosto derramava  
No mar, que, aos nossos pés, bramia, á tôa!

Eras Julieta no balcão, sorrindo,  
A viva chamma que perpassa em tudo,  
Toda a ventura que te estou pedindo,  
Com as mãos em prece, recolhido e mudo.

A vaga anciosa como te seguia!  
Como te acompanhava o luar no espaço,  
Se alguma estranha e doce melodia  
Ias, terna, a cantar, pelo meu braço!

Que arrulho nessa graça e nesse aneio!  
Que timidez de gesto e de postura,  
Linda morena, que ha dous mezes veio  
Toda a treva espancar desta clausura.

Que nome trazes ? Quem te pôz na estrada  
Sobre estas rubras e candentes lavas ?  
Que flôr ou haste ou garça tresmalhada  
Póde o embate arrostar das ondas bravas ?

Ouve: volta, e, de novo, ao mar tornemos,  
A'quella esconsa curva do caminho:  
Os raios do luar serão meus remos,  
E o mez de Maio teu faustoso ninho.

Beija-me... é só amor o que me derem  
Teus brandos labios, nunca profanades.  
Que tem? Se elles, acaso, desfizerem  
A sombra de meus olhos desolados?

Que tem? Se acompanhando o ledo enxame  
Das aves seu canóro harpejo imite,  
E na eratéra dos vulcões me inflame,  
E no abysmo do mar me precipite?

Que tem se o teu amor a tudo obriga  
Com este divino aceno enamorado?  
Sou teu, — que nun bem igual nos prenda e siga,  
Depois de tanto sonho espedigado!...

## Centenario de Rezende

Minha amada Rezende, ó flôr do Parahyba,  
 Encanto, graça, enlevo, anjo dos namorados,  
     Dá-me que em tua ríba  
 O verso cante e chore os seus lustros caçados!

São caçados, bem vês, meu Altar, meu Consolo,  
 Abrigo em cuja sombra o estro olympico estúa!  
     Ah! deixa-me em teu collo,  
 Sob a prata diluida e diaphana da lua,

Resplender o meu hymno, a minha estrophe amára,  
 Que engrinalda o Itatiaya e a Egrejinha dos Passos!  
     Ouve, estende-me os braços,  
 Tu, que não és cruel, tu, que não és avara.

Deus te deu esse brando e indolente queixume,  
 Deus te deu a visão alta dos seus arcanos,  
     O extase, a febre, o ciúme,  
 Mãe sempre virgem, Mãe, pubere de cem annos!...

Enlaça-me, tambem, á doce claridade  
 Dos teus festões de Outubro, á musica indizível  
     De uma louca anciedade  
 De accordar e pungir uma estatua insensível!

Querulo rio, um dia, ao sonoro marulho  
 Das tuas aguas, um anjo de tranças pretas,  
     Como medroso arrulho  
 De meigos resedás, de timidas violetas,

Veio ao meu coração, e, como quem, de leve,  
 Bate á nma porta incanta, alegre e hospitaleira,  
     Maldosa como a neve,  
 Fanou, — que crueldade, a rosa na roseira!...

Sim, fanou-a, em botão, fanou-a, passaredo,  
 Aquella, que, a sorrir, te exaltou, manhãs fóra,  
     A' sombra do arvoredó,  
 Ao divino esplendor da sua eterna aurora!

Mas que queres, Rezende, era a deusa, era a amante,  
 Gloriosa castellan, como Hermia, da pureza,  
     O fulgor odorante  
 Que mui difficilmente alcança a natureza.

Accordei, ao seu lado, os ninhos ainda cheios.  
 — A moita, a veiga, o campo, o céu festivo e mudo...  
     Oh! que divinos seios,  
 Que cuidado no andar, que perfeição em tudo!

.....

Não, Lysandro! E' soberba e indomita a postura  
 Desta pedra tenaz, destes rochedos rudes!  
     Em cima, na planura,  
 Casam-se á voz do vento os sons dos alaúdes.

Itatiaya, meu rei, velha alma de creança,  
 Em cuja cathedral tantos orgãos sonharam,  
     Dou-te agora a lembrança  
 Da ephemera illusão que os meus annos choraram.

Leva-me á encosta obscura, em que a agreste existencia  
 Passam o estio ardente e o atro inverno tristonho.  
     Conta-me como a ausencia  
 De uns olhos pode em mim colorir tanto um sonho?

Como, negro rochedo, o astro que era o meu guia,  
 Para tão longe foi? Que terras illumina,  
     Fulgindo como o dia,  
 Quando, alegre, em teu seio o aureo busto reclina?

Sob a abobada azul, que te emoldura o berço,  
 Ao pé do Parahyba, ao ribombo das fraguas,  
     Viu a luz o meu verso,  
 Em plena adolescencia, ao som das suas aguas...

Fei o teu porte altivo, a tua immensa coma  
Que me abrazaram o estro, á hora em que o sol se esconde...

Que segredos, que idioma  
Ensinaste-lh'o tu, e em que remansos? Onde?

Quando uma tarde andava a conversar as flores,  
A' guarda de um jardim, muito zeloso, entregues,

Oh! que olhos tentadores  
Douraram longamente oroteiro que segues!

Deus de pedra, ahí vão elles para Rezende,  
Tão lindos, como outr'ora, illuminar teus paços.

Para a Senhora estende  
O mimo paternal dos teus potentes braços.

Não têm, talvez, o brilho apaixonado e ardente  
De um continuo arrulhar entre aves e perfumes;

Nem a graça innocente  
De fingidos desdens, de encantadores ciúmes!...

Não têm. Repara, o sol, que é o sol, declina e morre;  
A veiga murcha, o mar secca, as arvores cretam,

E a lympha, que ora corre,  
A lympha, que os reptis e os insectos molestam,

Vae deixando o rumor pelos penhascos frios,  
Vae perdendo a graciosa ondulação das linhas.

Itatiaya, teus rios  
Proclamam, como outr'ora, acaso, o ardor que tiuhas?...

Não, elles estão, vê, agora mais tristonhos...

Foram os annos... Ah! desolados, deixamos

Todos os nossos sonhos  
Pelos raios do luar, pelas folhas dos ramos...

Se é triste o pôr do sol, ainda mais triste é a idéa  
De que, pobres de nós! vamos envelhecendo!

Vêr destoucar-se a aléa,  
Ao pé de um velho bosque, ha annos, emurchecendo, —

Em verdade, é cruel! Vamos, sonho da infancia,  
O agro choro applacar áquelle rio amado,

E, de novo, a fragrancia  
Colher naquella cén, haurir naquella prado...

## Hymno aos Aedos

### I

E disse, quando a luz lhe alçou, de novo, a fronte:  
 Fundos dédalos, rico estuario, aspero monte,  
 Que é do Enro da montanha, a rosa caprichosa,  
 O diluvio insensato, a tormenta furiosa,  
 Que vae do caule á fronde e do n-grume ao floco?  
 Deu linho á choça, aquí: deu gloria, além, ao bloco.  
 Da abobada ou da torre, onde judeus extranhos  
 Acclamavam os reis, maldisse dos rebanhos.  
 Adolescente, ainda, elegante e amoroso,  
 Toma á deusa que passa o beijo criminoso  
 E vae com elle tentar a invejosa Sybilla,  
 Em cuja infernal bocca o oráculo fusila.  
 Virgem má, arrastando em rebalsados leitos  
 Faunos quasi senis, ogres quasi desfeitos,  
 Domina a multidão, e, erguendo o olhar insauo,  
 Condemna ao fogo eterno o pobre corpo humano.

Oh! lá! deuses de pedra, as altas serranias  
 Já não vão perlustrar as vossas phantasias!  
 Nosso amor da amplidão, nossa febre da altura,  
 Um esforço qualquer alquebra e desfigura.  
 Em plena primavera as cans nos surprederam,  
 E um funéreo clarão nos olhos accenderam;  
 E quem julgou poder a ara incensar de novo,  
 Reconduzir a fé galvanizada ao pove,  
 Tombou, amaldicoando a velha cruz da Egreja,  
 Cujó aspero perfil a ampla nave negreja!...

Os valles são tambem cousas sagradas. Dorme  
 O escellio á flôr do mar, como um rhapsodo informe...  
 O horizonte, esentae-o, é um immenso idyllio...  
 Que poeta o anda a ourejar? Meleagro ou Virgilio?

Meleagro — o jardim grego — uma leiva encantada,  
 Em cuja glanca selva, em sonho celebrada,  
 Gádara acompanhou as deleitosas musas,  
 Ao fascinado olhar das Piérides confusas:  
 — Demo, Timarion, Zenophila, Anticléa!  
 Oh! voluptuosa myrrha, oh! varanda de Seéa,  
 Em que freinando estão os dardos imprudentes  
 Do Cupido; oh! canções, fadas de azas luzentes;  
 Oh! vinho embriagador que o tyrio seio exalta,  
 Como de tudo, vê. a poesia resalta!  
 Eil-a Cós — a risinha — onde Fania suspira,  
 Onde do nauta errante a amedrontada lyra,  
 Propicio vento impreca ao torvo Erebo impuro.  
 Vamos, novo roteiro e novo palinuro.  
 Na haste do somno a linda Heleodora repousa.  
 Não n'a vás despertar, incauta mariposa!  
 E' Heleodora, cuidado! — a musa predilecta,  
 Que ali está a sonhar com os madrigaes do poeta.  
 Saibam-n'o: a antiguidade é uma flôr caprichosa,  
 Cujó aroma possui uma acção mysteriosa:  
 Ora, é o Styge lustral, ora, o frondoso Epiro.  
 Pelo que sei de mim, só amo quando a aspiro.

Quanta luz, a sorrir, em cima, na planura,  
 Do entreaberto betão na transparente alvura.  
 Nas cabanas, no ar puro e alacre das campinas,  
 Nas tuas mãos, Orpheu, ás horas vespertinas,  
 Quando, angustiosa, bale a tresmalhada ovelha,  
 E o doce mel fabrica a murmurante abelha!  
 Horacio a agua da fonte enche de obscuras vozes,  
 E azas amarra aos pés dos seus corceis velozes!  
 Lisongeiro pastor, toma, de novo, a flauta,  
 E, suspiroso, esparze os sons por sobre a incauta  
 Damon, que Melibéo de louros corôava.  
 De envolta com o rebanho, as festas celebrava  
 Mantua — o cysne, que ainda hoje, o amado filho chóra,  
 Ao descambar do dia e ao despontar da aurora.  
 Mantua, que ao som da lyra os leões embrandecera  
 E do nascente vate os fogos accendera,  
 Eil-a, no cimo alpestre, estactica, escutando  
 O que teu mago incenso ia no ar propalando.

Cornes trôam, o ar vibra... Os cervos acossados,  
 Loucos, de escantilhão, passam precipitados!...

Dá-lhes azas o medo. Os ventores ferozes  
 Ladram horrivelmente, e as discordantes vozes  
 Enchem dos mattaões os ambitos escuros.  
 Salve! Salve! campeão, que os carcomidos muros  
 Transpões, trazendo á bocca a espuma da matança.

E' como a tenra lebre a prófuga esperança.

A última, eil-a do cão mavortico alcançada.  
 Ribas desceu sem conto. Alcantis, adextrada,  
 Subiu. Acuada a um tronco, olhos de sangue tintos,  
 Sem refugio encontrar, aos rábidos instinctos  
 De voraz corredor, semi-morta, entregou-se...  
 Emfim, minh'alma, emfim, teu tumulto fechou-se.

.....

## II

O luto de Aristheu não foi tamanho! Males,  
 Mil e mil esconden nos luxuriantes valles.  
 Tanto que a vi partir, os sombrios recantos  
 Abalei com meus ais, compungí com meus prantos.  
 Entrelaçado á flôr, que a neve abate, eóleo  
 Fumo sóbe exalçando o pobre e secco espolio.  
 Distante do logar, entre tufos, um lago  
 Sonha como um vizir e falla como um mago.  
 Ephemeras manhãs deram alma a este mundo,  
 A estes troncos rivaes que en de églogas inundo.  
 Sem quixume, em segredo, as arvores distantes  
 Dobram pesadamente as copas verdejantes.  
 Mas, depois de colher, de clima em clima, as messes,  
 Homem frio e cruel, estas ribas esqueces.  
 Esqueces, sim, depressa, os paços de Vertumno,  
 Tu, não de Apollo irmão, mas de Dyonisio alumno.

Tu, que factícios bens preferes aos thesouros  
 Destes amplos doceis, de onde virentes louros  
 Sóbem entre festões e fulgidos penachos,  
 Envaidecendo Chio e deslumbrando Naxos.  
 Vamos, lança ao baixel a tua sorte, e parte.  
 Pódem tudo outros ter, tu, só tens a tua arte,  
 Só, para o teu amor, só, para a tua gloria.  
 Esbraveje o escarcéu, será tua a victoria.

Rumor insano e vão! De tantos sonhos fica  
 Apenas o fulgor longínquo. A altiva e rica  
 Ramagem, secca, tomba. O curvo ferro abate  
 O que escapar logrou á sanha do combate,  
 Se rosea manhã traz novo e almejado alento  
 De gelo continúa o esteril elemento;  
 E, em vão, Phebo, que o fogo á lampada renova,  
 Tenta erguer este tronco e aquecer esta cova!  
 Porque ha tempos, a sorte, inconstante, porfia  
 Em tirar a este céu a pureza e a alegria?

O contrario destino, os duros desenganos,  
 Corôaram de caos meus procellosos annos.  
 Curvo, entretanto, Outono, ao peso das ramagens,  
 Vae as pennas compondo aos éónoros selvagens.  
 Ah! que um calor egual sempre na estancia dure,  
 Embora o sol, de novo, outra estação procure.  
 Quantas flôres, meu Deus desbotadas tombaram!  
 Quantas esses lethaes espinhos laceraram  
 Entre beijos febris, na moita sussurrante,  
 Quando o luar desgalgava a encosta rutilante!  
 Os ermos sorrirão por entre as fontes claras;  
 Monacalmente o incenso esplenderá nas aras.  
 E, depois, cobrirá um triste esquecimento  
 Minha obscura visão, meu cego pensamento.

Sim, esquecido. O bronzeo arauto das cidades  
 Do homem, soberbo e avaro, apr-goando as vaidades.  
 Passará pelo chão da tua sepultura,  
 Sem as portas abrir á albergaria escura.  
 Em que teu frio espolio empoeirado descansa!...

Vae-se a ambição, tambem, com a ultima esperanza.  
 Do cão feroz de Bavio os latidos te ultrajam.  
 O metro. A audacia e a inveja aureos vestidos trajam.  
 Na penuria a opulencia o ferreo dente enterra.  
 Insidioso truão, sinistramente a guerra  
 Nas ruas apregôa, e nos salões affronta!  
 De ascoroso senhor a abjecta historia conta.  
 Exprobra o desvalido, injuria o indigente;  
 Mas, se preciso fôr, o despota insolente,  
 Vil, as plantas beijar, é só gritar-lhe: "Beija!"  
 Como qualquer bufão, as vitualhas fareja.

Chama com lingua audaz esteril e plagiario  
 Bocage — o luso Ovidio, o insigne lapidario,  
 De cujo esiro immortal Caliope se orgulha.  
 Na envenenada bocca, estagnado, borbulha  
 Fétido lodaçal, que o ar corrompe e infecciona.  
 Tudo amesquinha e argúe; tudo, a um tempo, ambiciona!  
 Furia ou dragão, a peste engendra, a serpe engorda.  
 Instiga a assuada; affronta o brio; e, corda a corda,  
 Parte o inulto instrumento ás musas aprazivel.  
 Do Hymalaya apostrophá o cimo inacessivel,  
 Enquanto pelas mãos da verde primavera  
 Se vestem de ouro e nardo os templos de Cythera.

## III

Esperança! Esperança! Ah! de balde te chamo!  
 De saudades crueis minhas canções enramo.  
 Desfaz-se em madrigaes o lyrico instrumento,  
 A' noite, quando o luar prateia o firmamento...

De que me serve atrás de aventureiros dias  
 Alvoroçado andar, se as minhas alegrias  
 No sopé da montanha, esquecidas ficaram!  
 Gozos, compartes meus, meus annos deleitaram,  
 Minha estulta visão das coisas reviveram...  
 Commigo os tremedaes humanos percorreram;  
 Agrad penhas subi; molhei meus labios frios  
 Na corrente interrumpida e esqualida dos rios,  
 Que de rastos vão ter ás cidades pestosas!...  
 Corrompiam o espaço os calices das rosas.  
 Sordida geração, que o egoísmo atormentara,  
 Minha fé desluzira e minhas mãos manchára.  
 Aos apodos salvei meu ideal e meu plectro.  
 Fui na sombra e no crime o relampago e o espectro!  
 De prisão em prisão, de nateiro em nateiro,  
 Abastardado andou meu genio forasteiro.

Cysne, aspirei de Elmano o estylo egregio e terso;  
 Lancei como um clarão, minh'alma em cada verso;  
 Amei como Petrarca e senti como Tasso,  
 Num curto beijo, toda a agitação do espaço...

Indifferente aqui, ali, de horriveis sombras  
 Turbado o olhar, que tu, velho Caronte, assombra,  
 Deixei ir pela esteira azulada das aguas  
 Meu velho coração com as suas velhas maguas.

Hoje a terra acordou tão triste e tão nublada,  
 Que a minha companheira, a minha doce alliada,  
 Triste, tambem, fechou as róridas persianas.  
 Gemem, frias, lá fóra, as virações serranas.  
 Para que pôr mais crépe em cima destes montes,  
 Dentro desta palhoça, em torno destas fontes?  
 Somos tão cegos já, que melhor fóra a terra  
 Não vêr só com essa luz que a obscuridade encerra...  
 Mas, sim, com o teu elarão, prelucido Nascente,  
 Do pyren sideral portico resplendente.  
 Sim, com a tua visão, assombroso Isaias,  
 Mixto de austeridade e de bufonarias;  
 Com o teu raio espectral, Paulo, com a tua intensa  
 Pupilla dilatada e fixa sobre a immensa  
 Aureola da Iduméa, ó velho Job sublime!  
 Ticio, menos que tu, a dôr humana exprime.  
 Que agua lustral beber que o ardor viperio apague?  
 Como ao braço que vibra o triplice azorrague  
 Suster o impeto? Como, enfurecidos numes,  
 Deste implacavel céu espancar os negrumes?  
 A alma já não impreca, em desolados rogos,  
 Que o oleo samaritano aplaque os vivos fogos  
 Que os restos da existencia, inflexiveis, lhe gastam?  
 Tristonhos e claustraes, os éculos devastam  
 Esses do alado povo escabrosos asylos.  
 Pescador, não logrei as perolas de Tylos  
 Colher, como Lucrecio: o hymno de Tadamóra  
 Me não verteu no leito a perfulgente aurora.  
 Sim, retoma o teu gladio; abre mais fundo a chaga.  
 Carpe, rebrama e lança a putrida veniaga,  
 Carne tua chamada ás chufas e ás blasphemias!  
 Corrôe na haste o botão, danina o úbere das femeas!  
 A honra e o amor envenena em teu laboratorio;  
 Canta nas lupercaes e exulta no Pretorio.

Casco á frente, e, empunhando a sanguinaria espada,  
 Afugenta do bosque a estridula revoada!  
 O homem que não tiver, nem pão, nem pardieiro,  
 Esmaga como o sapo a bota do romeiro.

Quando um tragico olhar aos demonios prostrados  
Langares; quando as mãos nos membros regelados  
Das turbas, com pavor, na escuridão, manchares;  
Quando ao crebro estampido horrisono dos mares  
Fôres com febre e assombro incendios reconstruindo,  
Enormes aluviões de crimes resurgindo,  
Ao horrivel clamor dos orphãos e das viuvas,  
A antros e bamburraes golfados pelas chuvas;  
Quando, da idade escura, o portico transpondo,  
Entrares, desvairado, a memoria compondo,  
A tanto sangue, a tanta ossada, a tanta ruina;  
Quando sentires perto a garra vulturina  
Desse penoso instante horrivel e implacavel,  
Erguendo o olhar turbado á abobada insondavel,  
Cujos gonzos mortal nenhum moveu, por certo.  
Clama com voz amara em meio do deserto:  
“Possa a carcassa humana a perpetua inclemencia  
Do alto affrontar; banir su'alma e sua essencia;  
Bater com os pés, gritar e rir como um possesso;  
Ser, do que é, já por si, exorbitante — o excesso;  
E, depois de abalar a esfera annosa e dura;  
Depois de escabujar na propria sepultura,  
Possa, emfim, num assomo augusto e sobrehumano,  
Entre a igreja e o serralho, entre o sacro e o profano,  
Semi-deus ou demonio, anthistite ou proscripto,  
O coração ao céu arremessar, num grito!

## Carne divina

Maravilhosa carne aromatica e pura,  
Quasi a desabrochar, quasi a amadurecer!...  
Perfuma tudo, em tudo arde, canta, fulgura,  
Antes do azul sorrir, antes do sol nascer.

Rosea, tenra, febril, em sandalo embebida,  
Acaricia o linho alvissimo, que a enlaça;  
E, tremula de pejo, esgueira-se aturdida,  
Se pelas tranças de ouro um osculo perpassa...

Que medo o seu! Depois, fizeram-na tão casta,  
Que a aza de um beija-flôr basta para a assustar.  
E, com um leve mover de mãos, corando, afasta,  
Entre as roupas do leito, os beijos do luar...

E' o Eden essa carne, a se evolar num canto,  
Pelos rosaes que um Euro apaixonado inflamma,  
Dando aos olhos, que a vêm, um mystico quebranto,  
E a cada alma, que a aspira, uma celeste chamma.

Arrebatada esvoaça entre as folhas e os ninhos,  
Acorrentando o sol num extase febril;  
E um novo timbre empresta á voz dos passarinhos,  
E um perfume mais forte aos resedás de Abril.

Os sentidos exalta e num só gesto enfeixa  
O que ha de mais perfeito em toda a natureza;  
Ou, para amar melhor, em cada calix deixa  
Um pouco de sua alma á alma das flôres presa.

Paphos sorri-lhe á nuca e á petrina fremente...  
O luar como á Engaddi aos seus dois olhos vae,  
E esparze-lhe no corpo um cantico indolente,  
Como os de Salomão, á hora em que a noite cae...

Espumam-lhe os lencões em fervidos desejos.  
E irrompe como a aurora entre nuvens e raios.  
Ah! quem me dera um dia abraçar-me em teus beijos  
E acompanhar-te ao céu num desses teus desmaios!

O arredondado seio eboreo onde se enflóra  
Lactea manhã, fatal ao infeliz cantor,  
Um flavo e tenue brilho, inacessivel, róra  
No calice odorante e virginal da flôr.

Aos contornos lhe subo, em aneias agarrado;  
E, antes de descobrir o que essa carne encerra,  
Sou ás trevas, tambem, como Satan, lançado  
Por invisivel mão que me subjuga e aterra...

E enquanto essa paixão maldita me desvaira,  
E a febre da loucura em meu clamor flammeja,  
Em pleno firmamento a sua imagem paira,  
Em plena adolescencia o seu sorriso adeja...

Ah! não poder jámais tocar naquelle fruto,  
Nem de perto esse olor satânico aspirar!  
O brilho dessa luz é o meu eterno luto,  
O pudor dessa carne é o que me vae matar...

## Lar sem luz

Mais docemente... a alcova está tão fria...  
Falta-lhe o somno matinal de alguém;  
— O barulho, o gorgoeio, a melodia  
De uns leves passos que apressados vêm.

A linda alcéa não tem mais candura,  
Nem perfume que eguale o seu perfume.  
Era o mimo, era a graça, era a doçura  
De um lyrio aberto em remansoso cume.

Seus longos ciliós, negros, abraçavam  
O marmoreo perfil dos versos meus,  
E, com um tímido anseio, entrelaçavam  
Os meus amores aos amores seus.

O melodioso par que o ninho abraza,  
Não cantava tão bem, como seus beijos,  
Que enchiam de volúpia a nossa casa  
— A magia ideal dos meus desejos.

“Mas, porque assim tão bella me appareces”,  
Disse-lhe um dia. “Canta o teu olhar,  
Helena, — a excelsa escada de ouro desces,  
E Córa — pelo amor trocas o altar!”

Meigo genio embalado em fino berço,  
Entre custosos e rendados folhos,  
Dize-me: “Hei de hoje andar de verso em verso,  
Sem o calor de uns lábios ou de uns olhos?”

Dize-me que serena claridade  
A’ minha noite logrará descer,  
Quando é certo que o jugo da saudade,  
Por menos duro, só nos faz soffrer?

Dize-me com que adorno, enfeite ou gala  
Hei de um psalmo vestir, em dôr desfeito,  
Se a luz fugiu de dentro desta casa  
E o coração de dentro deste peito?

Agora, uma alma fria, um lar sem lume,  
E, envolvido em sudarios, o arrebol!...  
Como hade a flôr abrir e dar perfume,  
Se ambos, perfume e flôr — me pedem sol?...

## Visão tragica

Musa! Tora ao carcaz as settas mais fulgentes,  
 — Raios, como os de Apollo, olympicos, ardentes.  
 Lança a sombría rêde e na urdidura prende  
 Tudo o que, acaso, á flux, a inspiração accende  
 No aerolitho que passa ou no antro que fumeга.  
 Prêga o amor pelo amor, o bem pelo bem prêga.  
 Lança á cova a carcassa humana, e a luz que encerra,  
 Deixa no ar esplendor, deixa andar pela terra;  
 Deixa sorrir, sonhar, flôr delicada e pura,  
 Numa alegre expansão, numa immensa loucura!...  
 Que o passaro levante a cabeça do ninho;  
 Que em cada verso, como um terno passarinho,  
 A rima cante até morrer nos céus, cantando.  
 Que os archanjos, que vêm pelo azul, psalmodiando,  
 Desçam para embalar os berços das creanças,  
 Com seus olhos febris e suas esperanças,  
 Com seu casto palôr e seu doce heroísmo;  
 Que resôe o enozigeo anhelô pelo abysmo;  
 Que a voz seja um gorgeio e o olhar uma alvorada;  
 Que a ruidosa opulência, em crepe amortalhada,  
 Imponente resurja, envolta em régio manto,  
 Alma insuflando ao tronco, azas prendendo ao canto;  
 Que o filho ampare a mãe, e a mãe bemdiga o filho;  
 Que alma, estrella, botão, ardam no mesmo brilho,  
 No mesmo aro, no mesmo hastil, na mesma corôa;  
 Que os ventos da montanha, enrugando a lagôa,  
 Não afflijam, com seu queixume, os ares calmos.  
 Deixem, com David, seus melodiosos psalmos  
 Esparzirem-se á voz solemne dos oráculos.  
 Despojos immortaes encham os tabernaculos,  
 A' simples, á benigna, á rude magestade  
 Das selvas, festejando a annosa puberdade!...  
 Que a razão possa estar unida ao sentimento,  
 No horrivel, no final, no tragico momento,

Que o braço sirva só para abraçar e a bocca  
 Para beijar sómente; e que essa turba louca  
 De nubes crie a flôr, mas sem crear espinhos;  
 Que os sonhos sejam como os rouxinões nos ninhos,  
 Tendo a vida no canto e nas pequenas azas;  
 Que a innocencia ande a rir em derredor das casas,  
 Como um raio de sol em derredor de um calix;  
 Que os nossos corações floresçam como os valles;  
 E o homem busque a mulher para erguel-a e amparal-a;  
 Que seja delle só tudo quanto ella exhala,  
 Tudo quanto deseja e tudo quanto pensa,  
 E accende em sua fé e extráe da sua crença;  
 Que ella possa voar por este espaço fóra,  
 Leve como a andorinha e pura como a aurora;  
 Illudindo com o olhar as paixões e as chimeras,  
 Que brincam nos panneis e fulgem nas espheras...  
 Pelas corollas corra a scentelha divina  
 Que lampejou na torre e floriu na campina;  
 E se ouça, ao longe, absorta, ignota, indefinida  
 Nova canção de amor preludiando a vida...  
 Que a poesia, ora intensa e ora, ineffavel, suba,  
 Numa mão tendo o plectro e noutra mão a tuba,  
 Os limites transpondo ao coração humano,  
 Que ondas, torvo, encastella, e ondas como as do Oceano.

Musa! toma qualquer homem que passa, e o estuda.  
 De minuto em minuto, ouve, de instinctos muda,  
 Como muda de côr um camaleão. Repara  
 Se o que no peito tem é um cadafalso ou uma ara.  
 Este é príncipe, aquelle é revolucionario.  
 Do primeiro o segundo é simples corolario.  
 O que um quer é ficar no logar que o outro occupa,  
 Para estar do orçamento agarrado á garupa,  
 E de opiniões mudar como muda de roupa.  
 Na assedagem do linho, olha, somos a estopa.  
 Cada bocca que ri, á sorrelfa, te accusa.  
 Amarra-te o cilicio a mão que beijas, Musa!  
 Nossas imprecações, nosso dorido chôro,  
 Como qualquer instincto, ou magem como um touro,  
 Ou como os escorpiões, só instillam veneno.  
 Vamos! Dize-lhe — não! ou faze-lhe um aceno,  
 E verás como a besta aos coreovas desanda.

.....

Mas cheguemos do ideal á esplendida varanda...  
 Como tudo ahi scintilla e se desfolha em astros,  
 Mesmo áquelles que só pôdem andar de rastros!  
 Tudo se transfigura em Kremlins. O ar gotteja  
 Estrellas, como a rosa o fresco orvalho. Adeja  
 Aqui, uma gaivota ,além, uma phalena,  
 Buscando, anciosa, a bocca humida da açucena...  
 Sorridente e infantil, surge a Terra das aguas,  
 Como uma naide a rir. As soluçosas mágoas  
 Fogem do coração, como nimbos do espaço.  
 Cuido levar a esphera entrelaçada ao braço.  
 Tomo da penna, escrevo e julgo que o meu verso,  
 Como a lyra de Orpheu, enche todo o Universo!...  
 Que paysagens sem fim! Que Alhambras fulgurantes!  
 Irrompem do papel esquadões de gigantes!  
 Orbes rolando vão... Todo o cortejo immenso  
 Dos sonhos em minh'alma esváe-se como othuribulo...  
 A estrophe no ar, solemne, agita o aureo theribulo...  
 Phebo as iras aplaca ás serpes no latibulo...  
 Nas chammas, sem gemer, vamos queimando aos poucos,  
 Em meio da tormenta, os devaneios loucos.  
 Tenho o infinito aos pés, tenho á frente o infinito.  
 As torres do Scorpião, as furnas do Cocyto.  
 O mundo, novamente, afoga-se no escuro...  
 Uma voz sáe da treva e conta-me o futuro...

Sabes o que é o cháos? Longo silencio horrivel!  
 A proliferação dos germens no invisivel.  
 Tragedia negra, sem personagens, sem luas,  
 Por gambiarras, sem roseas Clodones núas.  
 Cadaverico, informe, o Universo jazia  
 Numa vasta nudez de membros. Éscorria  
 Um humor viscoso e escuro. A força á força oppunha  
 Força maior ainda — a Inercia! Que compunha  
 Os cometas, o céu, o ar, a terra gelada.  
 Sem lume, por tão fraco influxo arrebatada?  
 Tremenda confusão! Hecatombe tremenda!  
 Noite fria, ermo esconso, inextricavel senda,  
 Que partindo do abysmo, ia acabar no abysmo.  
 Ora, na estagnação, ora, no cataclysmo.  
 Impossivel transpor aquelle passo extremo!  
 O globo era tambem réu como Polyphemo.  
 Não iniciára ainda o luminoso gyro...  
 Não se ouvia uma voz, não se ouvia um suspiro.

Singular attitude a do immovel! O oceano  
 Recalcava no peito o tenebroso arcano...  
 Tudo era visgo, lodo e abafeira no mundo.  
 O Othrix, de colossal envergadura, o immundo  
 Ventre rojava nesse horrído sorvedouro!  
 Selena era mais nova, Helios, talvez, mais louro.  
 O sabiá não cantava, a perola não vinha  
 A' tona; não se via a prófuga andorinha  
 Na festiva estação demandar outro pouso.  
 Tudo era solidão, tudo estava em repouso.  
 Não bradára ainda o abysmo ao vasto firmamento:  
 "Jehovah Shammah!", que a sombra e os écos repetiram  
 Pelos seculos fóra... Ercos dragões rugiram,  
 De subito, no cháos. Cousa maravilhosa!  
 Refloria em canções a abobada radiosa...  
 Um Niagara de luz rasgon os duros montes...  
 A Terra appareceu dentro dos horisontes  
 Guirlandada, cheirosa, a rir como uma douda...  
 Os Euros, em cardume, iam beijal-a toda...  
 Sabei-o, nymphas, era o seu primeiro cio!...  
 Que volupia, que ardor, que ingenuo tresvario!

Borboletas no bosque; insolitas colmeias  
 Os favos fabricando. Esplendidas Almeias  
 Os collos entregando aos Fannos que passavam...  
 Que barulho, na selva!... Os cabellos rolavam  
 Em soberbos anneis, pelo plaino deserto.  
 Cada flôr era um seio, apenas, entreaberto:  
 Bandos de corpos nús, pasmosos, delirantes,  
 Madornavam, ao som das auras murmurantes...  
 Parecia que tudo era divino, tudo!  
 A Aphrodita formosa, o Satyro versudo,  
 O cómor, a planura, a silva sussurrante,  
 Os espectros de Ticio, os heróes de Timante.  
 Entornava-se o Poente em lúcida cascata...  
 A montanha era de ouro, o rio era de prata.  
 E a luz, como sorria! E a onda, como cantava!  
 Como o céu repetia o hymno que acompanhava  
 A multidão canora e aligera dos valles!  
 Para dormir, o insecto ia buscar o calix  
 Mais tépido e amoroso, e o calix o acolhia,  
 Espalhando-lhe em torno uma vaga harmonia...  
 Cada magnolia aberta era um thalamo immenso,  
 Cheio de um casto olor, cheio de um brando incenso.

Não havia ainda o espinho, — o ciúme da rosa:—  
 A mulher perpassava, incauta e vaporosa,  
 Sem saber para onde ir, sem saber onde estava,  
 Porque tudo no céu e na terra a acclamava,  
 Ora, com a voz da côr, ora, com a voz do aroma.

O homem não tinha ainda imaginado Roma,  
 A cnemide e o tridente, o martyr e o tyranno.  
 Com uma táboa e uma vela empolgava-se o oceano,  
 Porque o oceano era bom e os ventos eram calmos.  
 Lá iam pela praia, entre lôas e psalmos,  
 Carregando no dorso ou nas azas abertas  
 O humus fecundador das turfeiras desertas.  
 O cume do Joppé rutilava, de longe,  
 No seu nimbo de luz, nos seus trapos de monge.  
 Via-se Deus sorrir através da alma humana:  
 Era como um palacio a rustica choupana.  
 De cada bocca obscura uma égloga brotava,  
 E, aérea e zumbidora, as mattas penetrava.  
 Todo o ser tinha o seu caminho de Damasco;  
 Não tecera ainda Aleto o cesto do carrasco.  
 Sobre o rio Kemar os ossos dissecados  
 Não bradavam; nem vinha a voz de illuminados  
 Prophetas resurgir cidades mortas, éras,  
 No eterno turbilhão, rolando como espheras...  
 Ah! na equórea amplidão, a rocha prisioneira  
 Tinha sempre sentado um anjo á cabeceira,  
 Onde o doce alimento, a ardente Cytheréa  
 Propinava aos heróes do drama e da epopéa,  
 Ora, da tenda ao fogo, ora, do rio á tona...  
 Mourejavam lá cima os moços de Pomona,  
 E a crosta sideral, com sachos revolvendo,  
 Em fecundos talhões andavam convertendo.

Porém um dia o sol appareceu no espaço.  
 Triste, como quem vem de algemas e barajo.  
 A noite havia sido horriavelmente escura.  
 Quem fizera no céu tamanha arranhadura,  
 De onde um sangue, ainda novo, em borbotões golphava?...  
 Desconjuntara-se o eixo? O Universo rolava  
 Negro, desorbitado, em bulções arrastando  
 Mundos cheios de espanto, attonitos, clamando  
 No impátulo recinto. Um genio omnipotente  
 Arrebatava o globo, igneo, rábido, horrente,

Ora, em áseas subindo, ora, em cinzas descendo.  
 Que ventre concebera esse corpo estupendo?  
 Depois, tornou, de novo, ao firmamento a calma...  
 Mas o orbe resurgiu numa amplidão sem alma!  
 Márcida flôr, — ao longe, a estrella refulgia;  
 Marulhoso, na praia, o oceano se estorceia...  
 Annosas cinzas o ar em nuvens percorreram,  
 E os vegetaes no lodo estanque apodreceram.  
 Deram á noite um ar de velha galeria,  
 Onde todo o vigor de uma mythologia  
 Engilhara do inverno ás rispidas lufadas,  
 E ao cimereo livor das covas entulhadas;  
 E começou então uma série infinita  
 De odios na humanidade esqualida e proscripta!...

Depois do odor do incenso o halito dos ossarios;  
 O ulular dos leões á porta dos santuarios.  
 Mønstros vieram construir cidades monstrosas,  
 Babylonias, Balbechs, Ninives assombrosas,  
 De chammejante olhar e horrisona palavra.  
 Dentro a miseria; fóra, onde afofava a lavra,  
 O escravo semi-nú, velho, tropego, immundo,  
 Na leira a sacholar, sob o sol moribundo!  
 Misero! Carregando a temerosa carga,  
 Docil, do nume aos pés depõe a sorte amarga.  
 Archeláus é um heróe e Cassandra uma louca.  
 Corre o pez a ferver da escancelada bocca.  
 Lampeja o raio e escorre um vomito de enxofre  
 Pela raucisonante abobada, de chofre;  
 Torce-se, engrossa e, após, em tumulto, deflagra,  
 De fojo em fojo, de antro em antro, de agra em agra.  
 Que rochedos, que mar, que perolas aquellas!  
 Estão róidas de lepra as almas e as estrellas;  
 O vento iroso açoita o cimo alpestre e bravo:  
 Cheira mal a virtude, o amor tem sempre o travo  
 Peculiar do galho, em que, enganoso, cresce.  
 O que o espirito incuba, o espirito embrutece.  
 Aos vinte annos se está completamente velho.  
 Atassalha o impostor as folhas do Evangelho.  
 Juvenal condemnou e apostrophou, no entanto,  
 Arrastando lá vão o esplendoroso manto  
 Os mesmos reis, a mesma gente, o mesmo clero.  
 Este a rir, como um clown, quebra o busto de Homero,  
 Põe na frente imperial a corôa radiosa,

E os menciões copiando á escrava licenciõsa,  
Entre gritos, dansando, apparece na arena.

Confunde-se com o rei o gladiador em scena!  
Olhae, olhae em torno, ó deuses tutelares!  
A hieratica fumaça, envolvendo os altares,  
Occulta-os ao fervor do instincto humano. Ulula  
Nos mastros o tufão; o oceano, em baixo, ondula  
Cavo, horrivel, no seu tormento de Procusto.  
Seu orgulho estouraz nos lamarões, a custo,  
Esecabujando, arrasta. Em confusos, medonhos  
Roncos a ardente estancia espiritual dos sonhos  
Alvoroga; ignea torre horrído fumo espalha:  
Bron tea massa, a fundir-se, atrôa na fornalha.  
Velha allucinação. por seccos, longos annos,  
Com rubras explosões e acerbos desenganos,  
Abalou brutalmente os hemispherios calmos!  
Traficou-se com a lei, vendeu-se a terra aos palmos.  
Tetrico Apocalypse, immensa angustia, cheia  
Do sopro, que transforma o bloco em fogo, a areia  
Em lagrimas, por cem gerações derramadas,  
As almas estão como os corpos — dissecadas!  
Rabelais definio numa palavra o mundo:  
— Pantagruel — glutão, Pantagruel — rotundo!  
Negreja em cada leito o espasmo de Lucrecia:  
Roma acaba por fim onde acabou a Grecia.  
As civilizações começam no monturo:  
Para a consciencia humana hade ser sempre obscuro  
O termo, que, em vão, busca, o deus que, em vão, espera.  
Do azul sáe sempre o azul, da esphera sempre a esphera:  
A vida é uma canção, a morte é um estribilho.  
O proprio sol, cantor, já vae perdendo o brilho!  
Gargantua, Grangouzier! bellos symbolos! Pensa  
Se ha nesses ventres fé, se ha nesses ventres crença!  
Um encerra o outro como um tábido arcabouço:  
Que sonda alcançará o fundo desse poço?  
Ouve: a inveja e a virtude, a piedade e a crueza,  
São do espirito humano a enxurrada e a represa.  
Esquadrinha num asno, homem, a tua essencia.  
Astral, — quem sabe? E, após, da parca intelligencia  
Mede o calor; compõe-lhe o recacho invisivel,  
E intensifica, amplia o fóco inextinguivel:  
Não vale a musa, poeta, o que o argentario vale;  
Que ella, pois, docemente, o ultimo carne exhale:

E vamos vêr depois por este mundo fóra  
Se o que chora é que ri, se o que ri é que chora.

Vi, flammejante, abrir-se uma bocca no esenro:  
Na abobada massiça havia como um furo,  
Onde vermes glutões os corpos remexiam;  
Dous grandes olhos no ar, medonhos, reluziam;  
O raivoso Typhão os clarins assoprando,  
E os brutos vagalhões turgidos, assaltando.  
Bramava. Era feroz o aspecto das montanhas!  
Encelado e Typhœu rugiam nas entranhas  
Do solo. Vasa immundo era o que via em tudo.  
Bramia o mar, e o céu quedava arido e mudo.  
Um espectro passou as vertebras torcendo;  
E as azas colossaes, batendo e rebatendo,  
Descerrou lentamente as palpebras immensas.  
De novo, interrogou-me a voz: “Falla, em que pensas?  
Vamos d’ahi. A noite as sombras agglomera  
No vasto coração, como na vasta esphera...”

“Não, respondi-lhe, parte. A tua voz me assombra,  
Plenipotenciario horrifico da sombra!  
Esse ambiente sem luz, sem ar, que me suffoca,  
Dardeja-te na fronte, estruge-te na bocca!  
Caim nasceu, talvez, de uma palavra tua!  
Floresta, que sussurra, onda, que tumultua,  
Pérfidas barbacans, horripilantes covas,  
O regougo escutando aos monstros que desovas,  
Em novellos de pó, buscam allucinadas  
O concheço floral das selvas ultrajadas!...  
Rio de sangue, véo de brumas, côro hediondo,  
Acommettem, com furia, apostropham com estrondo!  
Descees dos cimos, como o Othus á escura nave:  
Cala-se o éeo, o ar fusila e, na plumagem da ave,  
Ha uma tal vibração, um tão dorido aneio,  
Que a infeliz vae cahir moribunda no seio  
Da arvore que a ensinou a suspirar no berço.  
Tua face é a porção espectral do Universo!”

E o avejão respondeu: “Hei de damnar o Oceano  
Com o veneno do teu proprio sangue! Profano,  
Minha profanação ha de fazer do mundo  
Um algar torvo, frio, inabordable, fundo,  
Como o meu angustioso e tragico bramido,

Mais confuso, mais louco e mais bronco que o ruído  
 Das vagas! Ao tufão direi: "Sóbe mais alto!  
 Sóbe mais, ainda mais... E as montanhas, de um salto,  
 Galga, oceano! E, depois, sóbe mais alto ainda!  
 E em teus rudes frisões varre-me essa berlinda  
 Envolta no fulgor olympico dos astros...  
 Ao fim do temporal, que resta á não sem mastros?  
 E na amplidão do mar ao piloto sem leme?  
 Louros não colhe quem raios de Jove teme.  
 Ha de o mais forte ser o vencedor.

Na informe

Sombra o trasgo sumio-se. A' Terra multiforme,  
 Doce, pallido, o luar desceu, como uma prece...  
 Ah! finalmente, o orvalho as folhas humedece...  
 Os morros envolveu uma aureola ineffavel...  
 Que pretendia, emtanto, esse monstro execravel?  
 Disse. E fitando o mar e a noite erma e sombria  
 E o pégo insomne e a espuma e a lucida ardentia  
 Comecei a pensar no eterno movimento  
 Do astro que sae do azul, da voz que sae do vento,  
 No insensato furor, no erótico transporte  
 Dos horridos Geriões de gigantesco porte!...  
 Meu espirito foi como um condor subindo...  
 Archanjos immortaes, as palpebras abrindo,  
 Na sideral mansão ouviram espantados  
 O dialogo. O rumor dos sonhos, despenhados  
 Do alto, vinha accordar a solidão profunda.  
 A montanha escondera a asperrima concunda,  
 E os cedros colossaes e os passaros dispersos,  
 Ouviram com terror meus dementados versos.  
 A noite parecia um tumulto deserto,  
 E a abobada do céu um pensamento incerto,  
 Que ia aos pólos — ao norte, ao sul, por valle e monte,  
 Sem seu destino achar no infinito horisonte!...

Ninive resurgiu das cinzas, e o poeirento,  
 Allucinado olhar esgueu ao firmamento,  
 E as quatro azas, depois, no páramo sombrio,  
 O anjo Zorobabel triumphalmente abriu.  
 Galopava, ululando, a legião dos demonios!...  
 As nuvens eram como alados pandemonios;  
 Fauces a vomitar escassilhos de fogo;  
 Gritos e maldições dos vendavaes, em jogo,  
 Perturbavam, Senhor, a funebre gehena

Que succumbia ao sol de fome e de gangrena!...  
 Sépher e Barrabás, — cortantes como espadas, —  
 Mulheres de Israel, sombras esgrouvinhadas;  
 A barca do Ararat, entre trovões e incendios.  
 As proscricções, de um lado, e, do outro, os vilipendios:  
 Tudo vi desfilar — cortejo monstruoso! —  
 Nessa agglomeração de abysmos, em repouso!...

Vinha raiando a aurora, alva, serena, pura...  
 As ramagens do bosque, a tremula verdura,  
 Apollo, —o dextro e louro alchimista, — mudava  
 Em dourada urdidura. O monte rutilava  
 Muito ao longe, no tom marcial dos capacetes.  
 A serra desfraldava os amplos galhardetes.  
 A natureza como a Phenix resurgia  
 Mais bella ainda. O Oriente a áurea cortina abria.  
 E a noite misteriosa, o manto sobraçando,  
 Lá ia o ethereo armento a outras paragens guiando...

Aclarou-se-me a fé. Vidente, embora, obscuro,  
 Da cellular prisão, por fim, transpondo o muro,  
 O denso véo rasguei ao destino das cousas.  
 Homem! que adormeceste e tranquillo repousas  
 Ao pé d'agua a arrular, tão flebil e tão branca.  
 Faze do coração a hostia suprema e espanca  
 A duvida; que a fé — pomba biblica — torne  
 Ao teu lar e, outra vez, a tua fronte adorne.  
 Volte ao mar, que é o seu berço, a imprecação de Hamleto.  
 Porque não ha de ser a esperanza o amuleto  
 Que se traz sempre unido ao coração e aos labios?...  
 Ah! sob o beijo taes e tão crueis resabios!  
 Sob o casto sorriso um tão longo martyrio!  
 Porque não has de ser, Eros — sempre em delirio,  
 Como esse amado rei que vae do valle á serra.  
 A's aves ensinando a enaltecer a Terra,  
 E nas azas de neve e de ouro carregando  
 Os sonhos de Miranda e os beijos de Fernando?  
 Não deixemos partir o que não volta nunca...  
 Causa horror vêr passar com a sua garra adunca  
 O amor! O amor, ouvi-me: é casto, é meigo, é forte...  
 Não n'ó cresta a nortada, e não n'ó extingue a morte.  
 Adultera, qu'importa? Helena é sempre pura,  
 No thalamo nupcial, nos estos da loucura!...

Sonheimos ao rumor festivo das palmeiras...  
 Ha tanta irradiação, á noite, nas clareiras,  
 Que, dir-se-ia, que algum trecho da velha Athenas  
 Anda a aligera chusma errante das camenas  
 Alvorogando ao som das frautas e dos sistros.  
 Não fallem rudemente os lugubres ministros  
 Que o pó dos mortos céus sobre os altares lançam.  
 Senhor, de tanto orar os corações já cançam.  
 Perlustram a amplidão, o infinito os desvaira!  
 Do primitivo sonho a fria imagem paira,  
 Segundo a rotação de cada globo em chammas.

Deus não foi, nem será aquelle que proclamas,  
 Cakya-Mouni! O que a alma aspira no ether calmo,  
 E' esse perpetuo engano, esse divino psalmo,  
 Que se ouve ao pé do altar, á escassa luz da nave. —  
 E' esse anceo de vaga, esse revôo de ave,  
 Descendo aos mattagaes, subindo ao firmamento...  
 E' a fronde, é o rio, é a vela, a palpitar ao vento,  
 A' hora crepuscular, quando tudo é um mysterio  
 No tormentoso mar, no páramo sidereo.  
 Sim, mysterio, — estructura e substancia das cousas, —  
 Illuminando o espaço e obscurecendo as louzas.  
 Em que marulho, em que rudez de rocha viva  
 Tornarei a encontrar a crença primitiva?  
 Dize-me: em que lufada estólida do inverno  
 Surprenderei do mal no movimento eterno  
 O eterno bem? A vã philosophia a bruta  
 Alma humana adextrou no berço para a lucta.  
 De um instincto feroz, num alvoroço estranho,  
 Das ovelhas armou o timido rebanho.  
 A cortadora espada invencivel, ó numes,  
 Afiou, e deu-a ao vôo igneo dos vagalumes,  
 A' polpa que annuncia o delicioso summo...  
 Para uma tal visão, tudo é pó, tudo é fumo!  
 — Pó, — a chamma immortal dos arrebóes risonhos,  
 — Fumo, — a planta a peccar e a florescer, em sonhos!...

Não, arvores, vós sois o claro lume, a clara  
 Fonte, onde a mente obscura haure a sabedoria;  
 Sois a antiphona, o pálio, a therma, o pouso, a seára,  
 Toda a revelação, toda a philosophia!

## Meu palacio de ouro

Meu beijo para te beijar, formosa,  
Sobre teus labios turgidos, se ajoelha,  
E zumbe e as azas bole, como a abelha,  
No perfumado calice da rosa.

A aragem matutina em torno chalra,  
E as invisiveis plumas meche e freme...  
Nella tambem uma saudade geme,  
Nella tambem uma esperança palra.

Quando das cepas fulvo insecto rompe,  
Lembra um sol microscopico e brilhante,  
Que da liquida opala do Levante,  
Entre frouxeis e púrpuras, irrompe...

Tambem teu louro busto romanesco  
Rompe desta saudade que não finda  
Para sonhar, para viver ainda  
Na meia luz de uma pintura a fresco.

A tua bocca, levemente arqueada,  
Tem o mesmo rubor, o mesmo riso  
Mysterioso, como o Paraiso,  
Que guardou Eva intacta e immaculada.

Um dia, descerrando o véu de brumas,  
Que o sol aos meus desejos occultava,  
Ergueste sobre um chão, que o mar banhava,  
Um palacio de conchas e de espumas...

Foi nesse glauco e excentrico palacio  
Que vicejou a minha phantasia,  
E ouvi, como uma vaga melodia,  
As canções melancolicas do Latio...

Foi allí que de alegres creanças cheio  
Provei do amor o doce e amargo favo;  
Foi allí que a volúpia, travo a travo,  
Queimou-me as mãos e conspurcou-me o seio.

A's vezes, uma vaga escura, em baixo  
Do parapeito da janella estava  
A vêr se pela astucia arrebatava  
Do teu cabello o perfumoso cacho.

Eu, que os seus movimentos não perdia,  
Punha-me em guarda, rindo-me da empreza;  
E, assim que a vaga ia tocar a preza,  
Fechava-lhe na cara a gelosia.

.....

E cautiva, a estrophe os bosques perlustrava,  
Arrebatada no mais lindo sonho;  
E, após, num quarto, de um rumor tristonho,  
Em ledô surto, borboleteava...

Emtanto, o meu palacio de ouro, agora,  
Vive esquecido — é como um templo em ruínas; —  
Enche-n'ô a sombra immensa das collinas,  
E a dôr que o mar continuamente chóra...

## Alma de gelo

Corres e passas, passas e não voltas,  
E não voltas porque?  
Não te beijam os pés as vagas soltas  
Porque trazes uma aza em cada pé.  
Se as não trouxesses, certo, correrias,  
Sobre um mar, não de vagas, mas de beijos,  
E cercando-te todos, ouvirias,  
Sabes o que? — Harpejos!  
Harpejos, só? Não vê!... Arias mais bellas,  
Mais harmoniosas que as das ondas cêrulas,  
Como só ha no céo entre as estrellas,  
E no mar entre as perolas...

Entre crepúsculos apparecendo,  
Ora, em trama, ora, em fino raio de ouro,  
O sol murmura, ao vê-la, estremecendo:  
“Que esplendido thesouro!”  
Emtanto, dizem, que essa formosura  
Tem só por fóra, só...  
Que despreza os amantes e os tortura,  
Sem piedade e sem dó.

Que é retrahida e má, fria e impiedosa,  
Para os que, em vão, procuram entendel-a.  
Tambem o aculeo, fere a mão que a rosa  
Colhe, e, de perto, queima a luz da estrella.

De certo, o espinho a mão que a rosa toca  
Ha de ferir, de certo.  
Para que um labio furte áquella bocca  
Um beijo, o labio deve ser esperto...  
Deve furtal-o, sem que ella o perceba.  
Como uma flôr a um vaso.

E, sorvendo-o, em pequenos goles, beba  
O vinho, que ha de rir, por fim, do caso.  
Que graça! Má! só, porque a gente a admira!  
Quem manda que ella tenha  
Aquella rubra bocca de hetaira  
Que mais inflamma quanto mais desdenha!

.....

Eu cá por mim respondo não resisto  
Ao teu olhar vulcanico e incendiario.  
Nem sei, se o vira, que diria o Christo,  
Quando subia a estrada do Calvario.  
Sei que te zangas, quando te procuram  
Meus olhos. Dá que seja assim, que tem?  
Já que os teus, sem piedade, me torturam,  
Sem piedade, torturo-te tambem.  
Por ouvir sempre a tua voz celeste,  
Minh'alma como um rouxinol papeia...  
Mas, se queres que eu fuja e te deteste,  
Arranja um meio de ficares feia.

## Timo

Dona de olhos tão negros e imprudentes  
 Como os das trevas, como os dos atheus,  
 Colma-os o céu de sonhos innocentes,  
 Das rimas loucas que ha nos versos meus.  
 Cuidado! Em cada flôr em que pousardes,  
 Vêde que mundos esse mundo encerra:  
 Se ao veneno monastico das tardes  
 Que enerespa as aguas e adormenta a terra,  
 Se casa o igneo clangor do estio ardente,  
 A febre, a ancia, a volupia, o ruido, a côr.  
 Vêde bem, se nas cordas, docemente,  
 D'alma de Timo, harpeja o meu amor.

Com que paixão o enleio entresachando  
 A' rima, o coração que em vós renasce,  
 Vae-me a pobre existencia acorrentando,  
 Sem que ao meu zelo outro roteiro trace!  
 Timo, se a branda claridade acolhe,  
 Com terno agrado, uns passos mal seguros,  
 Tu que és luz, como a luz, toma, recolhe  
 Alenta e aquece com teus beijos puros,  
 Uma alma que, aos durissimos espinhos  
 De tredo sonho condemnada foi!...  
 Ah! o saibro feroz destes caminhos  
 Na lembrança, em que o guardo, ainda me dóe!  
 Um longo grito, que resoou no espaço,  
 A funerea mansão mais fria pôz;  
 E assim, por precipicios, passo a passo,  
 Fui arrastado pelo meu algoz.

A rudez do granito os pés sentiram;  
 Ao fogo as mãos e os braços se affizeram,  
 E com tenaz empenho resistiram  
 Meus sonhos — tudo que ao nascer me deram!

Esses espectros hórridos que a brida  
 Tomam nas trevas ao ginete audaz,  
 Sentio-os na garupa espavorida,  
 Rindo de tudo que ficava atraz!...  
 As cruezas vorazes do cyclope,  
 Que ante as fórmas de um joven se abrazava,  
 Rugiam arrastadas no galope  
 Que aos nossos pés se desencadeava...  
 Quanta amargura em toda essa chiméra!  
 Quanto sonho erradio, insano e vão,  
 Que a festiva estação, mendaz, trouxera  
 Entre um beijo de amor e uma canção!...

Vinho melhor que o nectar capitoso  
 Que as edonicas amphoras inflamma:  
 Vinho ideal, vinho delicioso  
 Que pelas nossas almas se derrama...  
 Poesia immortal, que o feiticeiro  
 Carinho entece em rútilos festões;  
 Voz do deserto, voz que o marinheiro  
 Acompanha nas frias solidões!  
 Irmã de Phebo, doce astro indolente.  
 — Celibataria da celeste altura —  
 Diana de rosto pulchro e alvinitente,  
 Graça da rima, enlevo da pintura!  
 Púbere sempre, o esplendido contorno  
 Do collo exalça o olympico perfil...  
 Recatada de mais, inquire em torno,  
 Vergonhosa do sol e do buril!...  
 Segue-lhe a ronda de selvagens numes  
 Por entre luxuriosos paraisos.  
 Bosques, onde ella achou tantos perfumes?  
 Deuses, onde encontrou tantos sorrisos?

A brisa agita as ramas offegantes;  
 Quebra a dureza ao plectro dessas musas;  
 E, emquanto, ao longe, os Euros hilariantes,  
 Entre as névoas do dia, ainda confusas,  
 Tam cantando de Diana a graça,  
 O heroismo, a belleza, a força, a luz,  
 O incauto caçador erguia a taça  
 Que á cimerea mansão, por fim, conduz.  
 Todo o ar sonoro e alaere das montanhas  
 Traz-lhe a vida balsamica das flôres;

Eclogas de ouro, musicas estranhas,  
 Que embalam, rindo, as Graças e os Amores.  
 No cotejo das fórmas peregrinas,  
 Ao apressado arfar de um seio inquieto,  
 Como o das aves, como o das boninas,  
 Que um nimbo envolve num fulgor discreto,  
 Ella, que a rima engasta aos verdes folhos,  
 Que em mimos e caricias se destouca,  
 Nunca perde o clarão que tem nos olhos,  
 Nunca perde o sabor que tem na bocca.

As Almeias do Cairo, as feiticeiras  
 Da Bohemia, a Willis phantastica, a dansar  
 Na herva pallida e fria das clareiras,  
 Ou num raio feetico do luar;  
 As mandrágoras loucas do Oriente;  
 As legendas de musgos e de ossadas  
 De Scandinavos reis; o decadente  
 Culto salaz das mumias empalhadas;  
 As Ondinas, mirando-se nas fontes;  
 A Fada, a Nympha, os Ogres, os Anões;  
 Os Pelles-de-Asnos, como mastodontes,  
 E os Homunculos, como Geriões;  
 O Raksahs, da India, o Cyclope, de Homero;  
 O palacio da *Belle-au-bois-dormant*,  
 A sandalia de Rhodopo, o *salero*  
 Da Andaluza; o pincel de Zurbaran,  
 A tudo o plectro soberano imprime  
 Um rythmo, um porte, uma attitude nobre:  
 Se é grande o poeta, nobilita o crime,  
 Mas deslustra a virtude, se fôr pobre.  
 Sim, a poesia tem esse direito  
 De dar ás cousas más brilho e valor,  
 Muda ou transforma, mesmo o que é perfeito,  
 Se o assumpto o exige, se preciso fôr.

A antiplona da tarde, a voz do vento,  
 Tem em seus hymnos um logar sagrado:  
 Como póde conter esse instrumento  
 O rio e a estrella, o firmamento e o prado?!

Ao mais pequeno insecto, á mais modesta  
 Aza de colibri que o lyrio esflóra,  
 Azas immensas de condor empresta,  
 Ao pôr do sol, ao despontar da aurora.

E' a mais alta expressão do genio humano;  
 Corre-lhe, á flux, a vida universal;  
 Tem rugidos de vaga, como o Oceano,  
 E segredos de amor, como um pombal.

De maravilha em maravilha passa  
 A sua altiva e olympica figura,  
 E não é só mysterio o que ella traça  
 No velho panno de uma noite escura.  
 A' medida que os seculos se escôam,  
 Maior é o seu poder e o seu dominio.  
 Todas as vans mêmorias se esborôam...  
 Nada resistir póde ao exterminio,  
 A' assolação, á guerra, ao rudo embate  
 Do tempo, cujas forças seculares  
 Nos aniquilam antes do combate.  
 Quer nestes cerros, quer naquelles mares.

Ama e verás que novos horisontes  
 Teus lindos olhos descortinarão!  
 Verás novas florestas, novos montes...  
 Um suavissimo olor sahir do chão...  
 Sahir... correr atraz de um niveo collo,  
 Do teu, em cujo claustro as graças fechas,  
 Timo formosa, para quem o solo  
 Só tem caricias e importunas queixas!  
 Della vive tambem o espinho bravo,  
 A candura da alcéa, o ai da bonina...  
 Enche de aroma o calice do cravo,  
 Enche de flôres a alma da campina...  
 Anda só pelos rios, pelos valles, —  
 E, como Endora, descuidosa te núa.  
 Diz ao poeta immortal: — “Dá-me teu calix,  
 Bem vês, quero ser mais, quero ser tua!!  
 Quero surprehender no verde galho.  
 Ao luar, ao doce e mystico pallor.  
 O dialogo do passaro e do orvalho.  
 Os suspiros do zephyro e da flôr...”

.....

Eil-a a poesia, Timo, eil-os expostos  
 Os contrastes das suas aventuras;  
 Ella supporta todos os desgostos,  
 Ella desculpa todas as loucuras.

## Demo

A' noite, Demo, á lampada orvãhada  
 Do luar, que o côro dos rosaes anima,  
 Sobes-me, a rir, pela alma illuminada,  
 Num trophéu voluptuoso, rima a rima.  
 Toda a Syria entre hosannas te acompanha  
 No tyrio plectro... As amphoras fumégam...  
 Vão-te no encalço as sombras da montanha,  
 E as estrellas que do alto se despregam.

Sim, Meleagro sonha... A cada passo  
 Rompem hymnos das cupulas implexas,  
 E agoita e junge o Satyro devasso  
 Ante os olhos das Thyades perplexas  
 Bella, ardente, teus olhos queimam, Demo!  
 Enchem-te o collo sensuaes anceios,  
 E, ao som dos sistros de Cythera, gemo  
 E ardo na labareda de teus seios.  
 Morte de herege, que transformo em gozo.  
 Que tu, nobre Stesichore exaltavas;  
 Mudando o eidonio cyatho amoroso  
 Numa taça de beijos e de lavas.

A sombra cresce... As graças Menippéas  
 Os écos destas selvas escutaram...  
 Aqui, dos glaucos nunes as napéas  
 Os sitibundos labios abrandaram.  
 Ali, febril, o attico sonho lança  
 A rêde aos mundos que se tresmalharam!  
 Senhor, meu estro de sorrir não cança,  
 Senhor, meus sonhos de brilhar não param.

Demo, rival de Timo e de Heleodora,  
 De que insano cinzel te despenhaste.  
 Como Eloá, quando rompia a aurora  
 No transparente, luminoso engaste?

Este, acolhe Timarion que arde em zelos;  
 Aquelle, acalma Timo, que está louca:  
 Uma, por invejar os teus cabellos,  
 Outra, por não possuir a tua bocca.  
 Loucas, ciumentas, o ar que ambas respiram,  
 Da mancenilha o toxico inocula:  
 Do orgulho as vestes lubricas despiram,  
 De Eros, no templo, a flammula tremúla.  
 Eros o ar abrazou; trama sumptuosa,  
 Prendes, Demo, os cantores attrahidos.  
 "Acorda!" ao pé, a aragem perfumosa  
 Murmura: "Accorda"! Ao longe, confundidos  
 Com as abelhas do Ménalo, mil beijos  
 Vôam, molhados no onro do Pactolo;  
 Da estrella d'alva os tremulos lampejos  
 Chegam, já frios, ao pronáo de Apollo.  
 Demo, de argenteos tons Divania escarcha  
 O tenue e verde crivo dos caminhos;  
 Dos capricantes satyros a marcha  
 Assusta as flôres, desatina os ninhos.  
 Lá brilha no alto throno, lá fulgura  
 A pedra em que o cantor esculpio Papho.  
 Vencendo em graça, em supplica, em ternura,  
 Os luxuriosos camapheus de Sapho.

Cós, que ainda é joven, toma ao seio o tyrio:  
 Beija-lhe a fronte e os nastro lhe destouca.  
 Amar assim, — que esplendido martyrio!  
 — Lhamas nas azas, perolas na bocca.  
 "Demo! Demo!" Eis que brada amor, as settas  
 Ao versuto carcaz furtando. Claros  
 Dias, enfim, resumbrem das inquietas  
 E olentes noites estivæes de Paros.

Tredos espectros moram nesta torre  
 Com que o cego destino me punira.  
 Os écos bramam pelos ares: "Morre,  
 Misero escravo, que a paixão servira!"  
 Ai! do infeliz viajor a estrella extincta,  
 Ai! da estrella orgulhosa, a que confiara  
 Toda a ventura que Virgilio pinta  
 No lusco-fusco em que verdeja a seára!...  
 A ambição de possuir-te ao pó volvera;

Pó, sepulchro ou fanal que nos governa,  
 E o seio das cavernas accendêra  
 Com as surdas ancias de uma dôr eterna!

Vêde, estes lichens, estas silvas brotam  
 De milhares de antigos amargores!...  
 Aqui, vicejam, púrpuras, desbotam,  
 Além, as mesmas caprichosas flôres.  
 Mas todas nascem desse torturado  
 E exuberante pó, que é tambem alma,  
 E arvore e sombra e espirito aterrado  
 Pelo mesmo furor e a mesma calma.  
 Ao já de Ticio horrifico tormento,  
 Impios, accrescentaram mais um cravo.  
 Ironia cruel! Teu proprio alento  
 Te fez um deus mortal, um deus escravo!  
 Jungem-te ao poste, flámine humilhado,  
 Flámine, sem galero e sem talares!  
 Que pretendes oppôr ao vento irado?  
 — O ouro do templo? o fumo dos altares?

Cerram-se os véos do Eleuzes... Lentamente.  
 De preces vão se enchendo as altas frondes...  
 Que rumo é o teu, estrella do Occidente  
 Que na etherea morada, ora te escondes?  
 Ferve a calema nos parecis distantes,  
 Silvam os austros, varejando os fossos.  
 Estas serras, outr'ora, eram gigantes,  
 Ruiram, como montanhas, estes ossos.  
 Sobre os carandahys a aragem desce,  
 E ri como a palheta de Terencio,  
 E pela fimbria da latada esquece  
 Os dramas do barulho e do silencio...  
 Quantos festivos ou luctuosos lances  
 Vos não depara a muda natureza  
 Nos seus idyllios e nos seus romances,  
 — Aspectos da alegria e da tristeza?

Quantos... A' margem de vernal corrente,  
 Da mandrágora a voz enfurecida  
 Do sanguinario despota insolente  
 Prostra, fremendo, a lamina homicida!  
 Brando, evola-se o aroma... As madrugadas,  
 De envolta com os deuses vaporosos,

Accordam as Oreades e as fadas,  
Aos suspiros dos zephyros queixosos?  
Tudo é um canto, alegre ou triste, Demo.  
Tudo é contraste, é fumo, é sonho, é astro,  
Mas, sobretudo o espirito supremo  
Imprimio, ao subir, seu claro rastro.  
Estrellas, a fulgir como mesquitas,  
Espheras, onde outras estrellas rolam...  
Esplendidas payzagens infinitas,  
Que no fundo do mar se desenrolam,  
Dizei, dizei á incrêa Demo: "Ascende  
E verás como em toda a escuridade,  
A haste que cresce, o bloco que resplende,  
São maneiras de ser da divindade."  
Ella é o riso, a cadencia, o sopro, a chamma,  
Que te conduzem, através da balsa,  
O carro de Plutão, que o espaço inflamma,  
O symbolo de amor que Ovidio exalça.

Lá no santo penhasco, abrupto e ardente.  
Que ainda guarda o divino prisioneiro,  
Minha lyra no fogo impenitente  
Temperei como o ferro no brazeiro,  
Para igualar-te á deusa caçadora,  
E á essa que um novo ardor no leito instiga,  
E volta á Sparta, altiva e triumphadora,  
Sopeando a rédea á rapida quadriga.

## À um artista

J'eus toujours de l'amour pour les choses aliées.

(VICTOR HUGO.)

Pictoribus atque poetis.  
Quid libet audenſi ſemper fuit aqua potestas.

Temos em nós, artista, um pouco desse Latio,  
Theatro immortal dos mythos e das lendas;  
Anthro de Catilina, halo do grande Horacio,  
Fervendo em rezeias e contendas.  
Vio-se convulsionando, em rubras labaredas,  
O Tibre, que, bramindo, o leito corta;  
E as soubrettes de Diana, immáculas e ledas,  
Que o olhar da deusa incita e exhorta.  
Núas, a percorrer os glaucos aposentos,  
Ataviados de ricos artefactos,  
Ao leve sopro austral dos sonoros ventos  
Que andam garrindo pelos mattos...

Fomos e somos ainda, os Ramnes solitarios,  
Cujas obras o Olympo insufla e esmalta;  
Os pregadores, não os santanarios  
Que um culto incompto aterrorisa e exalta.  
Somos a lucta, o esforço, erguendo Capitolios,  
Como os Salios na Roma primitiva.  
Tu refreias, superno, os zephyros coleos,  
Tu trasladaste a alma meditativa  
Do Oriente para aqui, onde um leve requeime,  
Tão grato ao paladar do engenho brasileiro,  
Pule melhor a graça e o bello. Queime  
Embora, o sol as frondes, altaneiro,  
Sobrestante dos astros, o igneo influxo  
— Illapso até então desconhecido.  
Cresta o marulho á vaga, e o seu fluxo e refluxo  
Acachôam no bronze arrefecido.

Sobre ti, numa noite illuminada,  
 O divino Karisma, onde ha a graça suprema,  
 Desceu como uma esplendida ballada,  
 Fulgiu como um esplendido diadema.  
 Pobre, mas ouro vale essa pobreza,  
 Porque, se o livro é ouro, em ouro te desarmas.  
 E' a espada da conquista, é o estarcão da nobreza,  
 Artista emerito, é a melhor das armas.  
 Oh! bájulos da prosa e da poesia,  
 Carregadores vis de insulsos tropos,  
 Quando ao torneio um Cid apparecia,  
 Oh! não lhe iam reptar nem cevões nem farroupos.

Reptam-se glorias, reptam-se os que sabem  
 Trazer o arremessão, a aljava, o escudo, a farpa.  
 Não faz mal que os zoilos desgabem  
 A's esconsas, artista, da tua harpa.  
 O que é certo, porém, é que vaes triumphante,  
 Construindo Parthenons e Minarettes; falla  
 Aqui o bronze, ali, o carcão rutilante,  
 E o aroma que, á sonoite, o heliotropo trescala.  
 A tua penna é uma palheta estranha  
 Com lascivias de passaros e harpejos,  
 Nichos de santos, chanfros de montanha,  
 Graça, deliquio, sonho, amor, cólera, beijos...

Ha choros de oceanitides e enleios  
 De ondinas e rumores de folhagens,  
 Deuses viris que alçam os copos cheios  
 Ao estrondo dos crótalos selvagens.  
 Ha lagos de crystal, ha absides luxuosas,  
 Cantaros, Céramos e Pithos,  
 Vinhos gregos e Thyades ruidosas,  
 Monges senis e reprobos malditos.  
 Oh! é nobre, sem duvida, esse arrojo,  
 Essa bravura, esse denodo.  
 Atravessar o constellado bojo  
 Da arte, atirando perolas a rodo.

A's varias fontes da loucura humana,  
 Pediste já, artista, os mais atros assombros,  
 E no Orco horrivel dessa dôr insana,  
 Ao rictus sepulchral desses escombros,

De tal sorte pintaste a dôr dos infelizes,  
A communhão dos ninhos e das hastes,  
Que é curioso tocar todos esses matizes,  
E difficil reter todos esses contrastes!...

Pan ensinou a Baccho a cadencia do passo,  
E os segredos do viinho capitoso;  
Fêl-o aspirar o céu, que mal contém o espaço,  
Fêl-o adorar o Oceano procelloso,  
E amar, e amar, e amar hallucinadamente!...  
Da alma humana infeliz arranca, espinho a espinho;  
Depois, dá-lhe a beber, soffrego e impaciente,  
Mestre, as tuas lições, escansão, o teu vinho.

## Nyssia

“Causa-me horror, disseste, a rosa pura!”  
 Oh! por mais que propales,  
 Ha de ser sempre a rosa a alma, a candura  
 Dos jardins e dos valles.

Como és má, Nyssia! Horror só causa a planta  
 Que nos mata e atormenta!  
 Mas não o aroma ideal que nos encanta,  
 Não o sol que o alimenta!

Da atra noite chuvosa a horrenda face  
 Póde infundir-te medo,  
 Mas o vôo do passaro fugacee,  
 A sombra do arvoredado,

O queixume do correjo distante,  
 Jámais, formosa minha!  
 Tudo isso é a voz de uma illusão constante,  
 Que nos falla e acarinha;

Que nos recolhe, que nos diz baixinho:  
 “Ama, é o tempo das flôres...”  
 Anda feliz o leve passarinho,  
 Andam, rindo, os pastores...”

A égloga quebra o envolvero dourado...  
 Vôa... parte, espaneja...  
 Quer luz. Deixal-a voar... E' o bem amado  
 Que a procura, que a almeja.

Eil-os. Tomam os dois outro caminho...  
 E' tão pequena a terra!...  
 Onde irão elles esconder o ninho,  
 Pintasilgo da serra?...

Que estrada ou rumo é o delles? Que procuram  
Nesse roteiro incerto?  
Num longo beijo os bicos se misturam...  
Ah! vão morrer de certo!...

A casinha dos dois vae ser, — que encanto!  
Toda feita de seda,  
Erguida em verde galho, num recanto  
De sombria alameda...

Com breve passo o sol por uma fresta,  
Penetrando num raio,  
Virá ornar-lhes a casinha em festa  
Com resedás de maio.

Como ha de o amor gozar a luxurriosa  
Sombra do ameno estio,  
Ouvindo a voz da frauta suspirosa  
Numa volta do rio...

Tudo em torno do mystico instrumento,  
Tudo perplexo e quedo:  
— A lua, o bosque, o rio e o firmamento,  
Enlaçado ao rochedo!...

Um barulho de luzes e de côres,  
Cahindo sobre a terra.  
De onde vêm todos esses beija-flôres,  
Pintasilgo da serra?

Emtanto, é noite... E elles, á noite, apenas,  
Nas azas perfumosas,  
Descem aos ninhos, concertando as pennas,  
Cheias do mel das rosas.

Na medrosa bonina transparece  
Cuido que algum despeito!  
E porque?! (Caso estranho me parece!)  
Não tem ella o seu leito?...

Não tem do ledó zéphyro inconstante  
A estouvada carícia?  
E do almo beijo, tremulo e odorante,  
A mórbida delicia?

Que mais queres, vaidosa? O céu ordena  
Essas cousas ouvires.

Maior peccado commetteu Helena,  
E a divina Themires!...

Que tem que a mão affague os niveos seios,  
Abrazada em desejos,

E que eu leve de Nyssia os labios cheios  
De capitosos beijos?...

Que tem que a mariposa incauta e louca  
Morra, as azas queimando?

Que tem? Faz mal a bocca que outra bocca  
Enamorou, passando?...

Bem sei, preferes os salões luxuosos,

A pompa, o fausto, a gala,

Ao ruído dos valles mysteriosos,

Ao canto da zagala.

Tu admiras apenas o que é falso:

— Ouro, joias, recamos...

Rezas, não sei rezar; walsas... não walso...

Emtanto, Nyssia, como nos amamos!...

## O fogão do gaúcho

Repechámos, a custo, o íngreme arrampadouro...  
 Pleno luar, plena paz... Infundos seivos; baixas,  
 Sangas, barbeitos, váos, tudo como um thesouro  
 Ou larario esquecido... Ao fundo, arroios, faixas  
 Líquidas, serpenteando, enroscando-se aos velhos  
 Troncos, onde ainda se ouve o segredar dos ovos,  
 Negros monestiraes curvados sobre os joelhos,  
 Rezam e, após, alteando aos chapadões longevos  
 O rugoso perfil, o amplo espaço interrogam.  
 Chegam, trauteando, os reis das cochilhas. Tranaram  
 Rios; bridões, sem Deus, com o pampeiro dialogam,  
 E, loucos, de roldão, os itaimbés galgaram.

Perto, um lageado sôa; está longe o redil...  
 E' então que o homem presume apalpar o mysterio,  
 Que esparzindo na flôr o perfume subtil,  
 Precipita no sol o turbilhão sidereo.  
 A extensa cordilheira é um vasto facistol.  
 No aperado ginete o peão contempla-o, mudo;  
 O peão que alçou com o gado ao romper do arrebol,  
 E fez do proprio peito um temeroso escudo.  
 Crente, só cre' n'um deus unico — o seu corcel;  
 Cavalleiro, abandona a alma na disparada,  
 E, aos sopelões do potro, altaneiro e revel,  
 T<sup>h</sup> laço e chiripá, surge rente á manada.

Desmontam. Sobe o fumo. E' o fogão do gaúcho...  
 Tralha o luar nos rincões, verdes como esmeralda...  
 Laços, bolas, asnis relampejam num luxo  
 Campesino e folheiro. A' mão, nem uma espalda  
 Ou socaíro. O horizonte — inacessível nune —  
 A terra enche com a sua infinita saudade...  
 Pampas sem fim, paineis sem vida, ortos sem lume,  
 Sonhos váos, fórmias vãs da impervia obscuridade.  
 Pyrilampos, á volta, accendem as lanternas...

Nuvens não ha no céu. Como cistas suspensas,  
Fulgem serenamente as estrellas eternas,  
Arrastando outros soes nas orbitas immensas...

O fogão do gaúcho é, a um tempo, o hymno folgaz  
Do guerreiro e a canção do pastor. E' a loucura,  
E' o idyllio, o terror, o odio, a hecatombe, a paz,  
O perfume da prece, o odôr da sepultura!...  
Os campeiros, depois dos labores crueis,  
Desafogando a viola em canticos frementes,  
Sonham como os heróes e amam como os zegréis  
Os passaros do céu e as flôres innocentes.  
Quem já os igualou na collisão atroz?  
Quem com maior bravura investiu as trincheiras,  
E varou como um raio o quadrado feroz  
E abateu os balsões e arrazon as fileiras?

Camponezas, mostrando os vestidos singelos.  
Bellas, fortes, sorrindo aos namorados, dansam.  
Sentindo-lhes o ardor dos lubricos anhelos,  
Ouvindo-lhes o arfar dos peitos, que não cansam.  
Que garbo no mover dos quadris! Que elegantes  
Meneios! Sem cultura, emtanto, quanta graça!  
Lhes enfeitiga o quebro e as fórmas luxuriantes!  
Que insondavel mysterio os olhos lhes traspassa!  
Que deliciosa estancia ao sonhador promettem,  
Se lem torno da fogueira, as almas approximam!  
Os homens, com furor, as hordas accommettem...  
Ellas, porém, depois, com mimos os reanimam...

O fogão é o adueiro, a sorrir e a cantar;  
E' o fragor espectral das cruzadas avoengas,  
A caterva, aos galões, jorrando do albacar,  
A canção longamente a ecoar por cerros e engas...  
Em momentos fataes, delle, sedentos leões,  
Em busca do inimigo, horrificos, saltavam,  
E, invenciveis, além, no meio dos sertões,  
Com Raphaél Bandeira as hostes dizimavam.  
Ageis, fortes, sorrindo ao minuano, rivaes  
Desses bravos que outr'ora os gryphos combatiam,  
Eil-os cysnes, agora, e cysnes immortaes,  
Consolando os que a ferro e fogo accommettiam.

Lá, o invasor sinistro atropellando, infestos,  
 Lá o armígero heréu da fronteira expellindo!  
 Campeadores, tornando á casa, por enfestos  
 E rapadouros vão cantarolando e rindo.  
 Trophéus, horriavelmente épicos, ao astuto  
 Hespanhol, com furor, tomam na arremettida.  
 E' de mister transpor aquelle fosso. Abrupto  
 E' o passo, arduo o entrevero, asperrima a subida!  
 Avante! Raphael Bandeira á frente arranca.  
 Vôam, firmes no arnez. Como hetéiceas, rompem  
 O trambolho, que, embalde, o caminho atravanca.  
 Salve! Do lado opposto. alfim, eil-os que irrompem!

Dilatados rincões, cerros do Camaquan,  
 Planicies que o Jacuy serenamente banha,  
 Tudo que as virações abrem pela manhã,  
 Tudo que ao sol sorri com uma afeição estranha,  
 O heróe com o seu amor aqueceu e abençoou.  
 Quem, como elle, transpoz estreitas entaladas?  
 Quem, com tamanho ardor, as hostes desafiou,  
 E, após, as conduziu, submissas e humilhadas?

Um dia, em Santa Tecla, uma cachópa ideal,  
 Prisioneira de guerra, a alma lhe arrebatara,  
 E, então, sorrindo, vio o caudilho immortal,  
 Que da espada, outra vez, a mulher triumphara.  
 Sagrou a Egreja a união. No valoroso peito  
 Do heróe a alma irrompeu como um renovo agreste.  
 O poncho, a espada, o arnez serviram-lhe de leito,  
 Foi-lhes tecto nupeial a abobada celeste.

.....  
 Vêde, junto ao fogão, dois espectros conversam.  
 A infinita amplidão contemplam... Os lampyros  
 Sulcam a brenha. O fogo as manalhas dispersam  
 Dos que andam pela noite a errar como vampiros.  
 Silencio! Outros tambem chegam. Que plano assentam?  
 Um, o olhar imperioso ainda conserva. A espada  
 Traz segura ao talim. Todos o lume attentam...  
 E' um tapete de neve a sombria explanada...

Simeão Barreto — o riço e ousado portuguez,  
 E' um delles. O outro, o heróe do Seival. O outro, o forte  
 E nobre Canabarro, em cuja intrepidez  
 Se reflectia o velho orgulho da cohorte.

Ouvem-se cainhar as áduas sepulchraes...  
Bento Gonçalves fixa o olhar nas sentinellas...  
Que estão a planejar? Que louros querem mais,  
Se no Pantheon da historia esplendem como estrellas?  
A cavalhada nitre; as margens do Cahy  
Rebôam... Garibaldi, olympico, terrivel,  
Com seus quatro lanchões vara o Capivary!...

Visões, apenas. Ronca a torrente inflexivel  
Pelos carraboíçaes... São mortos, sim. Os bardos,  
Como os que Erik, em meio ás lanças, exalçavam,  
Os exalçam, tambem. Seus feitos, como dardos,  
Zunem, minazes, no ar que os cavalloos turvavam...  
São visões que ainda vêm, requeimadas do estio,  
Aquecer-se ao fogão, que, outr'ora, espavorira,  
Nas longínquas Missões, o barbaro gentio.  
Desapparecem. No alto o plenilunio expira...  
Enche o campo o vozeiro alegre dos catubas...  
Foram-se... Mas ficou em derredor da pyra,  
Silenciosa e espectral, um fremito de jubas...

## A paz

Veroneso é quem deve illuminar esse átrio;  
Dar sorrisos de páschoa ao monumento patrio.  
Ao fuste, ao capitel, á abobada a fulgir:  
Que a tinta aplaque, em vez de excitar ás refregas,  
E, em vão, por bamburraes de arremetter, ás cegas,  
Contra o céu que se espelha em bençãos, no Porvir.

Role, inéxcito e rouco, o Oceano pela praia...  
Do Amazonas até ás grimpas do Hymalaia.  
Gozem os olhos o ouro e o esplendor das colheitas.  
O rumigero albor alvoroçe as choupanas  
Com alfaías ruraes, com laureis e campanas,  
Com o fremito e o estridor das aves satisfeitas.

Mensageiro veloz leve ás plagas distantes  
O concerto que enleva as copas sussurrantes  
No recesso da matta ou no alto do alcantil.  
Que não fique no campo o signal da caliga,  
Nem a trompa belaz, nem o pó da quadriga  
Nem tu, evecto heroe, de arrogante perfil!

Tambores e clarins, paveses e penachos  
Passaram ao fulgor dos bellicosos fachos  
De Tolbiac, de Rocroy, de Ulm, de Austerlitz, em brazas!...  
Sonho, mysterio, bruma ou sombra, a vasta arena  
Deflagrava em Moscôw ou ribombava em Iena,  
Misturando o clarão dos olhos ao das azas.

O massacre feroz, o espectro da carnagem.  
No sangue dos heróes, ensopando a roupagem,  
Tomba, no chão rojando o mavorcio furor!  
A aguia de Eylau e Wagran a rija envergadura  
Abre sinistramente ao fundo da planura  
E succumbe, depois, aos pés do vencedor!

A vaga tumultuosa, o labor inclemente  
 De invadir, de vencer, de algemar friamente  
 Roma inteira e lança-a ás prisões de Bolonha;  
 A tempestade, o incendio atear nos santuarios,  
 Ou na esconsa caverna armar os sagitarios,  
 Porque Ourestella chora ou Cleopatra sonha;

Ou porque Fulvia, o sangue, em lavas, borbotando,  
 Do guerreiro amoroso a ambição excitando,  
 De outras plagas aponta o tormentoso mar.  
 Dizendo: "o globo, o escudo, a vela, o leme, o mastro  
 Toma, guerreiro, parte, e o rumo obscuro ao astro  
 Traça com a tua espada, antes do sol raiar",

E' vertigem que passa, é visão que se apaga,  
 Como a luz do meteóro e o estampido da vaga,  
 Ao longe, no esplendor de ephemera fumaça...  
 A gloria de Chalons, de Marignan, de Arezzo.  
 E' no horizonte escampo e infindo do progresso  
 Uma nuvem que a França ainda escurece e ameaça...

E' outra a myrrha, é outro o rito, é outra a crença.  
 Outro cantor acorda os bosques de Florença,  
 Outro enxame, eil-o já, em Túsculo, a esplender.  
 Águia de Clovis, águia épica e valorosa,  
 Retoma o surto... Allí, mora a Scythia famosa,  
 E a Cilicia, o algodão finissimo a tecer.

Mais além, o lavor das pedras preciosas:  
 A umbrella, o espelho, a cycla, em purpuras luxuosas;  
 Tudo o que o Evodo empresta aos aneis e ás armillas,  
 Tudo o que a aia depõe ás plantas da senhora,  
 Tudo o que urde a manhã, tudo o que o amor devora  
 Nas boccas dos leões, nos olhos das Sybillas!...

Vae-se a lucta cruenta. As arvores já pódem  
 Florescer sem temor. Ledas aves acodem  
 Ao reclamo auroral. Namorados pinceis  
 A louca embriaguez de seus amores traçam  
 Nas collinas azues, nos ramos que se enlaçam,  
 Ao clarão do arrebol, no fundo dos vergeis.

O trigo o pobre alente; os campos se desvelem  
 Em dobrar a colheita; os galhos se constellem  
 De encantados botões, de frutos saborosos.  
 Ah! que fareis, se, acaso, a amargura semeardes  
 Por esse espiritual crepusculo das tardes,  
 Por esses virginaes recessos mysteriosos?

Eva a santa nudez offereça, de novo,  
 A este asylo innocente, onde o aligero povo  
 O ar transmite do céu em limpidas canções...  
 Paz! a safra no enxugo e na mólha, sorrindo;  
 Ao celleiro commum cidades conduzindo,  
 Ao romper da alvorada, através dos sertões!...

Paz! Germe ignoto e obscuro, a levantar emporios,  
 A romper penhascaes, a adquirir territorios,  
 Sem ferir, nem matar: — com sairés e folguedos!  
 Oleo sagrado a rocha offerece ao viajante;  
 Dos alegres aldeãos o exercito brilhante  
 Vem de amanhlar o gado e de empar os vinhedos.

A Natureza extráe, quando na estancia ardente,  
 Magestoso, o sol rasga as nuvens do nascente,  
 Para a mais leda flôr o seu melhor matiz.  
 O astro diurno, jámais ao somno afeito, entrega  
 O animal ao arado, o vegetal á rega...  
 Com que zelo, então, falla o Azio á prole feliz?

Salio! A uma obra de amor o nome vinculaste:  
 Na ardente Lupercalia o espirito inflammaste  
 De uma geração triste, obsessa, inexcrutavel...  
 Mas de tal monumento o aspecto encanta a vista!  
 E' assim que se constroe, é assim que se conquista!  
 Quem ousára ligar ao grillhão execravel

O que a escolher andasse, entre os mimos de Céres,  
 O linho que a mão fina e dextra das mulheres  
 Urde, gramado e puro? Ah! quem ousára o sol  
 Conturbar no seu curso, a grillheta de Calles,  
 Arrastando, outra vez, por montes e por valles,  
 Ao sopro do favonio, aos raios do arrebol?

Das delicias da paz o vestibulo augusto  
 Abriste ao patrio anceoio. Intemerato e justo,  
 O alvo pendão plantaste em meio ás baterias.  
 Tua penna, que irrita os discolos tacanhos,  
 Vale, de certo, mais, ah! muito mais, Paranhos!  
 Do que a lança de Herval e a espada de Caxias.

Doce e rutilo, a um tempo, o soberbo argumento  
 Presta ao árido solo o provido elemento  
 E do Aventino aos pés lança o *sublicius pons!*  
 Desenterra e acautela os thesouros occultos  
 Que, ha seculos, estão nos matagaes sepultos  
 Sob compactos véos de caprichosos tons.

Do alto progenitor á aureola inextinguivel  
 Trouxeste um raio a mais. Ao nucleo incorruptivel  
 Arrebataste a força; e o divino modelo  
 Irradia da torre ao recesso da matta,  
 Quando no velho mundo, egregio diplomata,  
 Vejo em victorias mil, resplandecer o sello.

Que é todo o nosso enlevo e todo o nosso orgulho!...  
 O ennoziogeo clamor, o horrisono marulho.  
 Pronuncia o teu nome, ourando no alcantil!...  
 Livre de qualquer seita, attingindo ao fastigio,  
 Uma enorme extensão de terras em litigio,  
 Sem exercitos, só, restituiste ao Brazil!

Ha quem te inveje, sim! Pantanos ha cevando  
 Do misero a materia. O agravo exacerbando.  
 Ha quem, rouquenho e vil, Cícero reproduza.  
 Eia, vaidade! a lingua audaz afia, inutil;  
 Macúla o arminho, rasga a tunica inconsutil:  
 Viboras ha quem erie, aguias ha quem conduza.

D'alma, obesa ou rasteira, embarrilla a peçonha: .  
 De trevas socio, em vão, com a luz dos astros sonha:  
 Seus magros jaguanés açula como leões!  
 O' indigencia! ó baixa inveja deleteria!  
 Seculos ha que o seio espremes da miseria  
 E te extorces no solo em torvas convulsões!

Do bafo empestador, fóra do ambiente impuro,  
Contemplo-te; do plaustro as rodas de ouro, o escuro  
Trecho transpõe. Attende, immortal brasileiro:  
Horizonte mais vasto abriste ao patrio ninho;  
De luxuoso tapiz constella-se o caminho,  
De singular fulgor abraza-se o roteiro!

Eil-o o mais amplo dom que dos thesouros póde  
O destino extrahir. Essling, Arcole, Lodi!  
Apagados calrões, ephemeros laureis,  
Que sois, senão delicto ou luctuosa memoria?  
A planta que germina e floresce na historia,  
Não enflora canhões, adorna capitéis.

## Terra invisivel

Lá de tenue carão se veste o poente,  
 Lá foge o dia, lá se ensombra a nave...  
 Sobe a angustia das cousas, lentamente,  
 Do mysterio da fronde ou da architrave...

Ao longe, o mar se exhaure n'um queixume...  
 Como as almas dos rios e dos mares  
 Adormecer n'uma onda de perfume,  
 E acordal-as, depois, por estes mares?

Como o brando alimento da esperanza  
 Dar á tanta afflicção no tecto escuro,  
 E o veneno da insidia e da vingança,  
 Indignado, impontar do calix puro?

O castigo é tambem conquista e messe:  
 Converte os homens, quando exacto e justo;  
 E o perdão a seara em que floresce,  
 Terra, o thesouro que buscaes, a custo.

O thesouro que os olhos dos prophetas,  
 Com divinos mysterios, constellaram;  
 Pouso de redempção, cujas secretas  
 Vozes contra a mentira, em vão, clamaram.

Contra a mentira, contra o abominavel  
 E iniquo instante, em que se transformara  
 A hostia impolluta, em ferro inexoravel,  
 E a divina corôa, em negra tiara.

O' diabolico sopro, a cujo embate  
 Mal se sustem nos polos o Universo,  
 Quem logrou sahir vivo do combate,  
 Quem rolou pelo chão, em pó disperso?

O homem, não, esse é lume que vasqueja  
Entre os da vida poucos elementos:  
Olhae-lhe o coração como flammeja  
Em alegrias, em padecimentos...

Aqui, prostrado, é a sombra do que fôra,  
Alli, perpassa em rutilo cortejo,  
E de toda essa febre abrazadora  
Ficou-lhe a cruz como ultimo lampejo.

Cruz, colheita de bens em solo avaro,  
Phanal que vae á frente do navio,  
Os rios entornando em leito claro  
— No amor dos homens, — que é tambem um rio.

Pensamentos, que sois senão caminhos  
Que vão ter a paizes mysteriosos?  
Vêde que hão de ir tambem lá ter os ninhos  
Através dos seus cantos dolorosos...

Sim, a terra é aquella que não vemos,  
Terra que os bens corôam de esplendores,  
Que tentamos vencer com os nossos remos,  
Que buscamos ganhar com as nossas dôres.

## Pensando nella

Sonhas, enquanto em meio do caminho  
 Vejo calçado o chão de urzes e escombros...  
 Tu vaes — passaro exul, — de ninho em ninho  
 E eu, como o Christo, levo a cruz nos hombros.

Sigo-te absorto, pelo espaço fóra,  
 O vôo errante, que no azul se eleva...  
 Tu vaes e voltas, como volta a aurora,  
 Eu vou e volto, como volta a treva.

Como rompe o granito a stalactite,  
 E a vaga os rofos e hispidos escólhos,  
 Rompe a tu'alma — esplendido zenith —  
 A lagrima de amor que te enche os olhos.

Quando a alva surge, abres os longos cillios,  
 E um cheiro de astro pela alcova deixas,  
 E, em ronda, os dythirambos e os idyllios,  
 Beijam-te as soltas e humidas madeixas.

Costumas dar, ás vezes, uns passeios  
 Pelas estrellas e pelas espheras,  
 E, quando vens, trazes os olhos cheios  
 De madrugadas e de primaveras...

A' tua prece o temporal se dobra,  
 E torna o sol mais rapida a carreira;  
 E eu me enroscó aos teus pés, como uma cobra,  
 Em torno ao tronco de uma trepadeira...

Como a orvalhada que a corolla cobre  
Da agreste planta, que o favonio excita,  
Tal o róssido alvor scintilla sobre  
Teu niveo corpo, que um tremor agita...

Cruzam á noite, os horizontes vastos,  
Teus sonhos, num alegre desafio.  
E vão beber luz nos teus olhos castos  
Como as narcejas vão beber a um rio...

**Versos á C.**

Amas-me, sim, que esses olhos  
Nunca mentiram, bem sei.  
Percorri ondas e escolhos  
E só hoje o rumo achei.

Vagos e ternos... Que encanto  
Ha na ancia de os comprehender!  
Promethêo, o fogo santo,  
Eil-o em seus olhos, a arder!

Dize-me, leve andorinha,  
Onde teu ninho vaes pôr?  
Em que risonha casinha,  
Em que dourado pendor?

Vôa, é tua a etherea estrada,  
Morena de olhos crueis!  
Beija-o, é o orvalho d'alvorada  
Que desce aos caramancheis.

A praia accordou deserta.  
Perdida em scismas, sem fim...  
Que lhe dirá a onda incerta  
Que sae de ti e de mim?

Que dirá? No casto seio  
Encerras todos os dons,  
Nympha, que vives no meio  
De perfumes e de sons.

Move os labios, deixa o leite  
Arder no incendio voraz;  
Has de vêr como meu peito  
De quanto amor é capaz.

Não creio que alguém consiga  
Teus encantos olvidar,  
Canção de Hebe que me obriga  
Tambem a rir e a cantar.

Busca o passaro agasalho,  
Embora fulja o arrebol;  
Precisa o fruto de orvalho,  
Precisa o orvalho de sol.

Que fallas na correnteza  
Do dia ao pallido albor...  
Que é que quer a natureza,  
Se ella nos fez para o amor?

Tens as mãosinhas tão quentes,  
Tremulas e virginaes...  
Se me amas? Debalde o tentes!  
Por força me beijarás.

Eu não sei já o que faça  
Neste mundo avaro e vão.  
Para exalçar tua graça  
E possuir teu coração.

Teus doces labios propinam  
Um amavio subtil;  
Os passarinhos afinam  
Sua avena pastoril...

Teu nome as flôres traduzem,  
Teu nome, que é uma flôr,  
Engrinaldam, reproduzem  
Do plenilunio o fulgor.

Ouve: é a ventura que aponta,  
Que, rindo, ao teu collo vem.  
No azul Apollo desponta  
No seu claro palafrem.

Por ora, quanta esperança!  
Tens medo? Medo de que?  
No mar, o sol se balança,  
No lago, o luar se revê.

Está mais linda hoje a terra;  
De aves o páramo encheu.  
Mas o perfume que encerra  
E' menos casto que o teu.

Partamos. A noite vela  
A sua face immortal:  
Maio tornou-te mais bella,  
Tornou-te o céu mais ideal.

Juro-te! é toda a existencia  
Que te lanço, humilde, aos pés.  
Como são na tua ausencia  
Meus pensamentos crueis!..

Não ouço, e só sei que vivo,  
Quando me fallam de ti.  
Ando algemado e captivo  
Desde o dia em que te vi.

Meu espirito, meu rosto,  
O logar por onde vou,  
Guardam o mesmo desgosto  
Que o pobre Werther matou.

Esperar! Que sorte dura!  
Esperar, não é viver!  
E' numa prisão escura  
Envenenado morrer.

Do mundo ambos esquecidos,  
Descerraremos o véu,  
Longe, mar, dos teus bramidos,  
Do teu furor, escarcéu!

Não se dá a gotta d'agua  
Fragil calice a sorrir?  
Dêm-me que eu possa esta magua  
Em teu regaço extinguir.

Será este amor, acaso,  
Ephemero noctiluz,  
Trescalando como um vaso,  
Pesando como uma cruz?

Oh! destino infando e rude!  
Oh! soffrimento sem par!  
Andei desde a juventude  
A maldizer e a chorar.

A dôr foi o meu vagido,  
Tu, exilio, o meu pregão:  
Vi o valle desflorado  
Emudecer no sertão.

Tambem, tu, musa estimada,  
Cala-te, cala-te, sim.  
Vamos, parte, desgraçada,  
Tuas algemas, por fim.

## Depois do desastre

Pódes, Hespanha, crêr que são sinceras  
 Estas estrophes, de promiscuas côres:  
 Não menoscabam, porque as tuas dôres  
 São grandes como as glorias de outras éras.

Não menoscabam, não; que, raio a raio,  
 Te fulge á fronte a aureola que fulgia,  
 Quando a lança belluina de Pelayo  
 Barbaras hostes, célere, abatia.

Esse sanguineo lumaréu que, agora,  
 No immenso occaso de teus olhos sentes,  
 Se se debulha em lagrimas ardentes,  
 Guarda, comtudo, a irradiação de outr'ora.

E's nobre sempre, caprichosa dama,  
 Guirlandada no amor de tantos poetas;  
 Tens ainda no peito, a arder, a chamma  
 Das tuas mil vaidades indiscretas.

Despenham-se, como uma catadupa,  
 Teus milhões de cavallos alfarazes,  
 Com seus duros guerreiros pertinazes  
 A relampadejar-lhes á garupa!...

E' o que vejo, em sonho, heroica Hespanha,  
 Patria de Hercilla, berço de Moreto,  
 Habituada a trazer — que cousa estranha!  
 O arremessão ao lado do amuleto!

E a fumaça da carne dos herejes.  
 E o hereziárcha Jesus, perdoando o abutre  
 Que te devora os flancos e se nutre  
 Dos que com tanto empenho e ardor proteges?

E os amores infieis da Renascença?  
E a Catalunha ás artes interdita?  
E os desvarios dessa fé immensa  
Pelo genio de Cordova descripta?

Mas perdoam-te tudo, porque guardas  
Do heroico Cid o olympico lampejo,  
Embora enfraquecesses no manejo  
Das tuas ponteagudas alabardas.

Chamam-te o espoliario, onde Toledo  
E outras terras mais altas agonisam,  
Alma de bronze, peito de rochedo,  
Que os Egyptans da Igreja canonisam!

Vimos-te, ha pouco, Hespanha, nos tornilhos  
De uma guerra infeliz arremessada.  
Choram ainda os tesos de Granada  
E a gloria immarcessivel de teus filhos!

Os artimões já não cruzavam, ledos,  
Dos longos mares as sonoras vagas,  
Rasgando, aos olhos pasmos dos rochedos,  
Novos caminhos para novas plagas.

Trocaste a lança pela castanhola,  
O terrivel broquel pelo pandeiro,  
E vergastou-te o rispido pampeiro  
Que as nações fracas cruelmente assola.

Abateram-te o orgulho a flamma viva,  
Que foi do heroico povo a heroica traça,  
Não n'a apregôa mais a voz altiva  
Do clarim, da bombardarda e da fumaça.

Vás revessando, dolorosamente  
A alma como uma lampada mortuaria,  
A vasquejar na encosta solitaria,  
Sob um amieiro, ao pé de uma corrente...

Tua cotta de malhas, em pedaços,  
Parece, antes, um sordido abanico:  
Eil-os já rôtos todos os baraços  
Que estrangulavam Cuba e Porto-Rico.

Injusto fado, porque assim condemnas  
 A tão duro tributo alma tão nobre?  
 Porque hoje a deixas abatida e pobre?  
 Tanto ultrage curtindo e tantas penas?

Porque, céu amarissimo, arremessas  
 Um velho povo que ajudaste tanto,  
 A' bocca, em fogo, das cruentas peças,  
 Indifferentes ao gemido e ao pranto?

Com que dôr, com que angustia lancinante,  
 Não te acompanha do fumereo leito,  
 Rígido, tésto, impavido, direito,  
 O intemerato e valeroso Infante!

Do americano a impavidez serena.  
 Teu nobre sangue pelo oceano espalha,  
 E a prosapia de seculos condemna  
 Ao repasto da rábida metralha.

Que mais deshonras te reserva a sorte,  
 Após tanto amargor, tanta desdita?  
 Um lar sem luz, uma nação proscripta,  
 A morte devorando a propria morte?!

A carniça a implorar dos corvos fartos  
 A mercê de a tirar d'aquelle anceio.  
 E arrémessar-lhe os velhos troncos hartos  
 Para outro solo, menos rudo e feio?!

Os duros montes á miseria postos,  
 O convivio da fome e da loucura,  
 A covardia, o panico, a bravura,  
 No mesmo leito sepulchral expostos?!

Que horrivel pesadello, que anciedade,  
 Vêr de sangue ensopado o chão da Europa;  
 E, invadindo cidade por cidade,  
 Da bellicosa morte a iniqua tropa!

Cuida de ti, da liberdade, agora  
 Assentada no viso de teus morros:  
 Que a luz que o povo pede corra a jorros,  
 Aventurosa Hespanha, Hespanha á fóra!

Sim, que haja luz e livre seja a terra,  
Que no culto da patria se acrysola.  
Qu'importa o temporal, qu'importa a guerra,  
— Pródromo da Republica hespanhola?

Povo cavalleiresco, alma de ferro.  
Que um duro jugo injustamente opprime,  
Ouve: Se a monarchia é sempre um erro,  
Na nobre Hespanha a monarchia é um crime!

## Margarida roxa

Triste como uma viuva,  
Noite e dia a suspirar,  
Eil-a molhada da chuva  
Ao pé de um rio a seismar.

Pobre Ophelia! O céu da roça  
Tem variegado matiz;  
Se elle é bom e tu és moça  
Porque te fez infeliz?

Como a do Fausto, teu rosto  
Só innocencia contém!  
Não sei que fundo desgosto  
Teu peito encerra tambem.

Na penhascosa vertente,  
Se fallas, tão doce é a voz,  
Que abranda o sol mais ardente  
E o coração mais feroz!

Teu perfil, obscuro embora,  
Deixa no chão tanta luz,  
Como o daquella que chora,  
Ainda hoje, aos pés de uma cruz.

Rainha, sem caudatarios,  
Escrava, mas de Deus só,  
Aqui nestes solitarios  
Paços, onde o noitibó

Teceu o seu pouso agreste,  
O seu nicho e o seu altar,  
Mais de um lyrôdo celeste  
Desceu para te adorar.

Teu olhar brando e sereno,  
Posto no azul da amplidão,  
Lembra o olhar do Nazareno  
Erguendo o morto do chão.

O coração de Ephigenia  
Palpita dentro do teu,  
Fórma immortal de uma nenia  
Que o céu na terra escondeu.

Múrmuro, terno abandono,  
Enche-te o calix febril,  
Quando, ainda tonto de somno.  
Entra o bosque, o mez de Abril.

Margarida, Margarida,  
Para colher-te aqui vim:  
Vem commigo, flôr querida.  
Minh'alma tambem é assim.

## Dramas na selva

### I

DUAS MOÇAS, caminhando apressadas

São horas já de recolher, irman.  
O mysterio da noite ás cousas desce...  
Dizem que por aqui, ás vezes, Pan,  
Atraz de incautas nymphas apparece.

E que tem pello e chifres como um bode,  
    Como um bicho qualquer:  
Gosta do vinho e do pagode  
E, sobretudo, da mulher.

PAN, por traz de umas arvores

Que dois demonios! Que ar cheiroso e fresco  
Transpiram ambas! Já não piso bem...  
    Deve ser um refresco  
Delicioso a que na frente vem...

Uma, é clara, outra, morena...  
As morenas são mais quentes.  
Feliz de quem se envenena  
Em duas taças ardentes.

Conto, é certo, milhares de aventuras...  
Não longe, agora, me abrazando está  
Uma dessas formosas creaturas,  
Como em terras de Satyros não ha.

Sou tudo pelas damas, que ainda o sol  
    A tenra pelle não tostou,  
    E eu que não valho um caracol,  
A propria vida por dois olhos dou...

Amantes tenho tido que me chamam  
 O cavalheiro mais gentil de Roma.  
 E que nos beijos me derramam  
 Beijos que embriagam como o Soma.

Indo ao encontro das duas moças

Então viestes passeiar?  
 Que lindas sois! As estrellas  
 Não brilham tanto como o vosso olhar,  
 Que me recorda as languidas novellas  
 Do tempo em que era cavalleiro o luar.

AS MOÇAS, com voz tremula

Senhor Pan, nós temos pressa...

PAN, emphaticamente

Sim, o filho adorado de Cythera!

UMA DAS MOÇAS, á parte

Meu Deus, que dentes! que barba espessa!  
 Nunca esta vasta e fulgurante esphera  
 Vio nma cousa tão feia!  
 Anda-me em roda a cabeça  
 E o terror de mim se apossa!

PAN, com exaltação

De que vale a primavera  
 Ao pé deste anjo que atêa  
 As chammas do amor mais puro?

A' parte

E' mais bonita a mais moça...

Alto, dirigindo-se a esta

Deponho aos vossos pés o meu futuro...

AS MOÇAS, á parte

Que monstro!

PAN

Que lindas sois!

A' mesma

Podemos ficar os dois  
 Neste retiro sombrio.  
 Os passaros cantarão,  
 Saudando a nossa união  
 Por este ameno e deleitoso estio...

UMA DAS MOÇAS

Fujamos, minha irman, fujamos lestras,  
 Como as lebres perseguidas,  
 Por estas verdes florestas...

PAN

Não fujam, minhas queridas!

A mais velha consegue fugir, a outra é agarrada pelo deus,  
 que a beija

Porque lutar? Verás como, em tornando  
 A' casa, todos te acharão mais linda.  
 Só mesmo a gente amando  
 E' que consegue ter  
 Algum consolo ainda.  
 Porque, de resto, viver,  
 E' a cousa mais natural...  
 Se bem nenhum nos faz, tambem não nos faz mal.

Derrubando-a na relva

Agora, quando o amor entra na vida,  
 Aduba-a de tal geito,  
 Que a alma fica mais nutrida  
 E o coração mais perfeito.

UM CAÇADOR, vendo-os lutar

Que patife! Já te ensino.  
 Vives a espreitar as damas,  
 E no meio de tanto desatino  
 Fazendo troças e epigramas,  
 Comes do bom e bebes do melhor.

Ouve-se um tiro. Pan larga a moça e cae ferido.

Estou ferido mortalmente...

Ah! caçadores brutaes!

Tambem com estes chavelhos pela frente,

E com tamanha cauda atraz,

Como não ser logo reconhecido?

Quem traioeiramente,

Por um tiro attingido,

Se não ha de lembrar, em prantos, do momento

Em que ia os dons do céu colher na terra?...

Levae, brisas da tarde o meu lamento,

O ultimo sonho que meu peito encerra.

O CAÇADOR, cantarolando

As raparigas formosas

De olhos ardentes e cabello fino,

Pódem descer ás fontes, descuidosas:

Morreu Pan — o famoso libertino!

PAN

Morro, sem a ter gozado,

Morro, sedento de vinho,

Como um milhafre apanhado

Fóra do ninho.

Toma-a nos braços, agora.

Parte esse fruto na bocca,

Fruto que o ardente Hypolito enamora...

A luz é tão pouca...

A luz da tarde que nos cerros mora.

O amor é a vida a palpitar em tudo;

E' a caricia invisivel das estrellas,

A armadura de prata e de velludo,

Manchada ainda do sangue das donzellas.

Tudo! Sonho, clamor, hostes, templos de Pallas,  
Que serieis, se, acaso, a luz do amor faltasse,

Se nos rochedos asperos seccasse

O marulhoso Oceano e as delicadas alas

Dos favonios o Tartaro abrazasse?...

Haure-lhe, pois, o perfume,

Enamorado cultor:

Que vaso tem o seu perfume?...

Que fruto tem o seu sabor?...

## II

UM COLIBRI, mirando-se

Qu'importa saber porque  
As flôres me querem tanto...

AS FLÔRES

E's lindo e discreto... Vê  
Como fulgura o teu manto!

UMA FOLHA SECCA

De desgosto já murchei...

AS AURAS

Pobresinha, murchou! Ah! como a vida é van!

O COLIBRI

Princezas, sou o vosso rei.  
Nada eguala o meu reino, de manhã.  
Minha existencia é um sonho,  
Errante, feliz, risonho...

UM PASSARINHO

Se a sua garganta entoasse  
Um hymno ás aves e ás flôres,  
Ai! daquella que escutasse  
Esse volátil Don Juan!...  
Quantos suspiros traidores  
Nesta morada pagan!  
Quanto sol na serraia,  
Quanto azul no firmamento!  
A' margem do rio o vento  
Os insectos espantando;  
E, em cima, o aligero bando  
Que os bosques enche, de dia,  
Com seu brando pensamento.

## UMA CAMELLA, ao colibri

Beija-me a bocca e furta-me num beijo  
 O coração que as penas te namora.  
 Um soffrego desejo,  
 Meu amor, o devora!...

## A LYMPHA, passando

Pobre louca! Pobre louca!

## A GOTTA DE ORVALHO

Certo, não tem pudor  
 Quem offerece a bocca  
 Ao criminoso ardor  
 Dos que em procura de aventuras vêm.

## UMA VOZ

Pudor! Mui poucos o têm:  
 Em qualquer campo ou cidade,  
 Para ser feliz, convem  
 Ter pouca moralidade.

## III

Duas moças chegam ao bosque. Uma dellas,  
 dirigindo-se a um sabiá

## A MOÇA

Canta, é um consolo a musica, sabiá!  
 O poente abraza os cómaros copados...  
 Entre as flôres, tambem, dize-nos, ha  
 Queixumes e suspiros abafados,  
 Um não sei quê que ao pensamento traz  
 Uma ancia, uma saudade indefinida?  
 E isso tudo que, em summa, é a nossa vida,  
 Quem o faz e desfaz?

## A OUTRA

O amor?! Quem é? Onde nasceu e quando?  
 Quem n'ó tornou subtil como o perfume?  
 Quem n'ó andou algemandando,  
 Entre lamentações, aos pés de um nume,  
 E lançou-o, depois, louco e inconstante,

Por estes verdes páramos ridentes,  
 Dizendo-lhe num gesto triumphante:  
 “Leva o peccado, ave inconstante,  
 Ao coração dos inexperientes?”

## O SABIA'

Vós mesmas, lindos beija-flôres,  
 — Corbelhas humidas, suspensas,  
 Cheias de perfumosas flôres,  
 Cheias de mysteriosas crenças.

Vós mesmas que aos crepusculos de Abril,  
 Viveis no fogo como a salamandra;  
 Alma de harpia em corpo feminil,  
 Serpe que imita o canto da calhandra.

Vós mesmas que um rumor febril de beijos  
 Espalhaes pelo frio campanario,  
 E accordaes todos os desejos  
 Em nosso peito solitario.

Vós mesmas que, n'alcova adormecidas,  
 Como um ciborio alabastrino e puro,  
 Encerraes as nossas vidas  
 No passado e no futuro.  
 Vós mesmas que, reunindo a graça á astucia,  
 Em negras furnas vosso amor lançaes,  
 Vosso amor, sol do inverno, sol da Russia,  
 Sepultado entre steppes glaciaes.

## UM PINTASILGO

Entre nevoeiros, como o de Inglaterra...

## AS MOÇAS

Somos, então, criminosas,  
 Nós que vivemos na terra,  
 Como as rosas?

## O PINTASILGO

Vossos suspiros levam-nos a alma  
Para um paiz longinquo e aromatico,  
E ella fluetua nas ondas, calma,  
Como uma gondola no Adriatico.

Porém, depois, formosas damas,  
Com as mãos geladas e a alma inquieta,  
Longe de vossas luxuriosas chammas,  
Ajoelhamo-nos como um velho anachoreta.

## UM BANDO DE POMBOS

O coração da mulher,  
Homens, é um tumulo aberto;  
Pobre daquelle que quizer  
Arborizar esse deserto!

## Ascensão do Mago

Absorto, o olhar que um sabio e omnipotente lume,  
Guiando está pelos máos e ermos caminhos gastos,  
Tenta do velho bloco espancar o negrume  
E dar mais luz ao sol nos horizontes vastos.

O obscuro e infimo grão, arremessado ao campo,  
Que se transforma em haste ou em comprida antena,  
Em gotta crystallina ou doudo pyrilampo,  
O mesmo olhar conduz como um actor á scena,

A vida multiforme e sideral dos astros,  
Revolvendo-se no ar, colhe num lance de olhos;  
E do atro e crebro Hyriêu, acompanhando os rastros,  
Dá chilros aos vulcões e enleios aos escolhos.

Aldebaran com o seu famoso estema; o egregio  
Rosto da pressurosa e loura Cassiopéa;  
Pégaso de ignea crina, Orion de manto regio,  
Do azul, sem fim, cruzando a rumorosa aléa,

Ao som dos arrabis, pelos verdes pendores,  
Tiram o ar solitario aos cómoros tristonhos:  
Que é que nos dão, sorrindo, estas campinas? — Flôres.  
Que é que nos dão, brilhando, estes espaços? — Sonhos.

A esperança dá todo o aroma e toda a graça  
A' planta e ao feminino contorno albente e leve;  
A' sensual palmeira, amorosa, se enlaça,  
Quando o brumoso junho a vem cobrir de neve.

O escassilho de um mundo agreste e abandonado,  
Apanha, classifica, expõe, disseca, estuda.  
"E' com certeza, diz, um astro desgarrado  
De alguma esphera fria, avelhentada e muda."

Manes de Esdras, de Mog, talvez. Nunca se chega  
 A revelar a essencia omnimoda das cousas.  
 Parece que a alma humana ainda ficou mais cega  
 Ao descobrir mais soes, ao revolver mais lousas! . . .

Galga-se com terror o prodômo da morte!  
 Tange o ráfalo infrene o dorso da levada.  
 O solo é liso e abrupto, o odôr, insano e forte:  
 Vê-se á esquerda um lenteiro e á direita uma estrada.

A que terras vão ter esse atalho e esse poço,  
 Perdidos em tão frio e ermo logar distante?  
 Pois haverá quem possa adormecer num fosso,  
 Onde, estanque, agua eructa um limo horripilante?

O bamburral contorna uma especie de monte.  
 Não se percebe o que é, nem mesmo assim, de perto.  
 Não ha planaltos, vêde, ensombrando o horizonte,  
 Nem oasis, olhae, abrandando o deserto.

Ha craneos pelo chão e ventos flagellando  
 Do tenebroso Amenti as sandápilas núas;  
 E segue-se com horror o procérrito bando  
 Dos magros djins rondando as infestadas ruas.

Do damnoso paúl de treze boccas hiantes  
 Largo sudario envolve as purulentas hostes,  
 Os miseros, que vão com os passos vacillantes,  
 Torcer-se nas polés, desossar-se nos postes!

Devora-me, Jesus, o oleo que me propinas,  
 Para do insito mal amortecer as chaummas:  
 Com voz unguida e pura, um novo rito ensinas,  
 Com um gesto vago e triste um novo amor proclamas.

Que visão é essa que hoje a todos nós aterra,  
 E a força multiplica aos mundos na carreira?  
 Que hei de pôr como um deus no meu altar? A Terra?  
 Que hei de reter nas mãos e interrogar? A Pocira?

Como tirar de toda esta simplicidade:  
 — Fibra, caule, botão, ricos vergeis floridos ?  
 De uma columna de ar tanta electricidade,  
 E tanta alma a sorrir dos nossos vãos sentidos?

Para que caprichar em velhas cousas falhas,  
 — Mizena, em teus anneis, Lacinia, em tuas vestes?  
 O austero céu etrusco em novos dogmas talhas,  
 Pastor, nas cathedraes, coveiro, entre os cyprestes.

Porque ao verde do campo e ao rofo azul das vagas  
 Côres varias de opala e escarlata misturas,  
 E atravessas, febril, homem rudo, estas plagas,  
 Em grosseiros galeões, em toscas náus escuras?

Não és mais lodo vil, dil-o outra vez Wallace,  
 Mas a gravitação espiritual dos mundos.  
 Deus falla em tua voz e brilha em tua face!  
 Dormi tranquillos, pois, philosophos profundos!

De toda a varia fórma inexpressiva e abjecta,  
 Que reveste e disfarça a vida subalterna,  
 Somos a alma immortal, a relação secreta  
 Entre a immobildade e a agitação eterna.

Somos o eixo central, o nucleo effervescente,  
 Que a deslocada força espiritual condensa;  
 Que proclamou a fé num Deus omnipotente,  
 E conferio a graça, unificando a crença.

Renasee o amor. Em tudo um novo rythmo ensaia,  
 Hourrando e enobrecendo o fragil ser humano,  
 — No Oceano que o lançou inanimado á praia,  
 — No barco que o tufão desmantelou no Oceano.

Ascensão ideal! O homem contempla e sonda  
 As Tempestades, o Ar, o Erebo, o Styge, o Savo.  
 Vai á praia e acharás, surdo, quem te responda,  
 Vai a Paphos senhor e voltarás escravo!...

O mundo nasce, canta; — é um passaro, é a aurora,  
 Achilles, pela sorte, um dia, emfim, trahido.  
 Olha; entrega esta taça á pobre Agar, que chora,  
 E este bordão, belluario, ao gladiador vencido!.

Fabula, historia, sciencia, hypothese, chimera,  
 Compõe Homéro — o enigma illustrado por Danco.  
 Rompe na haste o botão, renasee a primavera,  
 Com um lindo véu á fronte e um verde manto ao flanco.

A Eneida, o Paraíso, o Rolando, a Pharsalia  
 E os Luziadas são satellites de Homero.  
 A Hellade engrandecida appareceu na Italia,  
 Nos ciumes de Aristhêu, nas prophecias de Hero.

Job é o embryão colosso, o mal que o bem provoca;  
 Um sol de meio-dia entre ulceras e moscas.  
 Que é que essa carne exprime e essa immundice invoca,  
 Em apólogos vãos e parábolas toscas?

~~~~~

Flagello e obscuridade. A' sublime demencia  
 Job ascende e prepara o drama do Calvario.  
 No olhar, quanto perdão, na voz, quanta clemencia  
 Não vos estão ungingo, ó viajor solitario?!

Eschylo tumultuoso e vario como a espuma,  
 Embrandece a torrente e as Oceanides loucas.  
 Com a incorruptivel flamma as amphoras perfuma,  
 E arrebatá num beijo as cobiçosas bocças!

Jehovah conclama em Job; Pan em Lucrecio assoma;  
 Lucrecio — o pescador das perolas de Tylos,  
 Da côr, do som, da lava a tunica retoma  
 E sobre o Bosor lança a horda negra dos Pŷyllos.

O espondêo fabuloso e áspero de Lucrécio,  
 Como o elephante vai tambem beber no Orõnte.  
 Um deus arrasta-o, um sopro omnipotente aquece-o,  
 Quer appareça, quer decline no horizonte.

Oh! de Segher — a Santa — o perfumado incenso!  
 Oh! cume de esmeralda, Smaragdhú chamado,  
 Vivos, ardeis em mim, se, acaso, ausulto ou penso,  
 Nessa montanha abrupta ou nesse antro abrazado.

Rescende nos crystaes a alma de Tadamóra;  
 Do arabe errante a esparsa, o épodo, a melopéa:  
 E' com teu sangue, Cós, que a natureza enflora  
 A agonia do drama, o estertor da epópéa.

Lucrecio observa o espiolo e interroga os espectros,  
 O Cytherum abrazado e os caniços do Naxos,  
 As grimpas colossaes de mais de dez mil metros,  
 Sangrando nos grilhões, rugindo nos espaços!...

Viajor detem a marcha. A galera sanastrea  
Do altiloquo pelagio o eburneo disco apaga.  
Cheiroso nardo espalha o vento... os remos a astrea  
Prôa impellem, subtis, mergulhando na vaga...

Labareda a poesia em torno do Aventino!  
A grave e austera voz de Juvenal flammeja.  
Que faz esse gigante, a badalar num sino,  
Se os heróes ainda estão cansados da peleja?

Tacito — o historiador — suppre o poeta violento.  
Se um condemna, o outro pune os Césares malditos,  
No meio do festim, no altar sanguinolento,  
A' chufa dos bufões, aos pés dos favoritos.

Tacito é a humanidade, o ferro em braza, o açoite,  
Que retalha dos reis as carnes luxuriosas,  
O sublime carrasco assombroso que, á noite,  
A's victimas enxuga as lagrimas copiosas.

Uma obscura poesia espectral acompanha  
A alma no seu fadario, o astro no seu roteiro:  
Dá mais sombras ao bosque e mais lume á montanha,  
Onde, pallido, Alguem sangra sobre um madeiro!...

O Apocalypse — o quasi insensato idéalismo,  
Que uma explosão genial de horrivel castidade,  
Tornou o doce e atroz poema do paroxismo,  
Esboça antros e sóes na mesma obscuridade!

João de Patmos soluça... O cynismo elegante  
Da lyra grega o affronta em seu tristonho poente.  
Uma philosophia acerba e allucinante  
Brota e ferve em cachões no baratro inclemente.

Deus desenha-lhe, á luz da lampada mortíca,  
A estrada que vai ter do Hebron ao Paraiso,  
E o apostolo proclama a igualdade e a justiça  
Com o seu ar enigmatico e o seu gesto conciso.

Arrogante, eil-o agora a fitar de Cobares  
A barbara postura immovel e violenta.  
Eil-o em Paros prégando, eil-o scindindo os mares,  
Onde Jehovah melhor seu claro rosto ostenta.

Paulo é o grande prodigio entre o divino e o humano,  
Porque é a conversão — esse soberbo espanto! —  
Enche-lhe o duro olhar um clarão sobrehumano,  
Alguma coisa mais do que o esplendor de um santo.

Soffrer aos pés do Christo, acompanhar a meiga  
E ineffavel visão que o Evangelista inspira;  
— A sombra, a aurora, o raio, a illuminar a veiga,  
Que entre beijos sorri, e entre canções suspira,

E' a suprema ventura, o bem nunca alcançado,  
Que tu, homem cruel, nas orações exhortas,  
Em cima, no torreão do castello assentado,  
Ouvindo o mar que lembra a voz das cousas mortas...

Mas que somos, enfim, no turbilhão radioso,  
Que vem de Roma e Orphêu a Ferdousi e Calvino,  
De Babylonia em festa, a Rimini em repouso?

Nós, o barro, Senhor, vós, o oleiro divino.

## O Berjacote

O berjacote é um figo saboroso:  
A fina pelle um nectar lhe avermelha.  
Não ha, talvez, fruto mais delicioso  
Do que esse fruto que põe tonta a abelha.

Embededa os insectos, como um vinho,  
A espumejar em purpurina taça.  
A' tarde, quando volta o passarinho,  
Como audaz caçador que vem da caça,

Traz nas azas o sangue desse fruto,  
A embriaguez que as tyrses amadorna;  
E o berjaçóte púrpuro e impolluto,  
Mais impolluto e púrpuro se torna.

Tua bocca é da côr do berjaçóte,  
Sobre rubis e perolas se arqueia...  
Beijo não ha que a sua taça exgotte,  
Porque ella está constantemente cheia...

Tanto que o beijo a polpa lhe belisca.  
O vinho jorra, incende-se o horizonte!...  
Triste daquelle que a beber se arrisca  
O doce mel que corre nessa fonte...

## Mysterio

Rosea nuvem fugaz, solta no espaço,  
Acolhe o sonho que me afflige e exalta,  
Quando cuido depôr-lhe no regaço,  
Com o meu coração, a minha falta.

Amo-a... e ignora-o decerto. Ah! sei que o ignora...  
Fallar-lhe nisso o proprio amor se obstina.  
Eil-o, no emtanto, no fulgor da aurora,  
No sussurro da aragem vespertina.

Vive tão só, tão fóra deste mundo  
Que é loucura buscar-a ou pretendel-a:  
Debalde! Em baixo estronda o mar profundo  
Serena, na amplidão, refulge a estrella...

Como fazer chegar o meu suspiro  
Aos seus castos ouvidos desattentos?  
Quem ao recesso do sagrado Epiro,  
Em carnes, levará meus soffrimentos?...

Oh! não! Recalque o peito as duras maguas;  
Não saiba a flôr o que o favonio aspira.  
Calem os écos, calem estas aguas  
O doce nome que meu estro inspira.

## Vencida

Um beijo! Toda a vida universal  
Rindo, cantando, em extase, em delirio!...  
Veneno que faz bem, em vez de fazer mal,  
Eden no inferno, gozo no martyrio!

O doce e claro céu arde, scintilla, estúa  
Na tua voz, na tua bocca, em chammas.  
Ao sabor da corrente a nayade fluctua...  
Dormem os Euros pelas verdes ramas.

“Assim, mais um... mais outro...” Ao longe brilha  
A estrella da manhã, de aureo lampejo.  
“Anda, não temas, filha!  
Que tolíce insistir depois de um beijo!...”

## Alcéa

Que sons á orchestra de meus versos dar,  
Quando, como um levita, erguer o calix  
Para em teu nome o espirito saudar  
De quem por estes montes e estes valles  
Anda tão lindas cousas semeando?...  
Surge, repara, atraz de um morro, a aurora...  
O bom Deus pela mão a vae levando,  
Como docil menina — estrada fóra.  
Que rumor nas colméas e nos ninhos!  
Tudo ri, tudo canta, tudo brilha,  
A estrella d'alva — a irman de minha filha!  
Quando accorda no bosque os passarinhos

## Ciúme

Tu, que o insensato olor do Averno trazes,  
Polen, que queíma, aroma que enlouquece,  
Rugir, chorar, morrer nas chammas fazes  
Quem de amor vive, quem de amor padece.

Ciúme de Othelo, a flammejar na treva,  
Entre broqueis e lampadas quebradas,  
Manto de Nessus, ancia que nos leva  
A alma e a vida n'um grito arrebatadas,

Feliz quem tão damnoso incendio atêa  
Em branca neve, em rocha deshumana,  
E num calix de flôr desencadêa  
A colera de Juno ou de Diana!...

## Fructo prohibido

Terra gramma, não longe, tasquinando,  
Dois carneirinhos de alvo pello estão.  
Canta um corrego ao pé... vae declinando  
O sol na immensa e rútila amplidão.

“Que lindo cacho!” E ia apanhal-o. “Espera,  
Espera, louco; é o fructo do peccado.  
Teus fogos susta, teu ardor modera;  
Tem dó de um fraco peito enamorado...”

Depois... Eil-o colhido o pomo de ouro.  
E, vêde, o sol, tambem, morreu no accaso.  
Onde o crime occultar? Como o thesouro  
Fazer, de novo, florescer no vaso?

## A collina

Da sua trança a languorosa essencia  
Coava-se em lenta e múrmura cascata;  
E em su'alma abrigava-se a innocencia,  
Como uma Biblia, num tachim de prata.

Ledos, transpondo o roseo Oriente, vinham  
Tingir-lhe as faces arrebóes dourados,  
E as madresilvas o halito continham  
Para lhe não marear os pés nevados.

Os mais cheirosos lyrios do caminho,  
Por um olhar, davam-lhe todo o aroma:  
E doudejava o sol de ninho em ninho,  
Lançando ao vento a desgrenhada coma.

Desabotoando o pecego escarlata,  
A tenra polpa turgida, pedia  
Que ella o escondesse dentro do açafate,  
Onde guardava os frutos que colhia.

.....

Fiz do meu coração uma collina,  
Adornada de flôres caprichosas,  
E encerrei essa estrella pequenina  
Num pequenino carcere de rosas.

Chamavam-n'o o jardim das esperanças,  
O paraizo dos adolescentes.  
Em que, juntas, a rir, duas creanças  
Misturavam seus beijos innocentes...

Tentilhando, entre as arvores, dobradas  
Em leque, sobre as múrmuras cachoeiras,  
Ficavam pelos galhos penduradas,  
Como em Dezembro, as mangas nas mangueiras,

As esperanças, que, ao romper do dia,  
Em grupos, vão pelo horizonte fóra,  
Ouvir no olmedo a voz da cotovia,  
Onde o pudor de Eloá, soluça e chora...

Tumultuosa e estridula revoada,  
Anhelante de sol e de carinhos,  
As arapongas, pela madrugada,  
Ledas, saham dos sonóros ninhos.

Leves fremitos de azas, perfumosos,  
Do ether o manto diaphano moviam,  
E os sitibundos passaros saudosos  
Amor nas fontes lacrimaes bebiam.

Pelo rulo das pombas, mansamente  
Nos floridos laqueares acoitadas;  
Pelo fulgor das aguas e do Poente,  
Rutilando entre nuvens abrazadas;

Subiamos os dois ao Paraíso,  
Abraçados no mesmo pensamento:  
Que noites de luar em teu sorriso!  
Que sorrisos no nosso firmamento!

Por isso, á noite, quando, a sós, percorro  
Esse pomar, de sonhos despovoado,  
Aos poucos revivendo, aos poucos morro,  
Com as recordações do meu passado...

## Sofáinas

Era de vêr Borgia entre as damas núas!...  
 Cesar — o papa, o amante, o vario, o forte!  
 Ledas, na dansa, hordas de amantes suas,  
 Riam de Deus, da prédica e da morte!

Riam!... As gottas de rubi nas pomas  
 Ganhavam lume estranho entre os convivas!  
 Que cheiro alacre, que infernaes aromas  
 Das taças voavam entre urrahs e vivas!

Era um banquete nupcial. Lucrecia,  
 — A mais garrida deusa da luxúria —  
 Rival da insigne barregan da Grecia,  
 Tomada ao toast de amorosa furia,

As roupas despe... Ha contorsões na mesa!...  
 Folga o papa, ardem carnes pelo ambiente!...  
 "No thalamo és a olympica princeza,  
 No altar a mesma divinal serpente!"

Disse Cesar. A orgia se avoluma...  
 O fulvo sangue da uva o enleva e exalta.  
 A canção de Lucrecia entre *ohs!* espuma.  
 Tocam-se as mãos... incende-se a ribalta...

Vão os écos da festa até Ferrara...  
 Não, toda a Italia os ouve. O mar convulsa.  
 A noite, em pouco, se tornou mais clara,  
 E com longo fragor Arezzo pulsa...

As mulheres ainda são mais loucas  
 De que os seus impudentes namorados!  
 O vinho accende mais paixão nas bocças...  
 Eil-os já sobre púrpuras deitados...

Gozam á luz de velhos candelabros...  
 Que furiosa nudez a desses pares!  
 O lodo afflue como nos volutabros...  
 Gemem as flautas, queimam os altares!

.....

Vêde, Senhoras, como em Roma, os frades  
 Em sordidos alcuces vos lançaram,  
 Correndo ruas e saltando grades!...  
 Oh! como a ardente Hespanha apostemaram

Esses ferozes bispos e primazes!  
 Quanto ouropel sobredourando o incesto!  
 Quantos monges foliões, como rapazes,  
 Vos não polluiram nesse asylo infesto!

Quantos, miseras, quantos! Seus amores  
 Ainda hoje em voluptuosos leitos ardem!  
 Deus de clemencia, ouvi nossos clamores,  
 Que os castigos os fados não retardem!...

Vêde Turim, Florença, Milão, Roma,  
 Napoles, tudo, em chammas, se contorce!...  
 Se a Igreja, pois, vive como Sodoma,  
 E' justo, oh! céus! que o mundo se desforce!

Que o mundo pelo seu direito insista;  
 Que o homem, de novo, afie as armas do odio;  
 Que conspire, que incite, que resista,  
 Morrendo, mas matando como Harmodio!

Vêde Paliano — o negro e horrendo forte! —  
 O Balze e o Ceppi, mais cruel ainda;  
 A dôr atroz de Batistelli, a morte  
 De Gazzi, que, entre horridos gritos, finda!

Vêde, Senhor, Buononi e Dominico  
 E o covil de Sonino, onde uiva a fera  
 Antonelli — gastrônomo e impudico —  
 Que a Italia em lodo e sangue andar fizera.

“Oh! Sonhos de Antonelli! Oh! serões ternos,  
 Oh! caricias na alcova perfumada!  
 Teus olhos fervem como dois infernos!  
 Como me abraçam, minha doce amada!

Qu'importam hostias junto destes seios,  
 E o crucifixo ao lado destes braços?  
 Meu sangue, meus suspiros estão cheios  
 Do divino furor dos teus abraços!...

Beija-me a bocca, affaga-me em teu collo...  
 Assim... Morram a Egreja e os seus altares!...  
 Morram... que eu só adoro um santo, é o solo  
 Que, deslumbrante e esplendida, calcarea!...

Ama-me, louca, ama-me, o céu o ordena!  
 O amor é o pallio, é o nardo, é o oleo puro;  
 Tudo o mais, ouve, é planta que envenena,  
 E' fraqueza, é demencia, é esconjuro!”

Assim fallou o cardeal. Amando,  
 Como ninguem, o leito luxurioso,  
 Ia a incasta existencia atravessando,  
 Calmo, feliz, sereno, descuidoso...

Eis a imagem de todo o clero: bôa  
 Mesa, beatas, vinho a rodo, em summa.  
 Entre as gentes, na rua, o ar abotôa,  
 E, qual a sua religião? — Nenhuma!

Nenhuma?! Sim, nenhuma. A fé que inspira  
 Aquelle culto vão é deleteria.  
 Pois bem, homens, varrei essa mentira  
 Que vos vae corrompendo a alma e a materia.

## Lyrio profanado

Na alva casinha que emoldura a rocha,  
Plantada á beira mar, ella habitava,  
E alli, onde a bonina desabrocha,  
Seu coração, tambem, desabrochava...

Pelo verão as andorinhas vinham  
Ninhos tecer e esvoaçar em roda,  
Ah! que perfumes nêmuos continham  
Todas as flôres, a floresta toda!...

Linda payzagem, pelo campo fóra,  
Dava uns tons de esmeralda á cada gruta.  
Sorria o vento que nas ondas chóra...  
E eu, entre beijos, lhe dizia: "Escuta!

Escuta! Ha tanto olor na planta, ha tanto  
Queixume solto pelos arvoredos...  
Ha citharas nas folhas do amaranto  
E rouxonões nas pontas de teus dedos..."

Feliz quadra foi essa em que, correndo  
Pelos vergeis, passavas e sorrias!  
Tudo, porém, foi desaparecendo  
A' proporção que desaparecias!...

Com que avides meus olhos devoravam  
A miniatura de teu tornozelo!  
E, depois, com que unção se debruçavam  
Para beber na onda de teu cabelo!

Quanta vez minhas lagrimas andaram  
Pelo teu hombro, em busca de um abrigo!  
Quanta vez no teu lenço não rolaram  
— Pobres despojos, dentro de um jazigo!

Hoje, teu corpo, onde relampadeja  
A volupia que o espirito calcina.  
E' para o meu olhar, como uma Igreja.  
Edificada sobre uma collina...

## Conselho

Vem: tens aqui, gorgendo o sol, junto do lago;  
Tens aqui, o teu nicho e o teu altar, querida;  
    Debruçados ao longo da avenida,  
O beijo, o olhar, o céu com que te affago,  
    O rythmo de meus cyprestes,  
Como os trasgos de Hamleto, ou os duendes de Orestes.

Vem: tens a lagea fria, o derradeiro lume...  
Palpa bem este chão, palpa bem esta porta.  
    Quero ainda o teu perfume;  
Quero-o, apesar de pó, quero-o, porque estás morta!  
    Meu coração é um predio em ruínas:  
Entra, sem despertar as outras inquilinas.

Miseria! Por aqui, sem ninguem a taes horas,  
Fechando corações e tumulos abrindo!  
    Em que casebre pobre e triste moras,  
    Triste e pobre creatura.  
    Gargalheiras e algemas conduzindo  
    Por esta estrada tortuosa e escura?!

Volta... Não andes só por estas ruas...  
A mulher que anda só, quasi sempre tropeça  
N'um beijo de D. Juan, perfido e rebalsado!  
Depois, o vinho e o amor... depois, as fórmias núas...  
Um epitaphio á mesa, um diadema á cabeça,  
E, impassivel, de pé, a miseria ao seu lado.

## Prazer dos Deuses

Da sombra do leão, tímida e apavorada,  
Foge a linda Tisbéa. E's tu que ao meu tormento,  
A' branda luz do luar, nos bosques derramada,  
Foges, lançando o véu e niveo e revolto ao vento.

Sou eu que subo, á noite, o alto muro troyano,  
Para lançar em frente ás tendas dos hellenos,  
Toda a dôr que é capaz um coração humano  
De fundir em soláos, de retalhar em threnos.

Vê, sou Troylus e tu, Créscida adormecida,  
Em cuja voz o céu um terno fogo accende;  
Créscida, para quem a belleza da vida  
Em tudo falla, em tudo aneia, em tudo esplende.

Juras? Qu'importa? A festa ouviu-as, hontem, ledas,  
Risonhas, ao clarão primaveril, fulgindo.  
Psythia da ociosa Idalia, em cujas labaredas  
Tibullo andou gemendo, Ovidio andou sorrindo.

Eu Tibullo imitei na ternura e na queixa,  
Na anciedade febril com que ia entreteendo,  
Nessa hora de onro e azul, a lacrimosa endoixa  
Que toda a alma contém, ou gozando ou soffrendo.

Que loucura espalhon esse incenso em teu nicho,  
E hbrica, t'ó alçon, depois, como una oblata?  
E, assim, te fez rolar de capricho em capricho,  
A esse andrajoso ancíar que o tumulo remata?

Arrogante, bizarra, entufando-se na haste,  
A corôa vernal ao rude estio ornavas.  
Quanta lama, infeliz, pelos salões deixaste?  
Quanta, no leito impuro em que te rebolevas?

Leito inflamado, como o coração de Marte,  
Pelo filtro infernal de Venus, a que estranhas  
Forças confiaste, insano, a espada e o talabarte  
De quem por ti vencera esgarrões e montanhas?

Louca! aos meus pés, agora, as carnes deturpadas,  
As mãos febris, a voz arquejante e submissa,  
"Perdão!" murmuras. Louca! e as horas angustiadas  
Que arremetti os céus e deprequei justiça?

Soffre, e as miseras mãos, que dois lustros mancharam,  
Cosam o sindon frio: a lampada mortuaria  
Accendam, que o ar, o fogo e o altar que profanaram,  
Não profanarão mais na tumba funeraria!...

Que nectar delicioso a tua dôr propina!  
Que conforto ha na angustia horrivel que te agita!  
A vingança, em verdade, é uma graça divina,  
E o saber desprezar uma força infinita!

## Ramo preferido

Sim, deste lado... O sol, que, do alto, inflamma,  
 Os morros, não te creste o floreo alento;  
 Não te confunda na abrazada trama,  
 Luz — mistura de flôr e pensamento.  
 Como no bosque o passaro canôro,  
 Vôa, o perfume dos vergeis buscando,  
 Longe... teu seio carinhoso imploro,  
 O soluço das aguas imitando.  
 Longe... meus olhos perdem-se no espaço...  
 Buscam, em vão, o ethereo paraíso,  
 — A divina mansão do teu regaço,  
 — O celestial jardim do teu sorriso...

A nevoa, o insecto occulto na brómelia,  
 Guardam do augusto olhar a infinda gloria:  
 A folha que murchou ao sol, constelle-a  
 Da nympha infiel a tragica memoria.  
 Barulhos d'agua, fontes mysteriosas  
 Pelos dominios apollineos, desçam.  
 E no tope das serras luminosas  
 Seus véos arranquem, seu pudor esqueçam.  
 Não da Tauride filhos, mas do rito  
 Que a florescente Samos adorna.  
 Sois, a um tempo, a esperança do proscripto,  
 E o delirio que Cypres aviveita.  
 Cypres, núa a sorrir, Cypres que Marte  
 Retem nos braços, languida, dormente,  
 Não cesse o louro pagem de adorar-te.  
 No sólo adusto, na lustral corrente!  
 Outras, que a doce voz de Anachreonte  
 Nos verdes galhos acordon, mais cedo,  
 A canção nupcial ouçam da fonte  
 Que a luz dos olhos apagou do aedo.  
 Sim, do barbaro a escura divindade  
 Trama vinganças e planeja insidias:  
 Em vão: Venus transpõe a eternidade  
 Num pedaço de marmore de Phydias.

Vamos, és como a deusa que Vulcano  
 Nas finas malhas surprehendeu, ditosa;  
 Venus de Milos, perola do Oceano,  
 Que ó Olympo exalça na onda sonora.  
 Vamos, do novo aedo o lume apaga,  
 Não com esse gesto, com esse brilho falso,  
 Mas com o fulgor dessa promessa vaga  
 De quem, tres vezes, se perdeu no encalço.  
 Eis o termo da estrada, eis o remanso,  
 Em celestes arminhos, escondido;  
 Eis a ambição, por cuja escada lança  
 Meu canticó, meu sonho, meu gemido.  
 Numes e turbilhões radiosos vastos  
 Plainos matizam, celebrando a aurora.  
 A aurora, a irmã dos teus amores castos,  
 Que o Eden grego de marmores enflora.  
 Virgens, tambem, atropeladas, correm  
 Pelas revoltas, salitrosas plagas,  
 E os venturosos naufragos soccorrem,  
 Ao embate dos ventos e das vagas.

Vamos, o Idyllio hellenico eternisa  
 No verso, no painel, no som, na pedra:  
 Verte na estrophe a lagrima de Heloisa,  
 No bloco accende a colera de Phedra!  
 Quem teu culto exalçára? Quem teus beijos  
 Em tão formosas linhas insculpira?  
 Quem te inundara de eternaes harpejos,  
 Na ave que geme, na onda que delira?  
 Quem, Helena, mais ternos amavios  
 Possui na voz, que a propria neve inflamma?  
 Quem a uma alma sem fé e a uns membros frios,  
 Restitue o vigor, a fé, a chamma?  
 Tu, amphora sagrada, a cujas bordas  
 Cheguei meus labios tremulos, sedentos;  
 Lyra, que os doces sons de Evandro acordas  
 Em meigos e divinos pensamentos...  
 O flavo mel, que Corydon colhera  
 Entre os labios de aligera Camena,  
 Aquí, nas alvas carnes accendera  
 Da prófuga Orethya, o gozo, a pena...  
 Aquí, clara manhã, múrmura, sôa  
 De um nome a branca e sideral cadencia,  
 E, após, nos corações das aves, vóa  
 No mesmo azul, na mesma adolescencia...

De Helena o terno ardor os arvoredos  
 Cantem, lá, onde a chamma etherea mora;  
 Lá, onde as aguas nos penhascos tredos  
 A's lyras tangem, mal despona a aurora.  
 E tu, radiosa Thetis, que o infinito,  
 E gemebundo mar, lubrico, abraça,  
 Leva-me o coração, tambem, que afflicto,  
 Nos recifes do amor se despedaga.  
 Leva-m'ó. O sacro nume e a sacra flamma  
 Restituam-lhe a fé, que se extinguiu.  
 Como, sem ella, o tom mudar á gamma,  
 Com que Orpheu os penedos compungira?  
 Foi tão rapido o instante! O plenilunio  
 Pelo verde das frondes se embalava.  
 Não sei que ar era aquelle de infortunio  
 Que por todas as coisas se espalhava...  
 Não sei. Seus merencorios olhos davam  
 Um aspecto sagrado á alcova, em sombras...  
 Suspiros mysteriosos acordavam  
 O infinito silencio das alfombras...  
 Ah! mais um dia só, e eil-os dispersos  
 Meus idolos, meus sonhos, meus amores!  
 Que ides colher, ó flôres, nos meus versos?  
 Que ides, ó versos meus, haurir nas flôres?

A fé que nasce nas regiões ethereas,  
 E em nossos olhos humidos resplende?  
 Que entre beijos e lagrimas sidereas  
 Seu véu de estrellas sobre a Terra estende?  
 Bem sei, que te não dóe minha lembrança,  
 Bem sei. Bemdigo, emtanto, a crueldade  
 Com que me vaes urdindo na esperanza  
 Os tristes fios de ouro da saudade.  
 Tristes, como as capellas funerarias,  
 Como o estema de Ophelia amortalhada.  
 O' fria tumba, as notas solitarias  
 Desta canção, deixa ficar na estrada.  
 Ali, onde entretece o berço lido  
 O innocente e mavioso gaturamo.  
 Faze, tambem, plectro, como o arvoredo,  
 Que em lamentos se esvae por um só ramo.  
 Seja a saudade o ramo preferido.  
 A' orla da estrada, onde farfalha o vento,  
 Todo o inferno exhalado num gemido  
 Pela boeca de um unico instrumento.

## O fakir

Macerado fakir, constantemente  
A' neve, á chuva, ao sol, ao fogo exposto,  
Das rugas pelo curso indifferente,  
Quanta saudade não te sulca o rosto?

A pelle rôxa pica-te o moscardo,  
E a cobra, áspera e mole, em torno, ondeia  
De teu corpo, deitado sobre o cardo,  
Ou sobre um combro de candente areia.

Prostras-te, mudo, á beira de um jazigo.  
Como se a alma te houvera abandonado,  
E da contemplação do teu umbigo  
Voltas, sem ter dormido, nem sonhado.

De esborcinada nave o ser arrancas,  
Como um verme do fundo de uma chaga,  
E o odor feral das tuas barbas brancas  
Pelas ruínas do templo se propaga...

Em que ciborio, mysterioso e santo,  
Guardas o coração — hostiario de ouro; —  
Sem que a corrente angusta de teu pranto  
Entõe o hymno de amor que sáe do chôro?

Quem surprendera no vernal aneio,  
Agitando-te o corpo inerme e exangue,  
Um beijo ardente alvoroçar-te o seio.  
Um sonho impuro corromper-te o sangue?

Nada te prende á terra, alma impoluta,  
Com outros olhos outros céus devassas,  
E, longe da ambição, longe da luta,  
Não conheces nem gosos, nem desgraças.

Tudo te chama á placidez ignota  
 De uma existencia ao peccador vedada,  
 E sobre a margem dessa luz remota,  
 Feliz, esperas a hora desejada.

Porém, nós outros que não conhecemos  
 Da religião a terra santa, andamos  
 Tão humildes, tão tristes, que trazemos  
 No rosto a côr das dôres que choramos.

Infelizes que somos! A esperança,  
 Que é o batel que nos salva na procella,  
 Já na crista das vagas não balança  
 A silhueta de enfunada vela...

Transpondo, alfim, o túrbido carreiro,  
 Juntos chegamos ao funereo porto.  
 Quem tem, fakir, mais sangue no madeiro?  
 Qual de nós foi o vivo, qual o morto?

Tu ás espheras rútilas te elevas  
 Entre flôres e canticos risonhos...  
 E, emquanto a minha cella enchi de trevas,  
 A tua, ao luar, desabrochava em sonhos...

.....

Se uma oração, ao menos, conseguisse  
 Rezar o meu espirito deserente,  
 Talvez minh'alma nunca mais sentisse  
 Tudo o que sinto e que o fakir não sente.

## Prece

Já me não sobram lyricos momentos  
Para seguir dos sonhos o rumor.  
— Rumor que abranda a colera dos ventos.  
— Echos do meu amor.

Mysteriosas folhas agitadas,  
Ao sabor das aragens matinaes,  
Porque vos vejo frias e fanadas,  
Como cyrios claustraes?

Acaso, com as tuas companheiras  
Abandonaste, Rosa, este rosal?  
Que te fizeram, dize, estas roseiras.  
Fizeram-te algum mal?

Não vês que quanto sabes, aprendeste  
Nos muitos versos que te offereci.  
E, que, nascendo tu, como nasceste.  
Para te amar nasci?

Como querem teus labios impolutos,  
Que encerram, como a aurora, tanta luz.  
Que sejam só de lagrimas os frutos  
Que esta arvore produz?

Fazes-te, ingrata, surda ás minhas preces.  
E assombra-me essa perfida mudez:  
Se me não queres mais, se me aborreces,  
Mata-me de uma vez!...

Falla, qu'importa ao navegante a trilha,  
Se o mar o vê desprevenido e só...  
E ser, sem teu amor, o astro que brilha,  
Ou um pouco de pó?

Tem piedade, uma vez, cruel! Concede  
Que, livre, o meu soluço aos teus pés vá:  
Ou, então, ao Senhor, de joelhos, pede  
Que me leve de cá.

## Chamma espiritual

Dadiva, sim, que aspiro e affago e aperto e enleio  
Numa das chammas em que vou morrendo e amando;  
Ou num sonho em que verto o que póde num seio  
Estar sorrindo, estar soffrendo, estar cantando...

Com que beijos teceste esse obulo divino?  
Com que almas fabricaste esse mel celestial,  
Que, haurido numa estrophe, abraza como um hymno,  
E num raio de sol, cheira como um rosal?

Canção, canção de amor é tudo quanto pisa.  
Quanto teu vôo arrasta em musical transporte,  
Misturando ao rumor dos lagos e das brisas  
A nossa vida, o nosso encanto... a nossa morte!...

A nossa vida, sim, a nossa vida errante  
Por infindos cardaes, alvos, sobre alcantis;  
Ou dedilhando, absorto, ao selenta distante,  
Suas lamentações em trovas pastoris.

Morte, que em floeos dons eternos exhubera,  
Morte, que novos céus e novos mares creia,  
Ouvindo em cada raio a mesma primavera.  
E achando em cada flôr a mesma taça cheia,

Faze que essa visão de orbes desconhecidos,  
Que esse estranho rumor de terras, ainda em brumas,  
Pelos duros pareceis psalmeiem confundidos  
Com o macabro sairé nocturno das espumas...

O' linda rosa que a manhã em tenues laços  
!Com lascivo desvelo entreabria a sorrir.  
A que cruz docemente entregarás teus braços,  
E a que céus, como um anjo, irás depois subir?

Amar! Subir do mago enleio de Tibullo  
Ao Cytherum, que um sopro olympico desgrenha;  
Confinar com o archanjo e a larva; ir n'um arrulo  
Do óvalo á torre, da haste á fronde, do horto á brenha!

Amar! A urna verter de Cythia na espaldeira,  
A que se enflora o idyllio, a que se enrama o luar;  
Voar no sonho de Leda e refulgir na esteira  
Que deixa o barco pela immensidão do mar!...

Ou de Ovidio a ternura, em módulo queixume,  
Levar ao leito em que arde o corpo de Corina...  
E estremeccer na vaga e esvoaçar no perfume,  
Onde, vivida, estúa a lampada divina!

O' cantico, ó suspiro, ó lagrima, ó desejo  
De sopitar da carne o anhérito pagão,  
E reacender a chamma espirital do beijo  
Em teu collo, Stambul, em teus labios, Sarão!

O profanado barro ás celestes planuras  
Sublimas; o furor do pélagos quebrantas,  
E enlevas a sorrir todas as cousas puras,  
E evocas a sonhar todas as almas santas!

## Do Thabor

Eil-a, impura, a carpir nos sombrios espaços...  
 Para que ara inflammada ergues, anciosa, os braços,  
 Terra esmarrida, terra em brazas, terra em ossos?  
 De que herculeas paixões foste, acaso, os destroços?  
 De que refertas, o oreo, a arena, o adarve, o fojo,  
 — A deshonra de pé, a virtude de rojo?  
 Sim, de refertas, Terra, altareira e arrogante!  
 Mostras, como um prognata, a mandibula hiante,  
 De cuja alma procaz o velho instineto irrompe,  
 Qual da candida flôr que Neptuno corrompe.  
 Da abegoira ao fulgor astral, o mesmo orgulho!  
 Em cima, a irradiação dos astros; o marulho  
 Das ondas, de roldão, pelos parceis, em baixo.  
 Agitas, polinctor, nos tumulos o facho  
 Que a morte te confiou, e esperas, silencioso,  
 A alma cheia de horror, o instante tenebroso  
 Em que, tambem, os pés e as mãos atadas, frio.  
 Sentirás pelo corpo o mesmo calefrio.  
 Velha e estulta obsessão a tua! Andar aos roucos  
 Mares a descantar anceios vãos e loucos!...  
 Que te vale, ante Deus, a pórfira festiva.  
 O triumpho pagão, a Grecia redíviva.  
 Ou todo o amplo caudal invisível dos sonhos  
 Grosso, escuro, a espumar em barathros medonhos?

Que te vale arrastar europeis pelas salas.  
 Se vaes rolar, depois, na podridão das valas.  
 Postular o perdão, aturdir o presidio  
 Com a lembrança da festa e a projecção do excidio?  
 Oh! nunes, que alentaes a seiva incandescente,  
 E nas tumbas vibraes o latego inclemente,  
 Não a deixeis morrer, quando findar a dansa,  
 Entre um beijo de amor e um raio de esperança.  
 Fazei que a pedra sinta e comprehenda que encerra.  
 Não a porção rocal e inanime de terra.  
 Mas alma, como tu, Nestor, como tu, Paris,

Vaniloquos, lá vão, de praia em praia, os mares,  
 Com os seus idolos vão, com os seus anceios rudos,  
 Seus soluços, seus ais, seus pensamentos mudos...  
 Mas a que ponto incerto irá ter esse obscuro  
 Instincto de construir tambem no lodo impuro  
 A sua liberdade e a sua omnipotencia?!  
 Alta revelação, vaga clarividencia  
 Do ser e do não ser... Assombro a assombro inquire,  
 Quem com mais nobre afan o grande cyclo admire,  
 Em que se preparou a sideral mudança,  
 E a onda esqueceu na areia, auricerulea e mansa,  
 Um cantico que ouviu um anjo entoar no Emyreco.  
 De tudo trescalava a pureza de um lyrio.  
 Bronteu, que é do trovão uma caricatura,  
 Vaso a que o theatro grego, horrisono, mistura  
 A aljava em fogo, a lyra anciosa, o peplo ardente;  
 Bronteu, de Edipo o enigma, astábulo inclemente,  
 Turba-multa espectral, horda de busaranhas,  
 Deixava, ao transmontar a escarpa das montanhas,  
 Flôres, sonhos, canções e aljofres rutilando...

Era feliz! O ardor das pugnas preparando  
 O poeta: o bardo após o heróe. A força e a graça  
 Sahiam da mesma ignea e mysteriosa massa,  
 Do mesmo hymno, do mesmo impulso, da mesma ara.  
 Contra as rochas Titan as correntes quebrára.

Nescio, volvera ao fundo exangue da materia.  
 Contemplava-a, e, tacteando, em vão, seguira a etherea  
 E elevada noção da vida. Agora, estulta,  
 Tua mesma memoria o velho pó consulta,  
 Ou nas tintas de Tory, ou na cruz do santero.  
 Que apostolo, Senhor, substituir a Luthero,  
 Que transformou o psalmo em pão de cada dia,  
 E do fundo do claustro, olympico, irrompia  
 Para clamar, sorrindo, ao povo: "O' bôa gente,  
 O lenho em que expirou o Cordeiro innocente,  
 Jorra em ondas de luz sobre as nossas miserias,  
 E magnanimamente ás almas deleterias  
 Nova trilha apontou na angustia do Calvario!  
 Jesus — symbolo vivo, arroio solitario —  
 De onde todo o esplendor universal promana,  
 Embora os temporaes que da inclemencia humana  
 Desabem sobre o mundo, á carencia, á secura

Do ideal religioso oppoz essa dogura  
 Que é toda a sua lei e toda a sua gloria?  
 A expressiva illusão da vida transitoria,  
 Monumental, mas fria, apaixonou-o. Deu-lhe  
 Um rythmo delicioso. O idyllio embeveceu-lhe  
 O harmonioso instrumento. A's vigosas paragens  
 Da Galiléa, ouvindo-o, as múrmuras aragens  
 Sua voz, seu fulgor, seus sonhos transmittiam."

Triste Jerusalém, que as rôlas recolhiam  
 Ao calor virginal das suas azas mansas;  
 Melros azues, doceis, verdes como esperanças;  
 Paiz de églogas, sol de ouro, pulchro e divino,  
 Em que a oblata de Silo, e o oleo do peregrino  
 Pareciam descer da celeste morada,  
 Não deslustreis no pó a estringe immaculada.  
 Triste Jerusalém, virva de tantos poetas,  
 Da sagrada collina as aves predilectas,  
 Manda que, recolhendo as lembranças de Tiro,  
 Num enlevo infantil, num canôro suspiro,  
 Esse delicioso e incomparavel drama,  
 Que em nupcias se engrinalda e em pastoraes se inflamma,  
 Revivam, confundindo os homens e as serpentes,  
 Do sagrado Jordão nas ribas florescentes.  
 Jerusalém renasce outra vez para o encanto  
 Das herdades, onde anda o lune sacrosanto  
 De Ginea, a alegria e a oração repartindo  
 Com a sua voz celeste e o seu candor infindo...

Por entre a populaça e as flôres que se abriam,  
 Bethzaida e Corazim, os hymnos recolhiam  
 Do ineffavel pastor. As montanhas, as terras  
 Do formoso Tell-Hum, de verdejantes serras,  
 Esplendente arrebol e froculos de neve  
 Na verdura louçã misturavam, de leve.  
 Lá, de balde o demonio islamita tentara  
 O fruto apodrecer, que ao calor sazonzara  
 De martyrios sem conto, ora, empecendo a fronde  
 De lançar para os céus a ramaria, de onde,  
 Em extasis, a seiva hieratica subia  
 Ao influxo floral da nova lithurgia;  
 Ora, as fraldas do Hermon, de lendas inundando,  
 Lendas, com que os pagãos andaram captivando  
 As arvores do Euphrou e as fontes da Bethania.

Que ventura sorrir a essa divina insania  
 Na barca, em pleno mar, como Simão Barjona,  
 E vêr, depois, em fogo, a alma subir á tona,  
 E fluctuar e esplender aos frústulos suspensa  
 Por duas forças só — a Caridade e a Crença!

Oh! terra decahida, oh! Galiléa em brazas,  
 Quem de arro vil manchou o ouro das tuas azas,  
 O estema em que fulgia a parábola santa,  
 Que ainda hoje o passaredo, ao romper d'alva, canta?  
 Contemplae, contemplae o firmamento augusto,  
 Purgatorio do hereu, paraíso do justo.

A religião christã é um remanso florente,  
 Feito de aroma santo e de graça innocente.  
 Mas as torres carpindo, e os austros ullulando,  
 Viram-na penetrar no carcere execrando,  
 De onde, ás levas, depois, os martyres divinos,  
 Ao toque dos clarins, ao repique dos sinos,  
 Lá iam, réus sem culpa, as mãos acorrentadas,  
 Ensanguentar o chão revoltado das estradas.  
 Fôra, de facto, a infancia — a ingenua omnipotencia —  
 A alegria, o candor, a doçura, a innocencia,  
 A carcérula ideal que um novo mundo encerra,  
 Que em raptos virginaes, tomou posse da terra.  
 "Pae celestial, revela o segredo aos pequenos,  
 Põe mais luz, mais calor em seus olhos serenos,  
 E o teu reino, que é todo indulgencia e humildade,  
 Esparze em cada choça e accende em cada herdade.  
 Os pequenos, que são os grandes auditores,  
 Perfumaram-me os pés, ungeram-me a cabeça.  
 Que teu ósculo, Pae, sobre elles resplandeça  
 E illumine o porvir, como uma aureola santa.  
 Aqui, como no céu, ama-se mais a planta  
 Que, espontanea, reponta, e, sobriamente enfeita  
 A obra do homem, que é sempre illusoria e imperfeita.  
 Nada me alegra mais do que o louvor da infancia:  
 Muita sabedoria ha na sua ignorancia.

Ah! não n'a offenderia a esteril aspereza,  
 Se soubesse que força encerra essa fraqueza!  
 Nas aldeias, em festa, as creanças, sorrindo,  
 Ledas, commigo o mel, em favos repartindo,  
 Osculavam-me as mãos, e, ao longo dos caminhos,  
 Iam, depois, saltando entre as flôres e os ninhos."

Jesus assim fallára. Um casto irradiamento  
 Ia-lhe matizando a phrase e o pensamento.  
 Oh! vós, que á chuva e ao sol ides tão carregados,  
 Buscae-o e sentireis os hombros alliviados.

Eis o lado sublime e moral da doutrina.  
 O oasis de Jerichó — a lareira divina —  
 Lavou-lhe os pés, ouviu-lhe a voz, teceu-lhe um canto,  
 Que um dia lá foi ter ao mystico recanto,  
 Onde estava a seismar, de pé, como um vassallo,  
 O sycomoro, ao qual Zacheu, para saudal-o,  
 Ao surgir o cortejo, attonito, subira...  
 A belleza ideal de Jesus attrahira  
 Para esse obscuro valle em que Caná descança,  
 Toda a luz que é capaz de conter a esperança.

Sóbe a oração ao lar augusto, e o claro incenso  
 Espalhado em redor, doba-se, oscilla e intenso  
 Fulgor adquire, e, após, aromatico, passa,  
 Em tenuissimo fluido, em mystica fumaça,  
 Entre azas e canções, até chegar ao solio,  
 Onde canta a Ara-Cæli e esplende o Capitolio.  
 Ser-vos-ha concedido o que com fé pedirdes;  
 Se o barro que habitaes, com as proprias mãos partirdes,  
 De novo tornareis ao mesmo barro impuro,  
 Gemereis sem soccorro e velareis no escuro.

Os castigos estão na proporção da falta;  
 Não tragas, homem cego, a cabeça tão alta.  
 Se queres ser perdoado, ah! começa perdoando  
 O ministro insolente, o despota vitando.  
 Sim, voltarás ao bem, lustros embora, passem,  
 Embora sobre a terra as trevas despejassem,  
 Com medonho alarido, as infernaes potencias!...  
 Da humana ingratidão aos golpes e ás violencias  
 Sorri serenamente; a piedade e a virtude  
 Começa a praticar na tua juventude.  
 Não te affastes de quem o manto da miseria  
 Abriu para mostrar-te a chaga deleteria.  
 Continúa a semear mercês e beneficios,  
 Embora ingratos só brotem dos sacrificios  
 Que neste horrivel passo, ás occultas, fizeres.  
 Deus multiplicará o óbulo que lles deres.

A ingratidão, sabei-o, é, sobretudo, a escola  
Que nos ensina a amar cada vez mais a esmola.  
Quem viveu e morreu fóra da caridade,  
Debalde buscará por toda a eternidade  
A salvação e o ceu. A avareza nos veda  
Tudo quanto nos possa erguer depois da queda.  
A fortuna, recebe-a antes como um castigo;  
E' do espirito, em prova, o maior inimigo.  
Theouros amontoaes, Cresus, mas eis que um dia,  
Sem que o previsseis, Deus a morte vos envia.  
Onde ireis esconder todo esse ouro maldito,  
Que vos está rasgando o coração afflicto,  
Como agudo punhal inexhoravelmente!...

Haja o que houver, será castigado o que mente,  
O que odiar e trahir, o que fôr pelas ruas  
Os seus sonhos de amor e as inclemencias suas  
Lançando á mesma tumba e ao mesmo árido veio.  
A lampada que a fé traz accessa no seio;  
A arvore á cuja sombra um anjo se assentára.  
E aos fogos do nascente os frutos esmaltára,  
Com o perenne esplendor que os bens celestes guardam;  
Os que o Juizo final tranquillamente aguardam,  
Verão brotar do pó cidades afamadas,  
Umás, cobertas d'ago, outras, engrinaldadas.  
Chocalhando ainda no ar o riso dos petausos,  
Que o tempo amortalhou com os titans e os centauros.  
E unidos cantarão os phónobos e os poetas,  
Todos, sem excepção, igualmente prophetas;  
E pelo mesmo olhar conduzidos na terra,  
Verão, tambem, que os sóes que a immensidade encerra.  
Valem menos que tu, se, arrependido, amparas  
Quem, aos pés, cruelmente, humilhado, prostráras.

## Almas Piedosas

Emquanto, longe, trôa o canhão e o furor  
 Das hostes recrudescce, e o lucto, e o sangue e a dor  
 Rasgam sulcos no chão e enchem de horror as almas,  
 Vós, santas, sob um céu, menos revesso, calmas  
 Piedosas, levantaiis um novo altar á fé.  
 Quem vos trouxe ? Que mão vos colloca ao pé  
 Da orphandade, sem pão, da miseria, sem tecto ?  
 Aquí, o lar sem mancha, além, o leito abjecto,  
 O assalto proditorio, a mesa farta, a lei  
 Do mais forte. A innocencia a confessar: "Errei!"  
 E errou porque ? Porque não lograste, sublime,  
 Na lucta desigual, entre a virtude e o crime,  
 Vencer, sem macular as asas no paul ?

Nescios! Interrogai á viração do sul  
 Porque não traz, agora, o aroma que trazia.  
 Ainda é a mesma a estação, no emtanto, a ventania  
 Carrega de visões tragicas o painel  
 Que sangra no arrebol e canta no vergel.  
 Oh! não interrogueis á luz por que rolára  
 De tão alto; ou porque o que era incenso ou ara,  
 Osculo puro em pleno ardor primaveril,  
 Se transformou em sanie, em chareo, em lodo vil!  
 Sim, tornemos á paz, á alegria, á humildade,  
 Pois sem esta não ha nem fé nem caridade.

A caridade, sim; a caridade, a aurora,  
 A sorrir pelos céus, a cantar pelos vales;  
     O calor que o horizonte  
 Empurplece; o tom, a magia que enflora,  
 Acaricia o mar, desabotoa o calix  
     No pincaro do monte.

Não é na esmola só em que consiste a graça:  
 A caridade e a fé são a essencia, a estrutura,  
     A força e o movimento.

Expansão, direcção é só a fé quem traça;  
 Ella é quem tece a luz que os corpos transfigura,  
 Ao impulso, ao calor de um mesmo pensamento.

Do hyssope ao libatorio o mesmo rythmo. A chamma,  
 A irradiar; a fagulha a florir na campina,  
 A medrar no granito.  
 Quem tamanho poder ostenta? Quem derrama  
 Esta aura multicôr que os mundos illumina  
 Pelo espaço infinito?

Quem sobe do rumor insólito das vagas  
 A esse refuste astral que outras terras aquece,  
 Outros orbes povoam?...  
 Alma humana ou rocal, nascem nas mesmas plagas,  
 Liga-as o mesmo amor; e, quando uma emudece,  
 E a outra os ecos atrôa,

Com o seu clamor e o seu queixume, ouvi: um dia  
 Haverá em que, eguaes, surjam na eternidade.  
 E quem as igualou? Quem foi á terra fria  
 Levar a agitação e a seiva? — A Caridade.

O sonho de Koteiusco, a colera do Cid,  
 O remigio invisivel  
 Do archanjo, além... a voz de Tirthêo, o revide  
 Brutal do Oceano contra o vendaval terrivel,

O que chamais virtude, o que chamais constancia,  
 Cegos, tudo na fé tem o seu fundamento.  
 Tomai a flor... sorvei-lhe a angelica fragancia,  
 Que no pistillo, embora, é sempre o pensamento.  
 Que diz ella? Que quer? Que sonho é o seu na estancia

De luz em que floresce, ou de amor em que pena?  
 Oh! creença que não morre, oh! ancia, que não finda,  
 O que parou no bloco e resurgiu na antena,  
 E' a caridade ainda.

E' o calor, é a vida. E, antes de estar na esmola,  
 Andou a levantar das ruínas os imperios,  
 E erguendo uma prisão ao lado de uma escola,  
 E caravançarás ao pé dos cemiterios,

Fez que no mesmo plano a mesma luz brilhasse,  
 E que o homem comprehendesse o seu orto e o seu norte,  
 Que o verdadeiro albor começa no trespassse,  
 E a verdadeira fé só vem depois da morte.

A fé — o jugo suave, o peso leve... Ouvi-a  
 Nos rugidos do Endor, na voz da Pytonissa:  
 Da desordem dos cahos extrahiu a harmonia,  
 Da execração do escravo o culto da justiça.

Vinde, a Mesa está posta. Ha alguém á cabeceira...  
 Que olhar o seu!... Notai-lhe o gesto, a frente, as mãos.  
 E' o mesmo que Zaccheu viu do alto da figueira.  
 E, que, agora, outra vez, vos vem fallar, christãos.

“Pois bem. Ide á mansarda e ao vosso irmão dizei:  
 O' nunca é iniqua a pena e nunca injusta a lei.  
 Sem ella, como achar o barco que a esperança,  
 Depois do temporal, solicita, vos lança?  
 O prostíbulo, entrai. Quantas vezes, ali,  
 N'um corpo, em chaga viva, a innocencia sorri!  
 Relevai; e amparando a frente dolorida,  
 Que o infortunio abaten no alvorecer da vida,  
 Fallai-lhe com brandura, ouvi-a como irman,  
 Pois não pôde ser outra a religião christan.

Vinde a mim os que vão ás festas e aos certames,  
 A's garras arrancar dos phariseus infames,  
 Viúvas sem assistencia, orphãos sem protecção.  
 Não são elles, sou eu que vos estendo a mão.  
 Para se amar a Deus, deve se amar, primeiro  
 Quem anda á chuva e ao sol, cavando o dia inteiro.  
 Deixar sem leito o irmão, em verdade, é cruel!  
 Se lhe achardes a taça a transbordar de fel,  
 Ponde na vossa um pouco e me tereis servido.  
 Quanto sonho desfeito, em meio do alarido  
 Que a falsa caridade, em solo esteril, faz!  
 A ambição é feroz, a usura contumaz.  
 Essa que me attrahiu, porém, á vossa festa  
 Não é espuria, não. As suas mãos não cresta,  
 Quando as almas sacóde um desejo infernal.  
 Nas labaredas do odio ou nos brandões do mal.  
 Sim, é grata á minh'alma e ao meu amor infindo:  
 A sua voz é meiga e o seu olhar é lindo...

Póde bem ir ao céu, subindo á minha cruz,  
 Pois só no soffrimento é que se encontra a luz.  
 Os corações, aqui, brilham como um sacratio;  
 Vinde glorificar todas o meu Calvario,  
 Pelo auxilio prestado a quem vol-o imprecou.  
 Não ha de minha voz, que o tempo não turvou,  
 Apesar de rugir com furia o furacão,  
 Calar-se, quando os bons a reclamal-a estão.  
 Nem tão pouco a esperança o seu manto estrellado  
 Do trafico monstruoso aos pés espedaçado  
 Com terror heis de ver. E nem tão pouco o céu  
 Suas portas fechar á sanha do escareeu.  
 Vinde todos a mim, todos quantos em meio  
 A' matança feroz, ainda guardam no seio  
 A fé com que sellei o meu martyrio. Sim,  
 A verdadeira Igreja ha de surgir, por fim."

Não podieis achar no banquete da fé,  
 Quem melhor levantasse um *toast* ao vosso intento,  
 E mais presto accudisse, irmans, ao vosso brado.  
 Se é a Elle que servis, vosso dever qual é?  
 Qual deve ser o vosso unico pensamento,  
 O vosso empenho, o vosso rumo, o vosso arado ?

Como em meio ao travor da ambição e da usura  
 Se unem os corações n'um mesmo anhello! O altar  
 Accende-se O mantel é de esplendente alvura...  
 Oh! transfiguração! A terra, ha pouco escura,  
 Assim que Elle partiu, começou a brilhar.

Que mealheiro opulento ha em tudo quanto vejo,  
 — Nesta reparação, nesta volta á humildade.  
 Tudo canta, scintilla, ama e exulta nos céus...  
 Lagos, montanhas, sóes, tudo é o mesmo lampejo,  
 E' sempre a mesma força, é sempre a Caridade,  
 A mesma essencia pura e luminosa — Deus.

## Guilherme II

### I

Não haviam ainda os eccos accordado  
 Da furia de Mavorte ao horrisono assalto.  
     Bois pasciam nos campos, lado a lado.  
 O alegre bando dos pardaes cantava no alto  
     Das frondes que um macio sopro ondeava...  
     Festins campestres, effusões nascentes,  
 Tndo as almas no mesmo anhelito abrasava...  
     Nos seus ardores innocentes  
 Quem presentir pudera a borrasca inaudita ?  
     Era abundosa a messe,  
 A mão que sacholava o alqueive, alma e bendita...  
 Cada aldêa, dormia envolta n'uma prece...  
 Do pronáo da Ara-Cœli ao podio da Mesquita  
     A mesma paz, a mesma segurança.  
 O homem solennisava o fervor da vindima.  
 Em baixo, na semente, o esto, a esperança,  
 A mesma profusão e a mesma calma, em cima.

A flôr que Anacreonte e Horacio engrinaidavam  
     Com o seu ardor e o seu queixume;  
     Que as camenas e as dryades buscavam  
 Quando mais pura é a côr e mais furtivo o lume;  
     A verdura,  
     Os doccis novedios;  
     O alvor da neve, a mystica doçura  
 Do pôr do sol, a enleiar, em extasis, os rios;  
 As corollas, a lyra em que Petrarca andára  
 A ervar o seu idyllio, a esconder o seu sonho,  
     Tudo, de selva em selva, ou de ara em ara,  
     Descuidoso e risonho,  
 Parecia annunciar a paz. De Evandro a flauta  
 Novos descantes com as auras aprendia.  
 Era o esmalte da planta o que a choupana incauta  
     A's devesas trasia...

Corava o sol as aguas do ribeiro;  
 Passavam, um após outro, rentando as rosas,  
 A Oreade versuta e o Satyro folheiro.  
 De Pan e Apollo o glaucó asylo as caprichosas  
 Deosas buscavam, loucas.  
 E as flôres nos vergeis e os passaros nos ninhos,  
 Pediam beijos a essas bocceas,  
 Sonhos a essas visões, vozes a esses caminhos.

A esses, sim, de canções Propercio ungira  
 E seus carnes confiára. Em floreas urnas  
 Depoz a lyra,  
 Onde viuham gemer as virações nocturnas.  
 O' que horror! Estes campos verdejantes,  
 Estes talhões, estas paveias,  
 Estas serras, sem fim, altas e luxuriantes,  
 Não logrando reter as espumosas cheias,  
 Verão os seus asylos inviolaveis,  
 Invadidos, manchados!...  
 Barbaros inexhoraveis,  
 Pela mesma obsessão lubrica arrebatados,  
 Vossos altares, vossas leiras fartas,  
 Em torrentes de sangue, afundarão, sem pena!  
 E, além, nuvens de fogo altitonantes e hartas  
 A pique de rolaem pela arena.

Funda tristeza invade os Monumentos...  
 Arvores mudas,  
 Ao perpassar dos ventos,  
 Presas do mesmo horror, ás aldeas desnudas  
 Mostram num gesto extranho e tragico as campinas  
 Em flôr, a terra fôfa; os tumidos barbeitos  
 A lusirem ao sol. As aguas cristalinas  
 Nos barrocaes desfeitos,  
 Repetindo, não já os velhos themas.  
 Mas um novo pœan ao céu sombrio entoando.  
 Attingidas da Historia ás cuspides supremas,  
 Quem vai marchar na frente e assumir o commando?  
 Quem do Etzel o alarido intempestivo, agora,  
 Ouve, e seguro da victoria espera?  
 Quem á fé dos Pelagios se incorpora?  
 Quem á Moral austera  
 Traça um novo roteiro? Atila enfurecido  
 Vê-lhe a força augmentar ao cabo da chacina,  
 E, com espanto, surgir do solo revolvido,  
 O espectro de Salamina.

Quem, pois, venceu, quando, em setenta, ás hostes  
 De Moltke fogos e arraiaes tomaram,  
 E, em vólta dos balsões, e em deredor dos postes,  
 Seu insano furor, ebrias, desencadêaram ?

Oh ! do Státano já a trombeta furiosa,  
 "Vigança!" clama. A terra está coberta de ossos,  
 E as arvores de sons... Uma voz lastimosa  
 Alarma estes cardaes, compunge estes destroços!...  
 O vencedor foi ella, e não, tu, Allemanha,  
 Apesar de Sedan. Gloria a quem poude, arcando  
 Com tamanho gravame e provação tamanha,  
 Expulsar da fronteira o inimigo execrando.

Baluarte em que descansa o direito. Não treme  
 Se os dentes de Medusa  
 Mais aguçados vêm das forjas do alfageme,  
 Ou das de Thor que o raio, a cada instante, crusa...  
 Teu trágico destino, ó Guilherme, levou-te  
 A este sangrento e lugubre Aquillarre !  
 A sphynge-Omar, a sphynge-cháos, a sphynge-noute,  
 Tudo quanto a visão das cousas santas varre  
 Da nossa natureza,  
 Eil-o no teu altar, na tua fé se exalta.  
 Do orgulho foste, ao mesmo passo, a presa  
 E o abutre, a onda que o ráfelo arrebatá  
 E, de encontro aos recifes estraçôa...

Cantões em chammas e cidades convelidas;  
 Serras que a furia dos clarins atrôa;  
 Abaladas, recontros, investidas  
 As selvas e os penhascos seudindo;  
 A rapina, a impudencia, o incendio, o estupro, a insania  
 Pelas ruas a Morte conduzindo,  
 Como ás feras da Ircania,  
 Tudo entregaste, n'um assomo louco,  
 A' assolação e ao saque.  
 Funambulo procaz, estólido marzoco,  
 Desamparou-te a fé ? Causa-te medo o ataque ?

## II

Immensos tratos, vastidões immensas,  
 Fazem na ruina e na esterilidade !  
 Veneração pelas alheias crenças,  
 Pela innocencia, pela virgindade,

Não n'a conhece o barbaro inflexivel.  
 Reencarnação do Huno feroz, Guilherme,  
 Teu braço, ha pouco, impávido e terrivel,  
     Cae sobre o arção, inerme...  
 Uma guerra de opprobrio e captivoiro  
 E' o que a Allemanha está fazendo á Europa,  
 Que se vê nesse vasto taboleiro,  
 Que um sangue rubro e generoso ensopa ?

De um lado, a liberdade, a justiça, o direito,  
 A luz, que é a lei de Deus, e que as nações dirige;  
 Do outro, o ponto de vista apaixonado e estreito.  
 Se o orgulho, assim o impõe, se o egoismo, assim o exige.  
 As hostes liberaes, onde é maior o anseio

    De ver o mundo congraçado,  
 Depois da collisão, do assedio e do bloqueio,  
 Mais fortes surgirão do solo ensanguentado.  
 Do vandalo Deus fez um coripheu sublime,  
 Do sanguinario alfange um raio de esperança:  
 E a Europa ha de sahir desse execrando crime,  
 Para uma nova fé, para uma nova aliança.  
     Era mister essa carnigaria,  
     Esse furor, esse encarnigamento.  
     O furacão que o mar enfurecia,  
     Tornando-o mais cruel com o soffrimento,  
 Brando, ás flôres trará com a bonança, o sincello,  
 Com o homem á relheira, a semente e a abundancia...  
     Ah ! como o sol ha de sorrir, ao vel-o  
 A refazer a vide, a melhorar a estancia !

Esse atro revolver de entranhas; essa furia  
 Belluina; esse rillar de dentes pelas trevas;  
     Esse mixto de insania e de luxuria,  
 Que se não vê, nem mesmo, entre as visões medievas,  
 Ao teu macabro genio, ó Kaiser, o devemos.  
     Desse espantoso e tábido holocausto  
     Transfigurados todos nós sahiremos,  
 Embora o mundo tombe exinanido e exausto.

Qu'importa a solução dada pelo destino ?  
 Seja o lucto qual fôr, nosso maior empenho  
 Deve ser desdobrar um manto esmeraldino  
     Sobre essa galeria de Carreño.  
 Quando é grande a cealeuma, e a religião, tão pouco,  
 Logra galvanisar o coração exangue,

Deus manda á terra, quasi a sossobrar, um louco  
 Que a salva pelo incendio e a expurga pelo sangue.  
 Mantua, Verona, Brescia, ainda brandam aos ossos  
 "A pé ! Sinos tocaí, rufai tambores ! vêde  
 Como ainda estão sangrando estes destroços,  
 Como estas boccas ainda estão com sêde !..."

Que odio nesses oplons, que rictus nestas faces,  
 Que a morte transformou n'um cháos horrendo !  
 Estas vagas são más, estas brumas mendaces,  
 Almas, que ides, além, no turbilhão gemendo...  
 Montões de entulho a cada passo.  
 — Arras em cinzas, Lierre em ruínas, Reíns em chammas.  
 Do passado esplendor nem um só traço !  
 Quem foi, Guilherme, o autor de todos estes dramas ?  
 Todas as convenções, todas as garantias,  
 Que resultaram do convenio de Haya,  
 Não passaram de meras utopias,  
 Que a guerra, como o mar, lança, rugindo, á praia.  
 Posto assim em farrapos o direito,  
 Pela invasão é o gladio. "Ao Trocadero,"! exclama.  
 Extenuado, porém, tomba, rasgado o peito,  
 Quem contra aquelle urdira o pavoroso trama !  
 Barreira decisiva, ó Belgica, oppuseste  
 A essas hordas brutaes, a essas álgaras rudes,  
 Que entre as nações christans, são como Atrêo e Thieste :  
 — A crystalisação de todas as virtudes...

Tu foste o braço ingente, o intrepido bahuarte  
 A vomitar lavas como crateras.  
 Teus gloriosos canhões ceifa-as por toda a parte,  
 Por toda a parte se ouve o escabujar das feras...  
 E' preciso vencer a todo o transe.  
 Firme na sella, á frente de seus bravos,  
 O grande Alberto, sem olhar o lance,  
 Sobre esse mar de fogo e essas legiões de escravos  
 Precipita-se. Quem mostrou mais animo,  
 E na pugna feroz maior pujança ?  
 Salvaste, sim, salvaste, rei magnanimo,  
 A civilisação, salvando a França.

A França — a iniciativa, a generosidade, —  
 Possui hoje, tambem, thesouros de paciencia.  
 Como a encontrou essa fatalidade ?  
 Segura de que nunca é injusta a Providencia.

Que bello gesto ! Offerecer á Historia  
Um holocausto mais. E, em meio da metralha,  
Calma, ás nações sorrir, como quem a victoria  
Tem certa no direito e certa na batalha.

Ha de o teuto morder, como Thersito,  
O seu odio procaz, e a sua inveja estulta.  
Pois a sua derrota, era o que estava escripto  
No livro que o destino á nossa vista occulta.

### III

Falas em Deus, Guilherme, a cada instante.  
Não no Deus de Moysés, o Deus que a França invoca,  
Que nas visões terrificas do Dante  
Muito acima dos vãos sentidos se colloca.

Não foi elle que o facho de Volfanus  
Accendeu nos celleiros de Termonde,  
Na alma dos teus dragões, duros e deshumanos.  
Onde o viste a sestear com os scelerados ? Onde ?

Tão pouco foi, em plena tyrania,  
Da Roma de Catão á Roma de Loyola,  
Para lança-la, após, de novo, á barbaria,  
Com o punhal a sangrar no fundo da sacola:  
Ou prostituir-se ao ouro de Jugurta,  
Ouro que a contumelia e a prodição açula,  
Ouro que trapacêa, ouro que furta,  
Que Verres delapida e Scaurus accumula.

O Deus em que Jesus fez concentrar-se a essencia  
E os nossos corações, em trevas, illumina,  
Guilherme, esse não foi, por certo, a Providencia  
Que te precipitou nessa carnificina.  
Não foi. Do sanguinario e horrifico elemento  
No Divan tenebroso, obras como ministro,  
A cuja voz fatal, como o bramir do vento,  
Pallas mostra, de novo, o seu perfil sinistro.  
O iconico fulgor que no solsticio attinge  
O maximo poder e o maximo destaque,  
Em teu peito depara um coração de sphynge,  
Indifferente á dôr e indifferente ao saque.  
Não é o Deus do justo o que a teu povo inculcas  
E em teus palacios mora. e em teus braços abrigas:  
Deus, que a diplomacia abarrotoou de esculcas,  
Deus, que o universo inteiro entreteceu de intrigas.

Do lorario maldito, eil-o o avatar, de novo,  
 Insolente, a fitar a multidão perculsa.  
 Levanta-te, Israel, põe-te de pé, ó povo,  
 E o aventureiro audaz dos teus casaes expulsa.  
 Pelo solo empapado o vinho em lavas, jorra...  
 Na taça de Dietrich o huno selvagem bebe...  
 Qu'importa fenda o raio o tronco, e a seiva escorra,  
 Ao lado da albafeira, entre o carril e a sebe ?  
 Vamos ! Foi desta vez mal jogada a partida.  
 Confessa. Tinhas certa a victoria. A Inglaterra  
 Prostada. A Russia aos pés; a França malferida:  
 — Senhor de toda a Europa, algoz de toda a terra !...  
 Até que ponto pôde uma obsessão constante  
 Levantar um coração, cuja vontade é fraca,  
 Cujas veias loquaz, cujo genio arrogante  
 Fagulha no marnel e estrondo na resaca.

## IV

Paciente, os arsenaes de obuses entulhaste.  
 Ao festim de Kriemilt os povos convidaste.  
 E' um quadro a Gessler, um banquete a Borgia. Torvo,  
 Feliz, os olhos pões nos corpos amontoados,  
     Nos campos, nos lavrados,  
 Qual nos flancos da rez, crava as garras o corvo.

Remittidos, porém, o delirio e a matança,  
 Um dique á inundação, por fim, opposto, ó França,  
     O mundo inteiro exultará,  
 Povos, que o orgulho não desluz, depois da guerra,  
 Uni-vos para a paz, pois só na paz, a terra  
     Novos germens vitae encontrará.

Estaréis para sempre ao abrigo das hordas  
 Que vos tolhem a marcha e vos retém ás bordas  
 Do abysmo em que a ambição lança, ao acaso, os povos!  
     Dessa hecatombe, como da tormenta,  
 Que, em revoltos cachões, as represas rebenta,  
 Mais pingues e louçãos, brotarão os renovos.

E, tu, Germania, tu, que ao pensamento  
 Sobreposeste a força, e ao mal, como ninguem,  
     Déste um tão grande e insolito incremento,  
 Porque não has de ser livre e feliz também ?

De um barbaro seguiste a aventureosa traça,  
Para, depois, sem elmo, e em lascas, a couraça,  
Ao peso succumbir dos seus caprichos loucos.  
Que te deu elle, dizê, elle que, em vão, procura  
Ao mundo subtrahir os rombos da armadura.  
Que o inimigo tenaz lhe vae causando, aos poucos ?

Não; das ruinas do Imperio solapado,  
Ha de, livre, surgir outra Federação.  
Pois é desse estendal, rubro e desmesurado,  
Que hão de sahir as vozes de perdão.

Vozes que querem ver a Allemanha impedida,  
Não pela escravidão, mas pela liberdade,  
E retomar seu posto onde for grande a lida  
De remodelação, de solidariedade.

Não sucumbas, consciencia, alma, não te desoles,  
Se foi profundo o golpe e incrível o revéz:  
O tufão que varreu Thebas e Persepolis  
De seiva saturou as leiras e os semeis.

Nas mãos da França, pois, depõe o teu fadario.  
Confia o teu direito á sua toga augusta:  
Mas aquelle que a mão ergueu como Clotario,  
Deve em sangue acabar, como acabou Locusta.



# INDICE



# INDICE

---

## PRIMEIRA PARTE

|                                |    |
|--------------------------------|----|
| Prefacio . . . . .             | 1  |
| Atravez do passado.....        | 3  |
| A' minha mãe.....              | 8  |
| Canção das perolas.....        | 10 |
| Palavras á morte.....          | 17 |
| Paysagem africana . . . . .    | 19 |
| Lais . . . . .                 | 20 |
| Penas perdidas . . . . .       | 22 |
| Concertante nocturno . . . . . | 24 |
| Barcarola do olhar.....        | 33 |
| Nupeias de Amphitrite.....     | 34 |
| Em meio do caminho.....        | 36 |
| Ironia do coração. . . . .     | 38 |
| O chaletzinho . . . . .        | 39 |
| A arte . . . . .               | 45 |
| O idéal e o mundo.....         | 48 |
| Cordelia. . . . .              | 50 |
| Dies Iræ. . . . .              | 52 |
| Os olhos . . . . .             | 54 |
| Resposta do violino.....       | 56 |
| Volta ao Eremiterio.....       | 60 |
| Ao pessimista Apemanto.....    | 63 |
| Pallas . . . . .               | 65 |
| Pergunta da sombra.....        | 73 |
| Roda de Ixion.....             | 75 |
| Morte da flôr.....             | 77 |
| Passio ao bambual.....         | 80 |
| Veneza. . . . .                | 82 |

## SEGUNDA PARTE

|                         |     |
|-------------------------|-----|
| Tristeza do Chãos.....  | 87  |
| Zenobia . . . . .       | 99  |
| Flôr de Neve.....       | 101 |
| O Distico de Dante..... | 102 |
| O Poeta e a Larva.....  | 104 |
| Depois do Calvario..... | 106 |
| Fé... ou treva.....     | 108 |

|                                      |     |
|--------------------------------------|-----|
| Vamos . . . . .                      | 110 |
| A uma Créseida . . . . .             | 112 |
| A minha irman . . . . .              | 114 |
| Demencia feliz . . . . .             | 117 |
| Tocando e dansando . . . . .         | 118 |
| Duplo aspecto . . . . .              | 119 |
| Ironias . . . . .                    | 121 |
| O Dódona . . . . .                   | 124 |
| Lyra sem cordas . . . . .            | 126 |
| Tarantula . . . . .                  | 128 |
| Por que? . . . . .                   | 130 |
| Selemno . . . . .                    | 132 |
| Emma . . . . .                       | 134 |
| Moeda por moeda . . . . .            | 136 |
| O amor é cego . . . . .              | 138 |
| Assalto imprevisto . . . . .         | 141 |
| A castellan e o rouxinol . . . . .   | 143 |
| Flor da Jurema . . . . .             | 149 |
| Vendo-a passar . . . . .             | 151 |
| Saudade Universal . . . . .          | 153 |
| A arvore do coração . . . . .        | 155 |
| Monotonia . . . recordação . . . . . | 157 |
| A' meia-noite . . . . .              | 159 |
| Sonho apocalypticico . . . . .       | 162 |
| Vendo-a a rezar . . . . .            | 168 |
| Sanie Universal . . . . .            | 170 |
| Agonia do pó . . . . .               | 174 |
| Quadros simples . . . . .            | 178 |
| Exhortação da floresta . . . . .     | 181 |
| Passeio da terra . . . . .           | 184 |
| A filha de Cassiopéa . . . . .       | 188 |
| Resposta da terra . . . . .          | 190 |

## TERCEIRA PARTE

|                                          |     |
|------------------------------------------|-----|
| Arco do triumpho . . . . .               | 197 |
| Ama . . . . .                            | 201 |
| Victor Hugo . . . . .                    | 203 |
| Depois de vinte annos . . . . .          | 208 |
| Insistencia . . . . .                    | 210 |
| A ultima noite de um conjurado . . . . . | 212 |
| Hontem . . . . .                         | 222 |
| Centenario de Rezende . . . . .          | 224 |
| Hymno aos Aedos . . . . .                | 227 |
| Carne divina . . . . .                   | 234 |
| Lar sem luz . . . . .                    | 236 |
| Visão tragica . . . . .                  | 238 |
| Meu palacio de ouro . . . . .            | 249 |
| Alma de gelo . . . . .                   | 251 |
| Timo . . . . .                           | 253 |
| Demo . . . . .                           | 257 |
| A um artista . . . . .                   | 261 |
| Nyssia . . . . .                         | 264 |
| O fogão do gaúcho . . . . .              | 267 |
| A paz . . . . .                          | 271 |

|                              |     |
|------------------------------|-----|
| Terra invisível . . . . .    | 276 |
| Pensando nella . . . . .     | 278 |
| Versos á C. . . . .          | 280 |
| Depois do desastre . . . . . | 284 |
| Margarida roxa . . . . .     | 288 |
| Dramas na selva . . . . .    | 290 |
| Ascensão do Mago . . . . .   | 298 |
| O Berjacote . . . . .        | 304 |
| Mysterio . . . . .           | 305 |
| Vencida . . . . .            | 306 |
| Alcêa . . . . .              | 307 |
| Ciume . . . . .              | 308 |
| Fructo prohibido . . . . .   | 309 |
| A collina . . . . .          | 310 |
| Sofainas . . . . .           | 312 |
| Lyrio profanado . . . . .    | 315 |
| Conselho . . . . .           | 317 |
| Prazer dos Deuses . . . . .  | 318 |
| Ramo preferido . . . . .     | 320 |
| O fakir . . . . .            | 323 |
| Prece . . . . .              | 325 |
| Chamma espiritual . . . . .  | 326 |
| Do Thabor . . . . .          | 328 |
| Almas Piedosas . . . . .     | 334 |
| Guilherme II . . . . .       | 338 |











---

---

TYP. DO "JORNAL DO COMMERCIO". DE RODRIGUES & COMP.

---

---

